

A woman with short dark hair, wearing a red off-the-shoulder gown with ruffles and a black choker, stands in a large, ornate wooden doorway. The doorway is set into a wall with peeling, aged paint. The lighting is warm, coming from within the room behind her.

Vestida P A R A *Beijar*

CAROLINE
LINDEN

MADELINE
HUNTER

MEGAN
FRAMPTON

MYRETTA
ROBENS

Bookmarks

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A woman with dark hair, wearing a red off-the-shoulder dress with ruffles and a black choker, stands in a dark wooden doorway. The doorway is set into a wall with peeling, aged paint. The title 'Vestida PARA Beijar' is written in white script and serif fonts across the top of the image.

Vestida PARA *Beijar*

CAROLINE
LINDEN

MADLINE
HUNTER

MEGAN
FRAMPTON

MYRETTA
ROBENS

Bookmarks

**CAROLINE
LINDEN**

**MADELINE
HUNTER**

**MEGAN
FRAMPTON**

**MYRETTA
ROBENS**

Vestida
P A R A
Beijar

Tradução:
Andreia Barboza
Marcel Novaes

1ª edição
2024

Bookmarks

Sinopse

Prólogo

A modista do duque

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

As cores do amor

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Epílogo

O amor não tem explicação

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Um caso elegante

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

O duque inesperado

Capítulo um

Capítulo dois

Sinopse

Quatro autoras consagradas contam histórias de protagonistas fortes e corajosas que se unem para salvar o ateliê em que trabalham.

As relações apaixonadas, emocionantes e divertidas vão provar que o verdadeiro amor nunca sai de moda, em uma coletânea perfeita para os apaixonados por romance de época.

Outrora conhecida por criar os vestidos mais cobiçados de Londres, a loja de Madame Follette saiu de moda. A coroação do rei George IV oferece a chance de recuperar a antiga glória, fornecendo guarda-roupas deslumbrantes para a nata da sociedade da Inglaterra Regencial. Diante de segredos guardados por muito tempo, escândalos iminentes e a possível ruína de sua loja, as modistas da Follette's não se deixam intimidar, nem mesmo com a complicação mais inesperada de todas: o amor verdadeiro.

A modista do duque, por Madeline Hunter

Quando o duque de Barrowmore entra na Follette's, Selina Fontaine presume que sua identidade secreta esteja comprometida. Há quatro anos, o irmão do homem a seduziu e a abandonou ao escândalo, e ela culpa o duque por isso. Porém, para sua surpresa, o cavalheiro está mais interessado em cortejá-la do que em expô-la, e esse intento logo se torna sedutoramente prazeroso.

As cores do amor, de Myretta Robens

A paixão exuberante de Delyth Owen por seu novo trabalho como modista na Madame Follette's só se iguala ao seu amor por combinações de cores diversas, vibrantes e frequentemente infelizes. Simon Merrithew, o pseudônimo do autor de uma coluna de moda conceituada, fica horrorizado com o vestido que Delyth cria para uma amiga, e suspeita de suas intenções. Ele se propõe a descobrir a duplicidade dela, mas, em vez disso, encontra a alegria genuína e as cores do amor.

O amor não tem explicação, de Megan Frampton

A srta. Katherine Grant é dama companhia de uma lady cujo número de propostas desonrosas (seis) supera em muito as honrosas (zero). Encarregada de garantir que sua protegida, lady Euphemia, não se comprometa com alguém inadequado, ela se sente

inexplicavelmente atraída pelo sr. Henry Dawkins, o cavalheiro inadequado que lady Euphemia deseja encantar e que cuida dos livros contábeis da Madame Follette's. Mas parece que Henry só tem olhos para a srta. Katherine Grant.

Um caso elegante, de *Caroline Linden*

Madame Follette's é o legado de Felicity Dawkins. Sua mãe fundou a loja, e agora ela a administra. A jovem está comprometida em torná-la o ateliê de moda mais exclusivo de Londres. O conde de Carmarthen também tem grandes planos para a loja: quer comprá-la e demoli-la para dar lugar a uma grande avenida. De uma maneira ou de outra, ele está determinado a persuadir Felicity não apenas a vender a loja, mas a explorar a paixão que surge entre eles sempre que se encontram.

Título Original: *Dressed to Kiss*
Copyright: *The Duke's Dressmaker* © 2016 Madeline Hunter
The Colors of Love © 2016 Myretta Robens
No Accounting for Love © 2016 Megan Frampton
Prologue and A Fashionable Affair © 2016 P. F. Belsley

Copyright da tradução © 2024 por Editora Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Andreia Barboza e Marcel Novaes
Copidesque: Wélida Muniz
Edição e diagramação digital: Andreia Barboza
Capa: Rebecca Barbosa

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por
Editora Bookmarks.
Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

Prólogo

Londres
Janeiro de 1820

A moda estava no sangue de Felicity Dawkins.

Ela nasceu no andar de cima da loja da mãe modista, a Madame Follette's, e crescera entre rolos de seda e renda, pegando botões no chão e buscando linhas para as costureiras assim que aprendeu a andar e a dar nome às cores. Aos seis anos, já tinha o próprio alfineteiro preso ao pulso e um par de tesouras pequenas, para que pudesse aprender a fazer vestidinhos para sua boneca com os retalhos de tecido. Quando chegou aos dez anos, ficou responsável por remendar as próprias roupas e as do irmão mais novo, Henry, e aos treze, começou a fazer as roupas deles também. O pai morrera logo após o nascimento de Henry, e era esperado que as duas crianças ajudassem na loja, por necessidade e para mantê-los longe de encrenca.

A mãe, Sophie-Louise, tornou-se aprendiz aos quinze anos e lhe ensinou não apenas a cortar e costurar um vestido com o caimento perfeito, mas também a combinar cores e enfeites para um conjunto harmonioso e de bom gosto. Aos dezoito, ela se tornou costureira e começou a atender as próprias clientes, aprendendo a orientar cada uma com delicadeza, e também com segurança, em direção a um estilo, cor e caimento que a favorecesse, independentemente do que a cliente desejasse.

E Felicity adorava isso. A pequena loja elegante na Vine Street era seu mundo, cheia de tecidos deslumbrantes e oportunidades para criar algo bonito todos os dias. Era um trabalho árduo, decerto; curvar-se sobre um vestido por horas a fio a deixava com dor nas costas e ardência nos olhos, enquanto as velas queimavam até o fim.

Mas tudo valia a pena quando a cliente voltava e experimentava o vestido pela primeira vez. Felicity vivia pelo momento em que os olhos da cliente se arregalavam de deleite ao se ver no espelho e se virava de um lado para o outro, exclamando sobre a forma da saia e o caimento do corpete.

Infelizmente, a certa altura, esses momentos começaram a se tornar mais raros. Não estava certa de quando; talvez no final da guerra, quando Paris e sua moda ficaram acessíveis mais uma vez, lançando as costureiras de Londres praticamente ao ostracismo. Ou talvez tenha sido a mudança no formato dos vestidos, que se afastaram dos trajes leves e elegantes para peças mais pesadas com detalhes mais elaborados. A Madame Follette's se destacava na silhueta clássica, confeccionada com tecidos tão finos que eram quase transparentes. As sedas grossas não tinham o mesmo caimento, e Sophie-Louise resmungava diante das pregas e franzidos que pareciam brotar como cogumelos nos corpetes e bainhas.

— Nenhum vestido precisa de seis fileiras de babados e gola alta de renda — ela declarou com veemência, jogando de lado as revistas repletas de ilustrações com saias cheias de babados e golas de renda que escondiam as orelhas da mulher que os vestia. — É ridículo. Não os farei!

Felicity poderia ter concordado com a mãe em alguns desses pontos, mas não apoiava o desprezo de Sophie-Louise pelo impacto financeiro dessa decisão. Mulheres que foram clientes da Madame Follette's por anos deixaram de fazer seus pedidos habituais depois que Sophie-Louise desdenhou dos adornos que desejavam. Ainda pior, as mais jovens, noivas recém-casadas e herdeiras que estavam estreando na sociedade londrina não escolhiam a Madame Follette's. Para seu desgosto, Felicity começou a perceber a diferença entre os vestidos de sua loja e os das concorrentes. Embora a Follette's ainda se destacasse em qualidade e caimento, agora seus vestidos começavam a parecer... simples. Básicos. Até antiquados.

Isso despertou uma profunda preocupação no coração de Felicity. A Follette's era tudo para ela, não apenas sua casa e emprego, mas seu coração e alma. Tentou persuadir a mãe a se adaptar às

mudanças nos estilos, mas Sophie-Louise não estava disposta.

— Não enquanto eu estiver na Follette's — ela jurou.

Mas, por fim, os fatos precisavam ser encarados: o rendimento da Follette's alcançou níveis perigosos. Henry, que cuidava da contabilidade, confidenciou-lhe que teriam de pedir crédito tanto aos depósitos de seda quanto aos fabricantes de renda, e não havia perspectiva de que pudessem pagar a todos depois de perderem sua principal costureira, que partiu para a loja de outra modista após uma acalorada discussão com Sophie-Louise sobre a solicitação de uma cliente para enfeitar as mangas com babados.

Henry não disse em voz alta, mas Felicity sabia ler os livros com bastante clareza. Estavam endividados, e o rendimento, diminuindo. Se continuassem assim por muito mais tempo, corriam o risco de perder a Follette's, e Felicity se recusava a sequer considerar a possibilidade. Disse ao irmão que precisavam convencer a mãe do perigo que estava enfrentando. Depois de seus filhos, a loja era o grande amor de Sophie-Louise, e Felicity rezava para que pudessem superar sua teimosa recusa em mudar.

Para seu alívio, Henry concordou com ela.

— Faz algum tempo que me preocupa com a questão — ele admitiu, concordando em comparecer ao jantar naquela noite para a conversa delicada.

— Mamãe, estamos preocupados com a Follette's — Felicity começou após a refeição. — Perdemos cinco clientes este ano — ela mostrou as cartas que enviaram em resposta às suas consultas sobre os pedidos para a próxima temporada — e ganhamos apenas uma.

— Disparates! — Sophie-Louise fez careta. — Tolas sem juízo perseguindo estilos que as deixam ridículas.

Àquela altura, Felicity faria qualquer vestido extravagante que uma cliente quisesse, desde que fosse paga.

— Pode até ser, mas precisamos de clientes. Entendo que a senhora desaprova a moda atual, mas é o que as pessoas querem agora.

Sophie-Louise agitou as mãos com irritação.

— Não permitirei que meu nome seja associado a isso. Vamos

nos virar com nossas clientes atuais até que essa loucura por franjas passe. Franjas! Babados! Lixo. Isso não pode durar mais do que um ano ou dois, e então todas voltarão.

Felicity e Henry trocaram olhares.

— Não estamos nos saindo tão bem assim, mamãe — Henry disse.

No mesmo instante, o rosto da mãe se suavizou. Aos olhos dela, Henry não fazia nada de errado, e era por isso que Felicity precisava que ele a ajudasse. Sophie-Louise ignoraria e anularia os argumentos da filha, mas escutaria o filho.

— Não se preocupe, Henri — ela o tranquilizou. — Sei o que estou fazendo. Sou modista há quase trinta anos. Os estilos vão mudar.

— E é por isso que precisamos mudar com eles — Felicity pontuou. — Por favor, mamãe. Estou preocupada, mesmo que a senhora não esteja.

A mãe a olhou com desaprovação.

— Preocupada? Não seja boba, Felicity. Construí esta loja do zero... meus desenhos e estilos criaram a reputação da Follette's, e não permitirei que ela se transforme em uma pálida imitação de Madame de Louvier. — Ela fez careta ao mencionar a rival. — Ela nem sequer é francesa! E não tem gosto nem contenção alguma. Não entendo como ainda está nos negócios.

Felicity entendia. Madame de Louvier abraçava o estilo do momento; o que as clientes queriam, ela entregava. Seus desenhos não eram inspirados nem inteligentes, eram frequentemente copiados das ilustrações de moda da *La Belle Assemblée*, sem considerar os encantos individuais da mulher que encomendava o vestido, mas ela seguia os estilos mais recentes. E, por isso, clientes estavam deixando a Follette's e indo até ela.

Ela lançou um olhar severo para o irmão. Ele não gostava de se meter nas discussões das duas, mas daquela vez não tinha escolha. Henry assentiu.

— Mamãe, estamos sobrevivendo por meio de crédito.

— Todo mundo vive assim de vez em quando. Temos contas em todos os fornecedores por esse motivo. Quando as encomendas

chegarem, ficaremos bem.

— Não, mãe, não ficaremos. — Henry nem piscou quando ela o olhou com surpresa. — Estamos usando crédito há um tempo. As encomendas não estão chegando na frequência de que precisamos. Corremos risco de perder a Follette's. — Ele olhou para a irmã. — Felicity está certa. Precisamos mudar.

Sophie-Louise cedeu, com a expressão preocupada pela primeira vez. Felicity tentou não se sentir irritada por ter sido necessário o aval de Henry para persuadir a mãe de que ela estava certa.

— Não gosto disso.

— Estas são nossas opções — Henry continuou —, podemos vender este prédio e alugar um lugar mais barato em outro lugar...

— Não!

Um leve sorriso tocou o rosto dele, e Felicity conteve o próprio. Nenhum dos dois queria vender a Follette's.

— Muito bem. Podemos fazer cortes... reduzir o estoque, demitir a sra. Cartwright e talvez a Sally.

Internamente, Felicity queria que a opção fosse discutida e, em grande parte, rejeitada. A sra. Cartwright tinha que ir embora, não importava o que acontecesse. Ela estava na Follette's havia muitos anos e era uma costureira competente, mas não tinha imaginação para os desenhos. Era de imaginação que a Follette's precisava. Felicity precisava de outra costureira como Selina Fontaine, a quem Sophie-Louise contratara apenas alguns anos atrás, uma jovem com uma visão moderna e fresca da moda. Sally, a aprendiz de quinze anos, era uma decisão mais difícil. Se a demitissem, Felicity tinha a sensação de que ela mesma acabaria varrendo o chão e alimentando as lareiras. Eles poderiam reduzir os tecidos que mantinham em estoque, mas isso prejudicaria a produtividade, pois teriam que visitar os armazéns com mais frequência e pagar preços mais altos por cada pedido.

Mas a única coisa que não poderiam fazer era se mudar para instalações mais baratas. Embora a Vine Street estivesse um pouco desgastada, ainda era muito próxima de Piccadilly e da Jermyn Street, e ficava a minutos de caminhada da Bond Street. Caso se mudassem, teria que ser para mais longe, não mais perto, das áreas de comércio

de moda, onde os alugueis ultrapassavam em muito o que poderiam pagar. Mudar anunciaria para todo o mundo que não eram mais uma loja líder em roupas elegantes, apenas uma comum. Teriam de baixar os preços, o que comprometeria a qualidade que poderiam oferecer, e então realmente seriam comuns. Felicity alimentaria as lareiras e costuraria cada vestido ela mesma antes de concordar com esse caminho para a ruína.

Sophie-Louise inflou-se de raiva, como esperado.

— Demitir a sra. Cartwright! Ela está comigo desde que você era criança, Henri! Como pode sugerir algo assim?

— Porque não temos como mantê-la — ele respondeu sem rodeios.

— E a Sally envia parte de seus ganhos para casa, para ajudar a família — Sophie-Louise continuou, seu sotaque ficava mais forte a cada palavra, como acontecia quando estava chateada. — Como você pode ser tão insensível?

— Elas perderão o emprego se formos à falência, mamãe. — A resposta afiada de Henry chamou a atenção da mãe, que recuou, piscando. Henry raramente era duro com ela e, de fato, seu tom foi consideravelmente mais suave quando continuou: — Há outra opção, mas exigirá algum sacrifício seu... a senhora está disposta a considerá-la?

— Pela Follette's? *Oui*, consideraria qualquer coisa para salvá-la — a mãe declarou. — Mas não mudaremos de local!

Henry lançou um olhar rápido para Felicity, que assentiu uma vez. Ela praticamente prendeu a respiração enquanto o irmão explicava. A ideia era fruto do trabalho dos dois, mas Felicity sabia que seria mais bem recebida se vinda de Henry.

— A senhora deve se afastar, mamãe.

A boca de Sophie-Louise se abriu, em choque.

— Não para sempre, mas por alguns meses, talvez um ano ou dois. Permita que Felicity administre a loja — Henry continuou. — Ela quer trazer a Follette's de volta ao destaque, mas a senhora e ela estão atrapalhando uma à outra.

— Esta é a minha loja! — Sophie-Louise exclamou. — Minha!

— E ela está fracassando — Henry respondeu em tom gentil. — Felicity não está tentando tirá-la de você, nem eu. Mas, mãe, perdemos muitos clientes. Não estamos conquistando novos. Precisamos fazer algo drástico ou afundaremos lentamente em uma dívida impossível e acabaremos perdendo tudo.

— Mas por que *eu* preciso me afastar? — a mãe choramingou. — Eu sou o coração da Follette's!

— Para seu próprio bem. — Henry estendeu a mão para segurar a dela, que estava cerrada. — A Follette's precisa mudar, mamãe, e sei que a senhora vai sofrer ao ver isso acontecer. Tire férias à beira-mar. A senhora passou a vida trabalhando, merece um descanso.

Sophie-Louise olhou para Felicity com reprovação.

— Você quer me banir de minha paixão de toda a vida.

— Não, mãe, de forma alguma. Henry está certo: a senhora merece umas férias.

— Férias de um ano — a mãe disse com amargura.

Felicity abaixou a cabeça.

— Vai levar tempo para reverter as coisas.

Sophie-Louise olhou entre os dois.

— Vocês estão contra mim. Como posso vencer? — Ela suspirou. — Muito bem, eu vou. Mas estarei de olho em cada um de vocês — acrescentou quando os irmãos trocaram um olhar de alívio intenso.

— Claro, mãe. — Henry se levantou e a beijou na bochecha. — Ninguém esperava o contrário.

Felicity o acompanhou até as escadas, através do salão principal da Follette's. Eles tinham a sorte de ter uma loja no nível da rua, ao contrário de muitas modistas. Ela e a mãe compartilhavam os aposentos do andar de cima, mas Henry se mudou para seu próprio alojamento havia alguns anos.

— Obrigada — disse ao irmão. — Eu gostaria que ela me ouvisse e não precisasse de sua persuasão.

Ele abotoou o casaco e sorriu.

— A Follette's também é preocupação minha. Você não deveria ter que fazer tudo.

— Não, eu... eu quero fazer tudo. — Ela respirou fundo. —

Tenho ideias, Henry. Posso salvar a Follette's, sei disso. Só precisamos de uma oportunidade para nos provarmos novamente, renovados e revigorados, e seremos um dos melhores ateliês de Londres.

— Temos que criar nossas oportunidades — ele pontuou. — O tempo é essencial.

Ela suspirou.

— Eu sei. Encontraremos algo. — *De alguma forma*, acrescentou mentalmente.

— É por isso que apoiei seu plano de assumir a loja. Sei que você consegue; não tenho visto sua determinação de perto todos os dias da minha vida? — Ele colocou o chapéu e deu um sorriso de despedida. — Tirei a mamãe do seu caminho, então siga daí.

Ela riu. Henry abriu a porta, deixando entrar uma rajada de vento frio, e saiu para a noite de janeiro. Felicity a fechou com um arrepio e a trancou.

O olhar percorreu a loja escura e silenciosa. *Vou salvar este lugar*, pensou, com todo o seu ser. A Follette's era sua. Henry cuidava da contabilidade e se orgulhava da loja, mas não a amava como ela. Ele não tinha interesse pela moda nem queria administrar o lugar.

E agora que a mãe concordara, a mente de Felicity disparava. Precisava demitir a sra. Cartwright e contratar alguém que pudesse trazer mais estilo ao seu trabalho. Precisava examinar a moda mais recente, em busca de elementos que pudessem ser adaptados e polidos conforme a assinatura exclusiva da Follette's. Precisava reformar as instalações, da forma mais econômica possível, para refletir a nova modernidade. E, acima de tudo, precisava de um evento significativo que mostrasse seu trabalho e colocasse o nome da Follette's na boca de todas as mulheres de Londres. Talvez o czar russo voltasse para uma nova visita e gerasse um frenesi de bailes. Talvez um punhado de herdeiras fizesse sua estreia.

Dez dias depois, o velho rei George morreu. Os sinos da igreja tocaram, os planos funerários estavam em todos os jornais, e Felicity escreveu uma palavra em um pedaço de papel e o prendeu na parede para se inspirar:

Coroação.

MADELINE HUNTER

A modista
DO
Duque

Tradução:
Andrcia Barboza

Capítulo um

Um reflexo brilhante ofuscou Selina Fontaine enquanto ela colocava algumas gravuras de moda na vitrine do ateliê Madame Follette's. Protegendo os olhos com a mão, buscou a fonte daquele raio de luz lançado em sua direção.

Uma carruagem enorme parou em frente à loja. A porta, a três metros da vitrine, ostentava um brasão dourado e vermelho. Os raios do sol da tarde cintilavam naquela escultura heráldica, e o brilho ricocheteou nos lampiões da carruagem.

Não esperou para ver se o veículo tinha passageiros. Atravessou a fachada da Follette's e seguiu até a porta que dava para a sala de costura. Uma vez lá, entrou em um provador, onde sua cliente, lady Giles Woodville, a esperava.

— Tenho certeza de que ficarão perfeitos — lady Giles declarou, passando a mão sobre as gravuras de moda que escolhera para seu novo guarda-roupa, e que estavam espalhados na mesa à sua frente. — O vestido para a coroação é muito elegante e inquestionável. Lady Clarice fez a gentileza de recomendá-la.

Selina empilhou rapidamente as gravuras.

— Se a senhora vier nos próximos dias, tirarei suas medidas e poderemos decidir os tecidos.

— Pensei que faríamos isso agora.

— Creio que seu cocheiro já chegou. É mais tarde do que pensávamos. — Essa linda criança levou três horas para escolher os modelos. Selina lutou com afinco para garantir que ela não escolhesse os extravagantes que a atraíam. Ela poderia se dirigir à sua cliente como lady Giles, mas, em sua mente, lidava com uma estudante chamada Edeline, assim como a preceptora de lady Giles havia feito, não muito tempo atrás.

Lady Giles, jovem, loira, bonita e mimada, oscilava entre a diversão e o aborrecimento por uma modista ousar interferir em seu entretenimento. Ela escolheu a diversão.

— A carruagem pode esperar, sra. Fontaine. Traga-me os tecidos que recomenda para o vestido de jantar e o vestido da corte.

— Não é a mesma carruagem que a trouxe. Foi por isso que pensei...

— Ainda pode esperar. — Lady Giles parecia menos entretida.

Selina foi para trás de uma cortina e seguiu até a alcova onde guardavam amostras de tecidos e ornamentos das melhores lojas. Muitas clientes preferiam visitar elas mesmas as lojas de tecidos e os armazéns, mas algumas apreciavam essa conveniência.

Escolheu depressa. O tempo todo, tentou se acalmar. O fato de uma carruagem de estado ter vindo buscar a doce Edeline não significava nada. Provavelmente estava andando pela cidade para outros fins e parou para pegar a bela bagagem antes de voltar para casa.

Contudo, não foi a primeira vez que duvidou da sensatez de aceitar essa encomenda. Fez isso contra todos os seus instintos. Só concordou porque a loja precisava tanto de trabalho quanto de prestígio. A proprietária, Sophie-Louise, deu-lhe refúgio e emprego quando mais precisou. A lealdade ditava que ela aceitasse qualquer trabalho que pudesse ajudar Felicity, filha de Sophie-Louise, em sua busca para melhorar as finanças do lugar.

Selina também não tinha um bom motivo para não aceitar. Nada que pudesse compartilhar com Felicity, pelo menos.

Vasculhou algumas amostras de acabamentos e retirou vários que poderiam embelezar o tecido. Vozes abafadas chegaram até ela, como se um burburinho de conversa baixa tivesse irrompido entre as mulheres que procuravam comprar fitas e rendas na loja. Esperava que isso significasse que outra cliente potencial as tivesse procurado, o tipo de mulher da alta sociedade que faria com que as outras se cutucassem e trocassem sussurros.

Passos soaram no cômodo atrás da cortina, aquele onde lady Giles esperava.

Não eram passos delicados. Passos de bota. Um homem havia entrado.

— Ah, não esperava que você viesse aqui — lady Giles exclamou.

— Eu estava voltando de Whitehall e ordenei ao cocheiro que a levasse para casa.

A mão de Selina paralisou no fundo de uma caixa de cordões de seda coloridos.

— Ainda não terminei — lady Giles respondeu.

— Presumo que não, já que me deixou esperando.

O coração de Selina acelerou. Desespero quis dar lugar ao pânico. Só tinha ouvido aquela voz uma vez, mas nunca esqueceria o tom conciso, superior e arrogante. Ela definitivamente deveria ter encontrado uma maneira de rejeitar a encomenda.

Espiou pela cortina, esperando estar errada.

Não estava.

O Altíssimo, Nobre e Poderoso Príncipe, Sua Graça Randall, duque de Barrowmore, o homem que arruinou sua vida e seus sonhos em um único e curto dia, o homem que ela não se importaria de estrangular com o cordão de seda que segurava.



— Esses são os modelos que você escolheu? — Rand pegou uma pilha de gravuras na mesa onde Edeline esperava.

— Até então. Espero que goste. A sra. Fontaine me aconselhou quanto a cada um, e aceitei seu julgamento, como você me disse para fazer, embora eu ache a maioria muito simples.

Ele se sentou em frente a ela e folheou as gravuras. Era terrível que o homem estivesse fazendo isso, em vez de sua irmã Charlotte, ou melhor ainda, seu irmão Giles. Mas a primeira estava no campo mimando o marido, que conseguira se cortar enquanto praticava com a espada, e o segundo foi para o inferno sabe onde, para escapar das dívidas. Assim, além de suas funções consideravelmente mais importantes, o duque passou a atuar como árbitro do guarda-roupa da jovem esposa de seu irmão.

Edeline era adorável, doce, gentil e geralmente recatada. Quem poderia imaginar que ela não tinha bom gosto? Não ele, deusas, até que, por acaso, ela exibiu um vestido novo para uma amiga no dia seguinte a que o recebeu. A modista que fez a peça deveria ser executada.

O resto do novo guarda-roupa parecia igualmente ruim. Enfeites muito perturbadores, decotes muito baixos, cores muito brilhantes.... a questão era que a doce Edeline nunca foi solta em uma modista antes. Qualquer refinamento em suas roupas até agora tinha sido resultado das decisões cuidadosas da mãe. Infelizmente, naquela primavera, Edeline exigira independência na indumentária, e a mãe a concedera, já que sua atenção agora estava centrada na próxima filha a ser casada.

Todo aquele desastre tinha sido caríssimo. As contas começariam a chegar em breve, não que Giles estivesse na cidade para pagá-las. Nem que o irmão pudesse pagá-las, não importava onde estivesse. Giles era outra irritação e distração que Rand não apreciava.

Em relação ao guarda-roupa de Edeline, aparentemente era necessária mão firme. O destino decretou que teria que ser a dele.

— Esse é o vestido da coroação — Edeline disse, apontando para uma gravura.

— Não nesta cor, espero.

— Ainda não decidi. A sra. Fontaine foi buscar as amostras. Onde ela está? Sra. Fontaine?

Um movimento agitou o ar atrás dele. Uma presença humana aqueceu seu ombro.

Edeline olhou por cima de sua cabeça.

— Ah, aí está, sra. Fontaine. Esses são os tecidos que recomenda? Coloque-os aqui, para que o duque os veja.

Uma mulher estendeu a mão e colocou uma pilha de amostras na mesa à sua frente. Ele olhou os tecidos, depois a gravura e voltou para os tecidos.

— Então isso seria para o vestido propriamente dito, e isso para o sobrevestido?

— Sim — uma voz de mulher respondeu.

Uma pequena parte dele ficou em posição de sentido. Era uma voz agradável, profunda e suave. Madura e sensual. Seu timbre o distraiu momentaneamente.

A mão colocou outra pilha na frente do duque. Ela também tinha mãos bonitas. Elegantes, com dedos finos e longos. Jovem.

— Estes são para o traje de viagem, e estes — mais uma pilha apareceu — para o de jantar.

— Há mais gravuras aqui — ele disse.

— Tecidos desta qualidade podem sobrecarregar os sentidos. Prefiro pedir às minhas clientes que escolham um pouco de cada vez.

Fazia sentido. As cores e texturas já criavam confusão. O mesmo aconteceu com aquela voz. Não parava de enviar riachos de curiosidade para o fluxo de sua consciência.

Alguns homens possuíam experiência em moda. Ele, não. Só poderia afirmar saber quando as roupas de uma mulher não refletiam seu status nem realçavam sua beleza. Nada que lhe foi mostrado até o momento se enquadrava nessa categoria. Parecia que a sra. Fontaine sabia o que estava fazendo.

Graças a Deus ele não teria que reservar tempo para isso no futuro.

— Está feliz com as escolhas da sra. Fontaine? — Seu tom desafiou Edeline a objetar. O duque lhe avisara que se comprasse qualquer outra coisa inapropriada, ele a mandaria para o campo durante a temporada e o verão.

— São perfeitas.

— Então vamos embora. — Ele se levantou e estendeu a mão.

Edeline o acompanhou até a porta.

— Virei amanhã para tirar as medidas, sra. Fontaine.

— Muito bem. Eu a verei então.

Aquela voz incomodou Rand novamente. Havia algo nela...

Ele se virou para ver a mulher, a fim de dar a ordem que colocaria todo aquele guarda-roupa em suas mãos capazes.

Uma olhada em seus cabelos escuros, olhos azuis e decote perturbadoramente avantajado fez sua mente disparar, em busca de um pensamento que não parava de lhe escapar.

De repente, uma memória antiga reluziu e lhe trouxe clareza. Observou a modista com atenção. Claro que sim, era ela. Tinha certeza disso.

A sra. Fontaine era, na verdade, Selina Duval, a sedutora que quase levou Giles ao altar quatro anos atrás.



O momento em que ele a reconheceu foi como um raio caindo do céu. Em um momento, ele parecia distante e desatento. No seguinte, o olhar ardente a queimou da cabeça aos pés.

Selina se manteve firme, ergueu o queixo e o encarou. Fingiu não ter consciência da transformação dele, ou do que a causara.

A mudança de comportamento do duque divertiu lady Giles.

— Espero que não ameace a sra. Fontaine de ser arrastada e esquartejada se eu acabar com algo de que você não goste.

Sua expressão suavizou-se.

— Nunca ameacei mulheres. A sra. Fontaine sabe o que se espera dela.

Lady Giles passou o braço pelo dele.

— Então até amanhã, sra. Fontaine.

Ela o guiou pela porta. O duque olhou para trás, por cima do ombro. A sobrançelha erguida sobre o olho escuro comunicava que o assunto com a modista não estava encerrado.

Selina puxou a cadeira que o duque usou e se sentou nela. Olhou ao redor do pequeno ateliê onde encontrara refúgio nos últimos anos. Havia construído uma vida independente ali, explorando sua única habilidade e talento. Não gostava da perspectiva de tentar recomeçar em outra cidade.

— Correu tudo bem com lady Giles?

Felicity enfiou a cabeça pela porta. Desde que Sophie-Louise se mudara para o campo, no ano passado, Felicity passou a administrar a Madame Follette's. De estatura mediana, cabelos loiros e olhos azuis, ela era uma jovem encantadora. Selina também a considerava uma amiga. Não só as longas horas juntas na loja a uniram à moça. Quatro

anos atrás, quando procurou emprego, foi Felicity quem convenceu Sophie-Louise a contratá-la.

— Correu tudo bem, mas talvez não o suficiente.

Felicity se aproximou e folheou as gravuras de Selina.

— O duque aprovou?

— Acho que sim, mas... podemos não fechar essa encomenda. Ele não disse com todas as letras, mas tenho a sensação de que não ficou impressionado.

O rosto de Felicity se contraiu de decepção.

— Espero que você esteja errada. Seria ótimo contar com essa encomenda.

— Eu sei. Sinto muito. Espero estar errada também.

— Saberemos em breve. Ouvi lady Giles falar sobre amanhã. Se ela vier, então está garantida.

Selina duvidava, mas esperava que o duque deixasse o passado para trás. Entre a atual temporada e a coroação dentro de alguns meses, as modistas de toda a Londres tinham mais encomendas do que podiam dar conta. Algumas até tentaram roubar as costureiras de Felicity.

Isso significava que o ano representava uma rara oportunidade para a loja resolver a precariedade financeira que a assombrava. Modelos bastante notáveis em mulheres de alta visibilidade, como lady Giles, e a Madame Follette's se juntaria à lista de modistas que as melhores e mais ricas mulheres frequentavam o tempo todo. Um vestido verdadeiramente deslumbrante podia até ser mencionado nos periódicos femininos e nas colunas de fofocas.

Ao saber que uma das clientes de Selina, lady Clarice, os havia recomendado a lady Giles para um guarda-roupa extenso, todos os funcionários da loja prenderam a respiração, rogando. Quando lady Giles escreveu para solicitar um horário com Selina, o mundo inteiro assumiu tons mais alegres e vibrantes. Quando Selina leu nas colunas de fofocas que lorde Giles Woodville, irmão mais novo do duque de Barrowmore, havia partido da cidade, isso aliviou suas dúvidas o suficiente para acreditar que ela poderia atender a jovem sem que o homem nunca cruzasse seu caminho.

Mas acabou que havia cruzado caminho com o duque. Em vez de ser a salvação do negócio, ela poderia prejudicá-lo. O anonimato que encontrou ali provavelmente seria destruído. A loja poderia ter seu nome divulgado, mas de maneira errada.

Felicity deu um aperto firme na mão de Selina.

— Não fique tão triste. Se o duque não gostou dos seus desenhos, é porque não tem bom gosto. Se lady Giles não continuar conosco, seguiremos como sempre fizemos e aproveitaremos as outras oportunidades que surgirem.

Como era típico de Felicity deixar de lado as próprias preocupações para acalmar as de Selina. Desejou poder confidenciar o motivo para a mudança de opinião do duque. No entanto, fazer isso seria egoísmo. Nada disso era problema de Felicity. Seria cruel dar-lhe mais motivos para perder o sono.

Se o pior acontecesse, encontraria uma maneira de proteger Felicity e a loja, mesmo que isso significasse desaparecer novamente.

Capítulo dois

Rand terminou a carta para lorde Liverpool. O primeiro-ministro deu-lhe a missão não oficial de tentar persuadir Sua Alteza Real, a princesa de Gales, a deixar o reino antes da coroação do marido. Um belo acordo de cinquenta mil libras por ano era a recompensa. A humilhação por ter tido negado um lugar na coroação foi o pior.

Infelizmente, o encontro que teve hoje com a princesa e seus conselheiros não havia conseguido suscitar sequer uma audição aprofundada de suas razões, o que também pôs fim a qualquer amizade que tivesse com Caroline. Agora, ele nada mais era do que mais um lorde alinhado contra ela, na opinião da mulher.

Concluída a carta e, esperava ele, encerrado também seu envolvimento em todo aquele negócio lamentável, deixou seus aposentos em Manard House. Sons ecoavam pela escada, de Edeline rindo com uma amiga.

O que levou seus pensamentos para aquele maldito guarda-roupa. E para a ausência de seu irmão na cidade. E para a sra. Fontaine.

Outro negócio lamentável que ficou a seu encargo tentar consertar. Sem querer fugir do seu dever nem evitar os aspectos desagradáveis dele, pediu que preparassem seu cavalo.



Selina saiu da loja às seis. Felicity acompanhou a ela e as demais funcionárias até a porta, para trancá-la tão logo as mulheres saíssem. A jovem morava em cima da loja, assim como a mãe, Sophie-Louise, antes de se retirar para o campo.

Selina despediu-se das outras e começou a caminhar para o leste, em direção à Panton Street, onde vivia em um modesto apartamento de três quartos, em um edifício cheio de habitações semelhantes para mulheres de boa educação e rendimentos parcos.

Depois de passar o dia todo se curvando sobre as mesas e ficando agachada perto das saias, gostava de dar uma boa caminhada à noite. Gostava de observar a atividade da cidade, a menos que uma manifestação perturbasse seus padrões normais. Se a chuva não ameaçasse cair, como hoje, poderia até se esforçar e passear pela Birdcage Walk e estudar os conjuntos usados pelas mulheres que circulavam por lá.

Naquele dia, o céu nublado desencorajou isso. Seu estado de espírito, também. Não se esquecera do episódio com lady Giles durante as últimas horas, mas pelo menos o trabalho colocou a questão em segundo plano. Agora, a cada passo, ela repassava os detalhes da chegada surpresa do duque e suas repercussões.

Nada disso lhe aliviou o humor. As emoções oscilavam entre raiva e indignação, medo e desespero.

De repente, outra juntou-se a elas: temor.

Alguém a seguia.

O barulho dos cascos dos cavalos acompanhava seus passos. A presença às suas costas abafava todas as outras pessoas na rua.

Apertou o passo até quase correr. Virou na rua de casa. O cavalo atrás dela, não. Dizendo a si mesma que os acontecimentos do dia a deixaram nervosa demais para ser racional, subiu as escadas e foi até seu apartamento. Então abriu a porta e se virou para fechá-la.

O duque estava ali, bem à porta. Ficou surpresa ao ver como a presença alta, severa e sombria dele simplesmente se materializou, como se evocada por seus pensamentos.

— Gostaria de conversar, sra. Fontaine.

— Hoje não, sim? — Ela começou a fechar a porta, mas uma mão forte pressionou a madeira, forçando-a a permanecer aberta.

— Devo insistir. É um grande inconveniente reservar tempo para isso, e tenho certeza de que a senhora não quer que nossa conversa aconteça naquela loja. Ou quer?

Desejou ter forças para bater a porta naquele nariz arrogante e altivo. Como não o fez, e como não queria que aquela conversa acontecesse na loja, abriu a porta e recuou.

Ele entrou e fechou a porta ao passar. O duque inclinou a cabeça para um lado e para o outro, observando os poucos aposentos que davam para o minúsculo vestíbulo em que estavam. Ela podia imaginar seus pensamentos ao notar os móveis usados comprados de segunda mão e as cortinas simples. A única extravagância, um tapete indiano na sala de estar, chegara inesperadamente de sua mãe, depois que ela escrevera para lhe contar onde morava e como.

Ele se dirigiu àquele tapete.

— Aqui, creio.

Tanto esforço para fingir que ele era um visitante... Selina o seguiu.

Ela se sentou no meio do sofá estampado, cobrindo o local onde uma costura começara a se desgastar. Não queria que ele ficasse muito satisfeito com sua situação precária, ou, pior, que sentisse pena dela.

Ele permaneceu de pé em toda a sua majestosa postura de duque. Colocou o chapéu e o chicote em uma mesa. Com o rosto esculpido e severo, o homem olhou pela longa janela, depois para a lareira e, por fim, diretamente para ela.

— Existe ou existiu um sr. Fontaine? — ele perguntou.

— Se eu sou a sra. Fontaine, deve ter havido.

— Não há necessidade disso. Muitas mulheres se tornam a sra. Isto ou Aquilo por conveniência ou para aliviar a consciência de seus protetores.

— Já que vivo assim, creio que seja seguro dizer que não tenho protetor.

Ele olhou o tapete indiano, tirando conclusões sobre o passado, talvez.

— Está casada? Não se preocupe em mentir. Posso descobrir.

E provavelmente poderia. Duques podiam coisas que a maioria dos homens não conseguia. O dinheiro permitia isso. O título abria portas. Ele até possuía poder sobre os familiares, como Edeline. Como Giles. Ainda assim, ficou tentada a forçá-lo a levar a cabo a ameaça.

— O sr. Fontaine faleceu logo depois que nos casamos. Isso se deu quando não tive escolha a não ser deixar Kent, depois que seu irmão me abandonou e rompeu nosso noivado.

— Não houve noivado.

— Houve suposições. Expectativas. Nosso cortejo foi público e envolveu minha família e amigos do condado. Quando tudo acabou...

— Se a senhora permitiu mais familiaridade do que o sensato, seria compreensível que as pessoas fizessem suposições. Com a reputação de Giles, deveria ter pensado melhor antes de se envolver com ele. Meu irmão nunca foi discreto com suas amantes.

Envolvimento? Amantes?

— Como ousa invadir minha casa para me insultar? O senhor nem me conhece. Além daquela apresentação, na qual deixou bem claro seu desprezo por mim, sequer tivemos uma conversa antes desta.

— Não precisáramos de uma antes disso. Não precisei conhecê-la para saber o que ele estava fazendo, porque entendo muito bem meu irmão.

— Estávamos apaixonados. Tenho certeza de que é algo que o senhor jamais poderá entender.

— Giles apaixonado é uma melodia que ele tocou muito bem ao longo dos anos. Ele é o protagonista romântico de todas as peças que já vi. Acredito que a senhora pensou que ele estivesse apaixonado. Apenas não compreendeu o tipo de amor superficial Giles conhece.

— Ele me disse que o senhor interferiu. Explicou que quando ele... — Ela não conseguiu terminar, tão perto estava das lágrimas. Odiava ser lembrada daquela humilhação. Ah, as palavras que Giles falou foram amorosas e doces até o fim, mas o resultado foi devastador. E a fofoca... tudo por causa de sua tola crença nas promessas de um homem.

— Sra. Fontaine, a senhora tinha que saber que Giles nunca se casaria com uma mulher de sua origem e posição econômica. Se algum dia ele se casasse, seria com uma moça como Edeline, cujas conexões familiares e riqueza eram adequadas à sua posição como meu presumível herdeiro.

— Sem dúvida o senhor explicou tudo isso quando disse a ele

para terminar comigo.

O homem lhe lançou um olhar sério e contemplativo. Então se acomodou na única poltrona da sala de estar. Selina esperava que ele não aguardasse que ela lhe oferecesse chá.

— Em relação à esposa do meu irmão e ao seu guarda-roupa, não gostei de saber que sua modista é uma mulher com quem meu irmão se envolveu. Foi uma surpresa desagradável.

Lá estava de novo. *Envolveu*. Ele presumia... bem, o que todos presumiram. Não se importava com o que ele pensava.

— Ter o senhor entrando na loja hoje também foi uma surpresa desagradável. Parece que tanto o meu quanto o seu dia foram arruinados.

— Daí a minha insistência nesta conversa. Por que arruinar mais dias?

— Que sensato. Eu me pergunto que papel o senhor desempenha em todas aquelas peças em que seu irmão é o protagonista romântico. Pai severo? Vilão?

Ele quase sorriu, como se achasse o último papel atraente.

— A senhora devia saber quem era lady Giles, já que ela carrega o sobrenome dele. Não pode alegar que não sabia que ela era a jovem esposa de Giles.

— É uma encomenda muito grande. Se eu tivesse escolha, poderia ter poupado meu orgulho e recusado. Nós, do comércio, vivemos de acordo com um conjunto de regras diferente do seu, e não é o orgulho que rege nossas decisões.

— Talvez a senhora tenha esperado ver Giles à medida que o trabalho avançava. Creio que esperava que ele entrasse naquela loja algum dia, não eu, e talvez bancasse o amante apaixonado novamente. Estou aqui para lhe dizer que não aceitarei isso. Giles provou não ter limites para sua indiscrição, mas não permitirei que ele se envolva com uma costureira tão pouco depois de seu casamento.

— O senhor está errado em todos os sentidos. Eu sabia que ele havia saído da cidade. Só concordei em vê-la e fazer seu guarda-roupa porque confiei que não teria nenhum contato com ele, nem ele comigo.

O ceticismo ficou gravado no rosto do duque enquanto ele a olhava.

Ela o encarou de volta. Esperava parecer orgulhosa, serena e forte, embora por dentro estivesse nervosa e clamasse em silêncio por misericórdia. Não queria fugir de sua vida atual do jeito que havia abandonado a antiga.

— Aquelas gravuras de moda... eram suas?

Ela examinou a pergunta inesperada de todos os ângulos, mas não viu perigo em responder.

— Sim. Porém, garanto que, embora os vestidos sejam diferenciados, não são exagerados. Eles se adaptam perfeitamente à moda atual, mas não de forma previsível.

O olhar do duque serpenteou pelo corpo dela, lentamente. Selina ficou constrangida. Ele semicerrou os olhos de leve e firmou a boca. O homem parecia duro, mas não zangado e, se fosse sincera consigo mesma, não era pouco atraente.

Ela o vira assim uma vez, no dia em que Giles a apresentou a ele. Barrowmore havia chegado inesperadamente a Kent e os encontrou juntos no jardim. Giles a beijava, e o chapéu dela havia caído e o cabelo estava desgrenhado. Barrowmore não havia perdido nenhum detalhe, ela tinha certeza.

Ele a sujeitou ao mesmo olhar intenso naquele dia. Então, após um brevíssimo reconhecimento, ele se virou para Giles e proclamou que se encontrariam em particular dentro de uma hora na biblioteca da casa. Giles a acompanhou até em casa e, a cada passo, crescia em seu coração a suspeita de que o duque a achara inferior e que o idílio de verão terminaria.

No momento, sofreu o mesmo exame contundente. Sendo que ela não era mais uma moça desesperada por sua aceitação. Hoje, aquele olhar continha camadas não percebidas da primeira vez.

Se não soubesse, diria que o duque estava tendo pensamentos impróprios sobre ela no momento. Em um dia de insultos, esse deveria ser o pior. Exceto que, se deixasse de lado quem ele era e o que havia feito em sua vida, teria que admitir que tais inclinações o transformaram. Rara seria a mulher que não reagiria como ela. Selina

lutou contra a agitação que a atenção do homem evocava.

— A senhora usa suas próprias criações?

Ela olhou para a lã azul-escura que cobria seu corpo do pescoço aos pés. Cortada e ajustada como uma peleça, com uma fileira de botões bem espaçados até os quadris, mantinha-a aquecida na loja e nas caminhadas para casa nas noites frias. Mais especificamente, o tecido de boa qualidade era magnífico para suas mãos e corpo.

— Uso. Obviamente, desenho de forma diferente para mim e para uma dama como lady Giles. De maneira muito mais simples. No entanto, é importante que as modistas pareçam conhecer linhas, proporções e caimentos, mesmo quando se trata de suas próprias roupas de trabalho.

— Como um cavalo. — Ele sorriu envergonhado logo que disse aquilo. — É assim que os cavalos são julgados. Linhas, proporções...

Ela mal ouviu. Aquele sorriso fez dele um homem diferente. Caloroso. Encantador. Deu àqueles lindos ângulos e saliências algo para fazer além de esculpir o ar. Ela nunca viu um sorriso transformar um rosto desse jeito. Se não o odiasse, teria se deslumbrado. No momento, pela primeira vez, pôde acreditar que ele e Giles eram irmãos.

— Muito parecido com um cavalo. Exceto que meus vestidos não têm dentes e não mordem.

— De certa forma, não é verdade. — Ele olhou de soslaio para o corpete dela. Depois reuniu a sua presença ducal à sua volta, tal como um homem enrolaria a sua capa com mais firmeza. — Não permitirei que Edeline se machuque com conversas sobre Giles e suas amantes. Acontecerá em breve, espero que quando ela for mais velha e mais mundana. A senhora não deve dizer uma palavra a ela sobre aquela época.

— Está dizendo que continuaremos com o guarda-roupa? — Ela queria irromper de gratidão por ele apenas ter exigido isso e não ter informado que Edeline não visitaria a loja dali em diante.

— Apesar dos meus instintos, vou permitir. A ideia de gastar mais um minuto em vestidos e enfeites me desanima tanto que... prossiga com o guarda-roupa, mas nunca faça alusão a seu

envolvimento com meu irmão.

— Eu jamais contaria a ela, embora não tenha havido um envolvimento propriamente dito. Mas entendo perfeitamente sua condição e a honrarei.

Ele ainda parecia cético.

— Se meu irmão retornar a Londres, a senhora não o verá. Tentarei evitar que ele acompanhe a esposa à loja. Não consigo imaginar que ele faria isso. Quero sua palavra, entretanto, de que evitará tal encontro, mesmo que isso signifique sair correndo pela porta dos fundos.

— Vou dizer a todas para ficarem alertas e me avisarem, ao contrário do que fizeram hoje com o senhor.

Ele ficou de pé.

— Faça isso. Se me decepcionar, se eu souber que a senhora planeja se envolver com meu irmão de novo, garantirei que nenhuma mulher decente entre naquela loja. Estamos entendidos?

Tinha quase começado a gostar dele. Agora, ele ameaçava o futuro dela e o de todos na loja.

— Não, não estamos. Se o senhor tem motivos para se vingar, faça isso sozinho. Pelo menos me informe de suas intenções, para que eu possa sair da Madame Follette's e talvez poupar os outros.

Ele tirou um momento para refletir e então assentiu.

— Justo. Vou me despedir agora. Quanto ao guarda-roupa, mande as contas direto para mim. Se enviá-las para Giles, levará anos até que veja um xelim.

Capítulo três

— Em minha carta para Liverpool, culpei a mim mesmo, mas também aos conselheiros da princesa. — Rand estava sentado no White's, bebendo uísque com Havenstock. Havia procurado o santuário daquele clube de cavalheiros depois do desconcertante encontro com a sra. Fontaine. Ele e Havenstock não apenas tinham muito em comum, mas o que conversavam era compartilhado com pouquíssimas pessoas. Os dois tinham a mesma idade, e eram duques. As muitas maneiras que os diferenciavam dos outros homens fizeram com que criassem um vínculo há muito tempo.

Havenstock sempre poderia ser encontrado no clube àquela hora. A alternativa era ficar em casa, com as irmãs. O homem fora agraciado com quatro, e todas pareciam determinadas a permanecer solteiras. Muitas vezes, Havenstock falava de forma eloquente sobre a vida pacífica que teria quando as conduzisse à felicidade conjugal e se mantinha à procura de cavalheiros a quem impingi-las.

Rand só foi poupado porque eram amigos há muito tempo. E porque, cinco anos atrás, quando Havenstock abordou a ideia de um casamento com sua irmã mais velha, Clarice, sua recusa foi veemente.

— Tendo sobrevivido ao infame “julgamento” do ano passado, a princesa provavelmente acredita que sua popularidade vencerá a disputa com o marido — Havenstock disse. — Como nenhum deles, nem a princesa e nem os conselheiros, jamais viram o temperamento do novo rei sobre a questão, não têm ideia do quanto a suposição é absurda.

— Essa é a verdade — Rand disse. — E me dá uma ideia. Vou escrever novamente a Liverpool e sugerir que os conselheiros tenham uma audiência com o rei. Talvez quando ele olhar e gritar com o grupo, eles entenderão a situação em sua plenitude.

Havenstock encarou o copo na mão de Rand.

— Isso é resultado da sua consternação com o assunto? Você raramente bebe uísque a esta hora.

— Essa foi apenas uma reunião chata. Meu dia foi cheio delas.

— Diga.

— É fácil para você fazer pouco caso da minha situação.

— Falei sério. Diga. Adoro ouvir sobre os dias infelizes dos outros.

Rand esticou as pernas e tomou um bom gole de uísque.

— Dois oficiais de justiça encontraram o advogado da família e emitiram avisos terríveis sobre as dívidas do meu irmão. Fui chamado e tive que fazer minhas próprias ameaças. Felizmente, eles entenderam o meu raciocínio.

— Significa que você os pagou.

— Raios, sim. Apenas uma parte, mas... — Mas o quê? Era uma história antiga. Giles contraía dívidas e Rand as pagava. Só ficou tão ruim assim uma vez antes. Ele tentou traçar um limite, apenas para ser superado pelo irmão de uma maneira muito inteligente.

Giles era bom em ser um canalha encantador, tinha que admitir isso.

— Isso por si só justifica a ingestão — Havenstock afirmou. — O que mais colocou essa carranca em seu rosto hoje?

Eles agora chegaram a um assunto que Rand não escolheu discutir. Ainda nem sabia o que pensava a respeito daquilo. No entanto, a visita à sra. Fontaine o deixara bastante abalado.

Forçou-se a pensar nela por esse nome falso, para não se dirigir acidentalmente pelo nome de batismo no momento errado.

— Cuidei da questão do guarda-roupa de Edeline. Minha vida é muitíssimo animada, não é mesmo? Conversar com a realeza pela manhã e escolher as roupas de uma dama à tarde. — Ele tomou um gole. — Há algo pouco masculino nesse último dever. Eu gostaria de ter irmãs como você, que pudessem cuidar de tudo isso.

— Você tem uma irmã.

— Ela faz muito por mim lá na Escócia. Como é que um escocês se fere com uma espada? Achei que eles nasciam brandindo-as como especialistas. Agradeça a Clarice pela recomendação daquela modista.

Parece que vai dar certo e finalmente esse assunto será resolvido.

Os olhos de Havenstock brilharam com humor.

— Você foi lá pessoalmente para ter certeza de que tudo estava em ordem?

— De passagem.

— Então deve ter conhecido a sra. Fontaine, de quem minha irmã tanto gosta.

— De passagem.

— O que achou dela?

Rand deu de ombros, talvez com muita ênfase.

— Ela é costureira e parece capaz. É bem o que se espera.

— Garanto que ela não é o que se espera. Se tivesse cinquenta anos, tendesse a ser corpulenta e falasse francês durante toda a conversa, seria de se esperar. Essa mulher não é assim. — Ele se inclinou. — Não finja que não percebeu que ela é encantadora, ainda jovem, tem uma bela forma e se comporta com ares de dama.

Ela tinha esses ares porque nasceu para ser uma. Quanto a ser encantadora, claro que sim, ela era. E bem formada. Boas linhas e proporções. Se fosse uma potranca, valeria o resgate de um rei.

Que foi exatamente o que ele pagou por ela.

Ela não sabia disso. Percebeu assim que entrou naquele apartamento. Giles nunca lhe contou essa parte.

Claro que não.

Rand não foi até a casa dela para fazer exigências quanto àquela transação ridícula, o que não era o mesmo que não pensar no assunto. A barganha não passara de uma desculpa para fazer Giles desistir de algo valioso em troca de mais uma vez ser resgatado das dívidas. O objetivo fora uma lição moral.

Os detalhes também foram ideia de Giles, não de Rand. *Não tenho nada que você queira e que não possa comprar. Exceto Selina. Vi como você olhou para ela. Pague a todos eles e ela será sua.*

Não, ele não foi cobrar, mas presumiu que ela soubesse. O fato de ele não ter feito tais exigências lhe conferiu uma posição de princípios e vantagem. No entanto, como ela continuava sem saber da proposta de Giles, isso não lhe deixava nada, exceto... bem, muito

pouco.

— Eu a vi uma vez. Levei a carruagem para buscar Clarice, e a sra. Fontaine a acompanhou à saída — Havenstock disse. — Ela usava um vestido escarlate escuro, tão simples quanto poderia ser. Não aparecia nem um centímetro de pele, abotoado até o queixo, mas desafio qualquer homem a vê-la e não começar a imaginar o que há por baixo daquele tecido. Decerto você sabe o que quero dizer, mesmo que a tenha visto apenas de passagem.

— Não tenho ideia do que quer dizer. — Mas ele tinha.

A sra. Fontaine, Selina Duval, fora favorecida pela natureza. Seu vestido seguia excelentes linhas e proporções, principalmente na parte superior. A peça de hoje era azul-escura, não escarlate, em um tom muito parecido com os olhos dela, e sua simplicidade por si só parecia implorar por especulações sobre porque se ajustava daquele jeito. O que naturalmente levou à imagem a que Havenstock agora se referia. Seios empinados e bastos em um corpo macio e flexível...

— Você deveria se casar, em vez de tentar casar suas irmãs, se sonha com uma costureira, Havenstock.

— Achei que ela seria uma ótima amante. A mulher é linda, refinada e deliciosa. Considerarei seriamente a possibilidade.

Desculpe, rapaz, ela está comprometida. Comprei e paguei.

De onde diabos viera aquele pensamento?

— Mas você não fez a oferta?

— Clarice desconfiou e me repreendeu. Suas ameaças se tornaram cruéis. Fiquei chocado.

Rand não ficou. Clarice tinha excelente gosto e um olhar artístico que a tornava uma célebre dama da moda. Foi por isso que Rand levou tão a sério a recomendação da loja desgastada pelo tempo que já tivera dias melhores.

Ela, no entanto, certamente tornaria a vida de algum homem em um inferno. Obstinada não começava nem a descrevê-la.

— Ainda bem — ele disse. — Tal amante decerto seria muito cara. Afinal, ela sabe tudo sobre luxos e como tirar o máximo proveito de um homem.

— Verdade. Mesmo assim... — Havenstock suspirou.

— Se ajudar, tenho motivos para pensar que a mulher não procura por um protetor e ficaria insultada com tal proposta.

— Mesmo? O que o faz pensar isso?

Rand se levantou.

— Apenas um palpite. Vou para a sala de jogos. Quer se juntar a mim?

Capítulo quatro

Selina entrou na loja às nove horas. Nenhuma cliente chegava tão cedo, mas sempre havia coisas para fazer. Naquele dia, ela queria revisar as gravuras do guarda-roupa de Edeline e fazer anotações sobre os tecidos recomendados, caso a dama chegasse para tirar as medidas e quisesse escolher mais alguns.

Felicity puxou-a de lado assim que a porta se fechou. Com um silvo e um gesto, convidou Selina para o pequeno escritório da loja.

— Ela está aqui. Lady Giles — Felicity relatou. — Eles chegaram há quinze minutos.

— Eles?

— Barrowmore está com ela. Tente descobrir quanto ele está disposto a gastar. Não queremos que lady Giles escolha o mais caro de tudo, apenas para ver o duque se recusar a pagar as contas.

Que estranho o duque ter ido com Edeline. Talvez ele tivesse repensado e decidido retirar o patrocínio. Selina não conseguia pensar em nenhum outro motivo para a presença do homem.

Foi até o salão dos fundos, respirou fundo e entrou. O duque estava ali, folheando gravuras de moda. Não aquelas que Edeline escolhera. Ele examinava outras que Selina havia desenhado e colorido ao longo do último ano. O homem se servira de uma grande pilha que estava nas prateleiras.

Edeline se acomodara à mesa, de frente para ele, parecendo entediada e cansada. A jovem não parava de esfregar os olhos, como se o sono ameaçasse fechá-los.

— Minhas desculpas — Selina disse, depois de fazer uma medida. — Eu não os esperava tão cedo, Vossa Graça. Lady Giles.

— Ele me fez vir. — Um grande e barulhento bocejo acompanhou a acusação. — Disse que tem coisas importantes para

fazer. Que não pode organizar o dia inteiro em torno do meu guarda-roupa. E que não se importa com a hora da moda para se fazer compras. Eu falei que ele não precisava vir e que eu poderia ter dormido até mais tarde.

O duque nem mesmo ergueu os olhos das gravuras.

— Tem mão de artista, sra. Fontaine. A senhora teve aulas?

— Não há muitas lições a se tomar, embora, como a maioria das jovens, eu tenha aprendido o básico do desenho e pintura em aquarela. Treinei reproduzindo gravuras francesas e aprendi sozinha. No entanto, sinto-me honrada que o senhor as considere bem-feitas.

— Muito bem-feitas. — Ele olhou para cima. — O que lady Giles deve decidir hoje?

— Talvez, antes de ela partir, o conjunto da carruagem e...

— Aaah, quero um acabamento de zibelina nele. — Lady Giles, subitamente desperta, bateu palmas.

— O conjunto é para ser usado no verão, milady. Peles não são recomendadas para essa época do ano.

— Mas é apenas um debruado.

— Por que não discutimos o assunto depois que tirarmos as medidas? Peço licença apenas por um minuto.

Selina saiu e encontrou Delyth, uma das costureiras.

— Venha tirar as medidas, aproveitarei para conversar com Sua Graça sobre a conta.

Juntas, elas voltaram para a câmara.

— A srta. Owen vai tomar suas medidas. Vossa Graça, poderia se juntar a mim no salão da recepção?

— Claro. — Assim que ele saiu, Delyth começou a desabotoar o vestido de lady Giles.

Selina conduziu o duque a um pequeno aposento usado como salão de recepção para os clientes. Atrás da frente de loja, assim como era com os provadores e as salas de atendimento, proporcionava privacidade às damas que não queriam se misturar com visitantes menos elevados que poderiam chegar para comprar musselina.

O duque se sentou quando ela o fez. A mobília era muito feminina e pequena. Ele sobrecarregou a cadeira. Selina o observou

lidar com o desconforto.

— Que bom que o senhor veio hoje — ela disse. — Sua presença me dá a oportunidade de saber suas intenções em relação a esta encomenda.

— Acho que minhas intenções ficaram claras.

— Refiro-me ao custo.

Ele corou um pouco. Falar sobre dinheiro com uma mulher o constrangia. Que encantador.

— Claro. Se eu não definir uma quantia, minha cunhada não terá limites.

— Assumirei a função de guiá-la para escolhas sensatas, que não vão arruiná-lo. Tentarei me manter abaixo do limite que o senhor definir. Não espero que acredite, já que não me beneficiaria, mas prometo que será assim.

— E se não for suficiente?

— Poderá haver necessidade de outras reuniões, se ela insistir em algo que ultrapasse o valor que o senhor determinar agora.

Ele pensou no assunto.

— Não me atrevo a deixá-la entregue aos próprios caprichos, sra. Fontaine. Não por causa do custo, nem por minha necessidade de confiar em sua honestidade. A verdade é que creio que será mais fácil para a senhora caso ela insista em alguma extravagância de que a senhora não goste, e ela sabe que precisa obter minha aprovação. Se isso significar que às vezes terei de vir aqui e discutir o assunto com a senhora, que seja.

— Ah, o senhor não vai falar sobre as contas comigo. Quem cuida disso é a srta. Dawkins, que administra a loja. No entanto, ela me transmitirá todas as decisões que o senhor tomar.

— Srta. Dawkins? Entendo. — Ele não pareceu gostar de saber que Felicity estaria envolvida. — Quanto tempo levará para medi-la?

— Meia hora, pelo menos.

Ele puxou seu relógio de bolso.

— Mais vinte minutos. Acho que vou dar uma volta lá fora. Pode se juntar a mim?

— Meu trabalho... — Ela gesticulou amplamente para toda a

loja. — Minhas outras clientes...

— A senhora insinuou que chegamos muito cedo, então não deve receber outras clientes por algumas horas. — Ele se levantou e ofereceu a mão para ajudá-la. — Caminhe comigo. Quero perguntar uma coisa.

Saíram da loja e seguiram para a direita, longe da poeira e da construção que se tornara uma provação diária enquanto a Regent Street era construída. Passaram por outras lojas com outras vitrines. Algumas tinham o tipo de clientes que chegava cedo. Uma cafeteria estava lotada de comerciantes antes de abrirem os próprios negócios. As páginas dos jornais do dia cobriam as janelas e uma pequena multidão se reunia para lê-las.

— O dia está bonito, não está? — ele perguntou.

— Muito. Essa era a sua pergunta?

— Não. Quero saber como Selina Duval se tornou a sra. Fontaine. Estou curioso para saber o que a senhora está fazendo aqui.

Ela enrijeceu. A boca formou uma linha firme.

— Creio que o senhor sabe a resposta.

— Não tenho certeza se sei.

Ela manteve o fixo à frente.

— Como eu disse quando o senhor invadiu a minha casa...

— Ora essa, não a invadi...

— Quando o senhor *invadiu* a minha casa, a fofoca depois que Giles foi embora foi insuportável. Toda aquela atenção que ele dedicou a mim. Todos aqueles presentes. Se não era para ganhar minha mão, então para que serviam? A resposta não me lisonjeava. Pensei em enfrentar a situação, mas minha mãe ficou humilhada, e foi um golpe fortíssimo para o meu pai. Minha mãe parou de sair de casa. Meu pai esteve perto de desafiar um homem. Então eu parti. Casei-me com o primeiro homem que pediu minha mão, só para fugir. Quando ele faleceu, vim para Londres e me candidatei a uma vaga naquela loja de roupas. — Ela olhou feio para ele. — É o suficiente? Porque é mais do que acho que o senhor merece saber.

Ele supôs que boa parte daquilo era verdade, mas não tudo. Ele ainda não acreditava que existiu um sr. Fontaine por alguns meses.

Não conseguia explicar por que tinha certeza disso. Talvez fosse a falha em sua voz sempre que ela se referia ao assunto. Não era como se estivesse sufocando sentimentos, parecia uma hesitação antes de forçar uma mentira.

Ele continuou andando enquanto avaliava a escolha que tinha à sua frente. Ela abrigava boas lembranças de Giles. Acreditava que eles haviam compartilhado um belo amor frustrado, que chegara ao fim por causa do irmão vilão. Giles a deixara com essa história dramática. Só que grande parte dela não era verdade.

Ela o odiaria ainda mais se lhe contasse tudo? Sem dúvida.

— O senhor não conhece nosso vilarejo — ela continuou. — Aquela mansão no alto da colina existe há séculos, é propriedade dos duques de Barrowmore, mas nunca foi usada por eles. Ainda assim, sentíamos orgulho por estar à sua sombra. Era o que nos tornava melhores do que outros vilarejos comuns. Quando seu irmão escolheu morar lá naquele verão, todos ficaram entusiasmados. O fato de ele incluir os cavaleiros locais e suas famílias em sua companhia foi ainda melhor. Não sei o que o inspirou a visitar o lugar, mas para todos nós, e especialmente para mim, foi um verão mágico.

A inspiração de Giles foi encontrar uma propriedade obscura onde pudesse permanecer na discrição e evitar os credores. Assim como agora ele estava em alguma outra propriedade da família, com o mesmo propósito.

Repreenderia Giles com severidade pela maneira descuidada com que usou aquela pobre mulher. Arruinou-a, para todos os efeitos. Não que o irmão se importasse. Aquele verão terminou com um crédito praticamente infinito para ele, não foi?

Ela não precisava saber a verdade. Não serviria para nada. Deixaria que ela pelo menos se lembrasse de um verão mágico.

— É melhor voltarmos — ele disse.

Refizeram os passos até a porta da loja. Ele decidiu que queria que ela soubesse que uma parte da história não era verdade.

— Sra. Fontaine, sinto-me obrigado a corrigir uma lembrança daquela época que meu irmão deixou com a senhora. Não ordenei que ele a dispensasse.

— Está dizendo que ele mentiu para mim?

— Giles escolheu evitar responsabilidades. Vamos deixar por isso mesmo?

Ela franziu a testa.

— Foi há muito tempo. Confesso que esqueci as palavras exatas que ele usou. Talvez eu tenha entendido mal.

— É mais provável que a senhora tenha acreditado no que ele disse. Meu irmão pode ser muito persuasivo, então a culpa não é sua.

— Se eu acreditar no senhor, deverei aceitar que fui tola. Uma muito estúpida.

— Não foi tola. Uma mulher apaixonada, sendo poupada de mais dor do que o necessário. — Ele não queria que ela se sentisse tola, nem estúpida, nem nada disso.

Ela abriu a porta, ainda carrancuda.

Abruptamente, ela se virou e o encarou.

— Talvez toda aquela fofoca e todas as suposições não fossem conversa fiada, mas pudessem ser atribuídas a ele.

— Eu gostaria de acreditar que ele não fez isso.

— Foi bom o senhor ter me feito prometer que nunca mais o veria. Porque se algum dia eu fizesse isso, não posso garantir que não o faria pagar.

Imaginou-a apontando uma pistola para Giles. Ela nunca faria isso, nem ele queria que ela fizesse, mas a expressão de contrição abjeta que Giles exibia na sua imaginação o divertia de forma vergonhosa.

— Prefiro que fique com raiva do que triste, sra. Fontaine. Combina melhor com a senhora.

Ela lhe lançou um olhar peculiar e se virou para a loja.

— Diga ao cocheiro que lady Giles terá terminado aqui em duas horas.

— Certamente. Ah, e tenho mais uma coisa a dizer antes de nos separarmos. O que a senhora diria à carta-branca? Se prometer não me arruinar, considerarei a possibilidade.

Ela paralisou com a mão na maçaneta. Depois de uma boa contagem até dez, virou-se para ele com os olhos arregalados de

surpresa. Só então percebeu que não havia prefaciado sua oferta com referência a Edeline e seu guarda-roupa. A sra. Fontaine pensou que ele acabara de lhe fazer uma proposta.

Estava prestes a dar uma explicação, mas a maneira como ela o olhava o fez parar. Não parecia insultada nem zangada... parecia avaliar sua resposta.

Ele esperou, curioso para ver o rumo que aquilo tomaria, enquanto fantasias de abrir aqueles botões serpenteavam em sua cabeça.

Uma luz surgiu em seus olhos. Ela corou profundamente.

— O senhor estava se referindo ao guarda-roupa de Edeline, é claro.

— Se é isso que a senhora prefere.

Ela se atrapalhou com o maçaneta e murmurou uma maldição quando a porta emperrou.

— Claro que é. — A porta se abriu, e a sra. Fontaine entrou depressa.



Selina encostou na porta, em busca de apoio, e fechou os olhos. Era uma idiota. Uma completa idiota. Claro que o duque se referia ao guarda-roupa de Edeline.

Se pudesse ser desculpada pelo mal-entendido, o que não podia, era apenas porque clientes respeitáveis não usavam tal expressão. Era empregada pelas cortesãs de Londres quando seus protetores prometiam não restringir o que era gasto em roupas e outros luxos. Poucas mulheres recebiam carta-branca, mas a loja atendia algumas que a tinham.

Felicity saiu do escritório, passou por algumas mulheres no balcão e se aproximou de Selina.

— Você tem uma quantia?

Selina duvidava que conseguiria lidar com a pequena Edeline se realmente houvesse carta-branca. Melhor que o duque aprovasse despesas que fossem muito altas.

— Trezentos. Depois disso, precisamos consultar Sua Graça.

Era uma quantia considerável para um guarda-roupa, mesmo um com acabamento fora de estação em zibelina, que Selina estava determinada a não usar.

— Muito bem, Selina. Se precisarmos consultá-lo, como você disse, deixarei que cuide do assunto. Ele parece gostar de você.

— O que a faz dizer isso? — questionou.

Felicity recuou, rindo.

— Uma conta de trezentos me faz dizer isso.

Selina foi ao provador para encerrar o atendimento de lady Giles. Talvez o duque gostasse dela. Ela havia entendido mal o comentário dele sobre a carta-branca, para sua eterna humilhação, mas ele não foi tão altivo naquele dia, e realmente parecia confiar no julgamento dela com Edeline.

Foi mais do que isso, no entanto. Quando o entendeu mal, ele não a corrigiu. Ele tinha percebido, ela sabia que sim, e não deu mais explicações.

Poderia ter começado como um erro, mas um duque decerto lhe fizera uma proposta naquele dia.

Capítulo cinco

Uma semana depois, Selina enviou uma carta a lady Giles, informando-a de que o vestido da coroação e o de noite estavam prontos para serem provados. A resposta chegou no mesmo dia. A dama estava resfriada. Será que a sra. Fontaine faria a gentileza de levar os vestidos para ela e fazer a prova em Manard House?

A realeza conduzia negócios de guarda-roupas em casa. Algumas damas muito importantes faziam o mesmo. A maioria das mulheres, porém, mesmo as casadas com filhos de duques, procurava as modistas em vez de as modistas irem até elas.

Havia razões para isso. Uma delas era social. Visitar modistas e outras lojas dava às mulheres uma desculpa para passear pela cidade. Para verem e serem vistas. Outras razões eram muito práticas, como Selina observou enquanto se preparava para atender a esse pedido. Os vestidos tinham que ser embrulhados com cuidado. Uma grande caixa de adornos também devia ser levada, junto com alfinetes, linhas e outros apetrechos de costura. Ela chamou uma carruagem de aluguel, carregou tudo no veículo e deu o endereço ao cocheiro.

Manard House provou ser tão grandiosa quanto seria de se esperar da casa de um duque em Londres. Na esquina da Stanhope Street com a Park Lane, sua fachada discreta e amarelada se erguia em cinco andares. Um jardim murado a rodeava, como um pequeno parque. Se lady Giles morava ali, isso significava que o marido não lhe havia fornecido uma casa própria, preferiu morar com o irmão mais velho. Era bom, se ele ia deixar a cidade por longos períodos.

O cocheiro a levou até um portão traseiro, onde um criado assumiu o comando da retirada de seus pacotes e permitiu sua entrada pelo jardim. Em seguida, o homem a acompanhou até a casa por uma porta lateral, de onde um laçao assumiu. Por fim, ela e as caixas se

encontraram em um cômodo no terceiro andar da casa. Lá, uma criada magra, severa e de cabelos escuros a pegou pela mão e a levou a um quarto de vestir onde Edeline esperava.

Com os cabelos soltos e o corpo envolto em um volumoso roupão de renda, Edeline cumprimentou Selina, assoando o nariz.

— Ah, aí está, sra. Fontaine. Sabia que não me decepcionaria. Precisamos avançar com esses vestidos, mas eu não poderia sair com esse nariz vermelho. Estou péssima.

Selina desembalhou o vestido da coroação e o colocou sobre uma cadeira. Edeline saltou de pé e foi admirá-lo.

— Encantador. Tanto foi feito em uma semana.

— Nossas costureiras se dedicaram a isso por muitas horas.

Edeline se virou para a criada.

— Não é lindo, Françoise?

Françoise assentiu de forma evasiva. Ela se aproximou, virou o tecido e avaliou a costura. Com outro aceno, recuou.

— Se o vestir, farei os ajustes — Selina disse. Então chamou a criada de lado. — Há alguma almofada onde eu possa me ajoelhar?

— As almofadas são todas de seda — Françoise respondeu com desdém. — Não são para serem usadas no chão por costureiras.

Selina ajeitou o vestido sem o auxílio de uma almofada. Ficou de joelhos enquanto usava alfinetes para marcar os locais onde os adornos seriam colocados. Então descansou de pé enquanto Edeline colocava o vestido de noite. Mais uma hora de prova e enfim terminou.

Guardou os apetrechos e embrulhou os vestidos novamente.

— Quando estiver se sentindo melhor, a senhora pode ir até a loja buscar os outros. Estão quase prontos.

Edeline fez beicinho.

— Prefiro fazer isso aqui. A senhora pode trazer os outros como fez com estes, tenho certeza.

— Claro que pode — Françoise afirmou em um tom que conseguia agradar a sua senhora e ao mesmo tempo desprezar Selina.

Selina forçou um sorriso.

— Escreverei quando estivermos prontos.

A criada chamou um lacaio para carregar os vestidos e a caixa de adornos. Selina o seguiu escada abaixo. Ele não usou as escadas dos criados, conduziu-a pelo conjunto principal mais próximo. Lá embaixo, um mordomo com cara de desagrado os aguardava.

— O que é isso, Timothy?

— A modista da senhora, senhor.

— Há dois lances de escadas nesta casa, Timothy. No futuro, certifique-se de lembrar quem usa quais.

Com o rosto vermelho, Timothy apertou o passo. Estavam quase saindo do imenso saguão quando alguém apareceu em uma das portas na extremidade do corredor.

— Sra. Fontaine?

Era o duque. Timothy paralisou.

— Vossa graça. — Selina fez uma reverência. Ela gesticulou para o pobre e jovem Timothy. — Confesso que meu interesse pela casa me fez insistir para que viéssemos por aqui. Seu lacaio foi educado demais para recusar.

— Espero que sim. — Ele deu ao lacaio um aceno de aprovação. Depois apontou para o fardo que o jovem carregava. — O que é isso?

Selina explicou a necessidade de lady Giles de fazer a prova, apesar do resfriado.

— Normalmente não fazemos isso, porque me afasto muito e não consigo ver outras clientes. No entanto, tenho certeza de que Vossa Graça não se importará com a pequena taxa adicional que terei de cobrar se isso continuar.

Ele gesticulou para o lacaio.

— Leve tudo isso para... onde quer que deva ir. — Ele se virou para Selina. — Vou lhe mostrar as salas públicas, já que está curiosa.

— Eu realmente deveria voltar para a loja.

— Se os caprichos de Edeline vão forçá-la a vir aqui, a senhora também pode se divertir um pouco. Começaremos pela sala de jantar.

Não havia nada a fazer senão segui-lo até a enorme sala de jantar em uma das extremidades.

— Minha irmã escolheu a decoração. Ela tem bom gosto. Não como o seu, mas um bastante aceitável — ele disse.

Ela esperava uma sala repleta de dourado e vermelho, ostentando seu luxo. Em vez disso, o lugar parecia quase vazio, com paredes cinza-claro e cortinas amarelas. O fundo sutil dava toda a atenção à enorme mesa e ao imenso tapete persa, mantendo tudo em equilíbrio para que os olhos não ficassem sobrecarregados.

— Gosto mais do que aceitável, e também incomum.

— Minha irmã não é nada senão incomum. Ela se casou com um conde escocês. Ele fala muito e mal consigo entendê-lo. Apenas aceno para tudo o que o homem me diz. Tem sido eficiente até agora. Olhe aqui. Esta é minha parte favorita. No verão, abrimos estas portas e praticamente jantamos ao ar livre. — Ele abriu dois grandes conjuntos de janelas francesas no final da sala. As da esquerda davam para os fundos de um terraço, mas as outras davam para uma parte de jardim que havia sido plantado até a soleira.

Flores perfumadas do início da primavera perfumavam o ar. Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Isso me faz lembrar de casa.



Ver Selina assim, com os olhos fechados e uma expressão de prazer sensual, deixou o duque embriagado. Imaginou uma expressão semelhante quando outros prazeres, além dos aromas do jardim, a comovessem.

Não faça isso, seu lado bom disse. *Ela não é para você e já suportou o suficiente dos homens de sua família.*

Não seja bobo, respondeu seu lado mais masculino. *Ela é uma mulher madura. É inteligente, vivida e capaz de tomar as próprias decisões.*

— Vamos dar um passeio, a menos que isso a deixe triste — ele sugeriu.

— Não estou tão triste. Apenas nostálgica.

Por ele, ela nem ficaria nostálgica. Havia muita melancolia na nostalgia. Esta mulher foi injustiçada. Ele não conseguia afastar a sensação de que era parcialmente responsável.

Passou horas na última semana decidindo se era ou não. Não

forçou Giles a desistir de Selina. Apenas exigiu que o irmão desistisse de *algo* valioso. Poderia ter sido o cavalo. Maldição, poderia ter sido seu casaco favorito. Também não tirou conclusões precipitadas sobre esse relacionamento. Giles descreveu tudo como um caso de amor e até ofereceu alguns detalhes lascivos. Selina não teria sido a primeira filha da nobreza a se tornar amante de um homem como Giles.

Ainda assim, ele poderia ter sido mais cético. E não foi, pela simples razão de que Selina não importava. Seus pensamentos estavam no irmão, não na mulher dele. Quando foram apresentados, ela lhe parecera encantadora, sensual e desejável, e mais refinada do que os interesses habituais de Giles. Ele até reagiu o suficiente para que o irmão percebesse. Mas quem ela era, o que ela era... foram pequenos detalhes em três dias de confronto contencioso por causa de dinheiro.

Ele não pensava que estava inventando justificativas. Além de encontrar uma maneira de impedir Giles de usar seus sorrisos e encantos nas mulheres, e exceto na prisão não havia tal possibilidade, os pecados naquela situação eram principalmente do irmão. Dez anos atrás, jurou a si mesmo que não poderia e não assumiria a responsabilidade pelos excessos e pecados de Giles, mas ali estava ele mais uma vez, pensando que deveria ser o caso, e permitindo que eles governassem suas próprias inclinações no que dizia respeito a Selina.

Talvez fosse porque essa história o levou a conclusões que ele queria explorar. Não podia escapar da realidade de que, ao assumir a posição moral em relação ao acordo com Giles, privou Selina do tipo de apoio e segurança que a amante de um duque desfrutaria durante toda a vida. Então agora ela trabalhava horas a fio todos os dias, fazendo vestidos para outras mulheres.

Ele riu de si mesmo. Ah, o poder do desejo de obscurecer o pensamento. *Amanhã terei me convencido de que foi um pecado não fazer uma proposta a ela.*

Caminharam juntos pelo jardim. Parecia que os pensamentos dela estavam em muitas coisas, menos no homem ao seu lado. Ele, por outro lado, notou pouco mais além dela e viu nuances anteriormente perdidas. O topo de suas bochechas possuía um leve rubor natural o tempo todo. O sol mostrava que seu cabelo castanho tinha dezenas de

cores. Seu vestido, menos ajustado que o azul, tinha um decote quadrado que revelava uma pele macia de marfim e um encontro muito atraente do pescoço e do peito, com pequenos vales acima da clavícula que imploravam por beijos.

— Admirei o vestido azul, embora este tenha seu atrativo — ele falou.

— Este é para um trabalho sério, como as provas. Eu me movo muito, então as mangas devem ser folgadas. E hoje me ajoelhei no chão duro, então é melhor usar um tecido simples.

Imaginou-a de joelhos, prendendo alfinetes e ajustando o vestido de Edeline.

— Certamente com uma almofada, ao menos...

— A criada disse que eram todas de seda. Vou trazer a minha na próxima vez.

— Não vai, não. A senhora já carrega muita coisa consigo para vir aqui. Da próxima vez, usará qualquer almofada que escolher e ninguém dirá uma palavra. Confie no que digo.

Ela se inclinou para examinar um canteiro de narcisos.

— Por ordem do duque? Com que generosidade o senhor exerce seu poder.

Ele se sentiu tolo por anunciar aquilo como um idiota arrogante, como se uma mulher como ela ficasse impressionada com tal gesto.

— Sra. Fontaine, gostaria de reparar o tratamento desprezível que meu irmão lhe dispensou.

Sua atenção se voltou para ele.

— Que gentil de sua parte. No entanto, o senhor não estaria fazendo as pazes, mas, sim, dando um presente. Ainda tenho um pouco de orgulho e não poderei aceitar.

— Pode ouvir minha sugestão antes. Espero que não seja muito orgulhosa para isso.

Ela parou de andar. Um arbusto com pequenas flores emoldurava-a. Dê-lhe uma cesta e um gorro, e ela faria uma bela pintura.

— Creio que a senhora deveria voltar para sua família, para seu vilarejo. Eu também explicarei a todos como meu irmão se comportou

mal e se aproveitou de sua juventude e confiança. Em uma tarde, reabilitaremos sua reputação e desfaremos o pior dos danos.

— Que encanto o senhor pensar que isso daria certo.

Encanto? Uma palavra estranha. Um pouco menos que lisonjeira.

— É claro que daria.

— Realmente acredita que pode dizer às pessoas para ignorarem tudo o que ouviram e tudo o que viram, além de suas próprias conclusões racionais, e assim será? É mais provável que suspeitem do seu interesse no assunto.

— É horrível descobrir que as pessoas não acreditam nos duques. Meu pai nunca me avisou sobre isso.

Ela riu. Um som adorável que o fez lembrar de sinos delicados. Dois pássaros no jardim começaram a chilrear como se também gostassem do que ouviram.

— Se ele não tivesse se casado com Edeline, eu o faria se casar com a senhora — ele falou, tirando qualquer leveza de sua voz. — Essa é a única compensação que seria justa.

O olhar dela se aqueceu.

— O senhor poderia ter feito isso? Essa é uma ordem de duque que realmente daria certo?

— Sim.

— Eu não teria gostado, mesmo que a ordem tivesse a melhor das intenções. O senhor ordenou que ele se casasse com Edeline?

— Giles encontrou a pequena Edeline sozinho. A riqueza de seu pai a tornou muito atraente, assim como sua tenra idade. — Ele olhou de volta para a casa, a uma boa distância. O jardim era grande, e eles adentraram profundamente nele. — Ele não sabe o que viu nela. Ninguém sabe. No momento, ela é boba e vaidosa. Ele deve esperar que ela continue assim e que sua mente nunca amadureça.

— Espero que eles resolvam a questão ao longo dos anos, como faz a maioria dos casais.

Que coisa otimista de se dizer. A verdade é que muitos casais não se acertavam.

O caminho terminava em um pequeno bosque de macieiras. Flores rosa-claro decoravam os galhos recém-folhados. Algumas das

pétalas haviam caído no chão.

— A senhora gosta de teatro? — A pergunta simplesmente surgiu, sem que percebesse. Ele apenas a imaginou em um dos vestidos que ela fazia para outras mulheres, sentada em um camarote, ainda mais bonita.

— Uma amiga e eu comparecemos às vezes. Dizemos a nós mesmas que fazemos isso para estudar os vestidos usados pelas damas da alta sociedade.

— A senhora pode ver melhor esses vestidos ao se sentar onde as mulheres que os usam se sentam. Venha comigo como minha convidada.

— O senhor está convidando a mim e a minha amiga para acompanhá-lo em seu camarote?

Ele segurou a mão dela entre as suas.

— Estou convidando a senhora sozinha. Edeline pode ser sua acompanhante.

Então aí estava. Inesperadamente. Sem tomar uma decisão, acabou por tomá-la.

Ela olhou para sua mão e depois para ele. Rand sentiu que a mulher pesava o perigo que ele representava. Possivelmente um considerável. Se ela fosse jovem ou estúpida, se não entendesse os riscos e não tivesse aprendido da maneira mais difícil a proteção que a discrição proporcionava, ele não faria isso.

— Sim — ela disse. — Vou ao teatro com o senhor.

Então, como se suas mãos não deixassem claro o suficiente seu interesse, ele a beijou.



O duque de Barrowmore, um homem que odiava duas semanas atrás, beijou-a. Não conseguia imaginar por quê.

Não que ela se preocupasse com a questão. Não pensou muito enquanto aquela boca pressionava a sua e forçava uma nova intimidade entre os dois. Ele continuou a segurar a mão dela, mas a outra palma pousou em sua face, guiando-a para receber e aceitar.

O beijo respondeu a uma questão que ela vinha debatendo há uma semana. Teria esse homem se insinuado acidentalmente em sua vida por causa de seu dever para com Edeline, ou aquele guarda-roupa teria sido mera desculpa? A última explicação parecia tão absurda que ela mal lhe deu crédito. Ele era um duque, e a história deles não foi feliz.

No entanto, sempre que o homem aparecia, ele se fazia ver. A presença dele encheu seu mundo e sua mente. Sua energia a agitou física e emocionalmente. Cada reunião tornou-se outra pequena invasão, muito parecida com a primeira.

O beijo não durou muito, mas mais do que ela esperava. Selina sentiu a contenção dele e também a corrente subjacente que falava de uma paixão maior. Não abrigava ilusões de que Sua Graça a estava cortejando. Aquilo era diferente. Ele começou um outro tipo de corte e esperava uma conclusão específica.

Ela sabia de tudo isso e mesmo assim permitiu. Sua alma simplesmente sabia. Deixou os problemas de lado por ora e desfrutou do beijo. Havia tempos que um homem não fazia isso, e não tão bem.

Nem ela era a mesma pessoa. Já não era mais uma menina, toda agitada com a atenção de um lorde. Era uma mulher madura, que sabia muito bem o que esse duque pretendia. Uma mulher que sabia apreciar o poder sensual que criava flechas de prazer nela com um simples olhar, e outras muito mais provocantes com aquela simples união de lábios. Alguém que ficou lisonjeada por ele ter revelado um pouco do que existia por trás de sua arrogância e altivez.

Selina parou e se afastou. O duque segurou sua mão até não poder mais, então a soltou. Ela se virou e correu de volta pelo jardim, até o portão por onde havia entrado. Um lacaios a esperava lá para acompanhá-la até a carruagem de aluguel.

Capítulo seis

Felicity se lançou ao trabalho. Selina deu meio passo no pequeno estrado. A moça puxou outro alfinete da almofada presa em seu braço e prendeu-o na bainha do vestido de noite de seda creme.

— Você vai humilhar todas elas esta noite — Felicity murmurou.

Ao saber que Selina acompanharia o duque e sua nova cliente ao teatro, Felicity deu ordens sobre o vestido. Este foi iniciado três meses atrás para uma dama que desistiu dele quando uma costureira mais popular encontrou uma vaga inesperada em sua agenda. Agora, a peça que causara tanta dor de cabeça e tantos custos se pagaria muitas vezes.

Selina achou o traje muito rico para uma modista, mas concordou em usá-lo apesar disso. Ainda não havia decidido o que fazer com o duque e com aquele beijo.

Os pensamentos se voltaram para aquele mal-entendido sobre a carta-branca. A ambiguidade levou à ambiguidade, até que sua reação inicial se tornou quase real. *Se é isso que a senhora prefere.* Uma porta se abriu acidentalmente naquele dia, e ele a havia atravessado.

Ela gostaria de acreditar que sabia o que pensava sobre o assunto, que jamais se tornaria uma amante. Não passara anos evitando tais arranjos? Exceto que dessa vez era diferente. Não deveria ser, mas era. Aos olhos do mundo era, assim como na cabeça dela.

O título dele tornava tudo diferente. Sua posição no mundo. Assim como reis e príncipes, duques tinham amantes. Sempre tiveram. Amantes nobres, muitas vezes. Não meras filhas de cavalheiros, mas filhas de membros da nobreza. Nenhum escândalo realmente se abatia sobre essas mulheres. Algumas eram celebradas e a maioria seguia a vida sem ninguém sequer piscar para suas histórias.

Ao contrário de ser amante de algum cavalheiro mediano, ou mesmo de Giles, tal acordo não a arruinaria. Muito pelo contrário.

Portanto, se estivesse certa, e um cortejo se desenrolasse agora, enfrentaria uma decisão em breve. No entanto, ainda não havia se decidido. Por isso, não queria parecer uma mulher mantida naquele camarote, e temia que seria o que daria a entender por causa do vestido luxuoso.

Felicity olhou para ela e fez careta.

— Nem mais uma palavra. Você é modista. Se não pode vestir um vestido elegante, quem pode? Está magnífica, e todo mundo vai falar da peça. Então descobrirão quem você é e virão aqui para comprar trajes igualmente lindos.

Descobrirão quem você é. Essa era outra coisa que temia. Nunca chamou atenção para si mesma. Poderia até haver pessoas naquele teatro que conhecessem sua família e se lembrassem de Selina Duval.

— Pode tirar. Estará pronto às sete. Vá para casa, tome banho e prepare-se. Nós o levaremos para você.

Com a ajuda de Felicity, ela tirou o vestido.

Voltou a pé para casa e pediu à única criada do prédio que lhe preparasse um banho no cômodo reservado para isso no porão. Foi ao seu apartamento, despiu-se e desceu as escadas de roupão.

A criada lavou seu cabelo, e ela se sentou perto do fogo baixo para secá-lo.

— Posso arrumar seu cabelo, se a senhora quiser — a garota falou. — Já fiz isso antes e, segundo me disseram, tenho uma boa mão para a atividade.

Selina concordou e, uma hora depois, estavam em seu quarto. A criada transformou seus bastos cabelos castanhos em algo elegante.

Um som à porta anunciou a chegada do vestido. Felicity mesma levou, junto com alguns alfinetes e materiais de costura, caso fossem necessários. A criada do banho insistiu em ficar para isso também.

Às nove, tudo estava pronto. Selina estava no centro da sala de estar com um vestido de seda creme bastante enfeitado. Felicity trouxera uma capa leve de lã de um azul tão profundo que parecia quase preta.

— Trouxe um dos colares da minha mãe — ela disse, enfiando a mão na bolsa.

— Não — Selina protestou. — Deixe o vestido falar por si e pela nossa loja. Não devemos distrair os olhos de ninguém com joias.

Ajustes, linhas, proporções e textura. Essa era a essência dos vestidos de qualidade. A loja se superara com aquele. Ela podia ser modista, mas se sentia uma rainha. Em qualquer outra coisa ela poderia sentir constrangimento esta noite.

— Chegou uma bela carruagem — a criada anunciou de seu lugar junto à janela. Ela virou os olhos arregalados para Selina. — Tem um daqueles entalhes sofisticados na lateral, do tipo que os lordes têm.

Todas esperaram em silêncio, mal respirando. Então uma batida firme soou. A criada abriu a porta para um laçao vestido com a libré do duque.

— Sua Graça, o duque de Barrowmore, solicita a presença da sra. Fontaine.

Alguém colocou a capa sobre seus ombros. Ela pegou a bolsa de cetim creme que Felicity fez e aceitou a escolta do laçao até a carruagem.



A sra. Fontaine entrou na carruagem como uma princesa. O vestido farfalhava baixo e de um jeito bonito enquanto ela se acomodava ao lado de Edeline. A cunhada do duque examinou a figura ao lado dela e sorriu.

Edeline havia resistido à ida ao teatro com a sra. Fontaine a reboque. Ela deixou bem claro, com seu beicinho e palavras, que considerava a convidada indigna de sentar-se no camarote dele. Rand suspeitava que ela também temia que a sra. Fontaine, com seu acesso a todos os luxos disponíveis para modistas, a ofuscasse. A capa simples devia tê-la tranquilizado.

Ela não notou o que ele viu. Edeline nunca apreciaria a postura demonstrada pela sra. Fontaine. Ela também não conseguia ver o

pedaço de vestido que brilhava quando passavam por um poste de luz. De cor marfim, a parte inferior da saia exibia camadas de renda fina no azul mais claro, todo cravejado com contas peroladas.

— Está se sentindo melhor? — a sra. Fontaine perguntou a Edeline.

— Não por completo. Tive que empoar bastante o nariz, para não ficar com a aparência horrível. — Seu tom acusatório era para atingir Rand, ele tinha certeza.

— Foi generoso da sua parte nos acompanhar, para que eu pudesse desfrutar deste raro privilégio.

Edeline aceitou aquela gratidão como devida, mas acrescentou uma pequena fungada que conseguiu torná-la uma mártir e fazer um comentário sobre todo o suplício. Então ela notou a bolsa da sra. Fontaine, que era comprida e clara, com cordões de seda. Pegou-a e acariciou os fios de pérolas pendurados no topo.

— Nunca vi nada assim — disse. — Preciso ter uma. Vermelha, acho, com fios brancos.

— Se quiser, podemos fazer uma para a senhora. Quanto à cor, podemos discutir o assunto.

Edeline semicerrou os olhos.

— Deve ser vermelha.

— Então vermelha será. — A sra. Fontaine inclinou a cabeça. — A senhora tem um conjunto que a complementarás?

Edeline franziu os lábios.

— Tenho. Bem, ainda tenho, mas... — Ela olhou feio para Rand. — Alguém decidiu que eu não deveria usá-lo.

Na verdade, ela não deveria mesmo. O vestido vermelho em questão fazia parte do primeiro guarda-roupa encomendado para a temporada. A peça, por mais escarlata que pudesse ser, era sofrível não só pela cor, mas em todos os sentidos. Edeline parecia uma boneca metida em um vestido de noite de prostituta. As cortesãs menos elegantes no teatro se apresentariam melhor.

— Giles gosta de vermelho — Edeline murmurou, ainda admirando a bolsa.

A carruagem parou em frente ao teatro. O laçao ajudou as

damas a descerem. Rand o seguiu e ofereceu um braço para cada uma.

Uma vez lá dentro, ele pôde admirar o vestido da sra. Fontaine. O tecido caía como um líquido pesado, fluindo para baixo, os movimentos firmes, mas não inibidos, pelos muitos, mas discretos, enfeites. A forma sugerida por seus vestidos de trabalho era agora revelada de modo mais completo. Quando ela ficava parada, a saia mantinha a silhueta de todas as outras do salão, mas, quando caminhava, o fluxo do tecido iluminava suavemente o formato de suas pernas.

Ela notou que ele percebeu.

— Minha empregadora insistiu que eu usasse esse vestido para mostrar o que nossa loja tem a oferecer.

— Acontece que o vestido também mostra ao mundo a sua beleza.

Ela corou, mas também sorriu de uma maneira que sugeria que achava a bajulação dele mais gentileza do que verdade.

— Conto que as amigas de lady Giles perguntem mais sobre o vestido do que sobre mim.

Ele duvidava que isso acontecesse.

— Sra. Fontaine!

Uma voz rouca exclamou o nome enquanto sua dona se aproximava. Lady Clarice, a irmã mais velha de Havenstock, se apressou, toda sorrisos e curiosidade.

Rand forçou um sorriso acolhedor. Imaginou as perguntas e os sorrisos de Havenstock na próxima vez que se encontrassem.

— O que temos aqui? — Clarice arrulhou. — Que bom que trouxe sua cunhada para algum entretenimento noturno, Barrowmore.

— Ele insistiu que eu viesse — Edeline falou. — Ou melhor, insistiu em vir comigo, como meu acompanhante.

Clarice olhou para Edeline.

— Tenho certeza de que sim, já que Giles está fora da cidade. Espera o retorno dele em breve?

Edeline corou.

— Com licença. Vou falar com minha amiga Margaret. Vejo que ela acabou de chegar.

Clarice recuou para avaliar a sra. Fontaine. Seu olhar devorou o vestido.

— Adorável. Absurdamente. Por que a senhora está usando isso e não eu?

— Foi uma encomenda abandonada. Presumimos que a senhora se sentiria insultada se oferecêssemos um traje rejeitado.

— Claro que sim. Odeio admitir que talvez eu não teria feito a mesma justiça. Sua coloração é melhor para esse tom.

Rand tossiu de leve, esperando ser poupado de vinte minutos de discussão sobre guarda-roupa.

Clarice olhou para ele. Não de forma gentil.

— Pode nos dar licença por um momento, sra. Fontaine? Há algo que preciso contar a Barrowmore.

A sra. Fontaine deu um passo para o lado, posicionando-se sozinha perto da parede. Equilibrada e elegante, parecia não ver os olhares enviados em sua direção.

— Sentindo-se democrático esses tempos, Barrowmore? — Clarice perguntou.

— Não tenho ideia do que você quer dizer.

— Refiro-me a ela. — Ela inclinou a cabeça na direção da sra. Fontaine.

— Não consigo entender por que faria tal comentário sobre ela. Afinal, ela é filha de um cavalheiro. E esta nem é a primeira visita dela ao teatro.

— Parece ter descoberto a história dela. Que interessante.

— Basta conhecê-la para saber sua qualidade. A propósito, ela tem sido tão prestativa com o guarda-roupa de Edeline quanto você prometeu. Obrigado pela referência.

— Não tente mudar de assunto. Por que ela está aqui? Espero que não esteja planejando atrair minha melhor modista para longe de sua situação atual e a colocar em outra.

— Como você é desconfiada. Esta pequena vinda ao teatro serve apenas para mostrar a minha gratidão por toda a dor que ela me poupou. A mulher tem Edeline sob controle. Ouso dizer que, quando tudo estiver pronto, economizarei centenas de libras, enquanto ela

desilude a querida menina das monstruosidades de alfaiataria mais extravagantes com que Edeline sonha.

Clarice o avaliou com atenção.

— Estou aliviada por você não ter planos para ela. Meu irmão teve essas noções por um breve período. Eu o convenci de que não seria sensato persegui-la.

— Você o alertou para que seus vestidos não sofressem com a ausência dela naquela loja? Bastante egoísta de sua parte.

— Eu o desencorajei porque ela não foi feita para viver aquela vida e ser melhor por isso.

— Para bancar o advogado do diabo em nome do seu irmão, seria de se perguntar como ela poderia ter ficado pior. A mulher pode estar rodeada de sedas e rendas naquela loja, mas, ao fim e ao cabo, elas enfeitam o corpo de outras mulheres. Além disso, é um trabalho árduo que prejudica a saúde e os olhos dela.

Clarice espiou a sra. Fontaine.

— Olhe para ela. Não é preciso que nos digam que todas as bugigangas de Londres nunca lhe poupariam a vergonha se ela se tornasse amante de qualquer homem.

— Seu irmão não teria sido o protetor típico. Mulheres do melhor sangue foram amantes de duques.

Ela semicerrou os olhos perigosamente.

— Você tem pensado bastante no assunto, não é? Que as suas atenções não a rebaixariam? Eu o aviso, Barrowmore...

— Guarde seus avisos, querida dama. Não sou seu irmão, e você não pode me dominar.

Ela se virou e caminhou até a sra. Fontaine. Rand não foi capaz captar o que diabos ela dizia. Contudo, conseguiu ver o rosto da sra. Fontaine. Ela sorria com serenidade enquanto Clarice falava.

Ele retirou Edeline do grupo de jovens damas e depois recolheu a sra. Fontaine. Juntos, acomodaram-se em seu camarote.

Edeline leu atentamente o programa.

— Giles sempre me leva ao teatro quando os espetáculos são divertidos e não tão sérios. Prefiro muito mais comédias.

— Então esperemos que ele retorne o quanto antes para que você

possa rir com ele mais uma vez — Rand falou.



A senhora sabe que as intenções dele não são honrosas, não é?

Foi o que lady Clarice dissera no salão, fora dos camarotes. Então, no caso de que Selina não entendesse, ela delineou exatamente como a sedução se desenrolaria e como o duque a atrairia para a perdição.

Tolerou porque lady Clarice tinha boas intenções. Ela também falou como amiga, não como cliente. A dama estava realmente preocupada.

Havia pouco a dizer em resposta. Decerto a verdade não serviria. *Obrigada pelo seu interesse no meu bem-estar. Devo confessar que já suspeitava disso e estou a meio caminho de pensar que poderia concordar.*

Ambos poderiam estar sendo mal-entendidos, é claro. Se não fosse aquele beijo no jardim, tudo poderia ser explicado.

No camarote, Edeline sentou-se entre eles. Qualquer um que olhasse, presumiria que Selina era convidada de Edeline, não do duque. A moça conversava com cada um deles sempre que sua atenção se desviava do drama no palco, o que acontecia com frequência. Para Selina, ela apontou vestidos que ela admirava ou detestava nos outros camarotes. A modista assentiu todas as vezes, mas seus gostos se mostraram totalmente opostos nos vestidos em questão.

Alguns amigos do duque visitaram o camarote durante o primeiro intervalo. Os homens sorriram com gentileza e as mulheres examinaram seu vestido. O duque sugeriu que fossem ao salão durante o segundo intervalo, para tomar um pouco de ar. Edeline quase gemeu de alívio e, ao chegar lá, foi procurar as amigas.

— É gentileza sua cuidar dela — Selina comentou.

Barrowmore virou a cabeça para fazer exatamente isso, e encontrou Edeline no meio da multidão.

— Ela fez dezessete anos uma semana antes do casamento. Com Giles fora e minha irmã na Escócia, não tive escolha. É muito fácil

para as jovens terem problemas em Londres se ninguém as proteger.

— Decerto há uma tia que assumiria o cargo.

— Diversas. Fiquei tentado. No entanto, por mais que às vezes eu considere minha cunhada uma provação, não pude fazer isso com ela. Se conhecer essas tias, entenderá o que quero dizer.

— Imagino que sejam como as matronas daqui que ficam me olhando feio quando se dignam a olhar nesta direção.

— Muito parecida com elas. Observe como elas se dignam com bastante frequência. Veja aquela ali, de azul. Ela não resiste a olhar. Ela franze o rosto em sua desaprovação mais arrogante, mas segue encarando. Continua virando a cabeça em nossa direção.

Naquele momento, a cabeça virou mais uma vez quando a matrona de azul deu outra espiada. Barrowmore chamou sua atenção, sorriu e fez uma breve reverência. Com o rosto vermelho, a matrona rapidamente fez uma reverência e desviou o olhar.

— Foi maldade de sua parte — Selina disse, tentando não rir.

— Se lady Trumball quiser ver melhor o seu vestido, deveria vir até aqui e fingir uma conversa para poder dar uma boa olhada.

— Ela não estava interessada no meu vestido. O senhor também sabe disso. Ela estava morrendo de curiosidade a seu respeito e o motivo pelo qual permitiu que uma ninguém sem nome ficasse ao seu lado esta noite. Vir até aqui significaria uma apresentação a alguém que ela considera suspeitamente inapropriada.

Ele olhou para ela.

— Você ainda não entende, não é?

— Entendo o quê?

— Nenhuma mulher que atraia o favor de um duque é uma ninguém sem nome. Por definição, ela é uma mulher interessante. Amanhã, quando as damas escreverem para marcar horário na loja, não será apenas por causa do vestido que viram você usar esta noite.

— Então não me importarei com os olhares direcionados a mim, se isso nos ajudar na loja. — O que mais ela poderia dizer? Nem uma palavra do que ele disse insinuou qualquer coisa. Até mesmo o uso de “favor” apenas fazia referência ao fato de ele permitir que ela entrasse em seu círculo de atenção. E ainda assim... sentiu-se corar, porque

soara como uma declaração de interesse dele, não de lady Trumball. E isso se deveu principalmente à maneira como ele olhou para ela enquanto pronunciava aquelas palavras cuidadosas escolhidas. Seus olhos implicavam muito mais. Pelo menos, ela reagiu dessa forma.

O olhar dele ainda exigia toda a sua atenção. O duque olhou em seus olhos para que ela não pudesse escapar. Um pouco de atordoamento tomou conta de Selina, e quando aceitou a escolta dele na volta ao camarote, o sentimento se manteve. Ela mal percebeu quando os atores retomaram o drama.

— Ele não é chato? — Edeline sussurrou durante o ato final. — Barrowmore, quero dizer. Como deve ser terrível para a senhora. É claro que não se pode recusar o convite de um duque, mas se ele fizer isso de novo e quiser dizer que está doente, confirmarei ser o caso.

— Eu estou gostando. Não estou entediada.

— Só porque estou aqui. Imagine se estivesse sozinha com ele. É isso que enfrento naquela casa. — Ela suspirou de forma dramática. — Ficarei muito feliz quando Giles retornar.

Selina não conseguiu se conter.

— Prevê o retorno dele em breve?

— Não conte ao duque, mas, sim. Ele escreveu para mim. Não diga isso ao duque também. Ele espera retornar em cerca de duas semanas.

— Parece que a data não está exatamente decidida.

— Talvez ele quisesse dizer três semanas. Talvez quatro. A senhora deve conhecê-lo quando ele voltar. Ele é muito divertido.

Selina admitiu para si mesma que, aparentemente, Giles era mais divertido do que Barrowmore. Ele não levava nada a sério. A vida era uma série de piadas para aquele homem. Quem jantava com ele ria a noite toda. O sujeito se tornava o centro das atenções com sua sagacidade.

O problema era que, por nunca ser sério, ele dizia coisas que poderiam ser mal interpretadas. Uma bajulação passageira poderia ser considerada uma verdadeira admiração. Uma expressão poética de emoção poderia ser ouvida como uma declaração de amor. Especulações meditativas poderiam ser consideradas promessas e

planos futuros.

Ah, sim, Giles sempre foi muito divertido.

Ela olhou além de Edeline, para o duque. Não tão loquaz com sua sagacidade, mas também não tão frívolo com suas palavras. Ela duvidava de que ele deixaria a esposa aos cuidados de um irmão e desapareceria por semanas a fio. Ele não deixaria dívidas por toda uma cidadezinha, para que as pessoas que rissem com ele pagassem caro pela diversão. Ele não cortejaria uma mulher publicamente e deixaria o mundo pensar que pretendia se casar, quando não pretendia. Se ele fosse atrás de uma mulher, deixaria suas intenções bastante claras.

Barrowmore virou e a pegou olhando. Selina deveria desviar o olhar, mas não o fez. Seu olhar ficou caloroso. Novamente ele a atraiu para um momento silencioso de intimidade. Uma emoção a percorreu.

Ele esticou o braço por trás da cadeira de Edeline e estendeu a mão para pegar a ponta do xale azul. Com muito cuidado, ele a levantou para cobrir os ombros de Selina, oferecendo proteção contra o frio do camarote. Foi um gesto atencioso, bastante carinhoso, mas as pontas dos dedos dele passaram pelas costas e braço dela no processo. A emoção se transformou em um turbilhão.

Ela voltou a atenção para o palco, mantendo a postura com esforço.

Edeline estava certa. Barrowmore não era nada parecido com Giles. Giles ainda era um menino, em sua essência. Barrowmore era um homem.



Rand realmente desejou que Edeline desaparecesse. No mínimo, queria impingi-la a alguém na volta para casa. Não queria fingir ser o duque magnânimo quando ele e Selina entrassem naquela carruagem. Queria agarrá-la e...

Com grande esforço, afastou tais impulsos da mente. Não havia como se livrar de Edeline. Isso significava que teria que levar a sra. Fontaine para casa primeiro e não ter um único momento a sós com

ela.

O curto trajeto foi torturante. Ele se sentou em frente às damas e teve a impressão de que seu desejo enchia o compartimento. Emanando dele, uma emoção que não conseguia conter em sua pessoa. Cada vez que a sra. Fontaine o olhava, outra onda começava até que inundasse os dois.

Edeline permaneceu uma ilha naquela tempestade. Falou sobre alguma fofoca que uma das amigas havia compartilhado. Ele assentiu, grato por ela ser jovem demais para entender o que estava acontecendo entre seus dois acompanhantes. Uma mulher mais velha teria enxergado tudo em um instante.

A sra. Fontaine notaria, ele tinha certeza. A mulher tentou não olhar para ele, mas não parava de lançar olhadelas. Pequenas pistas delatavam seu nervosismo. A maneira como ela agarrava aquela bolsa. A forma como ela puxava a capa para mais perto. O tom calmo e distraído de sua voz quando respondia a algum comentário de Edeline. Ela poderia estar surpresa e assustada, mas não estava alheia ao que se passava. Nem, ele tinha quase certeza, estava impassível.

Insistiu em ser o responsável por ajudá-la a descer da carruagem. Ele também a acompanhou até a porta do prédio. Queria tanto beijá-la que pensou que explodiria. Beijá-la, acariciá-la e a levar até aquele apartamento triste, fazê-la prometer que o deixaria cuidar dela.

Em vez disso, tiveram uma despedida estranha, com o brilho de uma lâmpada a gás próxima tornando impossível qualquer privacidade.

— Obrigada, Vossa Graça. Foi um prazer maravilhoso para mim e agradeço sua generosidade em me convidar.

Era o tipo de coisa que todo mundo dizia a um duque. Ele não sabia o que diabos esperava, mas o apreço educado o irritou.

— Não pretendia que fosse um ato generoso. Fiz para o *meu* prazer. E você que foi generosa ao concordar em compartilhar sua companhia.

Ela pareceu surpresa.

Ele deu um passo à frente, nada mais. Já havia demorado tanto naquela porta que Edeline se perguntaria a razão, se é que ela se daria

ao trabalho de notar.

— Não foi um duque quem a convidou, mas um homem. Esse homem terá o benefício de seus favores?

Sua boca se abriu um pouco. Ela ficou visivelmente perturbada. Então uma quietude tomou conta de Selina, que o olhou dentro dos olhos.

— Sim, acho que sim.

Ele tocou de leve a mão dela, a que estava perto da porta e fora de vista.

Ela entrou no prédio, e ele voltou para a carruagem. Subiu e sentou-se em frente a Edeline. Amaldiçoou. Em seguida, riu.

Toda aquela discrição havia sido desnecessária. Edeline adormecera.

Capítulo sete

Há certos momentos em que uma mulher precisa fazer escolhas importantes, do tipo que afetarão sua vida para sempre.

Selina sabia que enfrentaria esse momento em breve quando uma carta do duque chegou no dia seguinte. Ela a recebeu antes de sair de casa para ir à loja. Nela, ele a convidava para acompanhá-lo em seu barco no próximo domingo. Eles se aventurariam pelo Tâmis. Nenhuma menção foi feita a Edeline.

Ela ponderou sua decisão no caminho para a loja. Uma vez lá, um debate dava voltas em sua cabeça enquanto ela mantinha a maior parte da mente nos negócios. A questão era simples à primeira vista. Deveria encorajar o duque? Queria o que ele poderia lhe oferecer?

Como previsto, chegaram pelo correio da manhã algumas cartas de novas clientes em potencial. *Alguma das modistas tem vaga para os próximos dias?* Ao meio-dia, Felicity levou Selina ao escritório para discutir o assunto.

— Não seremos capazes de acomodar todas — ela disse. — Devemos escolher quais preferimos.

— Nem todas resultarão em encomendas. Muitas talvez não — Selina pontuou. — Temo que algumas dessas damas estejam interessadas em saber sobre *mim*, mas não têm intenção de encomendar vestidos. Elas querem informações para alimentar a fofoca. O duque me avisou disso.

— Isso complica nossas respostas. Como encontraremos as verdadeiramente interessadas em nosso ofício para não perdermos tempo?

— Talvez lady Clarice concorde em orientá-la. Se você escrevesse e pedisse que ela nos visitasse amanhã com esse propósito, ela poderia dizer sim.

— Excelente ideia. Escreverei para ela imediatamente. Tenho certeza de que ela conhece todos esses nomes e o que está atrelado a eles. — Felicity levantou-se para sair.

— Você não pareceu surpresa ao saber que agora pode haver fofocas a meu respeito — Selina disse. — Já esperava, apesar de suas garantias?

— Curiosidade não é fofoca, e era o nosso objetivo.

— Esperávamos curiosidade sobre a loja, não sobre mim.

— Era você quem estava com o vestido. Quanto a qualquer coisa além disso, tenho certeza de que você e o duque não fizeram nada que suscitasse especulações. — Felicity remexeu as cartas e pareceu indiferente. — Fizeram?

— Tenho certeza de que não, mas temo que duques sempre suscitem especulações quando dão atenção a qualquer mulher.

— Vai passar. Ele não tolerará fofocas infundadas. Quando você não for vista na companhia dele novamente, isso vai... você está corando? — Felicity a olhou atentamente. — Você está. Há algo que eu não sei?

Selina baixou a cabeça e assentiu.

— O quê? Diga-me agora, eu insisto.

— Ele demonstrou algum interesse de natureza... romântica — Selina murmurou.

— Eu ouvi corretamente? Pare de resmungar. Você disse que ele demonstrou ter inclinações românticas por você?

Selina assentiu.

— Ele me beijou no jardim de sua casa.

— Não.

— Ele quer me ver novamente. Recebi um convite esta manhã.

— O que você vai fazer?

— Não sei o que fazer. Não há como ser algo honroso. — Selina se levantou e andou de um lado para o outro. — Terei que recusar, é claro.

— Tem certeza de que está pensando com clareza? Ele é um duque, não um simples escriturário. Quaisquer que sejam seus interesses, este não é um interesse comum.

Selina quase bateu o pé.

— Não sei o que fazer. Estou completamente perdida.

— Gostaria que minha mãe estivesse aqui. Não posso aconselhá-la tão bem quanto ela poderia. No entanto, me parece que há uma pergunta que você deve fazer a si mesma. Você o acha atraente?

— Quem não acharia? A atratividade do homem é visível para o mundo.

— Eu não quis dizer isso e você sabe. Seu coração dispara quando o vê? Você perde a noção do tempo quando olha nos olhos dele? O beijo a encantou? Você quer que ele lhe beije e abrace de novo? Toda a honra e todos os benefícios de seu título e posição não terão sentido se você não sentir nenhuma atração desse tipo. Há mulheres que sofreriam muito para obter a generosidade de um duque, mas duvido que você seja uma delas.

Sim, o coração dela deu um salto e o olhar do homem a desarmou. O beijo e o mais breve dos toques fizeram muito mais. Ela não sofreu nem um pouco quando Barrowmore manifestou interesse.

— Não é a parte física que me faz hesitar — ela disse.

— Espero que não. Os nascidos no meio são sempre os que mais se preocupam com a opinião da sociedade. Ah, não fique surpresa. Minha mãe adivinhou imediatamente que você era uma dama de nascimento, mas de uma classe não tão alta. Nada de apresentação na corte para você, creio eu. Bem-nascida, mas não o suficiente para ignorar as regras como os melhores da sociedade fazem.

Felicity não falava com desprezo nem do nascimento de Selina nem da moral mais flexível dos melhores. Simplesmente descreveu o que viu através dos olhos que herdou de sua mãe francesa, e viu muito claramente, pelo que parecia.

— Acho que você deveria aproveitar a atenção deste duque enquanto pode, pelo tempo que puder — Felicity disse. — Não faça promessas ao vê-lo novamente. Também não tome nenhuma decisão. Se chegar o dia em que ele exigir uma, então você poderá fazer sua escolha.

— Você é, como sempre, muito sensata — Selina falou, sorrindo.
— Tem razão. Por que me preocupar com uma escolha que talvez eu

não precise fazer?

Felicity se aproximou e a abraçou, depois deu um beijo em sua face. Ela se virou para sair.

— Ah, você terá que fazer uma escolha. Estou certa disso. Só não imediatamente.



Uma carruagem foi buscá-la no domingo de manhã. Um sol brilhante e quente a banhou quando entrou no veículo que a levou ao cais onde o barco de Barrowmore estava atracado.

As velas permaneceram abaixadas. Os remos apareciam através dos buracos no casco. Ao se aproximar, viu um dossel no deque e, abaixo dele, uma pequena sala de estar completa com divã e uma mesa com duas cadeiras. Parecia exatamente o tipo de veleiro que se esperaria que um duque possuísse.

O duque veio de debaixo do convés e a viu. Ele desceu a pequena passarela para cumprimentá-la e a ajudou a embarcar.

— Estamos com sorte. O dia está firme. Sem umidade, sem nuvens, sem chuva, sem frio.

— Sorte? Presumi que o senhor tivesse ordenado que o clima cooperasse — ela brincou.

— Infelizmente, nem eu posso providenciar isso.

— De que adianta ser duque, então? — Ela caminhou pela pequena passarela. Ao redor deles, a tripulação preparava o barco. O duque assentiu, e os homens começaram a se preparar para partir. Que tola ela foi em se preocupar com a possibilidade de que ficariam sozinhos. Um marinheiro serviria de acompanhante. — É encantador.

— Pensei que a senhora fosse preferir viajar com conforto e não sentada em um banco ou cadeira de madeira. Um piquenique a aguarda quando chegar a hora.

— Comida também? Devem se perguntar por que o senhor se preocupa com aquela grande mansão atrás daquele muro. O senhor sempre enfeita o convés assim?

— Raramente. Vou lhe mostrar os aposentos lá embaixo, para

que possa ver como este barco não é nada luxuoso nas coisas que realmente importam.

Ela olhou para as velas enroladas.

— Não vamos navegar?

— Se o vento permitir. — Ele caminhou até o local de onde havia saído quando ela chegou. — Venha, vou lhe mostrar.

Ele estendeu a mão. Para descer as escadas íngremes e estreitas, ela precisava desse apoio. O calor da mão dele envolveu a sua. A conexão a desconcertou e enviou um tremor por seu corpo.

Ele não a soltou ao chegarem lá embaixo. Ela não conseguia pensar em nenhuma maneira de se desvencilhar sem fingir estar mais insultada do que realmente se sentia. Gostou da sensação da mão dele na sua. Achou o apoio firme, mas gentil, exigente, mas carinhoso.

Ele lhe mostrou uma pequena cozinha onde um cozinheiro preparava o almoço, e um lavabo que, ela suspeitava, era o verdadeiro propósito deste passeio. Foi atencioso da parte dele. Eles, então, se moveram entre duas paredes de armários até as profundezas do iate, em direção à proa. A passagem estreita terminava em uma câmara com cama, escrivaninha e mais armários.

Não havia marinheiros ali. Nem acompanhantes.

— Tudo parece mais luxuoso do que o senhor imagina. — Ela tentou fazer parecer como se não estivesse nada impressionada, como se aquela fosse uma visita ao Museu Britânico e estivesse vendo algum artefato exótico. — Não creio que a maioria dos capitães tenha camas tão grandes, cobertas com tantos travesseiros de seda.

— Esta não é do capitão.

Claro que não. Era do duque.

Ele ainda segurava a mão dela e agora a persuadia a se aproximar dele. Segurando-a, como se achasse que ela fosse fugir, ele puxou os laços do chapéu dela.

— A aba deste chapéu se tornará outra vela, assim que partirmos. A brisa o arruinará.

O desamarrar lento das fitas a perturbou. Parecia quase escandaloso que um homem removesse até mesmo esse pequeno item de seu conjunto, especialmente enquanto estavam naquela cabine. Sua

boca ficou seca devido à respiração rápida e superficial.

Ele levantou o chapéu boneca e o colocou sobre a mesa.

— Pensei que a senhora não fosse aceitar o passeio.

— Nós, modistas, devemos aproveitar qualquer entretenimento que surgir em nosso caminho.

Ele ignorou o tom malicioso.

— Achei que você pudesse estar com medo.

— Eu deveria estar?

Seus lábios pairaram sobre os dela.

— Sim, acho que sim.

Ele a beijou. Ela não se importou. Não resistiu. A sensação daquele beijo a aqueceu por completo. O beijo dele lhe deslumbrou? Ah, sim. Isso também. O beijo, o poder de seu corpo e energia, ao mesmo tempo a animou e reconfortou. Parecia bom e certo, embora, claro, não fosse nenhum dos dois.

Ele a puxou para um abraço, mas não para outro beijo. Selina apoiou a cabeça em seu paletó, sentindo os músculos de seu peito enquanto seus braços a rodeavam.

— É sua intenção me violar aqui? — Ela tentou parecer sofisticada, mas falhou miseravelmente.

— Nunca pensei em violar você. E decerto não aqui. — Seus lábios pressionaram o topo de sua cabeça. — No entanto, confesso que planejei uma maneira de beijá-la discretamente.

— Agradeço por isso.

Ele riu.

— Pelo quê? A descrição ou o beijo?

Ela sabia o que uma dama de nascimento responderia. Em vez disso, optou pela sinceridade:

— Por ambos.



Os remos os afastaram do cais. Assim que subiram o rio, ventou o suficiente para que usassem a vela. O capitão fez manobras em zigue-zague, conseguindo avançar em ritmo lento.

Barrowmore sentou-se no divã e a convenceu a sentar-se lá também. Eles observaram a costa passar devagar.

— O destino sorriu para mim, me dando este dia com você. Se tivesse chovido hoje e fizesse um dia lindo amanhã, eu teria ficado muito irritado.

— O senhor ainda poderia ter aproveitado o bom tempo amanhã.

— De jeito nenhum. Amanhã provarei meus trajes da coroação. Estimo que levará a tarde toda. Adiei a tarefa por mais tempo do que deveria, então deve ser concluída.

— Vai usar uma roupa especial e terá um papel específico a desempenhar?

— Fui poupado do pior, se estiver se referindo aos poucos sortudos que atuarão no ritual. — Ele abriu um sorriso preguiçoso. — O rei quis vestir todos eles como cortesãos da época do rei Henrique Tudor. Não lamentei ser privado da honra, se para cair nas graças dele for necessário usar peúga e braguilha.

Ela se inclinou para trás para observá-lo.

— Acho que ficaria esplêndido vestido assim. É uma pena que o mundo não verá.

— Tenho belas pernas, modéstia à parte. Que constrangedor para os homens que não têm. Ouvi dizer que eles estão se unindo em uma petição ao rei para que possam usar botas de cano alto, assim canelas fracas não serão exibidas.

— O rei certamente está providenciando uma coroação elaborada, se estiver vestindo seus vassalos à caráter.

— Mais elaborada que a de Napoleão. Muito mais do que a de seu próprio pai. Normalmente eu não criticaria, mas com o humor atual do país, este pode não ser o momento para gastar com tanta extravagância e de forma tão pública.

Ele ficou sério com essa observação. O duque nele assumiu, o homem cujo nascimento lhe dava voz nas questões do reino, e uma que até os reis ouviam. Era fácil esquecer, enquanto brincavam, que o manto que ele usaria simbolizava uma responsabilidade que ele certamente sentia.

— Talvez o rei queira enfatizar que a coroa ainda importa e

continuará a importar no futuro. Com toda a agitação, esta exibição enfatizará tal visão.

— Talvez. No entanto, creio que ele em grande parte deseja dar um grande espetáculo, um maior do que qualquer outro lembrado por qualquer pessoa. — Ele olhou para ela. — Ele não é um homem jovem, mas ainda há algo de menino nele.

— Se o senhor não for de Tudor, que vestes usará?

— As tradicionais, reservadas para coroações. *Ede & Ravenscroft* os fazem para nossa família. Eles retiraram do armazenamento as que foram usadas da última vez. Estavam bem cuidadas, mas fazia muito tempo que foram usadas. O duque anterior era muito mais baixo do que eu, e o pelo cheirava mal, então estão refazendo. — Ele gesticulou para o corpo. — O manto me envolve em veludo de seda vermelha e ostenta uma capa curta de arminho. É o mesmo para todos os pares. A única diferença está nos diademas e no número de manchas no arminho. A senhora lembrou a Edeline que peles são inadequadas para o verão, mas a tradição não conhece estação.

— Será impressionante, todos alinhados assim. — Ela podia imaginar. Conseguia *imaginá-lo*. Ela se juntaria à multidão do lado de fora para ter um vislumbre, decidiu.

— Também pode estar insuportavelmente quente em meados de julho. Esse será um dia em que farei uma prece por muitas nuvens e uma brisa excepcionalmente fresca.

— O senhor poderia até desejar estar usando aquela peúga. Seriam mais frescas do que calça de lã sob veludo e pele.

— Talvez eu use a peúga, de qualquer maneira. Então, quando estivermos em nosso lugar, posso abrir as vestes e deixar entrar um pouco de ar fresco. — Ele fingiu virar a ponta de um manto para frente e para trás como um leque.

Ela riu da expressão severamente digna que ele manteve enquanto fazia isso. Seus olhos desafiavam qualquer um a notar ou comentar suas irregularidades na indumentária.

Um lacaios trouxe-lhes vinho. Um muito bom, talvez o melhor que ela já provara.

Quando era menina, a família fazia piqueniques, levando uma

grande cesta de comida fria e bebidas simples para o campo, onde encontravam uma bela paisagem para contemplar. O piquenique do duque não foi nada disso. Na verdade, nem era um piquenique.

O cozinheiro preparou faisão em um molho e carne no outro, com legumes bem temperados e um interessante, mas peculiar, prato de arroz e passas. Sentaram-se à mesinha. Durante toda a refeição, a conversa alternou-se entre comentários sobre os pontos turísticos e conversas sobre a loja em que ela trabalhava e a família dele.

— Ela fugiu — ele disse sobre a irmã. — Não tenho ideia do porquê. Eu dificilmente me oporia a um conde.

— Talvez não tenha nada a ver com o senhor. Ela pode ter simplesmente decidido acabar logo com a situação.

— Espero que ela tenha recebido a união com mais entusiasmo do que isso.

— Eu quis dizer que, tendo encontrado o homem que queria, pode ter decidido ir ao cabo sem mais delongas.

— Acho que a senhora tem razão. A Charlotte não é... — Ele bebeu um pouco de vinho.

— Não é?

— Parei porque parece desleal, mas acho que entenderá que não foi a intenção. Não tem muito interesse nas coisas de que a maioria das mulheres gostam. Ela era um moleque quando criança e nunca veio a Londres para uma temporada depois da primeira. Eu tinha concluído que ela não queria se casar de jeito nenhum, mas então, para minha surpresa, recebi a carta em fevereiro me informando que ela tinha se unido ao conde.

— Ela voltou em algum momento?

— Logo depois. Ambos vieram pedir minha bênção e desculpas pelas núpcias precipitadas. Acho que foi ideia do conde. Eles ficaram duas semanas e depois voltaram para as Terras Altas, onde espero que saiam diariamente para contar ovelhas com o kilt dele balançando pela sela.

Ela tomou um gole de vinho, observando-o. Ele falava sem rodeios com ela, mais do que esperava que o fizesse.

— Creio que sente falta dela.

Ele a olhou nos olhos.

— Partilho da mesma opinião. Agora, me conte sobre sua vida e seus amigos, e se ainda tem notícias de sua família.

Selina não esperava que ele perguntasse nada disso. Ele acabara de revelar mais do que ela esperava. Dificilmente poderia se fechar em sua própria concha.

Escolheu responder a parte mais difícil primeiro.

— Tenho notícias da minha mãe de vez em quando. Ela escreve uma longa carta quando tem tempo e privacidade, e me conta sobre minha família e a aldeia. — Não acrescentou que às vezes a mãe também mandava dinheiro, possivelmente por culpa. Ela não gostara de sua partida, mas também não dissera as palavras que pudessem impedir a situação. Não havia declarado ao mundo que nenhuma fofoca afastaria sua filha. Em meio ao rio de lágrimas na despedida, houve uma forte corrente de alívio.

— Convidei-a e ao meu pai para virem a Londres para a coroação. Podemos assistir às procissões e participar nas festividades nas ruas e praças. No entanto, creio que não virão.

— Se vierem, deve me avisar. Vou garantir que eles não tenham que assistir ao evento em meio à multidão.

Ela se perguntou o que a mãe pensaria se um duque, e ainda por cima esse duque em particular, concedesse tal presente à sua filha. Suspeita não começava a descrever a maneira como a mãe veria as coisas. Mas... ela se importaria? Ela não a avisara sobre Giles. Só depois os perigos foram discriminados.

— Quem está no seu círculo de amigos? — ele perguntou enquanto acenava para o laçaio que trazia mais vinho.

— Não sou londrina, por isso não tenho círculos propriamente ditos.

— Mesmo assim, deve ter amigos. — Ele abriu um sorriso encantador. — Além de mim, claro.

— Suponho que minha melhor amiga seja Felicity, que agora administra a loja, embora não ache que ela me veja da mesma forma. Estou em dívida com ela, e isso afeta a amizade. Ela não é muito mais velha, então temos muito em comum e passamos muito tempo juntas.

— Por que está em dívida?

— Quando vim para Londres, tinha uns poucos xelins, uma mala e nada mais, exceto algumas gravuras de moda que havia desenhado. Fui procurar trabalho como costureira. Encontrei a Madame Follette's com facilidade, porque a entrada da loja é pela rua e não por uma escada. Eu não tinha referências, nem muita história para contar. Tudo que eu tinha eram aquelas gravuras e algumas peças que criei e costurei para mim mesma. A mãe de Felicity não estava disposta a me aceitar, mas Felicity a convenceu

— É compreensível que seja leal a ela. Fica ainda mais claro o motivo pelo qual aceitou as encomendas de Edeline.

Agora, eles se aproximaram do assunto Giles e da história dela com ele. Barrowmore evitou isso o dia todo. Quando falou de sua família, mencionou a harpia da tia-avó e um tio de quem gostava. Ele falara da irmã. Giles, no entanto, foi ignorado.

— Acho que a lealdade é uma coisa boa quando bem colocada. Não é? — ela perguntou.

— Claro. Também acho que é rara. As pessoas são rápidas em racionalizar quando lhes convém e, muitas vezes, isso requer algum sacrifício que é visto como um preço muito alto.

— Como duque, deve saber mais sobre isso do que eu.

— Você fala de minhas obrigações para com a coroa e o país. Essas lealdades não são tão diferentes daquilo que se espera de qualquer cidadão. As lealdades pessoais, de pessoa para pessoa, são as que desenvolvem os verdadeiros dilemas morais.

Terminada a refeição, eles voltaram para o divã. Como se pegasse uma deixa, o barco fez uma curva longa e preguiçosa para voltar pelo caminho por onde viera. Selina observou a água e as margens do rio deslizarem ao seu redor formando um amplo arco. O olhar pousou no homem sentado ao seu lado.

Ele olhava para ela, não para a vista. Seus olhares se encontraram em uma conexão nítida. Os olhos dele refletiam o bom humor do dia, mas também fitavam os dela a tal ponto que Selina se viu fascinada. Parecia que eles passaram muito tempo assim. Então ele estendeu a mão e puxou-a para si. E a encontrou no meio do caminho

com um beijo.

Ela se entregou às sensações maravilhosas que aquele beijo evocava. Excitação, paz e prazer, tudo combinado para criar uma alegria especial. Ela se tornou livre, jovem e muito viva. E bonita. Mais bonita do que se sentia há anos.

O beijo não chegou a terminar. Continuou indefinidamente, primeiro cuidadoso e sedutor, depois mais profundo e exigente, então invasivo e deliciosamente chocante. Ela parou de se preocupar com onde estavam. As emoções tomaram conta de seu corpo e um desejo crescente obscureceu seus pensamentos.

O duque a levantou e a puxou para mais perto, bem ao lado dele, para que seus quadris se encostassem. Não a soltou, mas a envolveu em um abraço que permitiu que o beijo se movesse para seu pescoço e orelha, para seu ombro e peito.

Selina aceitou com mais entusiasmo do que deveria. Descansou os braços em volta dos ombros dele. Saboreou cada evidência das mudanças em seu corpo e da fome que ambas refletiam e incitavam. A paixão crescente não a assustava, mas ela a reconheceu muito bem em seus beijos e carícias firmes, na tensão que sentia em seu corpo e na maneira como ele forçava o controle. Estava fascinada demais para se preocupar com o que isso poderia significar ou onde poderia levar.

Então, a carícia dele mudou para seu seio e de repente ela não teve escolha senão pensar no que acontecia. Não que contemplasse o perigo com clareza. O prazer daquela carícia argumentou vigorosamente que deveria deixar de lado todas as precauções, entregar-se com abandono e avaliar a situação outro dia.

A falta de resistência dificilmente o dissuadiu. Nem os suspiros felizes que escaparam quando, apesar das roupas dela, ele acariciou os pontos certos. Os prazeres mais tentadores desceram em espiral por seu âmago e provocaram sua feminilidade.

Ele parou de beijá-la. Apoiou a testa na dela, o rosto o mais próximo possível, a respiração profunda e irregular. A mão dele permaneceu em seu corpo, a palma na barriga e os dedos circulando lentamente e tocando seu seio.

O homem perdeu qualquer batalha interna que travou. De forma

abrupta, ele se levantou e puxou-a para seus braços. Segurou a mão dela e a conduziu até as escadas.

— Venha comigo.

Ela tropeçou atrás dele. Algum bom senso encontrou um lugar em sua cabeça quando ele a levou lá para baixo. Mais consolidado quando ele fechou a porta da cabine e a abraçou novamente. A maneira como ele a acariciava, a forma como o desejo mútuo se manifestava em beijos quentes e abraços, não a ajudou em nada a encontrar as palavras para expressar as coisas que deveria dizer.

Somente quando a mão dele pousou entre seus seios e começou a desabotoar o vestido é que suas dúvidas surgiram com força. Ela olhou para aqueles dedos masculinos abrindo seu vestido.

— Pensei que você tivesse dito que não pretendia me violar.

— Não. — Ele falou em seu ouvido antes de a devastar com a língua. — Aqui não, eu disse. Ainda não.

Ainda não.

Um sorriso lento se formou no rosto dele.

— Você está completamente segura. Prometo que só quero senti-la e vê-la.

Talvez, se ela já não estivesse perto do êxtase, ou se tivesse feito suas escolhas antes, antes que o prazer a influenciasse, ou se estar despida não fosse tão insuportavelmente excitante, teria duvidado da promessa dele, como uma pequena parte de sua consciência disse. A verdade, ela bem sabia, era que não queria dizer não a ele porque seria como dizer não a si mesma. Estava bom demais para parar. Ele a enfeitiçara, e ela adorou estar lá.

Os dedos dele pararam, como se esperasse que ela fizesse uma escolha. Selina olhou para cima e encontrou o olhar dele. Ela só conseguia retribuir o gesto, indefesa.

Ele a abraçou com força, puxou-a para perto e a ergueu para um beijo que não a poupou em nada. E logo estavam na cama, entrelaçados e febris.

Rand a soltou e tirou o paletó. Então voltou a atenção para aqueles botões.

Selina mal conseguia respirar. O vestido foi aberto lentamente.

Desejo e expectativa a deixaram inebriada. A visão ficou turva. Ele desceu o vestido pelos braços dela com mais facilidade do que ela imaginou. Os ombros de sua combinação o seguiram. Ele beijou os seios acima do espartilho curto.

— Você é uma mulher linda. Quero ver toda a sua beleza, mas vou me contentar com isso. — Ele puxou o laço que amarrava o espartilho.

A cada puxão, a peça se afrouxava mais. Ela fechou os olhos para disfarçar o que isso lhe causara.

O espartilho se abriu. Por um momento, nada aconteceu. Ela deu uma olhada e a visão dele a devastou ainda mais. Cabelos escuros despenteados, expressão firme e olhos cristalinos, ele olhou para o seu corpo, depois para o rosto. Um tremor muito parecido com medo a percorreu, mas a afetou de uma forma que o medo nunca fez.

Com cuidado, ele abaixou as alças da combinação e revelou seu corpo até a cintura. O duque semicerrou os olhos, e as pontas dos dedos acariciaram as laterais de seus seios.

— Linda. Perfeita.

Seus seios se firmaram e doeram sob suas carícias. O cabelo macio roçou seu rosto quando ele inclinou a cabeça. Beijos suaves enalteciam seu corpo e a levavam à loucura. A boca se moveu para as extremidades e começou um ataque suave com lábios e dentes que elevou sua paixão até que ela ficou tonta de prazer.

Ficou enlouquecida, insana de necessidade, o corpo estava vivo, esperando e gritando de impaciência por mais. Agarrou os ombros dele e a mente implorou que ele esquecesse a promessa e fosse um patife, porque ela morreria se fosse deixada assim.

Ele ouviu os pensamentos dela? Ela os pronunciou em voz alta? O duque a reivindicou em um beijo devorador e dominador que falava de uma decisão de terminar aquilo da maneira que a natureza pretendia. Selina retribuiu o beijo, incitando, triunfante, arqueando o corpo sob o dele. A vulva pulsava com desejos que ela não achava possível conhecer.

Decerto ele levantaria sua saia ou a tiraria. Era óbvio que o desconhecido que acenava de forma tão enlouquecedora e física seria

revelado.

Mas ele interrompeu o beijo. A mão parou de provocá-la e, em vez disso, deslizou para baixo em uma carícia completa. Com os olhos fechados, respirando com dificuldade, ele encostou a testa na sua.

Quase gritou com ele. Por um momento insano, não conseguiu conter sua profunda frustração. Como se soubesse, ele lhe deu o mais suave dos beijos. Uma garantia.

— Agora, não — ele disse, acalmando-a. — Aqui, não.

Ela existiu em um lugar sobrenatural onde sua consciência era preenchida apenas com os dois, com prazeres físicos e anseios. Enquanto ele se arrumava e a loucura dela recuava, o mundo real apareceu. Uma cabine em um barco, com homens abaixo e acima. *Agora não. Certamente não aqui.*

O duque virou de costas, trazendo-a para mais perto de modo que Selina se alinhasse ao seu lado e ele ainda a abraçasse. Ela encostou o rosto e as pontas dos dedos no requintado brocado de seu colete e não fez nada para perturbar a paz serena que havia surgido.

O que eles fizeram, o que ela permitiu, não poderia ser ignorado. Mesmo agora, ela permanecia seminua, um estado que a cada momento parecia mais escandaloso. Uma coisa era estar assim no calor da paixão, e outra era permanecer assim depois. A maneira como sua nudez permanecia à vista, a maneira como ele a segurava com aquele braço possessivo, implicava que agora ele tinha direito a isso.

Ela não conseguia se preocupar muito com o fato. Não naquele momento.

A verdade era que ela se sentia protegida, não usada; lisonjeada, não insultada. Saboreou a proximidade, o calor, a força que a tornava pequena e vulnerável. O medo não resistia à intimidade que a encharcava.

Abraçou as emoções, manteve-as perto e quase chorou porque, pela primeira vez em anos, não se sentia totalmente sozinha.



A luz brilhante de repente entrou pela pequena janela. Rand saiu

do relaxamento sonolento que desfrutava. Encolhida ao lado dele, com o rosto em seu peito, Selina não se moveu. Ela também não dormiu. Ele podia ver seus cílios levantados. Perguntou-se o que ela olhava.

A janela talvez. O sol havia baixado o suficiente para entrar lá. O anoitecer poderia estar a apenas uma hora de distância. O balanço do barco indicava movimentos lentos. O capitão estava demorando deliberadamente, para que Sua Graça pudesse se divertir o quanto quisesse.

Mesmo assim, precisariam atracar em breve.

Ele beijou o topo da cabeça de Selina e depois se desvencilhou dela. Levantou-se da cama e pegou o casaco.

— Vou deixá-la... — Ele se virou e olhou para ela deitada ali, com os lindos seios ainda nus e as roupas desarrumadas. — Você precisa de ajuda para se vestir?

Ela se sentou, dando-lhe outra visão de seu corpo.

— Faço isso por conta própria todos os dias. É a razão para minhas roupas serem tão fáceis de remover.

Ele sorriu e fez uma pequena reverência.

— Vou esperar lá fora.

Selina se virou para se esticar e pegar o espartilho. Ele observou por tempo o suficiente para admirar a linha sinuosa que seu braço e lateral faziam enquanto ela se movia, então saiu e fechou a porta.

Uma vez lá, os pensamentos que vagavam por sua mente se fundiram. Meras reflexões não serviriam mais.

Não conseguia se lembrar de ter tido uma mulher assim, na cama e com tal abandono, apaixonadamente envolvida e quase implorando por mais, e recuado. Mas fizera aquilo há pouco.

Não tinha certeza do porquê. Talvez porque suspeitasse que se tivesse ido mais longe, se a tivesse tomado, Selina evitaria voltar a estar na sua presença.

Não era um rapaz. Tinha mais de trinta anos e sabia como as coisas funcionavam. Tivera amantes e casos de amor. Os últimos com mulheres ou inatingíveis ou inadequadas. Os primeiros com mulheres que estiveram com homens antes dele e ainda estariam com outros depois, e na maior parte das vezes sua fascinação por elas era questão

de desejo e nada mais.

Selina não se enquadrava em nenhuma das categorias. O que quer que tivesse acontecido quatro anos antes, e apesar da declaração de ter se casado, ele não achava que houvesse outros homens além daquele. Decerto ela não vivia como se uma série de protetores aparecesse com presentes caros nas mãos.

Se ela havia evitado aquela vida, quem era ele para atraí-la agora para ela?

Quanto à outra, ela certamente era inadequada. Mesmo Selina Duval, filha de uma família nobre sem grande fortuna, teria sido um péssimo partido para um duque. Selina Fontaine, mulher de história incerta e modista, definitivamente seria.

Balançou a cabeça e riu de si mesmo. Ele a queria. Amaldiçoou-se em alto e bom som, mesmo quando tomou o nobre caminho naquele dia. Queria beijar cada centímetro dela e tê-la de todas as maneiras imagináveis. Ainda queria.

No entanto, também gostava da companhia da mulher. Ela o divertia com seu humor tranquilo e o impressionara com sua compostura. Vinha de dentro, o que era raro. Derivava de sua própria confiança em conhecer a si mesma, e não da aprovação de qualquer outra pessoa.

Supunha, agora que pensava no assunto, que aquele havia sido outro motivo para sua retirada. Não queria que esse dia, e o prazer que ele lhe proporcionara, fosse visto por ela apenas como um prelúdio para a sedução.

A porta se abriu e ela saiu, arrumada como sempre. Carregava o chapéu, que ele havia retirado horas atrás. Parecia adorável nas sombras do corredor. Luminosa e, a seus olhos, bastante feliz.

Ele a beijou, depois ofereceu a mão e a conduziu até o convés.

Londres os cercou. O barco se movia em círculos. Os remos mergulhavam na água. A vela estava abaixada. Atrás deles, o sol ia baixo e laranja no céu, preparando-se para se pôr.

— Está tarde — ela disse, encostada na mureta, observando a cidade. — Não percebi como o prazer poderia fazer o tempo voar, ou parar... ou o que quer que tenha acontecido. — Ela olhou em sua

direção com um sorriso travesso.

Esse sorriso o animou de uma forma ridícula. Não queria que ela se preocupasse, que se arrependesse ou qualquer uma dessas coisas que as mulheres foram ensinadas a sentir depois de tal encontro.

Ele passou o braço ao redor dela e, juntos, observaram o barco fazer sua curva final.

— Já estamos fora há tanto tempo que eu deveria ter servido o jantar para você também.

— Não estou com fome. Acho que também não estarei por várias horas. Foi um dia lindo.

— Estou aliviado por você pensar assim.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Não há como dizer o que pensarei amanhã, é claro.

— A mesma coisa, espero.

— Estou contando com isso.

O barco deslizou para seu lugar no cais. A carruagem esperava para levar Selina para casa.

— Selina, preciso dizer...

Ela colocou as pontas dos dedos em seus lábios.

— Não fale. Não agora. Não aqui. Talvez nunca.

Ela juntou a saia. Ele a entregou ao lacaios que a esperava para acompanhá-la até a carruagem. No fim da passarela, ela se virou e acenou. Depois que a porta da carruagem se fechou, ela colocou o rosto na janela e mandou um beijo na direção dele.

Capítulo oito

Selina acordou em uma manhã sombria, chuvosa e cheia de neblina. Foi até a porta para pegar o balde de água que a criada providenciava todos os dias ao amanhecer. Dentro dele, com o caule submerso, havia um botão de rosa branca.

Sabia quem tinha enviado. Ou talvez até mesmo entregueado pessoalmente. O gesto a comoveu.

Devia ter chegado muito recentemente, se encontrou a água ali. Correu até a janela para ver se alguma carruagem acabara de partir.

Colocou a rosa na penteadeira enquanto usava a água. Uma flor de estufa, com certeza, mas fresca e encantadora. O duque devia ter enviado um criado ao mercado de flores antes do amanhecer para comprá-la. Talvez tivesse organizado tudo na noite anterior. Ela duvidava de que ele tivesse se levantado para cuidar de tais assuntos.

Não tentou sufocar a alegria que a rosa lhe proporcionou. Retornou para casa ontem em um torpor sensual, flutuando em um mundo que se recusava a parecer real. Ao se deitar, supôs que a manhã traria pensamentos e reações diferentes ao que viveu no barco. Mas assim que abriu os olhos soube que, embora uma boa noite de sono tivesse colocado seu mundo de volta aos eixos, não trouxera arrependimentos.

Vestida e pronta, foi para a loja. Já estava movimentada. Como não tinha clientes marcadas para aquele dia, se juntou a Alice e Sally, suas duas costureiras aprendizes, na sala de trabalho no andar de cima, e ajudou com o vestido.

Uma hora depois, Felicity abriu a porta e pediu que ela saísse.

— Isto chegou para você. — Felicity entregou uma carta de lady Giles.

Selina a abriu.

— Ela solicita que a prova marcada para amanhã seja feita hoje, e em seus aposentos, em Manard House.

— Ela é mimada. Você tem que recusar, embora eu deteste contrariar uma cliente desse calibre. No entanto, temos muito o que fazer hoje, e não podemos dispensá-la por toda a tarde.

— Talvez se eu responder dizendo que só posso ir ao final da tarde, ela fique satisfeita, e eu não passe horas fora daqui. Posso começar de novo às quatro. Tenho certeza de que qualquer evento social que ela planejou para esta noite não começará até muito mais tarde.

— Se você não se importa de estender o seu dia até esse horário, é uma solução. No entanto, não gosto de pensar que você vai sair daqui e ficar atendendo aquela criança até o cair da noite. Vai ficar doente se isso virar um hábito.

— Vou explicar gentilmente para ela que não posso mudar os planos a seu bel prazer, e que ela realmente precisa nos visitar para futuras provas.

Felicity fez um ruído indelicado e deu um olhar que mostrava que duvidava muito que seu plano fosse dar certo.

Para compensar as horas que estaria ausente da loja, Selina se inclinou sobre as agulhas o dia todo e encurtou a caminhada do meio-dia que costumava fazer para se refrescar. Às três e meia, começou a juntar os vestidos e materiais de que precisaria para ir atender lady Giles.

— Eu a levarei, mas teremos que ir por outro caminho — o cocheiro disse quando soube que ela ia para Mayfair. — Está acontecendo algo ruim no extremo oeste da Piccadilly. Pessoas se reunindo e gritando. Pode piorar à medida que o dia de trabalho termina.

As manifestações se tornaram parte da vida em Londres. Não apenas os radicais e os reformistas levantavam vozes e punhos em público, por vezes, aqueles que se opunham à mudança também o faziam. Normalmente, nada disso a incomodava, a não ser por criar uma corrente de instabilidade em seu mundo.

“Ir por outro caminho” significava que levou quase uma hora

para chegar a Manard House. Desta vez, um criado a esperava do lado de fora do portão do jardim. Ele acenou para o cocheiro seguir em frente, dizendo-lhe para usar a porta principal.

— Deve ter algo errado aqui atrás — o cocheiro falou para ela. — Bem, se insistem que eu leve uma criada até a porta principal, assim o farei.

Lady Giles havia alertado a casa sobre a visita. Os criados esperavam para levar os vestidos e as caixas. Um deles acompanhou Selina, oferecendo o braço enquanto subiam as escadas.

— O duque deixou bem claro que a senhora pode usar qualquer almofada que escolher — ele disse ao bater na porta dos aposentos de lady Giles.

Barrowmore sabia que ela iria, o que explicava a recepção diferente que recebeu. Também explicava a diferença de tratamento que teve da criada de Edeline, Françoise. A mulher de rosto sombrio imediatamente colocou um círculo de almofadas no chão.

Edeline não parecia feliz com as alterações no tratamento de sua modista. Ela não disse uma palavra sobre o assunto, mas ao longo das três horas de provas, não sorriu nem conversou. Às vezes, olhava para Selina com desdém. A modista se perguntou se de alguma forma Edeline havia descoberto sobre o barco.

— Pode ir. — A dispensa brusca soou assim que Françoise a ajudou a tirar o último vestido.

Edeline recuou para o outro cômodo, e Selina embalou tudo. Françoise também empacotou coisas. Ela retirou itens de gavetas e guarda-roupas e os colocou em um baú. Depois, acomodou um vestido de baile no divã.

— Milady está indo viajar? — Selina perguntou.

— Ela vai a um baile esta noite, mas ficará na casa de uma amiga depois. — Françoise falou enquanto examinava os enfeites do vestido em busca de fios soltos ou danos. Ela olhou feio para Selina. Sua expressão refletia sua opinião sobre uma modista perguntar sobre coisas que não eram da sua conta.

Lacaios esperavam do lado de fora. Eles pegaram as caixas e os vestidos, e Selina começou a longa jornada para casa. Julgou que já

passava das oito. O corpo doía pelo trabalho do dia. Mesmo almofadas de seda não impediam que seus joelhos se rebelassem. Chegaria em casa no escuro, em aposentos bem frios. Supôs que não teria tempo para uma refeição decente antes de ir para a cama.

Enquanto ela e os criados desciam para o saguão, um burburinho de conversa chegou até eles. Ela olhou para baixo e viu o mordomo conversar com um cavaleiro. O mordomo falou com outro criado, saiu marchando e desapareceu.

Quando chegou à entrada, aquele criado puxou de lado um dos lacaios que acompanhavam e sussurrou algo. O jovem voltou até ela.

— Parece que há algum problema na cidade. Está se espalhando um pouco para o oeste. Não afetará Mayfair, mas viajar para leste daqui pode ser difícil.

— Tenho certeza de que o cocheiro de uma carruagem de aluguel pode encontrar um caminho alternativo.

— Fui orientado a pedir que a senhora espere aqui enquanto decidimos o que fazer. — Ele colocou as caixas no chão. O outro criado pendurou os vestidos cobertos sobre uma cadeira. Selina se sentou em um banco.

Uma porta se abriu e o mordomo apareceu. O duque estava com ele.

— Sra. Fontaine. É lamentável que tenham pedido que viesse hoje — Barrowmore disse. — A cidade está agitada e, com o cair da noite, as multidões estão ficando mais densas e se espalhando. Para sua segurança, é melhor que não tente ir para casa.

— Agradeço a preocupação de Vossa Graça, mas tenho certeza de que estarei segura o suficiente.

— Segura o suficiente não é satisfatório. Apenas muito segura é. Se insistir em tal temeridade, terei que levá-la em minha carruagem. Não posso repassar a um cocheiro, que está mais preocupado com o próprio veículo que com a sua vida, a responsabilidade que tenho para com a senhora.

Ela imaginou o cocheiro dele seguindo pelas ruas emparelhado com essas pessoas. Duvidava que estivessem com disposição para se curvar diante de um duque esta noite.

Barrowmore se aproximou. Ou então os criados recuaram. Eles dois estavam essencialmente sozinhos quando ele voltou a falar:

— Devo insistir que fique aqui, como nossa convidada. A governanta cuidará do seu conforto.

Toda vez que lidava com esse homem precisava fazer uma série de escolhas. Suspeitava que agora enfrentaria a maior delas. Deveria insistir para que chamassem a carruagem de aluguel.

Vê-lo trouxe de volta lembranças vívidas do dia anterior, dos cabelos macios em seu rosto e dos beijos calorosos em seus seios. De uma intimidade que encharcava a alma e que agora lhe tornava muito familiar aquele homem austero e orgulhoso. *Muito* familiar. Arriscou-se a ir mais fundo.

— Não seria sensato eu permanecer aqui — ela falou.

— Não confia em mim?

— Não.

— Muito inteligente de sua parte. Prometo, no entanto, que não há nenhuma conspiração nefasta em andamento. Não providencie para que milhares de cidadãos bloqueassem as ruas para que eu pudesse mantê-la aqui.

Ela teve que rir, mas lhe ocorreu que se um duque quisesse fazer tais arranjos, provavelmente poderia.

— Pode não ter planejado nada, mas o resultado ainda é perigoso.

— Nem tanto. Depois de ontem, sabe que posso ser moderado quando quiser.

Ela sentiu o rosto esquentar, porque não havia demonstrado nenhuma restrição, e ambos sabiam disso. Quem era ela para agir como se ele planejasse um ataque à sua virtude, quando tudo o que ele fez foi garantir que ela permanecesse segura?

— Estou grata pela oferta. Tenho certeza de que a governanta cuidará bem de mim.

— Vou deixá-la a cargo dela, então. Depois que ela a acomodar, você se junta a mim para jantar?

— Não vai levar lady Giles ao baile?

— Não a este, estou aliviado em dizer. Ela estará com as amigas

solteiras esta noite e em segurança.

Ela deveria alegar exaustão e pedir que o jantar lhe fosse enviado. Definitivamente. Com certeza.

— Ficarei honrada em jantar com você.

A governanta apareceu do nada. Os lacaios pegaram suas coisas. Todos voltaram a subir os degraus. Selina olhou para trás. Barrowmore estava lá parado, olhando para cima, observando.



— Barrowmore.

Enquanto observava as chamas da lareira e contemplava a sabedoria de seduzir a sra. Fontaine aquela noite, uma voz feminina jovem e petulante o chamou, atraindo sua atenção. Ele olhou para cima. Na verdade, não contemplava nada. Traçava apenas a forma como levar aquilo a cabo.

— Gostaria de falar com você — Edeline disse.

Ele se levantou e a encarou. Ela se vestira para o baile e flutuava pela biblioteca em sua névoa de luxo. Com a cabeça erguida e o nariz empinado, ela o observava de forma mais imperiosa do que sua idade ou circunstâncias permitiam.

— Diga o que veio dizer — ele falou.

— Não gosto do modo como está tratando a sra. Fontaine.

— Talvez devesse ser clara em suas objeções — ele falou, com cuidado.

— Enviar ordens para que ela use minhas almofadas de seda, por exemplo. Não gostei nada disso.

— Entendo.

— Agora me dizem que ela vai ficar aqui como convidada. Isso não é decente.

Ele não estava com disposição para ser repreendido por essa menina, especialmente sobre o que ele fazia em sua própria casa.

— Tê-la envolvida em um tumulto por causa de suas exigências é menos decente ainda.

— Haverá mal-entendidos se ela ficar aqui.

— Você não deveria se preocupar com isso. Estou fazendo o que qualquer cavalheiro faria em tais circunstâncias. Ninguém vai presumir que...

— Mas vão. Já presumem. O mundo inteiro já presume.

O mundo de Edeline consistia em cerca de trezentas pessoas. Mesmo assim...

— Não consigo imaginar por quê. — Ele tinha sido muito discreto. Nenhum dos criados naquele barco diria uma palavra, não importa o que tivessem suposto. Nem qualquer um dos que estavam na casa.

— Ela foi ao teatro conosco. Já foi o suficiente. Agora ela vai ficar nesta casa, como convidada. Todos pensam que fiz dela uma amiga, Barrowmore. Todos.

Ah, claro. Ele deveria ter sabido que Edeline só notaria se o assunto a envolvesse.

— Como se eu permitisse tal familiaridade com uma inferior — ela continuou. — É humilhante ter esse tipo de fofoca espalhada sobre mim, e você é quem a causou. Agora está alimentando o fogo.

Uma onda de raiva lhe subiu por causa da maneira como ela falou de Selina.

— A sra. Fontaine é filha de um cavalheiro. Talvez seus amigos não saibam disso. Você deveria explicar, se algo mais for dito.

— Ela pode ter nascido como tal, mas agora é uma costureira. *Minha* costureira. Ela não deveria estar passeando pelos meus jardins ou conversando com um duque, assim como nenhum outro criado deveria fazer. — Ela fez beicinho. Sua infelicidade transformou sua voz em um gemido.

Ele nunca gostou desse tipo de coisa. Detestava mulheres adultas que faziam manha. Ambas as coisas o enfureciam. Selina nunca fazia beicinho.

— Acontece que os jardins são *meus*, e eu decidirei com quem converso. Aqui está a solução. Se alguém disser algo, explique que ela não é sua amiga, mas minha.

— *Sua*? Como se alguém fosse acreditar. — Bufando, ela se virou e foi em direção à porta. — Se ela continuar com esse comportamento

atrevido, vou ter que encerrar minha encomenda.

Você não vai fazer nada disso. Ele se conteve antes de lançar essa, mas a réplica irrompeu nele com uma fúria gélida. Como essa criança mimada e inconsequente ousava olhar de cima para Selina? Edeline deveria rezar para, após viver a vida inteira, possuir um quarto do refinamento de Selina.

Um criado entrou na biblioteca. Carregava o que parecia ser uma carta grossa. Ele se retirou tão logo a entregou.

Rand abriu, mas sabia o que continha. Só esperava aquilo para o dia seguinte. Era bom que o tivesse em mãos naquele momento, porque parecia que o destino estava conspirando. Se a favor ou contra ele, não sabia.



— Acho que você já ouviu essas histórias antes — Barrowmore fez a observação perto do fim do jantar. Ele a entretivera com histórias sobre as extravagâncias da alta sociedade nesta temporada, e não hesitou em compartilhar os boatos que iniciavam os episódios mais dramáticos.

— Nossas damas têm um jeito de tagarelar enquanto fazemos as provas — ela disse. — Ouvimos muitas coisas que não deveríamos. No entanto, nenhuma de suas histórias foi contada por elas. Tudo o que falam é sobre a coroação.

— Você quer dizer a princesa Caroline.

Ela assentiu.

— Todos têm opiniões sobre o assunto.

— Elas são simpáticas, suponho.

— Nem todas. Mas não acho que importe para elas o que acreditam que deva acontecer. Estão ocupadas demais especulando sobre o que poderia acontecer.

O tópico silenciou o duque.

— É um emaranhado, e ninguém sairá melhor disso. Foi uma união infeliz desde o início. Não surpreende, já que ele foi obrigado a se casar com ela por razões diplomáticas. Ainda assim, é o destino dos

príncipes. Da maioria de nós. Se há alguém que sabe como seria, esse alguém é um príncipe herdeiro.

— Você não apoiou a tentativa de divórcio dele?

— Não. Ah, o comportamento dela foi indiscreto, até escandaloso, mas o dele também foi. Apoiei que continuassem separados, e ainda apoio. Ele não a coroará como sua rainha. Ele não a terá presente quando for coroado.

— Decerto ele não vai trancar as portas da catedral

— Acho que o fará. Literalmente.

— Não admira que nossas damas estejam tão expectantes.

— Será o melhor espetáculo do ano — ele disse com sarcasmo.

— Nenhuma mulher merece tamanha humilhação, não importa o que tenha feito.

Selina bebeu o último gole de seu vinho. A refeição havia terminado e a mesa estava limpa, era hora de se retirar. Porém, ela tinha se divertido. Ficar ali juntos, em uma das extremidades da longa mesa de jantar, permitia que ela ignorasse que em outra noite cinquenta outras pessoas também poderiam estar presentes. Ouvir Barrowmore contar histórias, e ele as contava muito bem, havia aumentado a informalidade do momento.

Ela gostava desse homem. Não apenas o achava bonito e magnético, mas também amigável e muito humano quando abandonava sua aura ducal. O Barrowmore público poderia fazê-la tremer, mas o privado a fazia sorrir.

Não, não era verdade. O privado a fazia tremer também, mas não por reverência à sua posição. Ela passara as últimas duas horas tremendo enquanto ele a olhava. E estava fazendo isso agora mesmo.

— Agradeço o convite para o jantar. — Ela se levantou. — Com sua licença, vou me retirar agora.

— Ainda não. — Ele também se levantou. — Venha comigo. Tenho algo para lhe mostrar.



Ele a levou até a escadaria central e subiram para a biblioteca.

Com dois andares de altura, o cômodo tinha um balcão que circundava a parte de cima, acessível pelas escadas que ficavam em uma de suas extremidades. Belos móveis de madeira e tecidos suntuosos conseguiam domar a grandiosidade do enorme espaço.

Ele a fez se sentar em um divã e depois pegou algo em uma mesa.

— Isso é para você. Fiz o arranjo há vários dias. Quero que fique com você.

Ela pegou o pacote grosso.

— O que é?

Ele se sentou ao lado dela.

— Tenho tentado encontrar a palavra certa para o que é. Minha dificuldade em fazê-lo é porque quero que você fique com ele agora.

— Agora, como em não antes e não depois?

— Não antes, porque eu não pensei nisso antes. Não depois, porque talvez mais tarde todas as palavras adequadas para explicar ganhem significados que não são a minha intenção. — Ele segurou a mão dela. — Não é uma compensação, veja bem. Também não é um suborno. Nem um presente. Suponho que seja justiça.

— Justiça. Meu Deus. — Ela desdobrou o pergaminho e encontrou um documento cheio de palavras e selos. Franziu os olhos para a escrita rebuscada e tentou entender. Levou um tempo para compreender as implicações. O conteúdo a deixou quase sem palavras.

— Está me dando aquela casa senhorial perto do meu vilarejo?

— Não está vinculada e quase nunca é usada. Se você algum dia você voltar, poderá viver lá. Se nunca o fizer, ainda pode se beneficiar com os aluguéis e a renda. Não é uma propriedade grande, mas é habitável.

— Não posso aceitar.

— Está feito. É sua. É o que todos esses selos e assinaturas significam.

— Nunca poderei viver lá. Isso não muda a razão para eu ter partido.

— Provavelmente muda mais do que pensa. No entanto, venda se não a quiser. Um plano melhor é enviar esse documento para seu pai e

pedir a ele que gerencie a propriedade para você. Por ser proprietário de terras, ele saberá o que fazer.

Ela olhou para o documento. Não um presente nem um suborno.

— Justiça, você chamou. Pelo quê?

Ele pegou o pergaminho e começou a dobrá-lo de volta em seu pacote retangular.

— Pela negligência de minha família quando você era mais jovem. Por você ter tido que deixar sua casa. Pelas horas que passa de joelhos ajustando vestidos. — Ele colocou o pergaminho de lado. — E, se for sincero, por minha falta de força em resistir ao meu desejo por você.

— Pensei que você demonstrou uma força impressionante ontem.

— Não estou me referindo a ontem, Selina.

Ela nunca poderia alegar que não foi avisada. Não que precisasse que fosse colocado em palavras. O ar estalava com paixão inquieta. Mas ele falava como se o ato já estivesse consumado. Como se ambos soubessem o que aconteceria.

— Não estou procurando um protetor — ela disse. — Mesmo com carta-branca. — Ela teve que sorrir quando disse isso, pois se lembrou do pequeno mal-entendido que os colocou naquela posição.

— Admito que gostaria de cuidar de você e garantir sua segurança. No entanto, se não quiser, aceitarei o que você permitir. Terá que me permitir dar-lhe alguns presentes, no entanto. Amantes fazem isso.

Amantes. Não era a mesma coisa que ser cortesã. O que tinha em comum com esse papel era a falta de permanência em um relacionamento com um duque. Não se permitiria abrigar ilusões ou sonhos quanto a isso. Ele se casaria um dia, talvez em breve, e, quando o fizesse, o que quer que compartilhassem acabaria.

Ela o desejava tanto quanto ele a desejava. Só o fato de estar sentada ali falando do assunto a deixava animada e excitada. O corpo ansiava por experimentar novamente as glórias de ontem.

Ele segurou sua cabeça e a aproximou dele, então a beijou.

— Você não está discutindo — ele murmurou. — Não está me recusando. Precisa fazer isso agora, se for essa a sua intenção.

Ela o abraçou, retribuiu o beijo e fez sua escolha final.

Capítulo nove

Ela se encaixou perfeitamente em seus braços. Sua paixão aumentou junto com a dele. Tendo decidido se entregar, não se conteve.

Rand mal conseguiu conter o desejo de possuí-la imediatamente. Sua fome por Selina o distraía por dias e dominara sua mente nas últimas horas. Com seus beijos de aceitação, experimentou não apenas a alegria primitiva da vitória, mas também gratidão masculina.

Seus beijos se tornaram devoradores, e suas carícias, possessivas. Um pensamento se infiltrou em seu cérebro febril, de que deveria levá-la lá para cima, para a cama. A impaciência não queria que demorasse, mas ele se levantou com ela ainda em seus braços e a guiou em direção à porta. Abrindo-a uma fração, ele se afastou de seus lábios.

— Saia — ele ordenou através da fenda. Passos se afastaram no tapete e no mármore.

— Os criados? — A pergunta saiu pouco mais alta do que um suspiro.

— Eles se foram. Venha comigo.

Ele não a soltou, mas a conduziu pelas escadas, beijando-a, segurando-a. Ela se sentia flutuar, com o corpo unido ao dele por seu braço e a cabeça angulada para aceitar beijos que lhe queimavam o pescoço.

Ele não precisava de ninguém nos seus aposentos. Assim que abriu a porta, outra dentro se fechou. Rand parou e a abraçou para que sua forma se alinhasse com a dele e ele pudesse senti-la por completo enquanto passava as mãos por suas curvas. Teve que afastá-la um pouco para poder alcançar os botões do vestido, mas foi um tormento renunciar à conexão completa.

— Gosto desses vestidos que você usa — ele disse enquanto abria os botões. — Tão convenientes. É surpreendente que não sejam mais populares.

Ela se abaixou para soltar alguns botões sozinha.

— Mulheres que não têm criadas também gostam da conveniência. Essa é uma das razões pelas quais as damas da alta sociedade não os usam. Devo dizer à loja para explicar sua utilidade para amantes, no entanto. Podemos receber dezenas de encomendas.

Ele terminou rapidamente com o vestido e começou a abrir o espartilho. Assim que libertou o corpo dela, deixou de pensar em quase tudo.

Ardor. Pele aveludada. Teve que soltá-la para tirar o paletó e as botas. Então caiu na cama com ela, louco de fome. Baixou a chemise e se perdeu nas curvas eróticas de seus seios, beijando e lambendo até que os gritos dela ecoassem em seus ouvidos. Ressentia-se da demora para terminar de se despir, odiando qualquer pausa no prazer, arruinando a perfeição do momento.

Finalmente estava em cima dela, com o membro encostado em sua coxa. A cabeça dela estava inclinada para trás, e os lábios entreabertos em delírio. Rangendo os dentes em busca de controle, ele acariciou seus seios até que o prazer dela ressoou. Ele se levantou o suficiente para colocar a mão em seu monte, e os gemidos dela se tornaram angustiados com necessidade.

Ele a queria muito. Ferozmente. Com mais intensidade do que conseguia se lembrar de desejar uma mulher. Cada um de seus gemidos cortou mais um fio de seu controle. Por fim, o abandono dela o empurrou além do juízo.

Rand a penetrou com mais força do que pretendia. Mais forte do que deveria, a mente reconheceu no mesmo instante. O prazer enterrou imediatamente aquele instante de racionalidade. A paixão cresceu de forma furiosa. Ela continuou gemendo, agora afirmando e implorando enquanto se abria para ele.

Pareceu ter levado uma eternidade, mas também não o suficiente. A conclusão prometia êxtase, mas ele queria que sua posse dela fosse total e eterna. Por fim, ele sucumbiu. Sentiu o clímax o

atingir, o que interrompeu seus pensamentos e saturou seu corpo com sensações profundas.

Porém, assim que o prazer explodiu, autoconsciência o suficiente voltou para que ele se lembrasse do começo, não do fim.

O corpo macio que ele segurava nos braços pertencia à Selina Duval, não à sra. Fontaine, e até pouco tempo ela era virgem.



Ele se apoiou nos antebraços e a olhou nos olhos.

— Deveria ter me contado.

Selina sabia o que ele queria dizer. Duvidava que a virgindade pudesse ser escondida em tal situação, mas esperava poder conseguir.

— Eu disse que não houve nada com Giles. Você apenas não acreditou em mim.

— Ele me disse que houve.

Ela não conseguia imaginar por que Giles mentiu. Talvez ele também tivesse contado o mesmo a outros.

— Não posso culpá-lo por acreditar nele.

— No entanto, posso culpá-lo por mentir. Não havia necessidade. Foi desprezível.

— Está com raiva agora? De mim, quero dizer.

Ele a beijou.

— Claro que não. No entanto, tenho pensamentos contraditórios sobre isso. Estou aliviado por você nunca ter sido dele. Mas ciente de que queria que você tivesse experiência, porque permitiria isso. Por outro lado, estou estupidamente feliz por ter sido o primeiro.

— Não sei se é tão contraditório assim.

— É verdade. Houve algum sr. Fontaine? Ou você teve um casamento de conveniência?

— Ele é inventado. Ser viúva explicava muita coisa.

O olhar nos olhos dele dizia que ele sabia dessa parte. Mas o sr. Fontaine também tinha permitido que aquilo acontecesse, não tinha? Ela suspeitava que a mente por trás daquele belo rosto agora revisava as regras dos cavalheiros e como ele as havia quebrado.

— Não sou criança — ela disse. — Você me pediu para ser sua amante, e eu concordei. Acho que foi uma decisão esplêndida da minha parte. — Ela ajustou o corpo o suficiente para lembrá-lo de que ainda estavam unidos. — Não me arrependo. E você?

— Eu? — Ele riu baixinho, então se retirou e rolou para o lado dela. — Pergunte amanhã, quando eu não estiver tão satisfeito comigo mesmo. — Ele beijou seu ombro. — Ainda assim...

— Não. Por favor, não. Eu tinha esperança de que você não soubesse. Não quero sua culpa nem desculpas por algo que me deu tanta alegria.

— Como desejar. — Um pouco do duque severo apareceu em seu tom. Ela suspeitava de que ele realmente deixaria para discutir o assunto outro dia.

— Vou matar seu irmão se eu o vir de novo, por mentir sobre mim — ela disse depois de se acomodar ao lado dele e apoiar a cabeça em seu peito.

— Vou cuidar dele por você, à minha maneira.

— Espero que você possa cortar sua mesada ou algo assim.

— Ele não precisa de mesada. Tem a própria renda, na casa dos milhares, da parte que nossa mãe deixou para ele. Infelizmente, ele tem uma fraqueza além das belas garotas do campo, e precisa mentir para alimentar o próprio ego. Ele gosta de jogar e perde muito, então frequentemente está endividado.

— É por isso que ele não está na cidade agora?

— Agora e no passado. Suponho que vou pagar seus credores novamente. É uma história antiga entre nós.

Ela inclinou a cabeça para que pudesse ver um pouco de seu rosto.

— Ele é um fardo para você, não é?

Ele não respondeu de imediato.

— Ele é, mas acho que o invejo — ele disse por fim. — Não foi para ele que entoaram os cânticos sobre dever, nem sofreu a vigilância de um pai sobre o herdeiro. Ele cresceu livre em comparação comigo. Eu era duas pessoas desde o dia em que nasci. Randall e o duque de Barrowmore. Aceito os deveres e não nego que aproveito o poder, mas

sacrificar o primeiro para ser o segundo se tornou natural e esperado. Giles só precisava ser Giles, com tudo o que havia de bom e ruim nessa única pessoa.

Ela lhe deu um pequeno cutucão.

— Esqueci de perguntar qual dos dois é o meu amante, Randall ou o duque. Que descuido da minha parte.

— Eles não podem ser separados, Selina, mesmo que eu desejasse.

Ela se permitiu começar a adormecer. Sabia tudo sobre a parte do duque e o que isso significaria para ela um dia. Selina se certificaria de que ele nunca se sentisse obrigado a explicar.

Capítulo dez

Ser amante de um duque provou ser mais complicado do que ser amasiada com um, Selina logo descobriu. Ela ainda ia à loja todos os dias, onde trabalhava muito. Porém, em vez de caminhar para casa, ia até um local combinado, onde uma carruagem a aguardava para levá-la até ele.

Ao longo dos dias, eles se reuniram duas vezes ao fim do horário da moda e passearam no parque antes de irem para Manard House. Outro dia, a carruagem dirigiu-se ao Museu Britânico, mantido aberto a pedido do duque, apenas para ele e sua convidada.

Uma vez, ela não precisou da carruagem, porque levou quatro peças do novo guarda-roupa para Edeline. Deixou os vestidos nos aposentos dela antes de descer as escadas para a biblioteca, onde o duque a aguardava.

A frieza de Edeline não havia diminuído. Se alguma coisa, a jovem fez questão de falar com desdém. Selina se perguntou se Edeline sabia do caso. Eles não estavam sendo discretos e, muito provavelmente, a notícia de que Barrowmore tinha uma nova amiga já havia se espalhado.

No entanto, duvidava de que a notícia tivesse causado mais do que uma ondulação no fluxo de boatos. Afinal, ela não era uma amiga notável. Não era uma dama importante nem esposa de algum lorde idoso. Ela nem mesmo era uma célebre cortesã. Ninguém ficaria interessado no envolvimento de um duque com uma modista.

Seu próprio mundo descobriu os rumores. Ela podia ver nos olhos de todos. Havia curiosidade, mas não desprezo. Afinal, ele era um duque. Assim, o grande poder oferecia proteção.

Selina contava as horas todos os dias enquanto trabalhava, costurava e tirava medidas de suas damas. Ansiava estar de novo nos

braços dele e envolta na intimidade que compartilhavam. Saboreava as conversas antes, e as piadas e o diálogo fácil depois. Mantinha seu amante perto do corpo e, admitia, cada vez mais perto do coração.

Dez dias após aquela primeira noite em Manard House, recebeu outro bilhete de Edeline. *Traga o vestido de jantar com rosas*, dizia. *Preciso dele até as oito horas desta noite.*

— Ela é orgulhosa demais para ser tolerada — Felicity disse quando Selina lhe mostrou o bilhete. — Vou mandar um mensageiro levar o vestido. Estamos muito ocupados para que você fique à disposição dela.

— O vestido ainda não está pronto. A bainha ainda precisa de ajustes.

Felicity suspirou.

— Isso não é uma artimanha para desculpar sua ida lá, é? Ouvi os rumores sobre você e o duque. Não precisa passar por tal suplício só por minha causa.

— Não, não é, nem por minha causa. É obra dela mesma, não foi a mando de ninguém. Vou levá-lo no final da tarde, ajustar a bainha e tê-lo costurado até as oito.

Felicity corou.

— Não é justo com você. Peço desculpas pelo que disse. Vá à tarde e termine a tempo.

Selina partiu com o vestido em um coche às duas da tarde. Esperava terminar até as cinco. Barrowmore desejava que ela se juntasse a ele no teatro naquela noite, e ela queria voltar para casa para se aprontar.

Edeline a esperava no quarto de vestir. Nenhuma almofada forrava o chão.

— Preciso ajustar a bainha — Selina explicou.

— Então faça isso e seja rápida.

Edeline vestiu a peça.

— Seria mais fácil se ficasse em cima daquela banquetta — Selina sugeriu.

— Não. Eu poderia cair.

Selina duvidava. Era uma banquetta grande e resistente. Ela se

ajoelhou e se inclinou para trabalhar na bainha.

— A senhora deve parar de tirar vantagem de nós — Edeline disse lá do alto.

Selina continuou seu trabalho.

— Deve parar de se insinuar em nossas vidas. Barrowmore é muito gentil para dizer isso, então cabe a mim.

— O duque é capaz de falar por si mesmo, lady Giles. Talvez a senhora devesse deixá-lo fazer isso.

— Há rumores. Sobre ele e a senhora. Dizem... é constrangedor que o nome dele esteja ligado ao seu. A senhora decerto pode ver como é ruim. Como é cômico e humilhante para um homem da posição dele.

— Acho que ele se importa menos com isso do que a senhora. Ele não me parece um homem que permite que as pessoas se aproveitem ou se insinuem em seus círculos. Agora, por favor, vire-se.

— A *senhora* vai se mover, não *eu*. — A resposta afiada e zombeteira de Edeline calou a criada presunçosa.

Selina se arrastou de joelhos para poder trabalhar em outra parte da bainha.

E assim continuou por mais uma hora. Finalmente, Edeline retirou o vestido e deixou o aposento. Selina se sentou perto da janela e costurou a bainha.

Com a tarefa cumprida, ela se preparou para sair. Nenhum criado a esperava. Saiu dos aposentos por conta própria e desceu as escadas principais, esperando secretamente que Edeline a visse usar aquelas escadas. A cada degrau, as próprias suposições da menina corroíam sua compostura.

Nenhuma cliente nunca falara com ela daquela forma. Ninguém jamais a rebaixou de modo tão direto. O pior que viam na casa de Madame Follette's eram algumas damas que as tratavam como animais de estimação inteligentes e talentosos. A intimidade do ateliê criava uma camaradagem feminina entre as mulheres, não importando qual fosse o seu papel. A feminilidade da atividade, o ato de se despir e os conselhos sobre roupas, os cochichos sussurrados e as confidências, tudo isso amenizava as diferenças de classe, pelo menos

um pouco.

Agora, Edeline esfregou o nariz de Selina no chão e quase pisou em sua cabeça. Era um milagre que não tivesse exigido que seu anel fosse beijado. Se o objetivo era humilhar uma determinada modista, o plano teve muito mais sucesso do que Selina teria pensado possível.

Exausta e dolorida, sua força interior desmoronou. Estava chorando quando chegou ao último lance de escadas e começou a descer em direção ao saguão. Através do embaçamento causado pelas lágrimas, viu uma figura subir em sua direção.

— Selina. — O duque se aproximou rapidamente. — O que aconteceu? — Ele a abraçou ali mesmo na escada. — Diga-me, querida.

Ela balançou a cabeça e tentou se soltar de seus braços.

— Não é nada. Estou bem.

Ele manteve o braço ao redor dela e a levou para a biblioteca. Chegando lá, ele enxugou suas lágrimas com o lenço.

— O que está fazendo aqui? — Seu tom mudou nas últimas palavras, como se soubesse a resposta antes mesmo de perguntar. — Ela mandou chamar você?

Selina pegou o lenço e concordou.

— Eu disse a ela três dias atrás que não deveria fazer isso de novo. Nunca mais.

Ela nunca tinha visto o duque zangado antes. Nem o visto assim. Ele se virou e se aproximou da porta.

Selina correu atrás dele e segurou seu braço.

— Não a repreenda. Por favor. Ela é jovem, confusa e...

— E insensível e descuidada. Não vou permitir que ela imponha suas fraquezas a você. Se ela fez logo você chorar, deve ter sido muito cruel.

— Estou bem agora. Vê? — Ela forçou um sorriso animado. — Feliz de novo.

A raiva o deixou. Ele a puxou para seus braços.

— Não tão feliz, acho. E provavelmente cansada, se ela a fez trabalhar por horas sob seu comando. Vou levá-la para casa. Iremos ao teatro outra noite.

Ela se aninhou em seu abraço e se permitiu relaxar nele.

— Só de ser abraçada por você já esqueço tudo. Sua mera presença me renova. Um beijo tornaria o momento perfeito.

Ele a beijou. Em um instante, ela esqueceu os insultos de Edeline e o chão duro sob seus joelhos. Esqueceu de tudo, até mesmo quem eles eram e onde estavam abraçados.

Dentro da doçura da paixão, não se ouvia nada além de suas respirações compartilhadas e seus próprios suspiros. Até que, de repente, uma porta se fechou com força, fazendo-a ficar alerta.

O próximo som a deixou atordoada.

— Raios os partam — uma voz masculina disse. — Selina Duval. Diabos, você demorou demais, Rand.

Capítulo onze

Por instinto, Rand puxou Selina para mais perto. Ele virou a cabeça na direção da voz familiar.

— Giles. Sua volta é inesperada.

O irmão sorriu e se aproximou.

— Eu não poderia perder a temporada inteira. Além disso, minha esposa precisa de mim.

Selina se afastou gentilmente do abraço deles e encarou Giles com notável compostura. Rand observou sua expressão assumir o mais neutro dos sorrisos.

— É bom vê-lo novamente. Eu estava prestes a sair. Vou fazer isso agora, para que esta reunião familiar possa continuar.

Rand a acompanhou até a porta. Ele disse ao criado para chamar uma carruagem imediatamente para a sra. Fontaine e garantir o retorno seguro à sua casa.

— O que ele quis dizer quando disse que você demorou demais?
— ela perguntou antes de seguir o criado.

Maldição.

— Vou explicar mais tarde. Irei vê-la em breve.

Ela olhou de forma impassível para a porta, como se visse através da madeira.

— Foi como se eu tivesse visto um estranho. Que esquisito.

E então ela se afastou.

Giles poderia mesmo ter sido um estranho dada a forma como Selina o olhara e falara com ele. Rand sentiu certo prazer, mas isso fez pouco para acalmar o rancor crescente que sentia pelo homem em questão.

Ele voltou para a biblioteca. Perto das janelas, Giles ocupava-se com os decantadores.

— Você já surpreendeu a Edeline? Ela ficará radiante — Rand falou.

— Subirei em breve. Pensei em me fortificar com um pouco de conhaque antes. — Ele se virou com o copo na mão, levantando-o.

O bom e velho Giles. Como sempre, sua expressão estava animadíssima. Humor cintilava em seus olhos verdes. Rand notou que a dívida que o levava a se esconder não o impedira de aparar o cabelo com maestria nem de comprar o que parecia ser um colete novo e caro.

Rand se serviu de conhaque também.

— Onde você esteve?

— Aqui e ali. Vivendo com base em minhas expectativas.

Com mais crédito, ele queria dizer. Uma nova cidade significava novos comerciantes. Ignorantes. As únicas pessoas que podiam contar com pagamento de Giles eram os homens com quem ele jogava. Giles pagava primeiro as dívidas de cavalheiro e deixava alfaiates e cocheiros esperando para sempre.

— É bom que tenha voltado. Sua esposa está cansada da minha supervisão, e acho esse papel cada vez mais tedioso. — Ele bebeu um pouco do conhaque. — Você poderia ter me pedido para cumpri-lo. Não apenas ter presumido.

— É difícil desaparecer se você anuncia que está indo embora. — Giles tomou seu drinque e colocou o copo de volta na mesa. — Selina está encantadora. Deslumbrante. A maturidade a favorece. — Seu sorriso parecia convidar confidências do tipo que Giles nunca hesitava em compartilhar. O tipo que envolvia mentiras sobre algumas mulheres, como acabou descobrindo. Mentiras que arruinavam. Mentiras desnecessárias.

Rand colocou seu copo na mesa também.

— Sim. Bem, quanto a isso... — Ele deu um soco, acertando em cheio o rosto sorridente do irmão.

Capítulo doze

Selina esperara nunca mais ver Giles. Até mesmo prometera a Barrowmore que o evitaria. Odiava ter se deparado com ele ontem, inesperadamente. Ainda pior ter estado na mesma sala com os dois irmãos ao mesmo tempo.

Barrowmore disse que a veria em breve. Não tão breve, ela esperava. Queria tempo para ordenar os sentimentos, que se tornaram caóticos. Embarcara em um caso com ele, confiante em suas escolhas. Agora, de repente, não sentia confiança alguma.

Na loja, ouviu a explicação de Felicity sobre as clientes que esperavam naquele dia. Sentiu uma satisfação incomum em usar suas habilidades à medida que as horas passavam. Concentrar-se em pontos, tecidos e acabamentos a manteve distraída da inquietação que se apossara dela desde que deixara Manard House no dia anterior.

Enquanto caminhava para casa naquela noite, passos de botas ecoaram ao seu lado. Não precisou olhar para saber quem era. Ele não havia se tornado um completo estranho.

— Por favor, vá embora.

— Isso é jeito de cumprimentar um velho amor?

Ela marchou adiante.

— Como você me encontrou?

— Edeline. Levei horas para perceber que toda a fofoca dela sobre sua nova modista se referia a *você*. — Ele inclinou a cabeça para ela. — Você está linda, Selina. A menina era bonita. A mulher é impressionante.

— Você tem uma esposa muito bonita. Deveria estar com ela no momento, não passeando pela cidade.

— Ela é bonita, é verdade. De uma forma bastante comum. No entanto, enquanto estive longe, me esqueci do quanto ela é

entediante. Você era uma conversadora muito melhor.

Selina parou de andar e o encarou. Notou uma descoloração feia em sua bochecha, toda azul e rosa.

— O que você quer? Imagino que não seja para relembrar um episódio muito triste da minha vida passada.

Giles abriu seu sorriso mais charmoso.

— Quero sua ajuda. Meu irmão está mostrando algum temperamento. — Ele tocou instintivamente a contusão em seu rosto. — Preciso que ele seja mais amigável comigo. Tenho certeza de que você pode usar seus encantos para trazê-lo para o meu lado. Há assuntos que ele e eu precisamos discutir.

— Assuntos financeiros? Seria tolice interferir. E não adiantaria nada. — Ela continuou a andar.

Mais uma vez, aquelas botas acompanharam os seus passos.

— Você ficaria surpresa com o quanto adiantaria. E pelo que vejo, você está em dívida comigo. Afinal, só o conheceu por minha causa. Eu me afastei para que ele pudesse tê-la.

Ela parou no meio do passo e virou-se para ele.

— *O quê?*

Giles fingiu estar chateado.

— Ele não contou? Eu estava com dívidas naquele verão, e ele foi me repreender do jeito que sempre faz, e percebi que ele a queria. Então, quando ele exigiu que eu renunciasse a algo que eu valorizava em troca de ajuda, bem... — Ele deu de ombros. — Isso partiu meu coração, é claro, mas você se deu bem. Olhe para você. Jogue suas cartas direito, e viverá em luxo para sempre.

Ela não conseguia se mover. Mal conseguia respirar. *Diabos, você demorou demais, Rand.*

— Vá embora, por favor. Não me acompanhe. Não fale comigo. Nem agora. Nem nunca. — Ela continuou a andar às cegas, rezando para que Giles não a seguisse.

Estava quase em casa quando recuperou o juízo o suficiente para perceber que não queria ir para lá. Barrowmore poderia visitá-la. Ele poderia até estar esperando por ela. Não suportaria vê-lo. Sua explicação só lhe causaria mais dor. Pior, seu coração desejaria

acreditar em qualquer coisa que ele dissesse se isso significasse que essa dor terrível desaparecia.

Virou a esquina e voltou para a loja. Entrou antes de Felicity trancar a porta e se refugiou na sala de trabalho no andar de cima. Abaixou a cabeça sobre um dos vestidos de Edeline, costurando os últimos enfeites com pontos pequenos e perfeitos.

Enquanto isso, a mente saltava por lembranças, coisas ditas e assumidas, intimidades compartilhadas. Tinha sido tola por acreditar que poderia ter um caso de amor com o duque, ou qualquer homem, e não se deparar com a decepção e o desgosto. Não era o tipo de mulher que sabia como guardar parte do coração. Admitiu que suas emoções tinham se tornado muito mais complexas do que era sensato.

Encarou a chama brilhante da vela com a qual trabalhava. Em algumas horas, o pavio se esgotaria e a luz se apagaria. Ela desejava que o amor pudesse terminar tão facilmente. A chama dentro dela nunca se apagaria enquanto permanecesse ali. Talvez cresceria até consumi-la e torná-la uma figura ridícula, uma mulher apaixonada por um homem que a comprara de seu próprio irmão.

Horas depois, já no meio da noite, terminou o vestido. Enquanto o embrulhava, passos suaves do lado de fora do cômodo a alertaram de que tinha companhia. Felicity apareceu, com uma vela em uma mão e um atizador na outra, usando um robe e um xale, com uma touca enorme lhe cobrindo a cabeça.

— Pensei ter ouvido algo aqui embaixo. Temi que fosse um invasor. Não esperava encontrar você, Selina. — Ela encostou o atizador na parede. — São três da manhã. O que diabos está fazendo aqui?

— Eu queria terminar este vestido. Sabia que não dormiria, então era melhor trabalhar.

Felicity a examinou com curiosidade.

— Acho que você andou chorando.

— Não tenho certeza. Talvez.

— Você não se lembra?

— Meus pensamentos estavam em outras coisas. Eu... eu acho que preciso sair de Londres por um tempo. Estou atormentada pela

culpa, porque sei que a loja não pode se dar ao luxo de perder uma de nós agora, mas... — Ela mordeu o lábio e virou a atenção para a embalagem do vestido.

Felicity se sentou em uma cadeira e fez um gesto para que Selina se sentasse também.

— Parece que não está tudo bem entre você e o duque.

Selina balançou a cabeça.

— Tenho sido pior que uma estudante nas mentiras que contei para mim mesma. Chamei de caso de amor. Eu não ganharia os presentes caros e o apoio que faziam de uma mulher uma prostituta. Mas... — Ela engoliu em seco e se forçou a continuar: — Hoje descobri que, em sua essência, tudo foi uma transação, principalmente comercial.

— Se está chocada e aflita por descobrir isso, talvez você também esteja errada. Seu coração não saberia a verdade?

— Neste momento, meu coração não sabe de nada com segurança. Nem o saberá se eu o vir. Meu coração, veja bem, perdeu-se, e quer acreditar em qualquer coisa que permita continuar amando um homem que eu nunca deveria ter encorajado. — Sua garganta ardeu mais a cada palavra. Lágrimas se formaram em seus olhos. Felicity estendeu os braços para abraçá-la, e ela desabou, chorando no ombro da amiga.

O choro trouxe certa calma. Felicity acariciou suas costas como uma mãe faria.

— Se precisa partir, então vá. Nós vamos dar um jeito. No entanto, por favor, diga que vai voltar. Nossa pequena família aqui ficará mais pobre sem você.

— Prometo que voltarei. No máximo, em um mês. Até lá, espero que saiba o que quero. E eu nunca a deixaria sem ajuda estando a coroação tão próxima. Sei o quanto é importante. Eu nem iria embora se achasse que teria forças para vê-lo. Por favor, acredite nisso.

— Sei que você não faria isso. Agora, suba e durma. Não quero você nas ruas a essa hora. De manhã, pode fazer seus planos.

Quatro dias após o retorno de Giles, Rand subiu as escadas de Manard House, indo em direção aos aposentos do irmão. Por sua ordem, foi avisado assim que ele se vestiu.

Encontrou Giles em seu quarto de vestir. Era muito parecido com o de Edeline. Os dois tomaram posse de um aposento bem grande no andar de cima. Giles estava esparramado em um divã, lendo suas cartas. Estava confortavelmente deitado nas almofadas, com as botas apoiadas em um monte de almofadas de seda. Eram muito parecidas com as de Edeline. As que eram boas demais para serem usadas pela sra. Fontaine.

— Rand. De pé tão cedo!

— Eu queria vê-lo esta manhã.

Giles sorriu para ele.

— Bem, aqui estou. Repensou o que propus ontem?

A proposta era Rand comprar uma propriedade que fazia parte da herança que Giles recebera da mãe. O irmão devia estar muito desesperado para estar disposto a trocar uma renda regular por uma quantia rápida.

— Não. Você vai se arrepender assim que fizer negócio e me culpará para sempre. Vim falar com você sobre a Selina.

— Ah. Como está indo?

Rand quis socá-lo ali mesmo.

— Acho que ela me abandonou.

— Mesmo? Rude da parte dela não contar a um duque quando se cansa dele.

— Ela não está em casa nem em seu local de trabalho, então não a vi. A mulher parece ter desaparecido. Sabe para onde ela foi?

Giles tirou as botas do divã e se sentou. Fingiu considerar o problema.

— Eu nem consigo imaginar para onde.

— Sabe a razão?

O tom deve ter transmitido que a raiva estava prestes a sair de controle, porque Giles ficou muito sério de repente.

— De jeito nenhum — Giles murmurou.

— Você a viu desde o dia em que entrou na biblioteca e a

encontrou em meus braços? Pense bem antes de responder, Giles. Se eu descobrir que você mentiu para mim, eu o deixarei para os oficiais de justiça de uma vez por todas.

Giles suspirou e franziu a testa. Ele se levantou e andou de um lado para o outro. Por fim, ele se virou.

— Eu a vi no dia seguinte. Eu a encontrei por acaso na rua e...

— Mais uma mentira e você estará morto para mim.

Giles rangeu os dentes.

— Eu soube que ela estava trabalhando naquela loja e fiz arranjos para encontrá-la. Está satisfeito agora?

— Com que propósito?

Giles olhou para ele, confuso. Então sua expressão clareou.

— Oh. *Ohhh*. Não, não. Não era o que você está pensando. Eu não... não seria tão estúpido a ponto de tentar reavivar minha amizade com ela, considerando que você e ela... Não foi isso. Eu juro.

O alívio que se abateu sobre ele foi tão profundo que o deixou atordado.

— E qual foi o motivo, então?

— Eu, hum, eu queria que ela intercedesse em meu nome. Você estava muito bravo naquele dia e tem estado frio e distante desde então, por isso hesitei até mesmo em falar com você sobre minha situação.

— Ela recusou?

— Recusou. — Um brilho maligno apareceu nos olhos de Giles. — Muito mandona. Desdenhosa. Como se fosse a senhora da mansão e não apenas alguma coisinha... — Ele se conteve. — Ela nunca teria ousado almejar tão alto se não fosse por mim. Deveria ser grata, mas em vez disso...

Rand estava além da raiva. Podia imaginar a conversa que Giles teve com Selina na rua. Ele sabia o que o irmão dissera para explicar o quanto ela deveria ser grata.

— Você é meu irmão, Giles. Eu o amo como tal. Vou pagar suas últimas dívidas, mas é só. Depois disso, você está por conta própria. Não tenha dúvidas de que estou falando sério. Além disso, está na hora de você morar em sua própria casa. Sua esposa vai apreciar, e eu

exijo isso.

A expressão de Giles desmoronou.

— Não pode estar falando sério. Sabe que não tenho o suficiente para isso.

— Se não desperdiçar sua renda, terá mais do que o suficiente. Muitos pares têm rendas menores. Se não está disposto a mudar, então vá para a casa dos pais de sua esposa. Deve haver aposentos para vocês lá. Podemos estimar que você estará fora daqui em uma quinzena?

Giles afundou no divã.

— A família dela? Sua mãe... seu pai... Rand, você está me condenando ao inferno.

— Longe disso, Giles. Purgatório, talvez.

Ele saiu do quarto de vestir e tirou Giles de sua mente. Selina havia saído da cidade. Claro que sim. Ele só conseguia pensar em um lugar para onde ela poderia ter ido.

Capítulo treze

Consequia ver a casa da família de lá de cima, na distância do lado de fora do vilarejo propriamente dita que se estendia na base da colina onde estava. Gostava de ficar naquela janela, olhando para a rua principal. As pessoas pareciam bonecos pequeninos, e as construções pareciam casas e lojas em miniatura.

Os pais sabiam que ela estava ali, mas ninguém mais lá embaixo sabia. Os poucos criados que cuidavam da propriedade já haviam sido informados sobre a mudança de proprietário antes mesmo de ela chegar. Já estavam pagos até o meio do ano e juraram manter segredo sobre o novo dono.

Teria que decidir em breve o que fazer com a propriedade. Ele disse que não era uma compensação, nem suborno, já que ele mal precisava de um. Chamou de justiça. Ela ainda não sabia se aceitava a explicação, não depois do que Giles lhe contou. Ainda considerava a ideia de fazer o pai encontrar um advogado para devolver a casa e as terras a Barrowmore, da mesma forma como ele a transferiu para ela.

Tudo isso poderia ser discutido na quinta-feira, quando os pais viriam para jantar. Muitas, muitas coisas seriam decididas naquela refeição. Por ora, no entanto, ela se deu permissão para adiar.

Afastou-se da janela e sentou-se em um banco que acompanhava uma parede de pedra no quarto que estava usando. Toda a construção ainda mostrava elementos da antiga estrutura medieval em seu núcleo, mesmo que as adições e modificações posteriores tornassem a vida aqui menos espartana. As paredes de pedra, as vigas em alguns cômodos, as janelas estreitas, tudo remontava ao tempo em que este tinha sido o solar de algum senhor feudal cuja propriedade incluía os hectares circundantes.

Fechou os olhos e encostou as costas na pedra fria. Passou muito

tempo naquele banco nos últimos quatro dias. Sentada em silêncio, pensando e examinando seu coração. A paz do campo e o silêncio das pedras a acalmaram.

No entanto, desta vez, barulhos a distraíram. Sons distantes. Em algum lugar, um pouco de caos havia começado, e a cada instante ele crescia mais. Por fim, não pôde mais ignorá-lo. Ela se levantou e voltou para a janela.

O barulho vinha de baixo, do vilarejo. Seguia em sua direção, um zumbido surdo na brisa. Pessoas minúsculas saíam das casas e das lojas em miniatura para formar grupos. Outras se inclinavam para fora das janelas.

O motivo se tornou visível. Uma carruagem grandiosa avançava lentamente pela rua. Um veículo magnífico, com bronze e ouro que pegavam a luz do sol e criavam reflexos ofuscantes. Mais ouro destacava o relevo de um brasão na porta. Quatro lacaios a acompanhavam a cavalo, todos com a libré completa: peruca, sapatos de fivela e chapéu tricorne trançado. Quatro cavalos pretos e imensos puxavam a carruagem.

O cocheiro se movia muito devagar, sem dúvida querendo ter certeza de que os cavalos não machucassem ninguém. Por fim, ele alcançou o final da rua e virou para a estrada que subia a colina em direção à casa grande. Ela semicerrou os olhos para olhar pela janela da carruagem, mas tudo o que conseguia ver era uma mão masculina bonita repousando lá.

Foi o suficiente para fazer seu coração disparar como o de uma estudante.

A porta de seu quarto se abriu. A governanta que cuidava da casa com o marido entrou.

— Um menino acabou de vir correndo da aldeia. Viram o coche de Sua Graça. O duque está vindo! Não estamos preparados para recebê-lo. Não estamos. — As mãos voavam em gestos frenéticos, e ela saiu correndo.

Selina se inclinou para o espelho e tentou beliscar a face, para lhe dar um pouco de cor. *Também não estou preparada para isso. De jeito nenhum.*

— Obrigado por me receber — Rand disse.

— Você sabia que eu o receberia. Não é todo mundo que o recebe?

Selina estava sentada em uma cadeira, mais longe do que ele gostaria. Ela vestiu sua compostura como um manto pesado. Ele poderia estar fazendo uma visita matinal a uma conhecida por acaso, e não visitando a amante.

Isso provavelmente porque, para a mulher, ela não era mais sua amante.

Tentara aceitar isso. Por dois dias infernais, refugiou-se na raiva, na indignação e, em seguida, na culpa e no arrependimento. Por fim, incapaz de superar o sentimento de perda, chamou a carruagem.

— Você gosta da casa?

— Muito. — Ela olhou ao redor. — Embora a palavra *casa* pareça muito diminuta para uma morada de tamanho e história tão grandes. Eu já conhecia este aposento, é claro, assim como a sala de estar e a sala de jantar. Tenho gostado de descobrir todo o resto.

— Então, você poderia voltar, afinal.

Ela o encarou com um olhar afiado.

— Vim aqui discretamente, não pela estrada principal, como você. Ninguém sabe que estou aqui, exceto meus pais e os criados, todos estão sendo discretos. Eu vim para esta casa em vez de para a dos meus pais para poupá-los caso toda aquela conversa ressurgisse, embora agora, é claro, ela esteja bem fundamentada, não é?

— Parece que você se arrepende. Se for esse o caso, lamento tê-la atraído para os meus braços.

Sua expressão tensa se desfez. A postura rígida também.

— Não se desculpe. Você não precisou se esforçar muito para me seduzir. Não estou sentada nesta casa inventando mentiras sobre tudo isso.

— Então eu não deveria fazer isso também. Giles lhe contou coisas, acredito. Coisas que a magoaram.

Ela começou a responder, mas fechou os lábios. E assentiu.

— Ele não mentiu. Queria poder dizer que ele mentiu, Selina. Mas não foi o caso. Quando cheguei aqui naquele verão, e o encontrei vivendo como um lorde, com uma bela jovem em seu braço, confesso que presumi o pior de Giles no que dizia respeito a você. Ele deixou acontecer. Encorajou. Talvez, se não o tivesse feito, eu teria sido mais circunspecto em como reagi quando ele a apresentou. Não teria ficado tão evidentemente encantado.

— Eu só vi um homem distante olhando brevemente para mim com desdém e irritação.

— Giles viu muito mais.

— Então ele me vendeu para você. — A petulância cintilou em seu olhar. — Você exigiu isso? Se foi assim, você esperou muito tempo, como ele disse.

— Eu só exigi que ele renunciasse a algo que importava para ele. Eu nunca, e juro que isso é a verdade, juro como cavalheiro, disse que ele tinha que renunciar a você, ou que ele tinha que me dar o que quer que ele escolhesse renunciar. Isso, lamento dizer, foi ideia dele. Provavelmente, pensou que lhe daria alguma vantagem.

Era terrível se sentar ali, a meio metro de distância, enquanto explicava tudo. Ele se levantou e se aproximou dela, ajoelhando-se ao lado de sua cadeira para que pudesse olhá-la diretamente nos olhos se ela permitisse.

— Se quiser me culpar por deixar a noção de barganha dele prevalecer, faça isso. Não esperava vê-la novamente. Não tinha intenção de tomar o lugar dele, então qualquer negociação inteligente que ele pensou que estava fazendo não importava.

Ela estivera encarando as mãos em seu colo, mas agora olhou diretamente nos olhos de Rand.

— E, no entanto, você por fim tomou o lugar dele. Mais que tomou o lugar dele.

Ele cobriu suas mãos.

— Isso foi à parte. Um momento diferente. O resultado de um acidente feliz.

— Não totalmente à parte, creio eu.

Não, não totalmente. Mas em todos os aspectos que importavam.

Ela olhou para as mãos deles, unidas. Conseguiu apertar a dele de leve.

— Você veio de longe para explicar tudo isso.

— Era importante que você soubesse a verdade. Toda a verdade. E importante que também saiba esta verdade: não quero perdê-la. Tenho estado miserável nos últimos dias. Inútil e perigosamente desorientado. Você partiu meu coração quando deixou a cidade sem sequer me deixar um bilhete. Pensei... — Ele beijou suas mãos. — Pensei que tínhamos realmente nos tornado amantes, Selina. Que compartilhávamos mais do que desejo e um caso passageiro. Se eu estava errado, diga, e não vou tentar reconquistá-la.

Ela retirou uma das mãos e a colocou em seu rosto. Selina o olhou com uma expressão que ele lembraria para sempre.

— Você não estava errado. De forma alguma. Se estivesse, eu nunca teria que ir embora. Eu o teria dispensado devidamente, do jeito que aquelas damas sofisticadas fazem. — Ela se inclinou para frente e o beijou. — Cometi o pior erro, entende? Eu me apaixonei pelo meu amante. Como poderia esperar me recuperar disso se continuasse na mesma cidade que ele?

Ele se levantou e a puxou para seus braços.

— Espero que você nunca se recupere. Eu nunca vou, eu sei. Quero nós dois juntos, Selina. Quero você ao meu lado e em minha casa, ligada a mim para sempre. Você vai se casar comigo para que possamos estar juntos da maneira certa e apropriada?

— Casar? — Ela parecia confusa. — Decerto você pode conseguir alguém melhor para cumprir esse dever.

— Sou um duque, querida. Não um príncipe. Posso me casar com quem quiser.

— E você me quer? Tem certeza? Minha única fortuna notável agora é esta casa. Tenho trabalhado como modista e sou conhecida assim. Não sou adequada.

— Você deveria dizer sim, não tentar me convencer do contrário. Ela riu.

— Acho que sim.

— Tenho muita certeza, Selina. Não é um capricho nem o

orgulho ferido falando. Nem é minha consciência me obrigando a fazer a coisa certa por você. Eu realmente a quero como minha duquesa. Ficarei eternamente grato se você aceitar.

Ela se esticou para beijá-lo.

— Então vou dizer sim, embora tema que você tenha enlouquecido um pouco.

— Estou completamente louco.

Eles se beijaram longa e intensamente enquanto a brisa da primavera espalhava aromas doces ao redor.

— Faremos isso em breve — ele disse. — Vou conseguir uma licença especial e...

— Não. Não tão breve. — Ela se pressionou em seu peito, como se quisesse deter seus pensamentos. — Devo ajudar Felicity até a coroação. Devo isso a ela, e prometi. Vamos manter nosso noivado em segredo, também, para que as pessoas não fiquem meses fofocando que você pediu uma modista em casamento.

Ele não queria manter nada em segredo. Queria contar a todos que conhecia.

— Você se sente obrigada a fazer isso? A continuar naquela loja?

— Só até o verão. Consegue ser discreto por tanto tempo?

— Se for importante para você, posso suportar qualquer coisa. Então não contaremos a ninguém que estamos noivos?

— Talvez devêssemos contar aos meus pais, para que meu pai não o desafie assim que perceber que você tomou liberdades comigo.

— Pode me poupar de sua mãe me ameaçar com uma frigideira de ferro também.

— De qualquer forma, você está a salvo dela, não importa o que contarmos a eles. Ao saber que esta casa agora é minha, ela não perguntou como a adquirir. As mães são práticas desse jeito quando o sedutor é um duque.

Ele segurou o rosto dela e a beijou como a mulher preciosa e adorável que ela era.

— Espero que discrição e segredo não exijam abstinência. Se você preferir, é claro que eu...

Ela virou a cabeça e beijou sua palma.

— Não fale tais absurdos impossíveis, Rand. Na verdade, não fale nada por um bom tempo.

Ele a pegou no colo e a levou para a cama.

— Prometo colocar minha boca para melhor uso, mas só depois que eu disser isto: estou apaixonado por você, Selina. Irremediável e maravilhosamente apaixonado, e não vou deixar nada nos separar. — Ele a beijou. — Nem aqui, nem em qualquer lugar. Nem agora, nem em nenhum momento. Seremos amantes para sempre.

— Amantes para sempre — ela murmurou com um sorriso. — Sim, antes de sermos duque e duquesa ou marido e mulher, lembremos que somos amantes, Rand. Façamos um voto de nunca deixar isso mudar.

— Eu juro, querida.

Ela aproximou os lábios dos dele e lhe deu um beijo doce e cheio de emoção, carregado da promessa de amor eterno.

MYRETTA ROBENS

As cores
DO
Amor

Tradução:
Marcel Novaes

Capítulo um

— Estou saindo — Delyth disse para a loja quase vazia. Apenas Selina, a outra modista, e Alice, aprendiz de costureira, ainda estavam no ateliê. — Vou levar isto comigo — ela acrescentou em tom mais baixo. Como ninguém estava prestando atenção, Delyth guardou o exemplar do jornal *Town Gazette* na bolsa e saiu, parando apenas para desejar boa noite a Selina.

Sabia que deveria ter deixado o *Gazette* para Felicity, que provavelmente ainda não o lera, mas queria mostrá-lo para Anthea, e também não tinha certeza se queria que Felicity o visse. Delyth estava muito entusiasmada por ter sido mencionada em uma coluna célebre como a *Aglaea's Cabinet*, mas não era tola a ponto de ignorar que o texto não era totalmente elogioso.

Estava incomodada. Adorava a profissão. Tivera muito sucesso no teatro, mas viera para Londres (contra a vontade do pai, tinha que admitir) para fazer vestidos elegantes para a elite. Nada a agradava tanto quanto manusear tecidos suntuosos, vestir silhuetas esguias, dar pontos perfeitos. Exceto talvez as cores. Temia que talvez o teatro tivesse exacerbado essa obsessão específica. E no fundo de sua mente ressoava a pergunta: “O que Felicity pensaria sobre a coluna?”. Desde que assumira a loja da mãe, Felicity Dawkins vinha trabalhando com diligência para melhorar a reputação do estabelecimento, sem falar no faturamento. Ultimamente parecia ainda mais desesperada para restaurar a antiga glória da loja e torná-la um sucesso. Isso preocupava Delyth.

A expectativa de voltar para casa e discutir tais preocupações com a boa amiga com quem morava a deixou mais animada. Anthea ainda devia estar no teatro, mas, quando voltasse, decerto teria uma opinião. Ela sempre tinha.

Delyth podia ter trocado o teatro pelo mundo mais refinado da

moda, mas seu coração permanecia com os amigos que deixara para trás, e seu lar ainda era com Anthea Drinkwater, sua amiga mais próxima em Londres e a força motriz por trás do Thalia Theatre.

Já era noite quando chegou em casa, e encontrou Anthea sentada à escrivaninha, diante da janela.

— Você está bem? — ela perguntou, antes mesmo de tirar o xale e o chapéu.

— Sim. — Anthea interrompeu a leitura das páginas em suas mãos e olhou para cima. — Por que pergunta?

— Você está em casa — Delyth pontuou, enquanto colocava o chapéu no gancho ao lado da porta e deixava o *Gazette* ao lado da pilha de papéis da amiga.

— Eu sei — a moça disse. — É terça-feira, então pensei que seria melhor trabalhar de casa. Você se importa?

— Nem um pouco. — Delyth deu um beijo na cabeça dela e passou-lhe o *Gazette*. — Meu vestido foi mencionado na *Aglaea's Cabinet*, e eu mal podia esperar para lhe mostrar.

— Você roubou o *Gazette* do seu trabalho? — Anthea abriu o jornal e foi procurar a coluna de moda.

— Peguei emprestado — Delyth a corrigiu ao pegar o jornal da amiga e dobrá-lo na página certa antes de devolvê-lo a ela.

— Aqui. — Ela apontou.

Como habitual, o Almack's resplandeceu na última quarta-feira. Pelo menos, permitam-me dizer que o esplendor foi do público, embora alguns resplandessem mais que outros. Embora tivéssemos representações o suficiente da amostra de belas jovens em sua primeira temporada, vestidas quase exclusivamente de branco (com interrupções ocasionais de tons pastel quase brancos), devemos dar especial atenção à lady M, que qualquer um seria perdoado por supor que a dama errara a entrada do circo Astley's e acabara no Almack's. Lady M não apenas resplandecia, ela irradiava, fulgurava. Pode-se dizer, inclusive, que flamejava. Quem se aventurasse perto o bastante de lady M para enxergar além da deslumbrante variedade de cores com as quais estava adornada notaria que, para além das escolhas ofuscantes, o vestido em si era de um corte elegante e impecável. Esperamos que a criadora de tal extravagância seja

Enquanto a amiga lia, Delyth espiava por cima de seu ombro, lendo junto. Sem tirar os olhos do papel, Anthea a espantou com a mão.

— Saia daí. — Mas Delyth estava muito animada. Recuou um pouco e saltitou enquanto esperava a amiga terminar.

Quando isso aconteceu, Anthea dobrou o jornal e o devolveu a Delyth.

— Trazer isto para casa foi uma decisão sábia.

— Devo mostrar para Felicity ou ela vai achar ruim?

Anthea balançou a cabeça.

— Está louca?

Delyth sorriu.

— Talvez — ela disse. — Por que pergunta?

— Não pode mostrar isso à srta. Dawkins. Se ela ainda não viu, você talvez mantenha seu emprego na Madame Follette's.

Delyth ergueu uma sobrancelha para a amiga.

— Disparates! Leia direito. — Ela abriu o jornal e balançou-o na frente do rosto da outra. — Aqui diz que o vestido era de “corte elegante e impecável”, e as cores “deslumbrantes”.

Anthea parecia estar tentando não revirar os olhos.

— Mas não de um jeito lisonjeiro — ela disse. Então hesitou por um momento e lançou à amiga um olhar perplexo. — Como era esse vestido?

Delyth sorriu novamente.

— Era elegante, de corte impecável e cores deslumbrantes.

— Vamos falar das cores — Anthea sugeriu —, pois elas parecem ser o verdadeiro problema aqui. Quais você usou?

— Oh, eram maravilhosas: um carmesim profundo com uma sobressaia violeta, babado amarelo e um toque de renda verde-claro.

Anthea fechou os olhos.

— É sério? Você fez a cliente usar isso?

— Mas é claro. Lady Marjoribanks adorou. Na verdade, foi ela que escolheu quase todos os tecidos. — Delyth franziu a testa. — Você

está achando ruim, não está?

— E você também deveria achar — Anthea confirmou. — As cores... — Sua voz foi sumindo.

— Ficariam maravilhosas vistas do fundo da plateia — Delyth completou.

— Muito provavelmente, mas sua cliente não estava no palco, e sim em um salão de baile.

— Seja como for — Delyth disse, ainda incapaz de reprimir o sorriso — meu vestido foi mencionado na *Aglaea's Cabinet*.

Anthea soltou um suspiro resignado.

— Mas não de um jeito bom.

Anthea voltou ao trabalho, e Delyth a se preocupar. Embora tentasse se convencer de que não se importava com o que Felicity pensaria do artigo, na verdade se importava muito. Deixar Whitchurch contra a vontade do pai significava que precisava ganhar o próprio sustento, o que tinha feito muito bem, graças a Anthea e ao Thalia. Mas ela sabia que ser figurinista não era tão respeitável quanto o que fazia agora, e não poderia, nem iria, voltar para a casa do pai sem ter feito sucesso na alta sociedade. Se é que voltaria. Desagradar Felicity poderia significar que nunca mais teria outra oportunidade de sair da sala dos fundos. Mas ela adorava cores, e lady Marjoribanks tinha gostado muito do vestido.

Não pela primeira vez, Delyth se perguntou se Felicity Dawkins se arrependia da decisão de trazer uma figurinista inexperiente do teatro para seu estabelecimento. Verdade que ela elogiara sua habilidade com a agulha e parecia gostar de seu uso pouco ortodoxo das cores. Não que Felicity não fosse uma pessoa perfeitamente encantadora e realmente agradável de se trabalhar. Mas parecia tão distraída esses tempos. Aprovava o vestido de lady Marjoribanks antes de ele sair da loja, mas e se não tivesse prestado muita atenção nele? E se ficasse surpresa e chateada com a má notícia? Delyth tinha adorado a peça (assim como lady M), e não conseguia conceber que ele pudesse ser a sua derrocada.

— Foi desnecessariamente rude.

Simon, que estava ocupado em sua mesa na biblioteca da casa que dividia com a irmã, olhou para cima.

— O que foi, meu bem?

— Isto. — Louisa Merrithew mostrou seu exemplar do *Town Gazette*. — O parágrafo sobre Lady M.

— Não foi rude — Simon falou. — Você estava lá. Ela parecia mesmo que tinha saído do Astley's.

Louisa estremeceu.

— Ela estava um pouco... extravagante. Mas olhando de perto, além das cores, o vestido tinha um desenho elegante e original, como você disse. Quem o criou é novo na cidade e mostra bastante potencial.

— Potencial de quê? — Simon largou a pena. — O único potencial que aquele vestido tinha era o de causar uma dor de cabeça. Não posso acreditar que uma modista que faz jus da alcunha deixaria alguém sair em público vestida daquele jeito. Em que estava pensando?

— Ela tem uma mão maravilhosa para o corte e os drapeados — Louisa disse. — Você tem que encontrá-la e ajudá-la.

Simon afastou-se da mesa e se acomodou em frente à irmã.

— Eu deveria encontrá-la e denunciá-la, isso sim. Essa farsa não foi um acidente. Eu deveria encontrá-la e expulsá-la de Londres. Você só pode estar brincando.

— Decerto não estou — Louisa disse. — Acho que deveríamos visitar lady Marjoribanks.

Simon levantou-se e atçou o fogo.

— Não a conhecemos muito bem — ele disse, virando-se para encarar a irmã.

— Ela era amiga de mamãe. Apreciaria nossa visita e talvez pudéssemos dar-lhe um encorajamento. — Louisa hesitou e acrescentou: — Por “nós” quero dizer, é claro, você. — Ela bateu os cílios e sorriu para o irmão.

— Louisa... — A voz de Simon continha um aviso.

— Ótimo — Louisa disse, levantando-se e indo até a mesa. —

Avisarei a ela de nossa visita agora mesmo.



Lady Marjoribanks ficou mesmo feliz em ver os filhos da falecida viscondessa Fulbeck, e ainda mais feliz em discutir roupas, algo pelo qual era apaixonada. Simon pensou que a obsessão seria um pouco mais aceitável se a dama pudesse distinguir uma cor da outra, o que obviamente não podia. O único elemento discreto na sala era o gato cinza de lady M, disfarçado de almofada.

Depois de pedir desculpas por ter se sentado sobre a fera mal-humorada, Simon se dedicou a fazer um inventário do resto da sala. Semicerrou os olhos enquanto observava tudo, mal prestando atenção enquanto lady M e Louisa conversavam animadas sobre quem estava vestindo o que e qual fabricante de mântua estava moda. Normalmente, ele estaria mais do que interessado em tal discussão. Tudo servia de material para o *Aglaea's Cabinet*. Mas examinar as cortinas vibrantes cor-de-rosa em contraste com o tom chocante de verde do papel de parede adamascado o fez pensar que tudo que lady Marjoribanks tinha a dizer sobre moda deveria ser ouvido com cautela.

Era óbvio para Simon que a modista mais recente de lady M se aproveitara do fato de a dama não conseguir distinguir cores e fizera dela motivo de chacota. Só podia presumir que havia sido feito de má-fé, e estava achando difícil perdoar quem quer que fosse essa pessoa.

— Não concorda, Simon?

Ele acordou de seu devaneio, piscando contra a luz do sol que refletia nas cores contrastantes da sala.

Louisa, como sempre, reconheceu a distração dele.

— Não concorda que deveríamos experimentar essa nova modista? Lady M disse que ficaria feliz em nos passar o contato.

Pois bem, então está resolvido, Simon pensou. *Agradeço a Deus por Louisa*. Ele se virou para a anfitriã.

— Eu adoraria conhecer essa pessoa, e tenho certeza de que Louisa não se importaria de ampliar o guarda-roupa.

Na manhã seguinte, Delyth voltou à Vine Street com o *Gazette* debaixo do braço. Apesar do pessimismo de Anthea com relação à possível reação de Felicity ao *Aglaea's Cabinet*, Delyth não achava certo esconder aquilo dela. Ainda mais porque aquele exemplar pertencia à empregadora. Ela espiou o ateliê e desejou bom dia para Selina, mas não viu sinal de Felicity. Deixou o xale na mesa de trabalho e levou consigo o *Gazette*, então voltou à frente da loja e bateu na porta do pequeno escritório onde Felicity e o irmão cuidavam dos negócios.

— Entre. — Aquela não era a voz de Felicity, mas Delyth abriu a porta.

— Com licença, sr. Dawkins. Estou procurando sua irmã.

Henry Dawkins ergueu os olhos do livro-razão em que trabalhava e tirou os óculos.

— Ela não está — ele informou ao colocar os óculos sobre a mesa. — Deve voltar depois do meio-dia. Posso ajudá-la, srta. Owen?

Delyth passou pela porta e hesitou. Deveria falar com o sr. Dawkins? Ele era uma presença enorme e assustadora, mas sempre parecia gentil quando falava com qualquer uma das funcionárias. Sim, ela decidiu, por que não?

— Bem... — ela começou, mostrando o *Gazette*. — É só que, bem, o *Town Gazette*... o exemplar da srta. Felicity chegou ontem à loja.

Henry Dawkins recolocou os óculos e olhou para Delyth como se tentasse ler sua mente.

— E?

— E... bem... eu o peguei emprestado e levei para casa antes que ela o visse.

— Ah. — Ele assentiu. — Não tem problema. Vejo que o trouxe de volta.

Delyth mexeu no jornal, dobrando-o em quadrados de tamanho cada vez menor.

— Não é isso — ela disse, desdobrando o jornal. Quando voltou ao tamanho normal, ela o entregou ao sr. Dawkins e apontou para o

Aglaea's Cabinet. — Aqui — ela disse. — Veja o que diz.

Henry Dawkins tirou novamente os óculos, limpou-os e os colocou de volta antes de pegar o jornal.

— Estou entendendo por que está desconfortável, srta. Owen. — Ele colocou o jornal de lado e olhou para Delyth.

Ela reprimiu a vontade de dar vários passos para trás.

— O que devo fazer? Eu amo meu trabalho aqui. Não quero que a srta. Felicity me mande embora. Adoro desenhar roupas. Não posso fazer nada se amo cores. Lady Marjoribanks adorou o vestido. Como isso pode ser ruim? Não quero voltar para o teatro.

— Srta. Owen! — o sr. Dawkins disse. — Respire.

— Oh. — Ao perceber que estivera prestes a ter um ataque histérico diante daquele homem que não conhecia muito bem, Delyth desanimou. — Perdoe-me. É só que...

— Sim, eu sei — ele disse. — É só que a senhorita não quer perder seu emprego.

— Sim, é isso.

— Srta. Owen, acalme-se. Essa é a opinião de uma única pessoa sobre um único vestido. Minha irmã não é tão irracional a ponto de demitir uma funcionária talentosa por algo tão singular.

— Mas Aglaea, seja quem for, é muito influente.

— Possivelmente — Dawkins disse, puxando o livro-razão para si. — Mas a senhorita deve confiar que Felicity fará a coisa certa.

— Obrigada, senhor. — Delyth fez uma reverência e saiu do escritório, perguntando-se que coisa certa Felicity faria. Já era tarde demais. O sr. Dawkins estava com o jornal, e tudo o que Delyth podia fazer era voltar ao trabalho e torcer pelo melhor.

Capítulo dois

Delyth se dedicou ao trabalho. Mesmo debruçada sobre a costura, ainda conseguia gastar muita energia tentando se convencer de que Felicity não a demitiria por causa do vestido de lady M e da terrível menção no *Town Gazette*. Na verdade, ainda tentava entender por que Aglaea, fosse quem fosse, não gostara do vestido. Era colorido e lindo. A cor, ela percebeu, era o problema. Mas lady Marjoribanks não tinha dito nada, e Felicity deixara o vestido sair da loja. Ela tinha visto, não tinha? Claro que tinha. Ela via tudo.

Felicity estava ausente hoje, como estivera desde que o *Gazette* fora publicado. A dona da loja parecia distraída na última vez que estivera na Vine Street, e Delyth só podia torcer para não ser a causa. Balançou a cabeça e tirou uma mecha de cabelo dos olhos. Não ficava tão nervosa desde que embarcara na carruagem para Londres sem a permissão do pai, sem nem mesmo seu conhecimento. Esperava que os acontecimentos não levassem a uma viagem de volta.

Uma das aprendizes de Felicity espiou o ateliê.

— Senhorita — ela chamou tão baixinho que precisou pigarrear e repetir antes de Delyth olhar para cima.

A modista observou os arredores. Era a única pessoa ali no momento, então devia ser com ela que Sally estava falando.

— Sim?

— Querem ver a srta. Felicity, mas não há ninguém aqui agora.

— Nem mesmo o sr. Dawkins? — ela perguntou.

— Não, senhorita. Ninguém.

Decidida a não se ofender por ter sido considerada ninguém pela segunda vez, Delyth assentiu.

— Gostaria que eu os recebesse?

— Ah, sim, por favor, senhorita. Se não se importa.

— De jeito nenhum. — Delyth deixou a costura de lado e, afastando o cabelo do rosto, dirigiu-se para a frente da loja.

Parados junto à janela, examinando um vestido exposto, estavam duas das pessoas mais extraordinariamente belas que ela já vira. A jovem tinha os cabelos de um tom pouco elegante de castanho-avermelhado, mas isso não diminuía sua beleza. Para Delyth, ela era a elegância e a graça personificadas, seu rosto era um oval clássico e os olhos verdes brilhantes contrastavam com a pele do mais puro branco. Ela não poderia ser mais graciosa. E não poderia estar vestida com mais elegância. O que estaria fazendo na Vine Street, quando era tão evidente que frequentava a Bond Street junto com o resto da alta sociedade?

Mas, apesar de tudo isso, o olhar de Delyth continuava voltando para o cavalheiro ao seu lado. Ele talvez não fosse tão classicamente bonito quanto a dama, mas era de tirar o fôlego. Alto, magro, cabelo loiro-escuro, olhos da cor do aço temperado. Tinha uma expressão solene em um rosto que parecia ter o hábito de sorrir. O fato de parecer particularmente descontente naquele momento não diminuía em nada sua atração aos olhos de Delyth, que sentiu uma vontade repentina de fazer o que fosse necessário para deixá-lo feliz. Várias ideias sobre como fazer isso surgiram de modo espontâneo em sua mente, e ela corou.

Era a primeira vez que recebia clientes, se é que eram clientes, sem outra pessoa da loja ao seu lado, e estava um pouco hesitante.

Endireitou os ombros, deu um passo à frente e fez uma reverência.

— Posso ajudá-los?

Ambos se viraram para ela. A jovem sorriu, mas o cavalheiro manteve a expressão severa. Isso não era bom. Delyth se concentrou na mulher.

— Como posso ajudá-la, milady?

— É “senhorita” — a moça a corrigiu. — Srta. Merrithew.

— Srta. Merrithew. — Delyth fez outra reverência.

— Estamos aqui para ver Madame Follette — o cavalheiro falou, dando meio passo à frente da srta. Merrithew.

— Senhor? — Delyth se perguntou por que ele não deixava que aquela senhorita tão simpática falasse por si mesma.

— Este é meu irmão — a srta. Merrithew disse. — Simon Merrithew.

Delyth fez uma reverência novamente, consciente de que parecia um passarinho balançando para cima e para baixo na frente daquelas pessoas. Daqueles nobres, ela se corrigiu.

— Deve estar se referindo à srta. Dawkins. Srta. Felicity Dawkins. Ela não está, mas talvez eu possa ajudar?

— Minha irmã precisa de um vestido novo. — O sr. Merrithew lançou a Delyth um olhar penetrante. — Lady Marjoribanks falou muito bem de uma srta. Owen que fez um vestido para ela.

Delyth piscou surpresa e sentiu o rosto queimar.

— Ela falou? Muito gentil da parte dela. Eu sou Delyth Owen.

— Hum. — O sr. Merrithew parecia menos satisfeito do que lady M parecera estar.

— De que tipo de vestido a srta. Merrithew gostaria? — Delyth tentou não tremer. Alguém com a audácia de pegar uma carruagem de Pembrokeshire para Londres e depois ir trabalhar no teatro não deveria ficar tão nervosa ao conhecer duas pessoas elegantes. Acalmou as mãos que torciam o tecido da saia ao ponto de amarrotar, e esperou por uma resposta, que pareceu demorar muito a chegar.

A srta. Merrithew olhou para o irmão, que obviamente havia assumido a negociação.

— Vamos começar com algo para reuniões sociais — ele disse. — E se ficarmos satisfeitos, precisaremos de um vestido para a coroação.

Delyth ofegou.

— A coroação? — Teve medo de que a voz saísse como um guinchado.

— Exatamente — o sr. Merrithew disse, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

O coração de Delyth começou a bater forte. Se conseguisse uma encomenda de vestido para a coroação, Felicity jamais pensaria em demiti-la.

— Muito bem, sr. Merrithew — ela disse, esperando parecer mais

profissional do que ofegante. — Se a srta. Merrithew fizer a bondade de me acompanhar até a nossa sala de estar, podemos conversar sobre tecidos e modelos.

Delyth dirigiu-se para a sala onde as modistas sempre se reuniam com as clientes, mas foi interrompida quando o sr. Merrithew pigarreou. Ela se virou e descobriu que ele não havia saído de sua posição perto da vitrine.

— Senhor? — Não tinha demorado muito para Delyth entender quem era o verdadeiro cliente.

— Estamos acostumados a que as modistas nos atendam em casa — o sr. Merrithew declarou, examinando os punhos em vez de olhar para Delyth.

A modista não deixou de notar que a irmã lhe lançou um olhar perplexo diante daquela afirmação, um que ele ignorou.

— É mesmo? Eu ficaria feliz em fazer isso, mas precisaria da aprovação da srta. Dawkins.

— Naturalmente. — O sr. Merrithew assentiu. — Esperamos a senhorita amanhã, à uma da tarde. Aqui está o nosso endereço. — Ele entregou um cartão a Delyth, pegou o braço da irmã e saiu da loja, deixando Delyth olhando para o pedaço de papel, sentindo-se como se tivesse sido apanhada por um redemoinho muito elegante.



Simon levou sua irmã gaguejante rua abaixo e a empurrou para dentro de uma carruagem de aluguel. Só depois de se colocarem a caminho é que ele olhou para Louisa.

— Estamos acostumados a receber modistas em casa? — ela perguntou. — Quando ficamos tão pedantes?

Simon encolheu os ombros.

Louisa se inclinou para frente e olhou para o rosto do irmão.

— O que você pretende?

— Só achei que seria melhor recebermos a srta. Owen na Portman Square.

— É mesmo? E por quê?

Por quê? Simon não tinha certeza. A princípio, pensou que seria mais fácil avaliar as motivações da srta. Owen ao vestir suas clientes se estivessem longe da influência de suas colegas modistas. Mas agora ficava lembrando sua primeira visão da famosa srta. Owen.

Foi uma surpresa. Ele imaginava uma mulher mais velha, ressentida com seu destino de vestir outras mais afortunadas do que ela, determinada a derrubar algumas matronas antes de se aposentar em uma misantropia solitária. Não esperava uma mulher com rosto de anjo travesso, voz atraente e musical, modos cativantes. Simon endireitou os ombros. O fato de ela ser atraente não significava que ele estivesse errado sobre seu caráter. Não se deixaria distrair de sua missão.

Sua missão. Não compartilhara com Louisa seu plano de desmascarar uma malfeitosa, julgando, provavelmente com razão, que sua bondosa irmã não aprovaria tal ardil. Além disso, ela talvez ficasse chocada ao ver o irmão agindo de forma tão desonesta. Não era algo que normalmente faria, e não empregara mais do que um momento para examinar os próprios motivos. Mas depois de ter estado naquela sala, conversando com a srta. Owen, tinha dificuldade em lembrar por que estava tão determinado a fazer isso. No entanto, se quisesse seguir em frente, supôs que teria de ser franco com Louisa.

— Quero saber o que a motiva — ele disse, olhando pela janela da carruagem para não ter que enfrentar o olhar da irmã.

— O que a motiva? — Louisa pareceu surpresa. — Isso parece bastante óbvio. Ela quer fazer belos vestidos.

— Será? — Simon perguntou, fitando a irmã. — Então por que você acha que ela cometeu aquela atrocidade que lady M vestiu no Almack's?

— E pretendemos enganá-la, então? Enredá-la em algum tipo de subterfúgio? — Louisa parecia indignada. — Achei que tivéssemos concordado que ela precisava de orientação e que esta seria a nossa oportunidade de ajudá-la. Não sei se quero participar de um engodo. A srta. Owen parece uma pessoa muito decente.

— Você acha? — Simon voltou o olhar para a cena que se passava do lado de fora da carruagem, lutando contra a vontade de

concordar com a irmã.

Conhecer a srta. Owen fez com que tendesse a suavizar sua opinião. Delyth Owen era mais jovem do que ele esperava, e parecia ingênua e sincera. Era difícil atribuir o plano mirabolante que havia imaginado a uma pessoa com aparência e maneiras tão agradáveis. Mas ainda não estava pronto para desistir.

— É difícil julgar em tão pouco tempo, não concorda?

Louisa concordou.

— Veremos. Mas não vou mentir para a srta. Owen, mesmo que você queira.

Simon abriu um leve sorriso.

— Tenho certeza de que não será necessário — ele disse.



Delyth voltou para sua costura, mas estava animada demais para se concentrar. Cada vez que ouvia barulho na rua, corria para olhar pela janela. Selina se juntou a ela logo após a partida dos Merrithew e não demorou muito para que ficasse impaciente com a sua inquietação. Determinada a evitar ao máximo incomodar a colega, moveu seu espaço de trabalho o mais próximo possível da janela e contentou-se em olhar para fora a cada dez segundos. Não estava avançando em nenhum trabalho, mas pelo menos não incomodava Selina, que havia parado de emitir sons exasperados.

Por fim, uma carruagem parou diante da loja, e Delyth correu até a porta para cumprimentar Felicity, que sorriu para ela e foi na direção do escritório, tirando as luvas e a jaqueta enquanto caminhava pela loja. Ela abriu a porta da sala, pendurou suas coisas e se virou para Delyth, que trotava atrás dela.

— Boa tarde, Delyth — ela disse. — Algum problema?

— Oh não. — Delyth saltou na ponta dos pés. — Pelo menos, espero que não.

Felicity esperou enquanto Delyth se recompunha e depois acenou para uma cadeira.

— Por favor sente-se. Você está me desgastando e já estou

cansada.

Delyth sentou-se, mas levantou-se quase imediatamente.

— Desculpe. Sinto muito. Não consigo ficar parada.

— Muito bem. — Felicity ergueu uma sobrancelha. — O que você tem para dizer que é tão importante?

A moça respirou fundo. Não havia pensado no que diria a Felicity e estava animada demais para formular uma frase coerente.

— Muito bem — Felicity disse. — Respire mais um pouco.

Delyth seguiu seu conselho e finalmente conseguiu contar a história da visita dos Merrithew e a possibilidade de uma encomenda para a coroação, de uma maneira que a dona da loja pareceu compreender.

— Isso é excelente, Delyth — Felicity disse quando a modista finalmente conseguiu comunicar-lhe a essência do que acontecera. — Você tem uma possível encomenda para a coroação, se entendi bem o seu... monólogo.

— Sim. — Delyth assentiu vigorosamente. — Mas o sr. Merrithew insiste para que eu tire as medidas e faça os ajustes e, pelo que entendi, costure na casa deles.

— É mesmo? — Felicity pareceu refletir sobre aquilo por um momento. — Bem, não é totalmente inédito. Embora geralmente seja feito para os aristocratas mais nobres. — Ela hesitou por outro momento. — Merrithew, você disse?

— Sim. — Delyth prendeu a respiração.

— Acredito que a senhorita e o sr. Merrithew sejam os filhos da falecida viscondessa Fulbeck — Felicity disse. — Ela era uma referência na moda londrina até seu infeliz acidente de carruagem.

Delyth esperou, tensa da nuca até a ponta dos pés.

Felicity sentou-se pesadamente atrás da mesa, puxou alguns papéis e olhou para cima.

— Você pode ir. Na verdade, deve ir. E que tenha boa sorte.

Quando Delyth saiu da sala, pensou ter ouvido a patroa murmurar “Boa sorte para todas nós”.

Capítulo três

Delyth nunca estivera na Portman Square. Ficou muito impressionada com a grandiosidade das casas e o lindo parque no centro, mas um pouco decepcionada com o portão trancado do parque. Saiu da carruagem de aluguel que Felicity insistiu que usasse e se virou para pegar suas amostras, ilustrações e materiais de desenho. Supôs que costuraria no ateliê, mas não tinha certeza. O tempo diria.

Delyth olhou por cima do ombro a tempo de ver o encolher de ombros do condutor da carruagem de aluguel enquanto ela subia os degraus da entrada principal. Sentiu certa desaprovação da parte dele por deixá-la na porta da frente da residência. Haviam lhe instruído que assim o fizesse, mas percebeu que o condutor achava que ela estava se colocando acima de sua posição. Talvez estivesse, mas havia sido convidada para ir ali, e pretendia agir como convidada até que alguém lhe dissesse o contrário.

Um lacaios bastante imponente atendeu às suas batidas e permitiu que entrasse sem sequer levantar uma sobranceira. *Eis aí*, ela pensou, desejando que o condutor da carruagem de aluguel estivesse lá para vê-la entrar. *Eu sou uma convidada*.

— Srta. Owen, para ver a srta. Merrithew — ela informou. — Estão me esperando — acrescentou, pensando que poderia ser um adendo prudente.

— Sim, senhorita — o homem falou. — Por aqui, por favor.

E ela logo se viu em uma sala ensolarada, sendo saudada por uma igualmente ensolarada srta. Merrithew e seu irmão mais nublado. Um lacaios pegou sua valise e ficou onde estava.

— Veja que veio preparada. — Louisa Merrithew deu um passo à frente e fez um gesto para o lacaios. — Por favor, leve as coisas da srta.

Owen. Ela não vai precisar delas por um tempo.

Delyth ficou intrigada até que Louisa disse:

— Seu casaco...

— Claro. — Delyth despiu a peliça, tirou as luvas e o chapéu e entregou tudo ao lacaio, que se curvou e saiu. Ela ficou onde estava, imaginando o que viria a seguir.

— Vamos beber alguma coisa e discutir como procederemos — Louisa disse.

A srta. Merrithew apontou para uma cadeira. Antes de se sentar, Delyth olhou para o irmão carrancudo. Se não gostava dela, e parecia não gostar, o que estava fazendo ali? O homem obviamente não confiava nela, mas será que não confiava na irmã? Reprimindo um suspiro, Delyth sentou-se e cruzou as mãos no colo.

Louisa serviu o chá, e o sr. Merrithew relaxou o suficiente para se sentar e aceitar uma xícara. Ele ainda não tinha falado nada.

Delyth fora treinada para permitir que o cliente iniciasse a conversa. Supunha que a visita dos Merrithew à casa de Madame Follette tivesse constituído esse início, e estava preparada para assumir a liderança. No entanto, também havia sido criada na casa de um cavalheiro e sabia que não se tratava de negócios durante o chá.

— A casa dos senhores é adorável — ela disse para quebrar o silêncio.

Ela viu o sr. Merrithew erguer uma sobrancelha, o primeiro movimento em seu rosto desde que ela entrou no cômodo. Delyth, no entanto, não sabia como interpretar o gesto. Decidiu ignorar a questão. O sr. Merrithew obviamente não gostava dela, por algum motivo que não conseguia entender. Talvez ele não gostasse dos galeses. Bem, era tarde demais para fazer algo a respeito.

Quando estava no teatro, Delyth pedira a Anthea que a ajudasse a soar mais como as mulheres que ela esperava ter como clientes um dia. A amiga rira e dissera que a maioria das mulheres mataria para ter sua voz e que ela deveria deixá-la como estava. Aceitara, e agora Simon Merrithew franzia a testa para ela. Quando o conheceu, teve certeza de que ele não franzia a testa para muitas pessoas. Talvez fosse só para os galeses.

Afastou tais pensamentos e sorriu para a srta. Merrithew, que parecia muito afável. Ao que tudo indicava, a antipatia pelos galeses não era característica familiar.

— Gostaria de falar de seu vestido, srta. Merrithew? — ela perguntou, dispensando o uso da etiqueta.

Antes que a srta. Merrithew pudesse responder, o sr. Merrithew colocou a xícara no pires com um estalo e se inclinou para a frente.

— Talvez pudesse nos contar um pouco a seu respeito primeiro, srta. Owen.

Raios. Delyth odiava aquela pergunta. Não que tivesse vergonha de sua origem. Não tinha. Mas também não achava que as pessoas gostariam de saber que fugira de casa para se juntar ao teatro. Ela mesma achava aquilo um tanto juvenil, e fora ela quem o fizera. Era tão ruim em mentir que na maioria das vezes nem tentava. Estava nervosa só de estar ali. Contar uma mentira convincente estava fora de cogitação.

Em vez disso, contemporizou.

— Sempre quis desenhar vestidos — disse, parecendo o mais inocente possível. — Adoro a sensação do tecido e a interação entre as cores. Adoro ajudar as mulheres a terem a melhor aparência possível. Quero que se sintam lindas e felizes.

Era tudo verdade, e nada respondia à pergunta. Ela sabia o que o sr. Merrithew queria e, embora soubesse que acabaria contando, estava determinada a evitar o assunto o máximo possível. Talvez ele consumisse tanto chá que teria que pedir licença e deixá-la sozinha com a irmã, que era muito mais simpática.

Em vez de interromper, contradizer ou mesmo comentar, como Delyth esperava, o sr. Merrithew simplesmente recostou-se e voltou a erguer aquela sobrançelha intimidadora. Desejou que as sobrançelhas do homem permanecessem alinhadas. O silêncio reinou por mais segundos do que o aceitável em uma conversa normal, até que Louisa Merrithew começou a parecer desconfortável.

— A senhorita é galesa — observou a srta. Merrithew.

Ah, lá vem, Delyth pensou.

— Sim. Nasci em Pembrokeshire. — Não precisava dar detalhes

se não fosse questionada, e esperava não ser.

— A senhoria tem uma voz tão encantadora — continuou a srta. Merrithew. — Eu adoraria ter uma voz assim.

Delyth sorriu.



Aquele sorriso afetou Simon. Como é que alguém que estava ocultando informações, que tinha razões escusas, podia ter um sorriso assim? Genuíno, alegre, real. Não era o sorriso de uma manipuladora. Ele quase se endireitou e o retribuiu. Felizmente, Louisa continuou falando, e ele conseguiu recuar e retomar a observação.

— Mais chá? — Louisa ergueu o bule.

A srta. Owen ergueu a mão e balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

Simon poderia jurar que ela lançara um rápido olhar em sua direção. Ele a estava deixando nervosa? Deveria tirar vantagem disso?

— Srta. Owen — ele disse, fazendo uma pausa quando ela se virou.

— Sr. Merrithew? — Louisa estava certa. Sua voz baixa e musical era extraordinariamente atraente.

Simon respirou fundo antes de continuar:

— Pelo que entendi, o vestido de lady Marjoribanks foi seu primeiro design para a Madame Follette's.

A srta. Owen hesitou.

— Sim — ela disse por fim. — Embora eu já estivesse trabalhando para Madame Follette's há vários meses antes de receber a atribuição.

— E que coincidência que tenha sido lady Marjoribanks.

A srta. Owen piscou.

— Coincidência?

— Encontrar uma cliente que compartilha de suas sensibilidades.

— Ah — a srta. Owen disse. — Sim. De fato.

Simon esperou, mas ela não disse mais nada.

— O que recomendaria para minha irmã? — ele perguntou.

A srta. Owen voltou-se para Louisa e respirou fundo.

— Isso depende — ela disse — do que a srta. Merrithew deseja.

— O que você quer, Louisa? — Simon virou-se para a irmã.

— Quero algum tempo para discutir minhas opções com a srta.

Owen — ela disse. — A sós — acrescentou.

Simon não se mexeu. Ainda não estava pronto para ceder a conversa à irmã. Havia informações sobre Delyth Owen que ele queria saber e que, ao que parecia, ela não queria contar. Ele lhe mostraria o que era ser teimoso. Lançou um olhar implacável para Louisa e recostou-se na poltrona.

Louisa virou-se para a convidada.

— Parece que não estamos prontos para discutir minhas opções, srta. Owen. Coma um biscoito.

— Ora vamos, Louisa — Simon disse. — Você sabe o quanto eu gosto de moda. Por favor, não me mande embora quando a conversa vai ficar interessante.

O silêncio que se seguiu foi profundo e prolongado. Ou pelo menos assim pareceu para Simon. Estava bem ciente de que Louisa o olhava de soslaio e que a srta. Owen o olhava confusa. O que poderia dizer? O que falou foi ridículo, mas não tinha ideia de como prosseguiria a busca sem tal estratégia. E se alguém examinasse profundamente seus interesses, dificilmente poderia negar que a moda era uma de suas paixões. Claro, quem faria tal exame? Como conseguiriam isso? Tentou imaginar alguém o abordando no Almack's e perguntando: “A moda é uma de suas paixões?”. De onde tinha vindo essa linha de pensamento? De repente, percebeu que as duas mulheres o olhavam em total perplexidade. Talvez quisessem perguntar se a moda era uma de suas paixões.

Por fim, a srta. Owen fez a gentileza de pôr fim ao silêncio.

— Bem — ela disse, colocando a xícara sobre a mesa e as mãos nos joelhos. — Por que não pedimos a minha valise e para podermos começar a falar de, bem, moda?

Simon relaxou. Seu estratégia funcionara e ele estava estranhamente grato à srta. Owen por aceitá-lo tão graciosamente. Duvidava de que Louisa tivesse feito o mesmo.

A irmã confirmou o palpite lançando-lhe um olhar impaciente. Ela chamou o lacaio para que trouxesse a valise da srta. Owen, e Simon recostou-se para apreciar o espetáculo. Era verdade que não descobrira tanto sobre o passado da srta. Owen quanto esperava, mas tinha outras fontes para esse tipo de coisa. Isto, essa demonstração de como ela trabalhava, era o verdadeiro motivo pelo qual a trouxera até Portman Square.

No momento em que a valise apareceu diante dela, Delyth Owen se transformou. Enquanto tirava amostras de tecido, os olhos brilhavam e ela ficava mais corada. Ninguém que a observasse poderia duvidar que aquele era o seu elemento. Simon ficou alternadamente admirado e confuso. Não parecia haver nenhum subterfúgio na mulher que exibia sedas e musselinas para a irmã. E, no entanto, não conseguia afastar a ideia de que ela havia deliberadamente feito de lady Marjoribanks motivo de chacota. Ela poderia ser uma atriz tão boa? Ele achava que deveria averiguar tal possibilidade, mas cada momento na companhia de Delyth Owen o deixava cada vez mais desconfortável com o caminho que havia imposto a si mesmo.

Depois de algum tempo, durante o qual Louisa avaliou os vários tecidos, a srta. Owen sugeriu que talvez fosse melhor se Louisa lhe dissesse que estilo de vestido preferia, e o que tinha em mente para aquele que ela desenharia. A irmã disse que levaria a srta. Owen aos seus aposentos e examinariam seu guarda-roupa.

Simon reconheceu que sua presença já não era bem-vinda naquela conversa e pediu licença, a fim de fazer outras investigações sobre a misteriosa e intrigante srta. Delyth Owen.

O que sabia? Ela era de Pembrokeshire. O que provavelmente era verdade. O sotaque deveras confirmava que viera do País de Gales. E quanto à família? Ela tinha modos nobres. O que era interessante, à luz de sua posição bastante inferior como costureira e aspirante a modista. Podia começar daí. Uma coisa que sabia com certeza era que Delyth Owen trabalhava na Madame Follette's. Então seria por aí que começaria.

A srta. Felicity Dawkins não estava na loja quando ele chegou. Simon tirou o chapéu.

— A srta. Dawkins costuma aparecer aqui?

A menina que o recebera ficou vermelha.

— A srta. Felicity é muito ocupada — ela disse.

— É o que parece. Seria de se esperar, entretanto, que ela estivesse ocupada cuidando de seus negócios. Há alguém com quem eu possa falar sobre suas costureiras?

— O sr. Dawkins está no escritório agora — disse a menina, apontando para uma porta no canto dos fundos.

— Sr. Dawkins? — Simon nunca tinha ouvido falar de um sr. Dawkins.

— Irmão da srta. Felicity. Ele às vezes ajuda com a contabilidade.

Simon percebeu que isso era tudo o que a menina sabia, mas era bom o bastante para ele.

— Poderia perguntar ao sr. Dawkins se ele pode me receber?

Capítulo quatro

— Ela é do teatro. — Simon caminhou pela sala onde ele e a irmã tinham servido chá à srta. Owen. — Do teatro!

— Meu Deus, Simon. Por favor, acalme-se. Você diz isso como se ela viesse das celas de Newgate ou de algum circo.

Ele não conseguia entender como Louisa podia ficar tão indiferente à informação.

— Ela poderia muito bem ter se juntado ao circo. O que Madame Follette, ou a srta. Dawkins, ou quem quer que a tenha contratado, estava pensando quando empregou uma figurinista do teatro?

— Talvez tenham achado que ela é muito boa no que faz — Louisa disse, ganhando um olhar severo do irmão.

— Talvez tenha sido um momento de insanidade — Simon disse, mas depois recuou. — Você está certa — ele admitiu. — Ela é muito boa no que faz, mas será possível que tenha enganado a srta. Dawkins de alguma forma?

— Enganado como? — perguntou Louisa. — Você não acabou de me dizer que o irmão da srta. Dawkins lhe deu essa informação? Se ele sabe, decerto a irmã também sabe.

Simon balançou a cabeça.

— Sinto que algo está errado. Só não sei dizer o que é.

Louisa cruzou os braços e olhou para o irmão.

— Isso é óbvio.

— E não consegui descobrir onde ela estava antes de ingressar no circo, digo, no teatro.

— Por que isso é tão importante para você? E queira sentar-se, por favor; está me deixando tonta.

Simon sentou-se e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, sentindo-se exausto.

— Não sei — disse. — Desde que assumi a coluna de mamãe,

parece que desenvolvi uma preocupação obsessiva com moda. — Ele olhou para a irmã e balançou a cabeça. — Não pode ser saudável.

— Não — Louisa disse. — Deveras. Mas você já encontrou modistas ruins antes. Nunca o vi tão perturbado. O que está acontecendo?

Simon ergueu os ombros.

— Não sei. Queria eu descobrir a razão.

— Bem, mas precisamos. — Louisa se levantou, foi até o irmão e colocou a mão em seu ombro. — Não aguento vê-lo agindo dessa maneira perturbada.

— Perturbada? — Simon se irritou, respirando fundo antes de responder. Mas, em vez responder, apenas recostou-se na poltrona. — Talvez eu esteja agindo de forma perturbada. Mas... — Ele sentou-se novamente. — Não vou desistir da missão.

— Missão, é? — Louisa foi até a lareira e fingiu bater a cabeça nela. — Muito bem, que assim seja. Mas estarei de olho em você. Por onde vai começar?

Simon hesitou. Por onde começaria? Ou melhor, como continuaria? Já tinham levado a srta. Owen à Portman Square, e ele já fizera sua primeira incursão na espionagem. Supôs que uma maneira seria seguir a pista do teatro.

— Vou tentar encontrar o antigo empregador dela — disse, subitamente decidido.

— Você quer dizer o teatro? — perguntou Louisa. Quando Simon assentiu, ela continuou: — O que espera descobrir lá?

Boa pergunta.

— De onde exatamente ela vem. Porque está em Londres. Qual é o seu passado.

Louisa piscou.

— E como isso vai ajudar?

— Eu não sei, Louisa. Mas é um começo.

Louisa fez careta.

— Sabe, ela foi muito articulada e prestativa quando olhamos meu guarda-roupa.

— Foi, é?

Louisa virou-se para encarar o irmão.

— Pare com isso, Simon. Não use esse tom comigo. Eu o conheço muito bem. E, sim, já que perguntou, ela foi, sim. Ela entende de estampas, tecidos e caimento de roupas. Tenho certeza de que é uma excelente costureira.

— Percebi que você não incluiu cores nessa lista — Simon disse.

Louisa suspirou.

— Ainda não.

Sentindo-se um pouco mais justificado do que deveria, Simon assentiu:

— Vou descobrir onde ela mora.

Louisa colocou as mãos nos quadris, um sorriso tomou conta de sua expressão.

— Ela deveria morar aqui.

— Perdão? — Um arrepio percorreu a espinha de Simon. O que Louisa estava sugerindo? Ter Delyth Owen sob seu teto não era uma boa ideia. Se bem que...

No caminho até a Madame Follette's, a ideia de Delyth Owen dormindo sob seu teto permaneceu em sua mente de Simon. Ele a imaginou indo para a cama a apenas algumas portas de onde ele dormia. Fantasiou que tipo de camisola ela usaria, enquanto pergunta às mulheres do ateliê onde Delyth morava e o nome do teatro onde ela havia trabalhado. Quando entrou no Thalia Theatre e perguntou pela srta. Drinkwater, estava imaginando a aparência da srta. Owen ao acordar, o que incluía imaginar como ela seria se ele a acordasse.

Não eram pensamentos que deveria ter. Tais fantasias com a srta. Delyth Owen eram completamente contraditórias ao seu plano de expor a mulher à sociedade. E, no entanto, a ideia de expor a srta. Owen na privacidade de um quarto de hóspedes em Merrithew House não lhe saía da mente. Era quase como se ela tivesse lançado algum feitiço sobre ele, aquela bruxinha galesa.



— Eles o quê? — Delyth fechou a boca assim que percebeu que

estava com ela aberta no escritório de Felicity.

— A srta. Merrithew decidiu que gostaria de encomendar vários vestidos novos e pediu que você resida na casa dela enquanto trabalha neles. Ela lhe fornecerá uma sala de trabalho e assistentes, caso você precise.

A cabeça de Delyth ainda estava girando.

— Isso é muito... — Lisonjeiro? Confuso? Excitante? Estava tendo problemas para encontrar a palavra correta.

— Isso é muito bom para nós. — Felicity forneceu a resposta. — E para você, se você se sair bem.

— Mas devo morar lá? Tenho uma casa perfeitamente boa — Delyth disse. — E sou mais do que capaz de ir de lá até Portman Square.

— Tenho certeza de que é, meu bem. — Felicity olhou para baixo para arrumar alguns papéis em sua mesa. — Mas a srta. Merrithew é uma referência na moda da cidade, e esta é uma oportunidade maravilhosa. — Ela hesitou por um momento. — Não concorda?

Delyth supôs que sim. E se Madame Follette's estava feliz em concordar, então ela também estava. Assentiu.

— Claro. Quando começo?

— O sr. Merrithew enviará uma carruagem de aluguel à sua residência amanhã de manhã. Leve uma variedade de tecidos consigo. Pode selecioná-los hoje e nós os organizaremos. Se precisar de alguma coisa enquanto estiver trabalhando com a srta. Merrithew, basta enviar uma mensagem.



— Eles o quê? — Anthea Drinkwater estava na sala de estar do apartamento que dividia com Delyth, boquiaberta.

Delyth, cercada por uma pilha de pacotes cuidadosamente embrulhados em papel e amarrados com barbante, ergueu os ombros

— Querem que eu me mude para a casa deles enquanto trabalho nos vestidos da srta. Merrithew.

— E você vai?

— Como pode ver. — Delyth apontou para a pilha de tecido que fora enviada para casa com ela.

— Vejo que trouxe metade da loja. — Anthea parecia cansada. Ou estava preocupada? Delyth não tinha certeza. Mas sabia o que tinha que fazer.

— Vou levar tudo comigo para a Portman Square. É o que Felicity quer. E — ela acrescentou — trabalho para ela, então eu vou.

— Não confio em Simon Merrithew — disse Anthea.

Delyth ficou atordoada.

— Você nem o conhece.

— Agora conheço — disse Anthea. — Ele fez uma visita ao teatro.

Delyth piscou, tentando se concentrar na amiga.

— Por quê?

— Para coletar informações sobre você, querida. Quanto tempo estive no teatro, onde aprendeu a desenhar, de onde veio, quem é sua família.

— O que disse a ele?

— Não muito. Não poderia dizer que não sabia por quanto tempo você estive no teatro, já que fui eu quem a trouxe. Mas não divulguei nenhuma outra informação a seu respeito. Não que você tenha sido muito aberta comigo sobre sua família.

Delyth considerou esse interesse em seu passado e se perguntou se Anthea estava certa em não confiar nele. Provavelmente sim, mas Delyth pensava no melhor.

— O que achou dele?

— Acabei de dizer que não confio nele. — Anthea pareceu surpresa com a pergunta.

— Não — Delyth disse. — Quero dizer, não é um cavalheiro bonito? Tão alto e de tão bons modos.

Anthea franziu a testa.

— Eu não o estava avaliando como parceiro de dança, Delyth. Fiquei me perguntando por que ele queria saber tanto sobre você.

— Você se preocupa demais. Ele provavelmente está preocupado

com o caráter de alguém que pretende admitir em sua casa. Você não estaria?

— Suponho que sim. Anthea suspirou.

— Você notou a cor dos olhos dele? — Delyth perguntou.

Anthea balançou a cabeça.

— Azul. Um azul frio. Mas a gente percebe que, se pudesse fazê-lo sorrir, eles se aqueceriam em algo parecido com um céu de verão.

— Meu Deus, Delyth. — Anthea ergueu as mãos.

— O quê?

— Vá — disse Anthea. — Vá para a residência Merrithew. Mas, por favor, não se apaixone por Simon Merrithew.

— É claro que não — Delyth disse. — Posso admirar um homem sem me apaixonar. Isso seria ridículo. Além do que, ele não parece gostar dos galeses.

Anthea se levantou e pegou as mãos da amiga.

— Tenha cuidado, Delyth. Ele está tramando alguma coisa, e não acho que possa ser bom para você.

— Eu realmente não tenho escolha, a menos que você queira que eu volte ao teatro.

— É claro que a quero de volta ao teatro — disse Anthea. — Mas sei que não é lá que está o seu coração. Vá morar com os Merrithew. Mas tenha cuidado.

— Embora eu ache que você está exagerando, eu terei — Delyth disse. — Agora me ajude a colocar alguma ordem nesses pacotes.



Delyth estava preparada. Fechou o pequeno baú que trouxera do País de Gales, a mala que pegou emprestada de Anthea, e verificou se os pacotes de tecido estavam devidamente guardados. Reorganizara o material de costura, certificando-se de que tinha agulhas e linha suficientes e que sua tesoura estava afiada. Tudo pronto, exceto sua mente.

Deitou-se na cama e imaginou como seria viver em uma casa tão grandiosa. Não começara a vida na pobreza e, para ser sincera consigo

mesma (algo que ela gostava de fazer), tivera muita sorte em encontrar um emprego no Thalia e um lar com Anthea. Mas a sua situação de vida nunca chegara perto do luxo em que os Merrithew pareciam viver. Embora seu pai fosse (e provavelmente continuasse a ser) bastante próspero, também era um dos proprietários de terras mais parcimoniosos do País de Gales. Partir para seguir seu sonho não havia sido uma dificuldade. Percebera que Simon Merrithew, embora provavelmente não fosse perdulário, preferia um ambiente elegante. Poderia ser divertido viver sob o teto dele por um tempo.

E a srta. Merrithew. Por alguma razão, Delyth sempre se esquecia do motivo pelo qual estava indo para Portman Square. Estava indo para vestir Louisa Merrithew, e não teria nada a ver com o irmão. Anthea não lhe avisou que deveria ter cuidado? Por que o homem andara fazendo perguntas sobre ela? O que esperava descobrir? Ele tinha algum interesse nela?

Por fim dormiu, com visões dos Merrithew dançando em sua mente.

Capítulo cinco

— **T**em certeza de que quer a porta da frente, senhorita? — O condutor do cabriolé olhou para a pilha de pacotes de Delyth e para seu baú surrado com certa dúvida.

— Sim, certeza absoluta. — Delyth estava um tanto cansada dos condutores de carruagem de aluguel intrometidos, mas alegre e quase saltitante por subir os degraus da frente.

Infelizmente, o laçao que atendeu a porta parecia ainda mais duvidoso do que o cocheiro.

— Senhorita? — ele perguntou, no tom mais condescendente que Delyth tinha ouvido desde que chegara a Londres. E já tinha recebido uma boa dose de condescendência.

Hoje, porém, não aceitaria tal tratamento.

— Srta. Owen, para ver a srta. Merrithew — ela disse, ignorando o monte de pacotes e embrulhos que crescia a seus pés.

Ficou surpresa com o fato de sua atitude firme dar resultado. O laçao fez uma breve reverência e abriu mais a porta.

— Por favor, cuide dos meus pacotes — ela disse, reprimindo um sorriso e entrando da forma mais grandiosa que pôde com sua capa de modista.

— Queira sentar-se, senhorita... é... senhora. — O laçao passou de condescendente a confuso.

Delyth adorou e não se dignou a responder à pergunta implícita.

— A srta. Merrithew me espera — ela disse. — Acredito que ela esteja em casa.

— Só um momento, senhora... senhorita — o laçao gaguejou, fez uma reverência e saiu apressado.

Em poucos instantes, uma mulher que Delyth nunca vira antes chegou apressada ao saguão e a cumprimentou.

— Srta. Owen. Sou a sra. Reynolds, a governanta. A srta.

Merrithew pediu que eu lhe mostrasse seu quarto. — Ela olhou para a pilha de pacotes e depois para Delyth.

— São para meu trabalho — Delyth disse, parecendo se desculpar.

— Naturalmente. — A sra. Reynolds fez um gesto para o lacaio. — Leve isso para o salão matinal. E o senhor — ela apontou para um segundo lacaio que apareceu atrás dela —, leve o baú da srta. Owen para o quarto azul.

Voltando-se para Delyth, ela acrescentou:

— Queira me seguir.

Delyth se proibiu de fazer a reverência que os modos da sra. Reynolds pareciam sugerir e sorriu para a governanta.

— É claro. — Pegou a maleta de Anthea e seguiu a senhora para fora da sala e escada acima.

O quarto azul era encantador. As paredes eram forradas por uma suave seda azul que combinava com o dossel da cama. Os móveis de jacarandá estavam polidos até brilhar, e o carpete parecia macio sob o solado fino dos sapatos. Ela não estava nos aposentos dos empregados, e sentiu-se bastante satisfeita por não ter deixado o cocheiro levá-la até a entrada dos fundos. Seu baú estava ao pé da cama e uma criada o desfazia. Delyth ficou surpresa. Ela e Anthea dividiam uma criada/arrumadeira para o apartamento, mas ela cuidava das próprias necessidades desde que deixara a casa do pai. Decidiu que gostava de ter uma criada pessoal e se conteve para não comentar nada com a governanta. Se os Merrithew queriam tratá-la como convidada, quem era ela para discordar?

— É... — Delyth hesitou na palavra seguinte. Não queria parecer muito efusiva. — É muito agradável — disse por fim, sorrindo para a governanta. — Onde devo esperar a srta. Merrithew?

— A srta. Merrithew deseja que fique confortável e descanse da viagem.

Viagem? Delyth pegara um cabriolé da Henrietta Street até a Portman Square, que não ficava a mais de cinco quilômetros. Mal dava para ser considerada uma viagem. Mesmo que tivesse caminhado, o que poderia facilmente ter feito, não precisaria

descansar.

— Mas eu estou... — ela começou a dizer, mas a srta. Reynolds a interrompeu.

— A senhorita se juntará ao sr. e à srta. Merrithew para jantar — ela disse. — Vou mandar a criada avisá-la a tempo de se vestir.

— O-obrigada — Delyth disse.

Não estava se sentindo tão à vontade naquele momento. Assim que a governanta saiu do quarto, ela se virou para as roupas para ver se a criada havia milagrosamente desempacotado algo adequado para um jantar com a aristocracia. Aristocracia bastante nobre, aliás. Felizmente era uma costureira boa o bastante para fazer as próprias roupas. Pegou um lindo vestido rosa e verde que terminara recentemente. Embora Anthea tivesse se engasgado quando Delyth o vestira pela primeira vez, achou que serviria muito bem para o jantar.

Uma batida suave na porta a acordou. Ela se sentou, surpresa ao descobrir que havia adormecido e ainda mais surpresa por alguém ter entrado enquanto ela dormia e acendido a lareira. Daria para se acostumar com o luxo. Sorrindo para si mesma, permitiu que a criada que havia desfeito seu baú a ajudasse a se vestir e a se pentear. Estava com uma aparência muito boa, de fato, pensou, enquanto se examinava no espelho entre as cortinas das janelas.

— Para onde devo ir? — perguntou à criada.



— Sterling me disse que a srta. Owen se juntará a nós para jantar. — Simon encontrara Louisa na biblioteca para verificar o boato.

Louisa piscou para ele.

— É claro — ela disse, como se aquela fosse uma afirmação estúpida.

— Ela é só uma modista. — Simon deixou-se cair numa poltrona e estreitou os olhos para a irmã.

— Eu sei — Louisa disse. — Mas é um fato reconhecido que as modistas precisam comer.

— Conosco?

— Se a convidarmos. — Louisa assentiu, acrescentando: — E foi o que fizemos.

— Por que você faria isso, Louisa?

— O que queria que eu fizesse? — Ela se inclinou para frente. — Mandar que levassem uma bandeja para o quarto dela? Dizer que comesse na cozinha? Jogar alguns restos pela porta?

— Ela é uma serviçal.

— Ela é modista. E, no momento, é a minha modista. Eu a quero conosco à mesa.

Simon notou a mandíbula de Louisa se firmar e percebeu que não venceria a discussão.

— Muito bem. Eu estarei lá.

— Sim, você estará — Louisa disse, retomando o livro que estivera lendo.

Simon saiu da biblioteca, perguntando-se por que a decisão da irmã o deixara tão inquieto. A ideia de jantar com a srta. Owen não era absurda. Sim, ele provavelmente não estava sendo razoável, mas não tinha certeza do porquê. Apanhou o chapéu, as luvas e a bengala com o mordomo e saiu para se refrescar com uma caminhada no parque. Isso lhe daria tempo para considerar sua resposta à pequena modista.

Respirou fundo ao atravessar a rua e abrir o portão do parque, sentindo que havia exagerado. Na verdade, estava pronto para reconhecer que vinha reagindo com exagero a tudo o que dizia respeito à srta. Delyth Owen desde que vira lady Marjoribanks usando aquele vestido horrível. Sim, ele se tornara um árbitro da moda desde a morte prematura da mãe, mas, meu Deus, aquilo já estava indo longe demais. O fato de os detalhes sobre o passado da srta. Owen serem escassos fazia com que ainda se perguntasse se ela teria segundas intenções ao vestir a dama com cores tão horríveis. Quem era ela?

E por que ele se importava? Simon encontrou um banco seco e se sentou, acariciando a ponta da bengala enquanto pensava na questão. Não tinha o hábito de enganar a si mesmo, e estava pronto para

admitir que algo na srta. Owen o interessava. Que o atraía? Verdade seja dita, ela não era o que alguém descreveria como uma beleza. Era pequena e um pouco mais curvilínea do que a moda atual exigia. Verdade que seu cabelo era escuro e brilhante, embora não particularmente estiloso. Mas o que esperar de uma mulher que precisava trabalhar para viver? E sua pele era luminosa.

Simon endireitou-se abruptamente e passou a mão pelo rosto. A pele era luminosa? De onde veio esse pensamento? Não era do feito dele ser poético. Bem, talvez sobre vestidos e só por escrito, mas não sobre pele ou cabelo! E decerto não era típico dele fantasiar com uma mulher. Se dissesse “a pele dela é luminosa” para Louisa, a irmã cairia na gargalhada. Ele não devia estar fazendo o mesmo? Tirou o relógio de bolso do colete e examinou o mostrador. Quanto tempo faltava para o jantar?



Embora não tivesse exatamente confortável com a fascinação e a suspeita que sentia por Delyth Owen, Simon estava vestido para jantar e na sala de estar com a irmã, pensando em beber algo mais forte que xerez, quando Delyth foi introduzida na sala pelo lacaio. Simon congelou o ato de pegar uma garrafa e deixou cair o copo que segurava. Louisa atravessou a sala rapidamente e salvou seja lá o que ele estava prestes a servir, pegou o copo, que havia caído no tapete sem se quebrar, e colocou seu braço no de Simon, virando-o para ficarem de frente para a convidada.

Simon mordeu o lábio, tentando controlar sua expressão. Não seria bom se deixasse transparecer sua reação. Mas o que a mulher estava usando? Bom Deus! O vestido, embora não tão extravagante quanto o de lady M, mostrava uma nítida... ele nem sabia como chamar aquilo.

O que escreveria se fosse para o *Aglaea's Cabinet*? Uma nítida falta de bom gosto. Uma total ausência de entendimento sobre cores. Ele respirou fundo e tentou desfocar os olhos. Não adiantou. Tudo o que conseguia ver eram as cores. Quando retomou o foco, pôde ver

que a estrutura do vestido era linda e bastante original, e que a construção era quase perfeita e ressaltava o corpo voluptuoso. Delyth Owen era uma excelente costureira e, possivelmente, uma excelente modista. Ela só não sabia escolher cores, mesmo que fosse uma questão de vida ou morte. Naquele momento, Simon entendeu que a criação que fez para lady Marjoribanks não fora maliciosa. Era apenas Delyth.

Apenas Delyth. As duas palavras ficaram na mente de Simon durante o jantar e depois que ele se retirou. Naquele momento, a srta. Owen se tornara Delyth e Simon se vira em dificuldade. Não tinha certeza se deveria abandonar a investigação. Disse a si mesmo que um vestido de cor atroz não era prova suficiente para absolver Delyth Owen de qualquer conspiração nefasta que ela, ou possivelmente ele, tivesse inventado. Por outro lado, estava cada vez mais encantado com a jovem modista. Ela tinha sido graciosa e refinada à mesa de jantar. Sua conversa era perspicaz e divertida. Ela era uma boa pessoa e era óbvio que Louisa gostava de sua companhia. Ele precisava pensar.

Em vez disso, dormiu.

Capítulo seis

— A srta. Owen não vem? — Simon sentou-se à mesa do café da manhã, com o prato cheio, e acenou para o lacaio encher sua xícara.

— A srta. Owen está na sala de trabalho que preparamos para ela, desempacotando os tecidos.

Simon estremeceu.

Louisa suspirou.

— Admito que o vestido da noite passada não é um bom presságio para o que poderei encontrar na minha primeira sessão. Mas talvez ela tenha feito isso com sobras de tecido de outros projetos, juntando o que estava disponível.

— Talvez. — Simon tomou um gole de café. — Talvez não. Veremos.

— Veremos? — Louisa devolveu, pondo ênfase na palavra.

— Sim. — Simon colocou a xícara de volta no pires com um tilintar decidido. — Acho que vou à primeira reunião de vocês.

— Totalmente desnecessário, Simon. E um pouco estranho.

— Talvez, mas preciso saber o que ela está fazendo. E também da certeza de que você estará vestida adequadamente.

Louisa ergueu o garfo e remexeu os ovos no prato.

— Sou uma mulher adulta, e já faz algum tempo que escolho minhas próprias roupas. E não deveria ser necessário salientar que os desenhos e a técnica da srta. Owen são excelentes. Admito que suas escolhas de cores são um pouco... incomuns.

Simon balançou a cabeça.

— Sinto-me envolvido, de alguma forma — ele disse. — Não estou mais convencido de que o vestido de lady M tenha sido feito com malícia, mas acho que devo prosseguir nesse assunto.

— Eu me pergunto — Louisa disse — qual é o seu verdadeiro motivo.

— Como assim? — Simon ergueu uma sobrancelha. — Que pergunta é essa?

— Não foi uma pergunta. Foi uma afirmação.

— Então que tipo de afirmação é essa?

Louisa franziu a testa para o irmão.

— Homens! — ela disse. — Vocês são todos impossíveis.

Simon vivera entre mulheres durante toda a vida, especialmente com esta mulher, que conhecia desde criança. E, ainda assim, elas permaneciam um mistério; seus pensamentos e conversas eram frequentemente enigmáticos. Quanto mais tempo convivia com Louisa, mais conseguia decodificar seus pensamentos. Mas havia momentos em que ficava perplexo. Esse era um deles. Perguntou-se se deveria prosseguir com a discussão ou abandoná-la por considerá-la inútil. Ao final, não resistiu.

— Tudo bem — ele disse por fim. — Concordarei que somos impossíveis, se você me explicar o que quer dizer.

Louisa respirou fundo e lançou um olhar contemplativo para o irmão.

— Eu acho — ela começou — que você não suspeita mais da srta. Owen. Ou pelo menos não suspeita tanto. Mas não vai esquecer o assunto. Por quê?

Simon sentiu vontade de ranger os dentes. Enigmática. Nada esclarecedora. A irmã era tão irritante.

— Vou me juntar a vocês na sala de trabalho — ele disse.

— Muito bem. — Louisa jogou o guardanapo na mesa e se levantou. — Estarei lá, mas só entre mais tarde. A srta. Owen vai tirar medidas, e tenho certeza de que ninguém quer você por perto para isso.

Simon entrou na biblioteca e sentou-se à sua mesa. Abriu o livro-razão, mas não conseguiu reunir coragem para lidar com os pagamentos do dia. Decidiu-se pelo jornal, e não encontrou nada de interessante. Recorreu a um livro, depois a outro, e por fim se jogou no sofá e fechou os olhos.

Louisa devia estar certa sobre muitas coisas. Ela não precisava de ajuda para escolher seu guarda-roupa. E ele não tinha dúvidas de que

ela lidaria facilmente com qualquer problema que pudesse surgir com a srta. Owen. Mas ele precisava, ou melhor, queria estar presente enquanto Delyth trabalhava com sua irmã. Louisa também estava certa sobre isso. Suas razões não eram mais claras para ele do que para a irmã. Não tinha certeza se queria expor Delyth Owen ou ajudá-la. Talvez as duas coisas. No fundo de sua mente, havia uma suspeita incômoda de que queria algo que o deixasse perto da srta. Delyth Owen. A ideia o incomodava tanto que ficou feliz em afastá-la o máximo possível de seus pensamentos. Se, de fato, isso fosse possível.

Levantou-se do sofá e foi buscar o chapéu e as luvas. Talvez um pouco de ar fresco lhe clareasse a mente.



Delyth tinha acabado de tirar as medidas de Louisa Merrithew quando alguém bateu na porta. Louisa se vestia atrás de um biombo improvisado com a ajuda da criada. Ela estava sentada com papel e lápis, esboçando algumas ideias de acréscimos ao guarda-roupa da srta. Merrithew.

— Entre — ela disse.

A cabeça de Simon Merrithew apareceu entre a abertura da porta.

— Cheguei muito cedo?

Delyth pulou da cadeira.

— Não — ela disse, um pouco ofegante. — De modo algum.

Louisa olhou pela lateral do biombo e disse:

— Bem na hora, Simon. Sente-se. — E então desapareceu novamente.

Simon olhou para Delyth, que ficou confusa até perceber que ele esperava que ela se sentasse. Sem falar, ela voltou ao banco que usara para tirar as medidas da srta. Merrithew e pegou seu bloco de desenho. Simon sentou-se.

Delyth se inclinou sobre o trabalho, com o lápis voando. Podia sentir os olhos do homem em suas costas, o que a deixou ansiosa. Mas não parou de trabalhar. Estava ali pela srta. Merrithew. E o sr.

Merrithew parecia ter se suavizado um pouco desde a sua chegada. Talvez estivesse se acostumando com ela. Talvez ela tivesse melhorado sua antipatia pelos galeses. A modista o olhou de relance. Ele não estava carrancudo, o que devia ser um bom sinal. Ela sorriu para si mesma e continuou desenhando. Não tinha mudado de ideia sobre ele ser um homem muito bonito. Era ainda mais bonito quando não parecia ameaçador. Uma segunda olhada confirmou que ele estava muito mais relaxado. As linhas de bom humor ao redor de seus olhos fizeram seu coração bater um pouco mais rápido e, ela temeu, trouxeram um rubor ao seu rosto. Ela se inclinou sobre a prancheta.

A srta. Merrithew enfim saiu de detrás do biombo, elegante como sempre. Ela dispensou a criada e sentou-se na cadeira ao lado de Delyth, olhando por cima de seu ombro enquanto esta desenhava.

— Oh! Gosto desse. — Louisa apontou para o canto superior esquerdo da folha.

Delyth virou o desenho para que a dama pudesse vê-lo com mais clareza.

— Gosta? — ela perguntou e então apontou para outro desenho. — Que tal este? É parecido, mas há pequenas diferenças.

— Sim, eu percebi. — Louisa tirou a prancheta das mãos de Delyth e olhou com atenção. — Muito bom. Eu gostaria de ter os dois. Em cores diferentes, é claro.

— Claro. — Delyth levantou-se de um salto e foi até o canto onde seus tecidos estavam pendurados no encosto de um sofá. Ela trouxera uma ampla variedade. Sabia que nem todo mundo gostava das cores brilhantes que ela adorava. Temia que lady Marjoribanks pudesse ser uma exceção ao gosto geral e agradeceu o destino que a levava à Madame Follette's. Começaria com o que gostava, no entanto. A srta. Merrithew a escolhera depois de visitar lady Marjoribanks. Devia haver uma razão para isso.

Escolheu um carmesim profundo e depois pegou um amarelo-narciso. Pelo canto do olho, viu a srta. Merrithew dar um pulo e, quando virou a cabeça, percebeu que o sr. Merrithew fazia careta. Aquelas não tinham sido, pelo visto, boas escolhas. Ficou onde estava enquanto Louisa cruzava a sala para se juntar a ela. Perdeu a

esperança de que os Merrithew compartilhassem as sensibilidades de lady M.

— Talvez algo que não seja tão... brilhante — Louisa disse, tirando o tecido das mãos de Delyth. — Gosto dessas cores, mas talvez não juntas.

O sr. Merrithew juntou-se a elas no sofá, examinando a exposição de tecidos.

— Por que fez essa escolha, srta. Owen? — ele perguntou.

Delyth corou ligeiramente, mas se endireitou e olhou Simon Merrithew nos olhos.

— Adoro as cores — ela disse. — São vibrantes e podem ser vistas de longe com facilidade. — Quase disse “da última fila”, mas se conteve. Não tinha vergonha de sua temporada no teatro, mas achava que o cavalheiro talvez não quisesse que uma figurinista vestisse a irmã. E também não tinha certeza se a srta. Merrithew iria querer isso.

— Entendo — disse o sr. Merrithew, inclinando a cabeça enquanto examinava os tecidos. — De longe.

Delyth hesitou. Eles acabariam descobrindo de qualquer maneira, e ela poderia voltar para casa. Tinha certeza de que Anthea sentia sua falta.

— Eu... comecei a desenhar no teatro — ela disse, mantendo a voz baixa. Com certeza não seria ouvida de longe.

— Ah, é? — Os olhos azuis de Simon Merrithew olharam para o seu rosto e talvez para a sua mente, como se estivesse sondando seus pensamentos.

— É verdade — ela disse. Será que ele duvidava dela?

Delyth viu Simon olhar para a irmã, e alguma comunicação tácita se passou entre eles. Era aqui que lhe diriam para arrumar tudo e ir para casa?

— Vou pegar minhas coisas.

— Não — o sr. Merrithew disse, enquanto Delyth se virava e começava a recolher os tecidos no sofá.

Louisa estendeu o braço e pegou a mão dela.

— Espere. O que a senhorita está fazendo?

— A senhorita não vai querer ser vestida por uma figurinista de

teatro — Delyth disse, piscando.

— Não — Simon repetiu. — Não vá. Deixe-nos ajudar.

Delyth deixou cair os tecidos e olhou para Simon com espanto.

— Não devo ir?

Louisa olhou para o irmão e assentiu.

— Fique — ela disse. — Seu trabalho é lindo. Quero que você desenhe meus vestidos. Mas... — E ela olhou para Simon novamente.

— Mas — ele continuou pela irmã. — Eu... nós gostaríamos de ajudá-la a escolher as cores. Está disposta a isso?

Delyth não conseguia falar, mas assentiu vigorosamente até recuperar a voz.

— Sim — ela disse, com um sorriso feliz substituindo a angústia anterior. — Sim, por favor.

Capítulo sete

Aquele sorriso. Enquanto Simon se preparava para o que considerava *A Educação de Delyth Owen*, não conseguia tirar da mente a imagem daquele sorriso incrível. Lembrou-se da primeira vez que a viu sorrir, a alegria genuína quando a irmã elogiou sua voz. Pensou que aquele momento fora sua primeira compreensão de quem Delyth Owen realmente era, o momento em que soubera que estava errado ao suspeitar de algum subterfúgio. O sorriso dela ao perceber que não seria dispensada só por ter trabalhado no teatro o deixou sem fôlego e o fez querer saber muito mais sobre a mulher. Mas, dessa vez, não queria descobrir de onde ela tinha vindo. Queria saber o que ela pensava, o que sentia e, admitiu para si mesmo na privacidade de seu próprio quarto, qual seria a sensação de tê-la em seus braços.

Balançou a cabeça. Impossível. Ela não era alguém que ele pudesse cortejar, e ele não era alguém que a seduziria.

— Raios.

— Senhor? — O valete de Simon tirou as mãos do plastrão que amarrava e recuou.

— Desculpe. — Simon balançou a cabeça para o homem e ergueu o queixo para sinalizar que deveria continuar. — Minha mente estava vagando. — E estava mesmo, por lugares aos quais nunca deveria ir. Teria que disciplinar seus pensamentos se quisesse ajudar Delyth. A srta. Owen. Também deveria parar de pensar nela pelo nome de batismo.

Srta. Owen. Pronto, não era tão difícil. A srta. Owen estava esperando por ele no saguão. Ficou aliviado ao ver que suas roupas normais eram bastante discretas. Talvez esperasse encontrá-la com uma peliça berinjela e chapéu verde. Em vez disso, ela usava capa cinza e chapéu combinando. Era tão diferente dela que ele quase

sentiu falta do vestido espalhafatoso que ela usara no jantar. E então a mulher sorriu para ele, e tudo ao seu redor ficou mais colorido. Como ela fazia isso?

— Srta. Owen — ele disse. — Vejo que está preparada para a nossa aventura.

— Estou. — Ela passava o peso do corpo de um pé para o outro, animada. — O que faremos?

— Vamos dar um passeio — Simon disse, oferecendo-lhe o braço.

Delyth pareceu surpresa, mas aceitou o braço enquanto ele acenava para o laçao e a acompanhava até a tarde ensolarada.

Assim que chegaram à rua, Delyth olhou para ele.

— Onde? — ela perguntou.

— Estamos indo para a Bond Street. — Simon a virou na direção correta. — E observaremos e discutiremos o que as mulheres por quem passamos estão vestindo.

O céu estava limpo e a brisa bastante fresca para uma tarde de primavera em Londres. Simon respirou fundo e olhou em volta. Era um dia ameno de primavera, e ele se sentia particularmente feliz por ter a encantadora, embora malvestida, Delyth Owen em seu braço. Enquanto desciam a Oxford Street, perguntou-se se teria preferido que ela usasse algo que refletisse seu gosto extravagante em termos de cores. Uma pergunta curiosa. Ele teria que pensar um pouco.

A Bond Street estava cheia de cores. As árvores tinham um verde novo, e as mulheres usavam suas roupas de primavera. Observou que havia muito azul este ano. E rosa. Sempre rosa. Podia ver algumas capas claras com forros escarlates brilhantes e algumas peliças em salmão ou em um verde intenso. Não no mesmo traje, feliz ou infelizmente, dependendo do ponto de vista. Olhou para Delyth, srta. Owen, tentando avaliar sua reação. Ela parecia desapontada.

— O que acha das cores? — ele perguntou.

A srta. Owen parou no meio da calçada e olhou ao redor.

— São um tanto apagadas, não são?

— Acha? — Simon a virou discretamente para a senhora de salmão. — Que tal? É uma cor vibrante.

A srta. Owen animou-se.

— Sim. Sim. É uma cor linda, e a construção da peliça é muito interessante...

— Mas? — Simon percebeu sua hesitação.

— Mas... — Ela respirou fundo. — Mas imagine-a com um debrum verde-ervilha ou talvez entretela violeta. — Ela olhou para Simon, animada. — Ou ambos.

Simon gemeu, notando que sua reação não contribuiu em nada para diminuir o entusiasmo da modista. Ele estendeu o braço novamente.

— Venha comigo.

A caminhada continuou praticamente na mesma direção.

— Observe como o toque do forro carmim acentua o rico cinza da capa.

— Cinza? Por que as mulheres usam cinza? É como se estivessem tentando ser invisíveis. — Quando Simon lhe lançou um olhar interrogativo, ela elaborou. — Quero dizer, as mulheres elegantes. Sou apenas uma modista. A capa ficaria muito melhor com o vermelho por fora e talvez um forro mostarda. Então se destacaria.

— Certo. — Simon avistou outra senhora elegantemente vestida vindo em direção a eles. — Ali vem um lindo vestido mostarda, bem realçado pela jaqueta marrom.

— Oh, sim. — Delyth sorriu para ele novamente. — Esse vestido é lindo. Acho que ficaria melhor com uma jaqueta mais brilhante. Tangerina, talvez, ou pistache.

Simon, de repente, sentiu fome.

— Vamos tomar um chá.

Enquanto Simon conduzia Delyth até uma casa de chá que gostava de frequentar, ela agarrou sua mão e o puxou para uma vitrine.

— Olhe.

Estavam em frente à Percival & Condell. A P&C tinha uma boa reputação como vendedora de tecidos, e a vitrine hoje estava repleta de linhos e sedas coloridas. Delyth não soltou sua mão, e Simon não se sentiu inclinado a chamar sua atenção para isso.

Ela ficou parada, com os olhos brilhando, absorvendo todas as

cores.

— Meu Deus — ela sussurrou. — Olhe só para isso.

Naquele momento, a última suspeita de Simon foi confirmada. Delyth Owen amava as cores, amava todas as suas variações, amava a riqueza dos bons tecidos, amava a forma como as cores combinavam umas com as outras. Quaisquer cores. Seu olhar não procurava harmonia, procurava alegria. Seu amor pelas cores era desastroso e contagiante. Na frente daquela vitrine da loja de tecidos, deleitando-se com a onda de cores diante de si, a mulher era irresistível.



Chá com Simon Merrithew. Delyth estava nas nuvens. Andar pelas ruas de Londres, olhar as mulheres elegantes e as vitrines das lojas, conversar sobre roupas, tecidos e cores, tinha sido uma tarde extraordinária. E mais o chá. Durante sua estada em Londres, quase se esquecera de que tinha sido uma criança privilegiada, que tomava chá, recebia os vizinhos, planejava cardápios com a cozinheira do pai, passeava pelos campos de sua propriedade. E, no entanto, lembrando-se de tudo isso enquanto ela e o sr. Merrithew estavam sentados à mesinha da confeitaria que ele escolhera, ainda não conseguia se lembrar de um único momento tão maravilhoso como aquela tarde.

Chá e pratos de doces foram colocados diante dela. Delyth umedeceu os lábios em expectativa e olhou para o sr. Merrithew, que a observava, absorto. Teria feito algo errado? Lançou para ele um olhar interrogativo.

Ele balançou a cabeça como se estivesse saindo de um sonho e sorriu para ela.

— Experimente estes. — Ele ofereceu um pratinho. — São os meus favoritos.

Eram pequenos, marrons e brilhantes. Delyth nunca tinha visto nada parecido. Ela abriu um meio sorriso para o cavalheiro.

— Não está tentando me envenenar, está?

Ele retribuiu o gesto e colocou um doce na boca. Delyth fez o mesmo.

— Meu Deus — ela murmurou, colocando os dedos sobre os lábios como se para manter o sabor. Podia descrever cores enquanto dormia, mas sabores eram outra história. Sabia que era delicioso, mas não tinha ideia do que dizer a respeito. — Tem gosto de um dia quente de outono — ela disse, por fim.

Simon Merrithew inclinou a cabeça de lado, deslizando o doce na boca e examinando o rosto dela.

— Sim — ele disse, depois de um tempo. — Creio que tem mesmo.

Por que aquela concordância a fez sentir-se aquecida? A tarde revelara um Simon Merrithew totalmente diferente daquele que a olhara com raiva na loja, que na sala de estar e à mesa de jantar. Este era o Simon Merrithew que ela imaginara estar por trás de toda aquela carranca, aquele cuja expressão habitual era de bom humor. Enfim, ele havia abandonado a fachada de raiva e aproveitado o dia com ela. Talvez ser galesa não fosse um problema tão grande.

— O que aconteceu? — Delyth perguntou, disposta a descobrir o motivo de tal mudança.

Simon (podia pensar nele como Simon? Ela queria.) parecia confuso.

— O que aconteceu? — ele repetiu, com uma inflexão diferente.

— O senhor foi tão gentil comigo hoje — Delyth disse. — Achei que não gostasse de mim.

Simon suspirou.

— Peço desculpas. Minha implicância foi irracional e desnecessária.

— Deveras. Agradeço que tenha percebido isso. Mas o que houve?

— Algum dia — Simon disse. — Algum outro dia, tentarei explicar.

Ficou óbvio que não conseguiria a resposta naquele dia. Mas mesmo assim havia sido uma tarde maravilhosa, e ela não ia permitir que a reticência do companheiro quanto ao assunto a estragassem.

— Muito bem — ela disse, com um leve sorriso, e levou a xícara aos lábios.

— Vamos?

Delyth havia terminado o chá e comido todos os doces que podia sem ficar nauseada nem parecer gulosa. Nenhuma dessas condições era desejável. Achou que deveriam ir embora. Por mais encantador que tivesse sido o interlúdio, precisavam voltar para a Portman Square em algum momento. À vida normal.

A moça aceitou o braço do sr. Merrithew e permitiu que ele a levasse de volta para a rua. O crepúsculo chegara, e a multidão havia diminuído, ainda que não desaparecido por completo. Era uma noite encantadora e suave, e Delyth inclinou-se para Simon Merrithew, com a cabeça perto de seu ombro vestido de lã, o cheiro dele em suas narinas. Delicioso.

Enquanto voltavam pelo mesmo caminho pelo qual vieram, ela sentiu o braço do sr. Merrithew relaxar e se esticar. Começou a soltá-lo e a se afastar quando sentiu a mão dele deslizar pelo seu braço e agarrar a dela, entrelaçando os dedos. Todo o seu corpo reagiu, uma onda lasciva começando nos dedos dos pés e subindo, enfraquecendo os joelhos e criando um calor estranho em partes do corpo que normalmente não se aqueciam por conta própria. Ela fechou as pálpebras por um momento para simplesmente aproveitar as sensações que o sr. Merrithew gerava.

E então a realidade voltou. Não era sensato. Por mais maravilhoso que tivesse sido o dia, e por mais encantadora que fosse a companhia de Simon, o sr. Merrithew, ela era uma simples modista. Na melhor das hipóteses. Talvez apenas uma costureira muito boa. Não era alguém que o sr. Merrithew pudesse considerar senão uma... uma... bem, não conseguia nem formular as palavras. Seu rosto esquentou até a raiz dos cabelos, e ela parou, tentando puxar a mão.

Simon olhou para ela, consternado.

— Pare — ela sussurrou.

Ele balançou a cabeça e sussurrou de volta:

— Confie em mim.

Oh, Deus, ela queria. Não resistiu quando ele a puxou para uma rua estreita e a conduziu até a entrada de uma loja fechada. Nem quando ele afrouxou as fitas do chapéu e tirou-o de sua cabeça. Muito

menos quando as mãos dele subiram e pousaram em sua nuca. Nem mesmo quando ele abaixou a cabeça e seus lábios roçaram os dela.

Ela sussurrou contra os lábios dele, mas dessa vez a palavra foi “sim”. Quando as mãos de Simon deslizaram de sua cabeça e a puxaram para mais perto, Delyth sentiu as dela se moverem para os ombros dele, aparentemente por vontade própria. O corpo estava fora de controle naquele momento. Ela se derreteu com aquele beijo, permitindo-lhe entrar em sua boca, permitindo-lhe fazer o que quisesse. Ela também queria. O que quer que ele estivesse oferecendo, ela estava aceitando. Tudo o que ele quisesse, ela ofereceria. Que Deus a acudisse, mas nada, nenhum sabor, nenhum som, nenhuma sensação, nenhuma cor jamais a fez se sentir tão bem como se sentia naquele minuto.

Capítulo oito

Simon precisou de toda a determinação que tinha para libertar Delyth de seu abraço. Ela era extremamente doce, e seu beijo, arrebatador. Estava enfeitiçado por aquela bruxa galesa. Sabia que deveria questionar tanto suas ações quanto sua reação. Sabia que estava se aproveitando de uma mulher em posição inferior, uma mulher com quem nunca poderia se casar. Gostava de pensar que era um aristocrata bastante liberal, mas, mesmo assim, não conseguia esquecer que era filho de um visconde e irmão de outro. Não envergonharia a irmã casando-se com uma costureira. Onde estava com a cabeça, ao roubar um beijo em um vão escuro e considerar isso um prelúdio para casamento? Que disparate. Só precisava se afastar. Reunindo toda a sua força de vontade, deu um passo para trás, olhando para o rosto corado e confuso de Delyth Owen.

— Perdoe-me — ele disse.

Delyth parecia ter acabado de acordar de um sono profundo.

— O quê?

— Perdoe-me — Simon repetiu. — Eu não deveria ter... — Ele acenou em direção ao vão do qual tinham acabado de sair. — Eu não deveria ter... feito isso.

Delyth olhou por cima do ombro como se quisesse se lembrar do que haviam feito. A cor rosada de suas bochechas ficou ainda mais acentuada e ela respirou fundo.

— Não foi nada — ela disse.

Simon ficou momentaneamente perplexo. *Não foi nada?* Como assim? Decerto a srta. Owen não achava que não tinha sido nada. Simon ficaria muito surpreso se ela dissesse que já havia sido beijada daquele jeito antes, se é que já havia sido beijada algum dia. Bastou uma olhada em seu rosto para saber toda a história. Aquele fora seu

primeiro beijo apaixonado, e ela participara de livre e espontânea vontade e com entusiasmo. Aquele talvez fosse um gênio que não poderia ser colocado de volta na lâmpada.

Respirando fundo, Simon voltou para Bond Street e ofereceu o braço a Delyth. Seu plano naquele momento era fingir que o beijo nunca tinha acontecido.

Simon conseguiu seguir o plano até voltarem a Merrithew House. Manteve a conversa leve e voltou mais uma vez a atenção para as roupas das pessoas por quem passavam.

— O que acha desse casaco, srta. Owen?

A resposta de Delyth foi moderada e apática.

— É bonito. — A exuberante discussão sobre cores do início da tarde desaparecera. A paixão por roupas se fora. Simon reprimiu um suspiro. Talvez ela estivesse apenas cansada. Decerto um único momento em um vão de porta não abalaria alguém tão vivaz como Delyth Owen.

Louisa os esperava na sala. Quando a modista fez uma rápida reverência e pediu licença para ir se trocar, ela lançou ao irmão um olhar preocupado.

— A srta. Owen está se sentindo mal?

— Não — Simon disse, talvez um pouco rápido demais. — Quer dizer, creio que não. A caminhada pode tê-la cansado.

Enquanto se sentava, Louisa ergueu uma sobrancelha à maneira dos Merrithew.

— Deve ser isso — ela disse.

O silêncio reinou no cômodo. Louisa ficou sentada em silêncio por um momento, depois pegou um bordado em sua cesta. Simon examinou os dedos. A srta. Owen voltaria para jantar? Os minutos se passaram, e Simon começou a duvidar.

O que ele tinha feito? E o que deveria fazer? O beijo havia sido tão incomum. Ele não era dado a encurralar moças em portas. Seus flertes sempre eram conduzidos com mulheres de sua classe e geralmente eram leves e agradáveis, não envolvia conduzi-las a alcovas isoladas e beijá-las com sofreguidão. O que diria a Louisa se suas ações fizessem com que Delyth fosse embora?

No momento em que estava começando a decidir como explicaria à irmã a partida de Delyth Owen, a referida senhorita apareceu à porta da sala de estar, resplandecente em seu vestido rosa e verde. Sorria aquele seu sorriso contagiante. Ela estava ali. Simon sentiu o alívio da presença dela inundá-lo. E notou que o vestido já não o fazia estremecer.

— Srta. Owen. — Simon saltou da cadeira e foi até Delyth, estendendo a mão. Ela a pegou.

— Sr. Merrithew. — O sorriso era uma indicação sutil do tremor nos dedos dele. Ela parecia conhecer todos os pensamentos que passaram por sua mente desde que o deixara na porta. *Essa bruxa.*

Louisa largou o bordado e foi até onde Simon estava. Fitou-o, fazendo-o perceber que ainda segurava a mão da srta. Owen. Ele a soltou, provavelmente rápido demais, e Louisa abriu um sorriso curioso.

— Vamos jantar? — ela perguntou.

Simon estendeu os dois braços e acompanhou a irmã e a srta. Owen até o jantar, não sem alguma tensão. Que acabou por ser infundada.

— Divertiu-se essa tarde, srta. Owen? — Louisa perguntou.

Com os olhos brilhando, Delyth assentiu.

— Foi maravilhoso — ela disse. — E poderia me chamar de Delyth? — Ela pareceu insegura e perguntou — Poderia? Chamar-me de Delyth?

— Sim. — Louisa riu. — Ficaríamos encantados. Não é, Simon? — Ela se virou para o irmão.

— Eu — Simon disse. — Eu não... — Ele parou abruptamente quando sentiu a ponta do sapato de Louisa tocar seu tornozelo. — Sim. É claro. — Estava em apuros.

— E você deve nos chamar pelos nossos primeiros nomes — Louisa disse. — Pelo menos quando estivermos em família.

Delyth corou, o que, naturalmente, Simon achou encantador.

— Obrigada, srta. Merrithew.

— Louisa. Agora conte sobre o passeio.

O sorriso de Delyth desabrochou novamente.

— Foi tão lindo — ela disse. — E o sr. Merrithew... Simon — ela emendou, corando mais uma vez — esforçou-se tanto para me mostrar como as cores devem ser usadas juntas. — Ela olhou para o próprio vestido. — Receio ser um caso perdido.

— Ninguém é — Simon disse. — Apenas tem uma ideia mais exuberante de como as cores devem ser usadas do que as mulheres comuns.

Louisa lançou um olhar atordoado para o irmão. Ele poderia jurar que a ouviu sussurrar “É a queda dos poderosos” baixinho, mas não era possível.



Delyth afofou o travesseiro e tentou uma posição diferente. Não havia dúvida de que aquela era a cama mais confortável em que já dormira. Também tinha poucas dúvidas de que não dormiria naquela noite. Cada vez que fechava os olhos, os acontecimentos da tarde e da noite se passavam como uma peça muito bem encenada, uma peça que ela tinha visto tantas vezes que cada cena era tão vívida como se estivesse realmente sendo representada diante de seus olhos.

Cada instante da tarde, desde o momento em que ela e Simon – Simon! – saíram da Portman Square até quando ele a beijou, repetiu-se em sua mente. Na verdade, todas as outras partes da tarde pareciam avançar em alta velocidade para que sua memória pudesse voltar àquela porta. Era por isso que não conseguia dormir. Estava de volta ao vão da porta na travessa da Bond Street, sendo beijada por Simon Merrithew. Cada vez que pensava naquele beijo, que o revivia, seus dedos dos pés se curvavam e os mamilos, para sua preocupação, endureciam, e ela se sentia derreter em algum lugar no meio do corpo.

Ponderou se poderia ser alguma doença. Tifo? Gripe? Peste Negra? Inflamação nos pulmões? Mas não era estúpida, e tinha lido alguns dos livros que Anthea guardava no fundo da estante. Sabia que não estava doente. Não sabia exatamente que nome dar àquilo, mas tinha noção do que, ou melhor, quem era a causa.

No entanto, identificar a causa não a ajudava a dormir.

Identificar a causa só exacerbava a inquietação que permeava seu corpo... e se concentrava em certos pontos. Empurrou as cobertas e saiu da cama, acendeu uma vela e olhou em torno para ver se aquele lindo quarto tinha alguma estante escondida. Se não conseguia dormir, podia pelo menos ler. Não se oporia a algo como o estoque oculto de literatura ilícita de Anthea. Na verdade, seu estado de espírito pedia tal coisa.

É claro que não havia nada a ser encontrado, nem mesmo um tratado sobre práticas agrícolas, que, segundo suas leituras de romances da Minerva Press, eram um item básico nas bibliotecas de cavalheiros. Mas talvez fossem apenas cavalheiros com propriedades rurais. A Minerva também lhe fizera acreditar que sair da cama e ir até a biblioteca de um cavalheiro no meio da noite, de camisola, levaria a mais coisas como as que aconteceram naquela porta. Parou para considerar aquilo por um momento. Não se oporia totalmente a outro encontro daquele, mas odiava fazer o que era esperado. Então teve uma ideia. Desceria até a sala de trabalho que Louisa havia preparado para ela e pegaria prancheta e lápis. Podia muito bem usar o tempo para trabalhar em alguns desenhos para a srta. Merrithew. Podia se preocupar com as cores mais tarde.

Delyth pegou um xale, saiu do quarto e se esgueirou pelo corredor, tomando cuidado para não fazer barulho. Uma vez lá embaixo, hesitou do lado de fora da porta da biblioteca. O cômodo estava escuro, e ela ficou parada por um momento, pensando se deveria entrar. Nos romances, às vezes a heroína estava na biblioteca quando o belo herói aparecia. Não. Era melhor ir para a sala de trabalho.

Lá estava tão escuro quanto a biblioteca, mas Delyth logo acendeu algumas velas, usando a que trouxera do quarto. Parte da sala estava na sombra, mas ela ficou parada por um momento admirando-a. A srta. Merrithew arranjara um espaço quase perfeito para a criação de roupas. Delyth foi até a mesa onde estavam dispostos seus materiais de desenho e pegou a prancheta. Começou pela primeira página e foi folheando. Alguém havia feito anotações ao lado de cada desenho, sugerindo cores e tecidos. Quem teria sido? Louisa? Simon?

Tinha de ser um deles. Ninguém mais na casa tinha o conhecimento ou o interesse. Delyth examinou cada descrição, entendendo, talvez pela primeira vez, por que aquelas cores foram sugeridas. Antes da tarde com Simon, teria achado as escolhas mortalmente enfadonhas. Agora, embora pudesse não concordar com as sugestões mais moderadas, ela as compreendia no contexto do que as damas da sociedade vestiam.

Pegou o lápis, fez alguns ajustes nos desenhos e esboçou dois vestidos adicionais, dedicando algum tempo a fazer as próprias anotações sobre cores e tecidos. Seria interessante discuti-las com a srta. ou com o sr. Merrithew. Depois de quase uma hora, a sala esfriara consideravelmente, e Delyth tinha feito tudo o que pretendia com os desenhos. Envolvendo-se no xale, apagou as velas e voltou para o quarto.

Dessa vez, ao passar pela biblioteca, notou que uma luz passava por debaixo da porta. Parou e pensou. O mais inteligente seria ir para o quarto e dormir. Porém, não se sentia inteligente nem sonolenta. Empurrou a porta devagar e entrou. Simon estava parado junto ao fogo, de costas para ela, em uma postura contemplativa.

— Oh! — Delyth disse. — Não sabia que havia alguém aqui.

Simon virou-se para ela e sorriu. Ou talvez fosse um meio sorriso irônico, o que ela sabia que merecia. Com uma voz baixa e divertida, ele perguntou:

— É mesmo?

Sem desviar o olhar do rosto dela, Simon começou a caminhar em sua direção. Delyth teve uma dúvida repentina e começou a recuar, com as mãos tateando em busca da porta. Antes que pudesse encontrá-la, porém, Simon estava diante dela. Ele ainda usava a camisa e a calça do jantar, mas havia descartado o paletó e o colete e, Delyth olhou para baixo, os sapatos e as meias. *Ele tem dedos elegantes.* Seus próprios dedos dos pés se retorceram um pouco.

Simon ficou parado por um momento, depois tirou o castiçal das mãos de Delyth e colocou-o sobre uma mesa. Pôs as mãos nos ombros dela e se aproximou.

Delyth perdeu a força nos braços e o xale caiu no chão. Lá estava

ela, tão perto de Simon Merrithew, vestindo apenas a camisola e, ela olhou para baixo novamente, sem sapatos nem meias. Os dedos dos pés dela não eram tão atraentes quanto os de Simon. Quando levantou a cabeça, ele ainda a observava, os olhos azul-acinzentados continham um calor que ela nunca vira antes. E agora?

O homem abaixou a cabeça e hesitou com os lábios a poucos centímetros dos dela.

— Sim — ela pensou e, então, quando a boca de Simon tocou a sua, percebeu que havia dito em voz alta. No início foi um mero toque, os lábios dele movendo-se levemente sobre os seus, quentes e atraentes. Ele aumentou a pressão e ela respondeu, passando os braços em volta da cintura dele e permitindo que as mãos vagassem por suas costas, agarrando os músculos esguios que ficavam tão bem escondidos por suas jaquetas.

As mãos de Simon deslizaram por seus braços e chegaram até suas nádegas, atraindo-a para si enquanto massageava a carne sensível. Delyth era culta. Sabia o que era a haste rígida que lhe pressionava o ventre. Mas não tinha experiência. Também não esperava o que aconteceu com seu corpo quando Simon a puxou para si. Os joelhos se transformaram em água, e o resto dela em fogo. Ela inspirou, e a língua de Simon entrou em sua boca, iniciando uma dança sensual na qual a própria língua logo se tornou uma parceira voluntária.

À medida que o beijo se aprofundava, as mãos de Simon vagavam por suas costas e afastavam as mangas da camisola de seus ombros, puxando-as para baixo até que os seios ficaram expostos ao olhar dele. Ele ergueu a mão e a fechou em torno de um deles, segurando-o suavemente por um momento antes de encontrar o mamilo ávido. No momento em que ele o pegou entre os dedos, o calor que se manifestara entre as pernas de Delyth quando Simon a beijara pela primeira vez ameaçou se transformar em um incêndio. Gemeu. E quando ele se inclinou e o colocou na boca, pensou que poderia explodir.

Simon recuou. Delyth piscou diante da súbita retirada da sensação voluptuosa da boca de Simon sobre ela. Olhou para o rosto

dele, tentando ler seus pensamentos, seus sentimentos.

Parecia que o homem tinha acabado de levar um banho de água fria. Ele passou uma mão pelos olhos e depois puxou a camisola de Delyth de volta para os ombros. Abaixou-se para pegar o xale e o envolveu ao redor dela. Então se inclinou e deu um beijo gentil em sua testa.

Em sua testa!

— Simon — ela disse. — O quê...?

— Não. — Simon encostou dois dedos em seus lábios. — Perdoe-me. Isso foi errado. Eu nunca deveria... não sei em que estava pensando.

Delyth ficou parada, estupefata e frustrada.

— Como é?

— Não posso fazer amor com você.

— Você não fez nada sozinho — Delyth disse, cruzando os braços para segurar o xale e esconder os mamilos, que pareciam ainda lamentar a perda do toque de Simon.

— Obrigado, Delyth. — Ele suspirou e tocou sua bochecha. — É gentileza sua tentar me absolver. Mas isso não pode levar a um bom final.

Delyth mordeu o interior da bochecha para evitar dizer algo de que pudesse se arrepender.

— Entendo — disse, por fim. — Sei quem sou e sei que minha posição é muito inferior para permitir um futuro para nós. No entanto... — Ela apertou o xale em volta dos ombros. — No entanto, o futuro que eu imaginava não ia além deste cômodo. Então talvez você possa se acalmar para voltarmos às nossas... posições anteriores.

Delyth colocou a mão na porta.

— Se quiser, posso voltar para a Madame Follette's amanhã. Eu agradeceria se você não mencionasse nada disso...

Simon a deteve.

— Ficará tudo entre nós — ele disse. — E não. Por favor, fique. Louisa gosta da sua companhia e está ansiosa pelos seus desenhos. Eu também gostaria de continuar trabalhando com você. Como você disse, retornaremos às nossas posições anteriores.

Ele não parecia convencido, mas Delyth optou por ignorar aquilo.

— Obrigada, sr. Merrithew. — Delyth fez uma curta reverência, embora se sentisse tola por fazê-lo em roupa de dormir e com os pés descalços. Saiu porta afora e subiu as escadas.

No quarto, ela se jogou na cama e puxou um travesseiro para cobrir o rosto.

— Idiota, idiota, idiota — ela disse para os lençóis. — Agora terei que ser cuidadosa quando estiver perto dos Merrithew e fingir que Simon não fez com que me apaixonasse por ele. — Talvez devesse voltar para a loja. Teria de ver o que o dia seguinte lhe reservava.

Capítulo nove

Simon voltou para o quarto e, depois de colocar a roupa de dormir e o roupão, passou meia hora andando de um lado para o outro, repreendendo-se por sua estupidez. Não havia desculpa para ter abordado Delyth como fizera. Embora a aparência dela, de camisola e pés descalços, fosse provocação suficiente.

Não. Era um cavalheiro, e cavalheiros não acossavam mulheres que trabalhavam para eles. Canalhas e patifes faziam isso. Libertinos e malandros. Não filhos de viscondes. Bem, talvez alguns filhos de viscondes, mas não Simon Merrithew, filho do falecido visconde Fulbeck e irmão do atual. O irmão ficaria furioso se soubesse o que tinha feito.

Conhaque! Sim, uma bebida ajudaria. Foi até o aparador sob a janela. Com o copo na mão, sentou-se na cadeira diante do fogo e atiçou as chamas. Estava preocupado com o dia seguinte e com o dia depois desse. Estava preocupado por ter magoado Delyth e com a possibilidade de Louisa ler a sua mente como fazia com tanta frequência.

Delyth não parecia estar magoada. Com raiva, definitivamente, o que ele merecia. Não tinha certeza se ela estava com raiva porque ele a beijara ou porque tinha parado. Essa era uma pergunta interessante, e para a qual achou que seria sábio não procurar a resposta. Infelizmente, não tinha certeza se era tão sábio. Também não tinha certeza de que não iria querer beijá-la novamente, e mais. Talvez fosse melhor se ela saísse da casa, mas seu coração estremeceu diante dessa perspectiva. Acostumara-se tão rapidamente a ter Delyth em sua vida. Era quase impossível acreditar que pouco mais de duas semanas se passaram desde que ele a considerara uma modista mesquinha com segundas intenções. Não conseguia se lembrar se já fora tão tolo, e

isso incluía seus anos na escola, quando havia sido bastante tolo, de fato.

Simon terminou o conhaque, esperando que fosse o suficiente para fazê-lo dormir. Havia tanta coisa acontecendo em sua cabeça, e em outras partes do corpo, que duvidava que até mesmo o álcool ajudasse. Deixou uma vela acesa quando se deitou na cama, pensando que leria se o sono lhe escapasse. O livro que escolheu tratava de práticas agrícolas modernas. É verdade que não tinha nenhuma propriedade rural, mas o encontrara na biblioteca e o guardava ao lado da cama para as noites em que não conseguia dormir.

Esta noite, a rotação de cultivos não estava funcionando. A mente voltava à discussão sobre vestidos e à aparência dos lábios de Delyth Owen quando ela provou o doce de caramelo, e ao gosto dos lábios de Delyth Owen quando ele a beijou, e à maneira como os dedos dos pés de Delyth Owen apareciam por baixo da camisola, e à forma dos seios de Delyth Owen espreitando por cima da camisola. Simon deixou cair o livro. E à sensação do seio de Delyth Owen entre seus lábios quando ele colocou o mamilo na boca.



— Onde está a srta. Owen? — Simon se arrastou para a sala de café da manhã, depois da noite insone, sentindo que precisaria de pelo menos cinco xícaras de café para dissipar a névoa em sua cabeça.

Louisa parou de ler o jornal matutino.

— Ela teve de ir à loja.

— Ela vai voltar? — A ansiedade que sentira na noite anterior ressurgiu.

— É claro que ela vai voltar. — Louisa pareceu confusa. — Por que não voltaria?

Simon encolheu os ombros e acenou com a xícara para o lacaio, que respondeu com uma torrente de café fumegante.

— Excelente.

— O quê? — A expressão confusa de Louisa se intensificou.

— O café — Simon disse. — Está excelente.

— Está se sentindo bem? — Ela acenou com a cabeça para o lacaio, que encheu sua xícara com o excelente café.

— Estou um pouco cansado, já que perguntou. — Simon tomou um gole e se engasgou. — Tive um pouco de dificuldade para dormir.

— Interessante — Louisa disse. — A srta. Owen também parecia um pouco cansada quando desceu.

— Deveras?

— Sim. Deveras.

Simon olhou para o café e assentiu.

— Simon. — Louisa pronunciou seu nome com um som longo e exasperado.

— Louisa?

— O que está acontecendo entre você e a srta. Owen?

Simon tentou disfarçar a hesitação ao levar o prato até o aparador e examinar o que havia lá.

— Estou esperando. — Louisa colocou a xícara no pires com um tilintar agudo.

— Estou tentando ensinar à senhorita a usar as cores. Não foi o que combinamos?

Louisa parecia debater se deveria ou não acreditar nele. Ela era irritantemente perspicaz.

— Foi o que combinamos — ela disse. — Mas não creio que você tenha se limitado a isso.

Simon ficou em silêncio, mas, ao que tudo indicava, Louisa não se deixaria intimidar pela falta de resposta.

Ela se endireitou, as costas não tocaram a cadeira, e ela simplesmente o olhou.

Simon tinha uma lembrança vívida da mãe lhe lançando aquele mesmo olhar até ele sucumbir e contar tudo o que ela queria saber. Ficava impotente diante dos penetrantes olhos azuis da mãe, e tinha certeza de que não teria mais sucesso contra os verdes de Louisa.

— Eu a beijei — Simon confessou em voz baixa.

— Você o quê? — Louisa se inclinou para frente e colocou a mão em volta da orelha. — Não acredito que o tenha ouvido bem.

Simon olhou ao redor da sala e acenou com a cabeça para o

lacaio, que saiu, fechando a porta ao passar. Uma vez sozinho com a irmã, levantou a voz um pouco acima do sussurro anterior.

— Eu beijei Delyth Owen — disse. — Duas vezes. — Então recostou-se na cadeira, estremecendo e esperando pelo vendaval de descontentamento da irmã.

Louisa permaneceu imóvel e o olhou como se avaliasse seu estado de espírito. Simon quase poderia jurar que vira um brilho de diversão nos olhos dela.

— É mesmo?

O que ela quis dizer com aquilo?

— É só o que tem a dizer?

— O que quer que eu diga? — perguntou Louisa.

— Poderia lembrar a mim de que sou um cavalheiro e deveria agir como tal.

— Eu poderia, mas imagino que você já esteja fazendo isso. A noite toda, pela sua aparência e pela maneira como está praticamente inalando o café.

— Isso mesmo — Simon admitiu, fechando os olhos em angústia.

— Simon!

— Sim? — Ele abriu os olhos e fitou a irmã.

— O que você sente por Delyth Owen?

Simon abriu a boca, mas não conseguiu formular as palavras corretas. Optou por mais café.



Delyth recebera uma mensagem enigmática de Selina naquela manhã durante o café e, depois de se desculpar com a srta. Merrithew, correu até a Madame Follette's para saber o motivo da reunião urgente com Felicity. Acordara ansiosa para trabalhar com Louisa Merrithew. Não ficara feliz por ter sido desviada de seu plano por causa de um problema na loja, e estava preocupada com qual poderia ser o problema.

Nada parecia errado quando Delyth entrou na loja. Cumprimentou Selina, Sally e Alice e foi até sua mesa de trabalho.

Pegou o desenho do vestido que estava fazendo e as medidas da srta. Merrithew, estendeu um pouco de musselina e começou a trabalhar no molde. Embora feliz por estar de novo entre as pessoas com quem trabalhava, ela se perguntou por que Selina havia enviado aquele recado. Observou os arredores, mas a mulher em questão estava absorta no próprio trabalho.

Quando Felicity entrou, todas olharam para cima e largaram o que faziam. Ela parecia ter algo importante em mente. Em questão de minutos, o céu caiu sobre a cabeça delas. Felicity anunciou que o prédio seria demolido e que ela encontraria outro lugar para Madame Follette's.

Felicity parecia sincera, e Delyth estava desesperada para acreditar nela, queria acreditar que continuaria a trabalhar com Felicity Dawkins. Olhou para Selina, mas sua expressão impassível não revelava nada. Delyth se perguntou se a mulher se sentia tão inquieta quanto ela.

— Tem certeza de que tudo vai dar certo? — Ela sabia que não havia como responder àquilo, mas precisava de uma resposta mesmo assim.



Tinha sido um dia estranho e perturbador. O tempo estava bom, então Delyth voltou a pé para a Portman Square, o que lhe deu tempo para pensar. Felicity tentara ser otimista quanto ao futuro da loja, mas as coisas não pareciam promissoras. E se ela tivesse que reduzir o número de modistas? Certamente aquela nota infeliz na *Aglaea's Cabinet* colocaria Delyth no topo da lista de demissões. Ela tentara dar a melhor interpretação possível à menção de Aglaea sobre suas escolhas de cores, mas, lá no fundo, sabia que não era boa. Ainda assim, aquilo não fizera diferença até o momento, mas poderia ser um fator definitivo em seu futuro. Agora, estava com raiva e assustada, embora tentasse não reconhecer tais emoções. Não era assim que agia frente aos obstáculos.

Pense em outra coisa, disse a si mesma enquanto atravessava a

Great Marlborough Street. Claro, o que lhe veio à mente foi Simon Merrithew, ou melhor, como foi delicioso beijar Simon Merrithew. O beijo na Bond Street tinha sido inesperado, mas longe de ser indesejado. Desde que ele começara a sorrir, ela mal conseguia tirar os olhos dele. O homem não se importava com ela ser galesa, vinha se mostrando divertido, quase alegre, interessado nela e em seu trabalho e – por que não? – encantador. Por mais que gostasse de trabalhar com Louisa Merrithew, algo nela ansiava pela companhia de Simon.

Mas na noite passada... *Oh, meu Deus!* Aquele encontro na biblioteca tinha sido mais que um beijo. Se lera corretamente os romances da Minerva Press, aquele encontro poderia ter terminado no sofá forrado de veludo perto da lareira. Mas isso não aconteceu, e Delyth ficou um pouco decepcionada. Ah, ela sabia o que Simon estava fazendo: sendo um cavalheiro. Gostava disso nele. Gostava mesmo. Mas também teria gostado de um comportamento menos cavalheiresco. Talvez teria gostado até mais. Delyth soltou um pequeno suspiro ao se dirigir para a Oxford Street. Parecia que não teria a oportunidade de descobrir. Que pena.

Ela nascera na pequena nobreza. Sabia como os cavalheiros – e as damas – deveriam se comportar. No entanto, pensou que talvez preferisse viver o que acontecia em seus romances: mais olhos nos olhos, mais toques, mais beijos, mais... claro, também sabia sobre mulheres perdidas, mulheres solteiras com bebês e mulheres que dependiam de homens com quem não eram nem nunca seriam casadas. Não achava que gostaria de se envolver nesse tipo de coisa. Era um dilema.

Contrariamente ao que esperava, Delyth não tinha resolvido seus sentimentos quando chegou a Merrithew House.

Capítulo dez

Já era início da tarde quando Delyth regressou.

— Onde está a srta. Merrithew? — ela perguntou ao laçao que abriu a porta.

— Estou bem aqui, Delyth. — Louisa apareceu como se a esperasse. — Algum problema?

Ela respirou fundo. Havia tantos que não sabia por onde começar. Não. Não era verdade. Com Louisa, deveria começar pelos problemas de moda e não pelo fato de estar apaixonada pelo irmão dela. A questão do irmão era um problema que a dama não podia resolver, e do qual não queria saber.

— Gostaria de falar do nosso trabalho — ela disse, tentando soar como imaginava que Felicity soaria em uma negociação.

— Vamos para a sala de trabalho. — Louisa passou o braço pelo dela e a levou embora.

O lugar estava exatamente como Delyth o deixara na noite anterior. A prancheta na mesa perto da janela, os tecidos organizados sobre o banco. As ferramentas de costura de Delyth cuidadosamente guardadas na bolsa. Nem parecia que o mundo tinha mudado.

— Então — Louisa disse. — O que há de errado?

Antes que Delyth pudesse responder, a porta se abriu, e Simon entrou. Ela esqueceu completamente o que tinha a falar. O coração começou a bater mais rápido, e ela soube que a cor inundava a sua face. Sentiu-se afortunada por não ter desmaiado. Deus do céu! Seria assim de agora em diante? Não poderia trabalhar dessa maneira. Algo precisava ser feito.

Delyth acenou para Simon e, endireitando os ombros, virou-se para a irmã do cavaleiro. Estava convencida de que precisava da encomenda para a coroação a fim de manter o emprego, mas não

tinha certeza de como conseguir aquilo. Deveria implorar? Talvez funcionasse. Louisa Merrithew era compassiva. Mas, então, percebeu que não queria uma encomenda feita por piedade. Isso acontecia no mundo da moda? Talvez, mas não com ela. Optou pela verdade.

— Gostaria de saber se realmente quer que eu desenhe um vestido para a coroação. — Antes que Louisa pudesse responder, Delyth continuou: — Sei que isso dependia de meu outro trabalho para a senhorita, mas... — Ela fechou os olhos e falou muito rapidamente: — Mas não há muito tempo, e tenho medo de perder meu emprego se não levar nenhum trabalho importante.

— Perder seu emprego? — Simon deu um passo à frente. — A srta. Dawkins a ameaçou?

— Oh, não! — Delyth balançou a cabeça. Não suportaria que alguém pensasse mal de Felicity. — É só que... odeio dizer isso. Você provavelmente não sabem, mas recebi uma péssima avaliação sobre o vestido de lady Marjoribanks naquela coluna, *Aglaea's Cabinet*. A senhorita Felicity nunca me disse nada, mas sei que ela viu. Falava de uma de suas clientes, é claro que ela viu. Alguém que provoca um escândalo público no mundo da moda não pode ser adequada para a loja. E agora, se ela tiver que cortar a equipe, sei que serei a primeira a ser demitida.

Simon lançou para a irmã um olhar que Delyth não conseguiu interpretar. Agora que havia contado aos Merrithew o que saíra na coluna, provavelmente seria expulsa da casa. Sem nenhuma compaixão. Encurvando os ombros, Delyth se voltou para a mesa de trabalho e começou a arrumar as suas coisas.

— Espere. — Louisa correu até ela. — O que está fazendo?

— Partindo — Delyth disse. — Não é o que desejam?

Simon se aproximou e ficou do outro lado dela, tão perto que ela podia sentir o calor do corpo dele.

— Não — ele disse. — Não é o que desejamos. — Ele olhou para a irmã, que assentiu. — Queremos que continue com os vestidos para o guarda-roupa de Louisa.

— E — Louisa disse — queremos que pare de falar em ir embora e comece a trabalhar em ideias para o meu vestido da coroação.

O sangue pareceu se esvaír da cabeça de Delyth. Ela agarrou a borda da mesa para não cair. Sentiu a mão de Simon em seu cotovelo e depois, surpreendentemente, em sua cintura.

A passos lentos, ele a conduziu até uma cadeira e a ajudou a se sentar.

— Respire fundo — ele disse, e se agachou na frente dela, pegando sua mão e olhando em seu rosto.

Delyth obedeceu, inspirando profundamente, sem tirar os olhos de Simon. Não tinha certeza do que aquilo significava, mas estava tonta demais para tentar entender. Eles a deixariam continuar. Ela ia fazer um vestido para a coroação. Ela se salvaria e deixaria Felicity orgulhosa. Não voltaria ao teatro.

— Está se sentindo melhor, Delyth? — Louisa lhe entregou uma tacinha de xerez.

Delyth tomou um gole e reprimiu a careta. Não era sua bebida favorita. Com cuidado, colocou a taça na mesinha ao lado.

— Sim, obrigada. — Percebeu que ainda segurava a mão de Simon e tentou soltá-la, mas ele apertou ainda mais e ficou onde estava. O que ele estava pensando? O que Louisa pensaria?

Ela respirou fundo mais uma vez e levantou-se da cadeira. Simon teve que soltá-la.

— É melhor começarmos a trabalhar, então — ela disse, esfregando as mãos. Voltou para a mesa e pegou os moldes que havia cortado na loja. — Vou alinhar isto e podemos prosseguir daí — falou diretamente com Louisa. — Não deve demorar muito. Por que não escolhe os tecidos?

— Vamos começar? — Simon apontou para a seleção de tecidos empilhados no banco. Delyth imediatamente começara a alfinetar cortes de musselina e parecia estar fazendo o possível para fingir que ele e a irmã não estavam na sala.

Louisa parecia querer deixar Delyth trabalhar em paz, mas ele não estava pronto para isso. Queria ficar e fazer a mulher falar sobre cortes, cores e texturas. Poderia ouvi-la falar com entusiasmo sobre

moda por bastante tempo. Na verdade, ainda não havia determinado qual era o seu limite, ou se existia algum.

— Simon. — Louisa parecia e soava perturbada pela insistência dele em ficar. — Deixe a moça trabalhar e depois falaremos sobre tecidos. — Ela pegou o braço dele e começou a arrastá-lo para fora da sala. — Venha comigo.

Ele olhou por cima do ombro para Delyth, que estava curvada sobre a costura com um sorriso furtivo no rosto. Ele sentiu a própria boca formar um sorriso de resposta e deixou Louisa levá-lo de lá.

A irmã não só parou quando chegou à sua sala de estar favorita, onde empurrou Simon para uma poltrona.

— Sente-se — ela disse. — Fique aí. — E pediu chá. — O que você pensa que está fazendo? — Louisa perguntou assim que o chá chegou e ela ofereceu a Simon uma xícara que ele não queria.

— Aparentemente, tomando chá — ele disse.

— Quero dizer, o que você pensa que está fazendo com a srta. Owen?

— Nada. — Simon tentou dar de ombros, mostrando-se desinteressado, e tomou um gole de chá. — Estou só tomando chá com você.

Louisa revirou os olhos.

— Você é o homem mais insofrível que eu conheço.

— Muito possivelmente — Simon concordou.

— Esta manhã você me disse que beijou Delyth. Não disse?

Simon concordou.

— E então me pediu para lembrá-lo de agir como um cavalheiro.

— Também é verdade — Simon disse.

— E, ainda assim, insiste em ficar suspirando ao redor da sala de trabalho enquanto Delyth costura. O que isso quer dizer?

— Suspirando? — Simon perguntou, horrorizado com a caracterização. — Suspirando?

— Sim. Suspirando. Agora, decida-se, Simon. Eu sou sua irmã, não sua consciência. Não vou obrigá-lo a fazer nada. Você já é adulto faz tempo, e pensei que fosse um cavalheiro. Se acha que deve agir como tal, é perfeitamente capaz de fazê-lo por si só. — Louisa largou a

xícara e saiu, deixando Simon sozinho com seu chá frio e seus pensamentos fervilhantes.

O relacionamento com a irmã sempre fora aberto e sincero. No entanto, era a primeira vez que ele se lembrava de ter recebido um sermão tão veemente. Era como tomar chá com a mãe.

O que ela diria de seus sentimentos ambivalentes em relação a Delyth Owen? Será que sequer contaria a ela? Embora provavelmente não fosse compartilhar tanto quanto o fazia com Louisa, perguntou-se como a mãe se sentiria em relação a Delyth. Ela era encantadora. Encantadora e até refinada, para alguém que já trabalhara em teatro. Mais! Refinada independentemente da sua história. Se ele não soubesse que ela havia trabalhado em um teatro, pensaria que a mulher era da pequena nobreza. Ela se sairia bem em qualquer ocasião social para a qual pudesse imaginar levá-la. Exceto, talvez, pela cor dos vestidos. Mas isso, ele percebia agora, não faria diferença nenhuma.

Delyth Owen não era o tipo de mulher com quem um cavalheiro flertava. Se a tivesse conhecido em um salão de baile em vez de em uma sala de trabalho, ele a teria cortejado. Teria considerado se casar com ela. Mas tendo-a conhecido em um ateliê de costura, como procederia? Talvez precisasse de mais chá.

Talvez precisasse de algo mais forte que chá. Embora conhaque ou mesmo xerez pudessem ser melhores para superar a situação, duas da tarde não era hora de começar a beber. Pensou em ir atrás de Louisa para continuar a conversa. Era sempre revigorante e às vezes divertido. Naquele dia, porém, não tinha sido divertido e ficara mais confuso. Decidiu voltar para a sala de trabalho e ver como Delyth estava se saindo. Sim. Seria adequado. E não estaria suspirando. Oras! Do que Louisa estava falando?

Delyth havia terminado de montar o modelo e o colocado sobre a mesa para examinar a forma. Recuou e deu a volta para observá-lo de outro ângulo. Simon ficou parado na porta e observou-a contemplar seu trabalho até que ela percebeu a presença dele e parou.

— De que cor você vai fazer? — ele perguntou.

Delyth corou. Simon torceu para que o curto passeio educativo

pela Bond Street não tivesse diminuído o entusiasmo dela. Podia não concordar com suas escolhas de cores, mas ansiava pela satisfação dela. Se a mulher comesçasse a restringir seus desenhos a tons pastel e brancos, ele se sentiria como se tivesse coberto o sol. Seria uma farsa.

Percebeu que estava sorrindo com a mudança de sua opinião sobre o modo como Delyth usava as cores. Esperava que a mudança se devesse a algum novo conhecimento que tivesse adquirido, e não porque tudo em que conseguia pensar quando observava os dedos ágeis dela endireitando os alfinetes era como poderia fazer para ter aqueles dedos sobre si mesmo. Nem porque observar seu corpo docemente arredondado inclinado sobre a mesa de trabalho o fazia pensar como poderia desnudá-lo e levá-lo para sua cama.

Ele quase saiu de novo, mas, naquele momento, ela olhou para cima e sorriu para ele. Sua boca generosa se curvou nos cantos e os olhos brilharam. Simon ficou paralisado. Seu corpo inundou-se de calor e ele fez tudo o que pôde para não agarrá-la e carregá-la de lá.

— Eu acho — Delyth disse, com um sorriso cada vez mais largo — que vou experimentar tangerina e pistache.

— Se está tentando me deixar com fome — Simon grunhiu. — Você conseguiu.

Capítulo onze

O grunhido de Simon atravessou o corpo de Delyth. Era impossível pensar quando ele a olhava daquele jeito e falava naquele tom baixo e sedutor. Deixou cair a almofada de alfinetes sobre a mesa e virou-se para ele, pronta para fazer o que o homem tivesse em mente. A ideia de que estava em apuros passou rapidamente por sua cabeça, mas logo desapareceu. Foi até ele e colocou a mão em seu peito, bem em cima do coração, e ele ergueu a dele para cobri-la.

— Venha comigo — ele disse, ainda naquele tom baixo.

— Agora? — O tom de Delyth estava mais agudo do que o habitual. Estar perto dele a fazia guinchar, ao que parecia.

— Agora. — Ele fechou os dedos em torno da mão dela e virou-se para a porta, levando-a consigo.

— Aonde estamos indo?

Ele parou, e Delyth achou que o homem estava um pouco confuso.

— Dar um passeio — ele disse por fim.

— Vou pegar meu xale.

— Não é necessário — ele disse, mais certo do destino deles do que há um minuto.

Sem soltar a mão dela, Simon a conduziu até a biblioteca e através das portas francesas, indo ao pequeno jardim murado nos fundos da casa.

Delyth nunca estivera ali, e se perguntou se estava prestes a ter uma aula sobre tons florais.

Ele a conduziu até um banco num dos lados do jardim, encostado a um muro de laburno que começava a brotar. Era um cenário encantador, mas Delyth se perguntou que cena se desenrolaria ali.

Simon fez sinal para ela se sentar no banco que, sendo de pedra e à sombra, estava um tanto frio. Mas ela o fez, e assim permaneceu. Simon se acomodou ao seu lado, e ela notou que o homem não ajeitou a cauda da casaca. Muito bem. Ele tinha proteção extra contra o frio da pedra. Poderiam ficar ali para sempre sem que suas partes inferiores congelassem.

Imaginou que ele tinha algum motivo para levá-la até ali, embora não pudesse, no momento, imaginar qual era. Ainda assim, aquele era Simon, o homem que a beijara na Bond Street e novamente em sua biblioteca, o homem que acabara de usar sua voz sedutora e seu sorriso irresistível para atraí-la para aquele banco frio. Estava disposta a esperar para ver o que ele tinha em mente. Torceu para que ele tivesse mudado de ideia a respeito do discurso que fizera na biblioteca sobre ser um cavalheiro. Achou que poderia ser isso e, Deus sabia, ela estava pronta.

— Srta. Owen — Simon disse, levando a mão dela aos lábios. — Delyth.

— Sim? — ela ergueu o rosto, lançando a Simon um olhar indagador.

Ele hesitou novamente. Seria ela a ter que iniciar essa sedução? Era perfeitamente capaz disso, e estaria disposta se Simon não tomasse a iniciativa. Esperou pacientemente enquanto Simon baixava a mão e acariciava seus dedos. Sabia que ele queria dizer alguma coisa. Queria que ele dissesse alguma coisa. Mas a proximidade dele aquecia seu sangue, e o banco de pedra lhe esfriava as nádegas.

Antes que Simon pudesse encontrar as palavras que obviamente procurava, Delyth levantou-se do banco e, curvando-se sobre o homem, pegou-o pelas lapelas, puxou-o para cima e beijou-o com toda a força de seu desejo, beijou-o como queria ser beijada, como havia sido beijada, beijou-o até que ele a tomou nos braços e a beijou também. Assim que os braços dele a envolveram, Delyth suspirou, afrouxou o aperto na casaca e passou os braços em volta do pescoço dele, entregando-se à alegria de estar em seus braços, de ser beijada pelo homem pelo qual estava apaixonada, recusando-se a pensar no que aconteceria a seguir, no que isso significava para seu futuro.

Depois de um beijo que durou uma eternidade, mas não pareceu longo o suficiente, Simon a pegou pelos ombros e a afastou dele.

— Espere — ele disse. — Espere só um momento.

— O quê? Esperar? — Delyth ficou atordoada com a súbita perda de calor e confusa com o pedido. — Por quê?

— Eu a trouxe aqui para dizer algo, para fazer uma pergunta. — A voz de Simon era baixa e sua expressão era séria, mas não irritada.

Delyth seguia confusa.

— Então por que ainda não fez isso?

— Eu... — Simon voltou a hesitar.

— Meu Deus, Simon. Se for muito difícil para você dizer, talvez devesse me deixar voltar ao meu trabalho. — Ela se livrou de seu aperto e se virou para sair.

— Não! — Simon agarrou o seu braço. — Eu quero me casar com você.

— O quê? — Delyth se sentou no banco e olhou Simon nos olhos. Não sentia mais a frieza da pedra. Já nem conseguia sentir as pernas. Não sentia nenhuma parte do corpo, exceto as batidas fortes de seu coração. — Você o quê?

— Case-se comigo, Delyth Owen. Viva sua vida ao meu lado. — Simon se sentou e estendeu as mãos para puxar Delyth para seus braços.

— Perdeu o juízo? — Delyth o empurrou pelo peito. — Sou só uma modista. E, pior ainda, era figurinista de teatro. Não pode se casar comigo. — Ela obviamente teria que ser a pessoa racional naquele banco frio.

— Você pode se casar comigo? — Simon perguntou, recusando-se a soltá-la.

— Bem, é claro que posso. Ao me casar com você, eu só estaria melhorando minha posição.

— Você me ama?

— Não se trata disso — Delyth disse, e perguntou: — Você me ama?

— Acabei de pedi-la em casamento.

Delyth suspirou. Ele não ia dizer que a amava, e ela sentia que

ele precisava ser capaz de fazer isso. Ela lhe daria mais uma chance.

— Pediu mesmo; e eu acabei de perguntar se você me ama.

Simon assentiu.

— Parece estar tendo dificuldade em dizer as coisas esta tarde — Delyth disse. Com isso, ela se livrou dos braços dele e marchou de volta para casa.



O dia foi de mal a pior. Delyth não recusara sua proposta de casamento, mas também não a aceitara antes de voltar para a sala de trabalho e se trancar lá. Ela pedira uma bandeja no quarto em vez de jantar com eles. Ela o estava evitando, e Simon temia que a tivesse ofendido irrevogavelmente. Achava que a proposta de casamento resolveria tudo e, na verdade, tivera efeito oposto.

— O que aconteceu? — Louisa olhou feio para Simon, que remexia a comida no prato.

Simon não fingiu não entender.

— Não sei.

— Homens! — Louisa continuou a encará-lo. — O que disse a ela?

— Eu a pedi em casamento.

A expressão de Louisa se suavizou.

— Pediu? Isso é ótimo.

— É? — Simon imaginou como seria bom sentir-se como se tivesse um grande objeto alojado no peito.

— Você a ama. — Não foi uma pergunta.

Simon concordou.

— E ela disse...? — Louisa tomou um gole de vinho enquanto esperava a resposta.

— Ela não recusou — Simon disse.

Louisa franziu a testa.

— Mas também não aceitou — ele admitiu depois de tomar um gole de vinho. — E não falou comigo desde então. Nem me permitiu entrar na sala de trabalho.

— É, eu notei. O que você vai fazer?

— Vou dormir — Simon disse, então jogou o guardanapo sobre a mesa e saiu da sala.



Ele ficou deitado na cama encarando o dossel. Achou que ir para o quarto era uma opção melhor do que sentar-se à mesa de jantar, sem comer, com Louisa alternando entre encará-lo e sentir pena dele. Nada disso era tolerável nesse momento. No entanto, apesar de seu comentário de despedida para Louisa, não conseguiria dormir. Parecia possível que ia morrer de fome ou de exaustão, a menos que fosse capaz de resolver o desastre criado por sua proposta de casamento, aquela proposta de casamento ridiculamente inepta. Pensou que merecia uma morte longa e desconfortável. E imaginou que tanto Delyth quanto Louisa poderiam concordar com isso no momento.

Ele se virou e puxou as cobertas sobre a cabeça. O que faria? Apesar de não ter dito a Delyth que a amava, era isso que sentia, e não podia conceber um futuro sem ela. Ele se sentou abruptamente e deu um soco no travesseiro. *Maldição*. Não dormiria mesmo aquela noite. Livrou-se do resto das cobertas, levantou-se, acendeu uma vela e procurou o roupão. Esperava que ali no quarto tivesse um livro que valesse a pena ler. Decerto não iria à biblioteca naquela noite.

Encontrou *Razão e sensibilidade* ao lado de sua cadeira. Tinha mesmo levado aquilo para o quarto? Louisa devia ter deixado para ele. Ela falara a respeito da obra o bastante para que ele percebesse que tratava de família, um dos assuntos favoritos de Louisa. Por que não? Abriu o livro na primeira página. Ocorria uma morte no terceiro parágrafo. Exatamente o que ele precisava.

Estava avançando para ver se mais alguém estava programado para morrer em breve quando ouviu uma batida em sua porta.

— Entre. — Sim, ele estava grunhindo, mas não tinha vontade de ver ninguém...

Exceto a pessoa que entrou pela porta e a fechou ao passar. Delyth, com sua camisola, seu xale e os pés descalços, quase como

estava quando se encontraram na biblioteca. Delyth. A única pessoa que queria ver, embora, naquele momento, não tivesse ideia do que dizer a ela. Largou o livro e ficou parado, parecendo, suspeitava, particularmente estúpido.

— Estou incomodando? — ela perguntou em voz baixa.

— Como pode ver. — Ele estendeu as mãos.

— Oh. Você está lendo. — Ela esticou o pescoço, tentando ver o título do livro.

— *Razão e sensibilidade* — Simon disse para economizar o tempo dela. — E não. Você não está incomodando. — Exceto da maneira mais irracional.

— Eu... pensei que deveríamos conversar — Delyth disse. — Sai um pouco precipitadamente do jardim.

Simon a pegou pelas mãos e a conduziu até a poltrona.

— Nada que eu não merecesse — ele disse.

— Você não merecia. Tinha acabado de me conceder uma grande honra, e eu saí furiosa. Vim me desculpar e...

— E? — Simon perguntou, ainda segurando as mãos dela.

— E dizer sim — Delyth falou, tirando as mãos das dele e deslizando-as ao redor de sua cintura. — Você não precisa dizer que me ama. Eu sei.

Ele piscou. Parecia que sua vida havia mudado completamente no último minuto.

— Você sabe?

— Sim. Soube pela maneira como me beijou — Delyth relatou, levando-o para a cama. — Agora, vamos ver de que outras maneiras podemos dizer isso um ao outro.

Todo o corpo de Simon ficou em posição de sentido. Delyth Owen, a voluptuosa, macia, deliciosa, encantadora Delyth Owen tinha ido ao seu quarto para levá-lo para a cama. Quem era ele para negar?

As cobertas eram amarrotadas testemunhas de sua tentativa fracassada de dormir. Pensou em endireitá-las, mas decidiu aproveitar melhor o tempo. Inclinou-se e beijou Delyth até que ela amoleceu em seus braços, então puxou a camisola dela para cima até que se amontoasse em seus quadris.

Delyth entendeu a sugestão e levantou os braços, permitindo que ele lhe tirasse a peça.

O primeiro impulso de Simon foi tombá-la na cama. O segundo foi inspecionar o tesouro que lhe fora entregue naquela noite. Recuou e examinou a mulher que dissera que se casaria com ele.

— Você fica ainda mais linda nua.

Delyth corou, e Simon pôde ver que todo o seu corpo adquiriu um delicado tom de rosa. Os mamilos rosados escureceram e, quando olhou para eles, enrugaram-se e ficaram rijos. A nuvem de cabelos escuros flutuava sobre ombros de marfim, a língua saiu para umedecer os lábios macios e os olhos azuis se encheram de desejo.

Então Simon a deitou na cama, pegou-a em seus braços e a acomodou no meio do colchão, seguindo-a enquanto os braços dela o rodeavam e seu corpinho opulento se pressionava ao dele. A boca de Delyth se abriu num convite, que Simon aceitou. O beijo virou um duelo de línguas, e o duelo de línguas virou um duelo de braços e pernas. Delyth se curvou diante dele e Simon respondeu, entrando nela sem hesitação. Tornando-a sua em um único momento. Um momento que se estendeu a outros, o tempo escapou de seu alcance, os corpos se encontraram com paixão e amor e, quando Delyth gritou em êxtase, Simon estava lá com ela.

Capítulo doze

Delyth se virou e espreguiçou, então sentou-se, sobressaltada. Onde estava? Olhou ao redor e suspirou. No quarto que lhe fora designado na Merrithew House. Jogou-se de volta nos travesseiros e parou um momento para se lembrar de como chegara lá.

Começara a noite no quarto de Simon Merrithew. Na cama de Simon Merrithew! A dor nos músculos – na verdade, a dor em músculos que ela tinha certeza de nunca ter usado antes da noite anterior – e a sensação de formigamento em outras partes do corpo eram lembretes palpáveis do que tinha feito antes de voltar para aquele quarto de madrugada. Aceitara se casar com Simon. Mesmo agora, deleitando-se com a expectativa dos votos de casamento, perguntava-se o que as pessoas pensariam quando o sr. Merrithew anunciasse o noivado com uma modista. O pensamento abafou o fogo que ainda ardia dentro dela, mas não o suficiente para fazê-la pular da cama e voltar atrás.

Ainda tinha um dia de trabalho pela frente. Independentemente da proposta de casamento de um cavalheiro da alta sociedade, Delyth ainda estava determinada a vestir a irmã dele para a coroação e a fazer qualquer outra coisa que agradasse a Louisa Merrithew e a Felicity Dawkins. Devia muito a ambas. Delyth afastou as cobertas e arrumou as roupas que usaria naquele dia. Nada suficientemente bom para a noiva de Simon Merrithew, mas serviria para a modista da srta. Merrithew.

Ela dormira até tarde e ninguém a acordara. Ainda havia café da manhã no aparador, e um lacaio cuidando do café e do chá, mas nem Simon nem a irmã estavam lá. Delyth aceitou o chá que o lacaio lhe serviu e perguntou:

— A srta. ou o sr. Merrithew estão na casa?

O laçao piscou, e Delyth percebeu que era a primeira vez que se dirigia a ele. Esperou até ele ter tempo de processar a pergunta e então perguntou novamente.

— No momento, não, senhorita — ele respondeu.

Muito bem. Era uma resposta. Mas ela não sabia o que fazer. Poderia ir até a sala de trabalho e começar outro molde. O tempo estava se esgotando, e as roupas precisavam ficar prontas. Ela também tinha de se certificar de ter esboços suficientemente detalhados para o vestido da coroação. Tinha de começar agora mesmo. Delyth sabia que precisaria de ajuda para cumprir os prazos que havia estabelecido para si mesma. Podia sentir a ansiedade crescer dentro dela.

O que estava fazendo? Havia prometido se casar com Simon, e mesmo assim estava nervosa com o guarda-roupa da irmã dele. O noivado significava que ela não poderia fazer vestidos? Não sabia como aquilo iria funcionar. E não suportaria desapontar Felicity depois de tudo o que a mulher fizera por ela, tirando-a do teatro e dando-lhe a oportunidade de uma carreira respeitável. O coração deu uma batida forte. Uma carreira respeitável que resultaria em casamento com o irmão de um visconde. Havia problemas à vista. Ela sabia.

Mas mesmo assim, prosseguiu com o seu dia. Espalhando seus materiais de desenho na sala de trabalho, começou a acrescentar detalhes ao esboço do vestido da coroação. Precisaria da decisão de Louisa até o final do dia se quisesse concluí-lo a tempo. Para fazer o vestido da coroação e terminar os outros acréscimos ao guarda-roupa já escolhidos, precisaria da ajuda que Felicity oferecera. Isso não podia esperar. Deixou papel e os lápis onde estavam e voltou ao quarto para pegar o chapéu e o xale. Precisava conversar com Felicity sobre ter Alice ou Sally como ajudante, ou se deveria encontrar outra e onde poderia conseguir uma.

Nem Simon nem Louisa haviam retornado quando Delyth estava pronta para sair de casa. Podia deixar um recado com um laçao, mas decidiu que seria melhor deixar um bilhete. Foi até a biblioteca, já que parecia ser o local preferido dos dois Merrithew quando estavam em casa. Espiou lá dentro, lembrando brevemente o que tinha

acontecido lá com Simon. Estremeceu de excitação. Tinha que tirar aquilo da cabeça se quisesse fazer alguma coisa útil hoje. Não havia ninguém por perto, então Delyth foi até a mesa para deixar um bilhete.

Sabia onde Simon guardava os papéis e abriu uma gaveta para pegar uma folha em branco. Ao pegar a pena, notou uma folha sobre a mesa que estava escrita até a metade. Desviou o olhar. Não estava ali para espionar Simon, que parecia ser quem usava a mesa na maior parte do tempo. Não ia ler a correspondência dele. Mas algo chamou sua atenção.

Ao editor do *Town Gazette*. Segue a *Aglaea's Cabinet* da próxima edição.

Simon Merrithew

A bela srta. S, o mais novo diamante de Londres, mostrou ao resto da alta sociedade como ser e parecer incomparável. Seu vestido de seda verde cor do mar, coberto por renda prateada, sem dúvida obra de Madame Cecily, foi o contraste perfeito para o cabelo loiro-platinado e a pele impecável da srta. S. Sua atuação como uma deliciosa criatura marinha não passou despercebida aos pescadores formalmente vestidos do Almack's.

Do outro lado da praia estava lady V, parecendo um caranguejo com suas anquinhas de cetim vermelho. As senhoras elegantes ainda usam anquinhas, eu pergunto? Alguém deveria sussurrar a notícia no ouvido de lady V.

Poderíamos continuar, mas talvez não devêssemos.

Delyth sentou-se na cadeira e pegou a carta com as mãos trêmulas. Não. Ela não devia mesmo ter lido aquilo. Mas lera, e agora seu mundo tinha virado de cabeça para baixo. Tudo o que ela sabia, ou pensava saber, e tudo o que sentia parecia mentira. Precisava ir embora. Remexeu na mesa até encontrar o papel e a pena que procurava e começou a escrever sua própria carta.

Simon estava indisposto. Passara o dia conversando com seu administrador, o advogado, o vigário, o banqueiro, dois fornecedores de tecidos finos e Anthea Drinkwater. Preferia muito mais ter passado o dia com Delyth, planejando sua vida juntos, mas pelo menos tinha cuidado de tudo para garantir que o casamento acontecesse o mais rápido possível. Quando o lacaio que abriu a porta respondeu à sua primeira pergunta dizendo que a srta. Owen havia saído de casa antes do meio-dia e ainda não havia retornado, o humor de Simon ficou ainda pior.

— A srta. Merrithew está? — ele perguntou.

— Sim, senhor. — O lacaio assentiu.

— Muito bem. — Simon foi em direção à biblioteca.

Louisa não estava lá, mas chegou logo que ele entrou.

— Onde esteve? — ela perguntou, sentando-se em seu lugar habitual perto da lareira.

— Organizando um casamento. — Simon parou na frente da irmã e deu um beijo em sua testa.

— De quem?

— O meu. — Simon sentou-se em frente a ela. — Mas não consigo encontrar a noiva.

— Delyth? — Louisa saltou da cadeira.

— Delyth. Você tem alguma objeção?

— Nenhuma. — Louisa bateu palmas. — Eu amo Delyth. Mas suspeito que haverá objeções de outras partes. O visconde decerto não ficará satisfeito.

— Eu não poderia estar menos interessado no que Robert pensa da minha escolha. — Simon se levantou e abraçou a irmã. — Mas você sabe onde pode estar a futura sra. Merrithew?

— Eu... não. — Louisa parecia confusa. — Ela não desceu para tomar o café da manhã no horário habitual. — Ela parou e lançou a Simon um olhar avaliador, um que ele preferiu ignorar. — E, de acordo com Sterling, ela saiu logo depois do desjejum. Pensei que ela tivesse compromissos na loja, mas agora creio que ela pode ter ido fazer outra coisa.

— Bem, eu gostaria que ela voltasse. O dia foi terrível sem a

companhia dela. — Até então, ao passar de uma reunião para outra, nunca ocorrera a Simon como seus dias tinham sido muito mais alegres desde que Delyth se juntara à casa. Ele mal podia esperar para aquele arranjo se tornar permanente.

Louisa, que havia ido até a mesa examinar a correspondência, empalideceu.

— É melhor você ver isto — ela disse, mostrando um pedaço de papel a Simon.

Prezada srta. Merrithew,

Madame Follette's está com os meus desenhos e lhe trará os vestidos que escolheu para prova. Muito obrigada pela sua gentileza, hospitalidade e amizade. Foi um prazer passar esse tempo com você e seu irmão. Enviarei alguém para buscar minhas coisas dentro de um ou dois dias.

Delyth Owen

Simon leu o bilhete duas vezes e olhou para a irmã.

— O que está acontecendo? Pedi uma louca em casamento?

— Não — Louisa disse. — Eu diria que ela é bastante sã. Dê uma olhada no que estava em cima da sua mesa quando ela veio deixar um bilhete.

Simon foi até a mesa, olhou e caiu na cadeira com um baque surdo. Seus joelhos pareciam incapazes de sustentá-lo.

— Como...? — ele começou a dizer, mas percebeu que a pergunta era estúpida. Claro, a culpa era dele. Tinha deixado à vista a maldita coluna inacabada e com seu nome nela, ainda por cima. Não só era uma pergunta estúpida, como a resposta era que Simon Merrithew era uma pessoa estúpida.

Deixou a carta para o editor flutuar de volta para a mesa e olhou desesperado para a irmã.

— Eu vou conseguir consertar isso?

— Espero que sim — Louisa disse. — Gosto muito de Delyth e acho que você ficará infeliz se não se casarem. O que — ela acrescentou — parece uma possibilidade concreta neste momento. Faça alguma coisa.

Simon se levantou e caminhou pela biblioteca por vários minutos, passando as mãos pelos cabelos.

— Preciso pensar — ele disse, e saiu.

Caminhou pela galeria de retratos dos Merrithew a caminho de seu quarto. Olhou para o pai e se perguntou como ele se sentiria por ter dado a vida a um filho tão inepto. Pensou que o falecido visconde provavelmente gostaria de Delyth e talvez até aprovasse sua escolha pouco ortodoxa de esposa. Mas sabia que não levava em consideração a aprovação do pai quando escolheu Delyth, nem teria sido o caso se o pai ainda estivesse vivo. Simon amava Delyth, e era só isso que importava. Fez uma pequena saudação ao pai e continuou pela galeria, parando diante de um retrato de seu avô, pintado em 1765, ano em que o pai de Simon nasceu.

O avô estava pintado com uma longa sobrecasaca e uma calça que Simon chamaria de violeta adamascado. O colete era de um roxo mais claro, e a camisa branca tinha babados em excesso. As meias do visconde também eram brancas, mas os sapatos eram de salto alto, escarlates, e exibiam uma grande fivela de diamante.

Ele riu. Delyth obviamente nascera na década errada. Ela teria adorado aquelas roupas. Foi quando Simon teve uma ideia.

— Louisa! — ele gritou.

Um lacaio enfiou a cabeça para fora de uma porta escondida no final da galeria.

— Senhor, posso ajudar?

— Sim. — Simon levou um momento para baixar a voz. — Diga à srta. Merrithew para me encontrar no sótão, imediatamente.

— O que você está fazendo? — Quando Louisa entrou no sótão, Simon estava arrancando roupas de um baú.

— Preciso encontrar as roupas do vovô. Tenho certeza de que estão aqui. — Simon não interrompeu a busca. Abriu outro baú. — Achei! — Ele sorriu para Louisa. — Aqui estão elas.

— Você enlouqueceu? — perguntou Louisa. — Por que está vasculhando esses baús?

Simon tirou o terno que o avô usara para o retrato.

— Olhe para isso — ele disse. — Delyth não ia adorar?

Louisa piscou.

— Sim. Imagino que sim. Mas...

— Acha que vai servir em mim? — Ele parou na sua frente e olhou para baixo.

— Parece que sim.

— Ótimo. Encontre-me meias e procure os sapatos de cetim que vovô teria usado com isto. — Simon continuou sua busca e pegou um colete verde-limão cheio de bordados. — Este aqui — ele disse.

Louisa fez careta.

— Tem certeza? Acho que há um colete combinando em algum lugar.

— Não — Simon disse, sacudindo a roupa. — É este. Confie em mim.

No final das contas, tudo serviu, menos os sapatos. Quando Louisa os tirou de outro baú, ficou óbvio que o tamanho dos pés dos Merrithew havia aumentado significativamente no último meio século.

— Maldição — Simon disse. — Seriam perfeitos. Ah, bem, suponho que terei que usar sapatilhas de dança.

Louisa suspirou.

— É o que parece. — Ela olhou para o irmão, esplendidamente vestido com cores fabulosas e tecidos suntuosos. — Acho que sei o que você está fazendo — ela disse. — Espero que dê certo.

Não conseguindo encontrar um chapéu apropriado, optou por ir com a cabeça descoberta, levando apenas a bengala, que ele achava que funcionaria em quase qualquer século.

— Calado — Louisa disse ao laçao que abriu a porta da frente para Simon. — E faça seus olhos voltarem para as órbitas.

Simon conseguiu ignorar as expressões de surpresa na Madame Follette's quando parou para perguntar se a srta. Owen estava lá. Todos foram educados, apesar de obviamente pensarem que ele havia enlouquecido, e uma delas fez a gentileza de sugerir que ele fosse à Henrietta Street. Era o que planejava fazer se Delyth não estivesse na loja. Fez uma reverência graciosa, desejando ter o chapéu apropriado para tirar, e continuou sua missão.

Anthea Drinkwater não gostou de vê-lo.

— Acho que já causou danos suficientes hoje — ela disse, abrindo a porta apenas o suficiente para espiá-lo com olhos penetrantes.

— Por favor — Simon disse, desejando mais uma vez ter um chapéu para tirar. — Por favor. Preciso falar com ela.

— Por quê? — Anthea apoiou o pé na porta e não cedeu.

— Eu preciso implorar pelo perdão dela — Simon disse. — De joelhos.

— Nesse caso... — Anthea encolheu os ombros de má vontade e abriu a porta.

Simon entrou e a seguiu escada acima, até a sala de estar.

— Espere aqui — ela disse. — Vou ver se a srta. Owen está.

— Obrigado, srta. Drinkwater. — Simon achou que não era muito cedo para começar a implorar.

Depois de alguns minutos, Delyth entrou na sala sem a srta. Drinkwater. Seus olhos estavam vermelhos, mas o rosto estava composto. No momento em que viu Simon, ela parou e tapou a boca com a mão.

— Mas do que — ela disse — você está fantasiado?

— Estou fazendo o papel — Simon disse — de um homem apaixonado.

Delyth bufou.

— Por favor — Simon disse, ajoelhando-se e pegando a mão dela. — Não tenho nenhuma explicação razoável, mas, por favor, deixe-me pedir desculpas. Eu a amo.

— Oh, Simon, seu idiota. — Delyth o puxou de pé. — Eu sei que você me ama. Nenhum homem que odiasse minhas escolhas de cores tanto quanto você proporia casamento por outro motivo que não fosse amor.

Delyth recuou e o examinou da cabeça aos pés, o que despertou interesse em algumas das partes mais facilmente excitáveis do corpo dele. Ela colocou as mãos nos quadris e inclinou a cabeça.

— O que você está vestindo?

— Você não gosta? — Simon perguntou. — Foi do meu avô.

— Na verdade, gosto das cores — Delyth disse com um leve

sorriso. — Mas, Simon, o bordado! Os botões! Acho que posso conseguir que Anthea o coloque no palco. Onde está seu chapéu?

— Sei que precisava de um chapéu, mas não consegui encontrar um adequado. Por que saiu sem falar comigo?

— Você me magoou, Simon. Disse coisas sobre o vestido de lady Marjoribanks que poderiam ter me custado o emprego, e depois não me disse que era Aglaea. Que tipo de nome é esse, afinal?

— É grego — Simon respondeu. — Mas deixemos isso de lado. Eu não queria magoá-la. Ou talvez quisesse, no início, mas quando comecei a conhecê-la e a entender sua paixão pelas cores, lamentei muito.

— Então devia ter me dito.

— Sim, eu devia ter sido sincero. É tarde demais para isso?

— Seu homem tolo e colorido. — Delyth segurou seu rosto entre as mãos e ficou na ponta dos pés para beijá-lo. — Acho que terei que me casar com você para mantê-lo na linha, e adequadamente vestido. — Ela recuou. — Você fica bem de violeta.

Epílogo

O reverendo Hodgson achava que a igreja de Saint George raramente, ou nunca, tinha visto um casamento como o que se realizava em seu santuário. Não era um grupo grande, mas era... interessante, decerto. Lorde Fulbeck estava na primeira fila, junto com a viscondessa e a irmã, a srta. Louisa Merrithew. Embora Lorde Fulbeck parecesse um tanto severo e sua esposa absolutamente sombria, a srta. Merrithew exalava felicidade suficiente para compensar o resto da fila. Alguns outros membros da alta sociedade estavam espalhados nas fileiras atrás deles.

No lado direito do corredor central, um cavalheiro de aparência próspera e bem-vestido, que se apresentou ao reverendo Hodgson com um forte sotaque galês como sendo o pai da noiva, sentou-se ao lado de uma senhora que o vigário pensou ter visto no palco em algum momento. Atrás deles, havia várias outras pessoas interessantes, todas parecendo personagens de teatro. Ele não fizera perguntas. Atrás deles havia um grupo de jovens vestidas de maneira menos extravagante e um homem muito corpulento. E, de forma bastante incongruente, o duque de Barrowmore. Além do duque, ele não tinha a menor ideia de onde aquelas pessoas eram, mas pareciam felizes por estar ali.

No momento, tudo o que precisava fazer era ficar ao lado do noivo e aguardar a noiva. O noivo era bem conhecido e querido na sociedade londrina, e o vigário ficou surpreso que seu casamento tivesse reunido uma seleção tão estranha de convidados. O sr. Simon Merrithew, no entanto, não parecia nem um pouco desconcertado, nem demonstrou o nervosismo habitual que o reverendo Hodgson associava aos noivos. Parecia calmo, confiante e, pode-se dizer, triunfante ao se virar em direção à porta pela qual a noiva entraria. Na verdade, parecia o noivo ideal, se descontássemos o fato de que,

em vez do traje tradicional de noivo, ele usava um casaco violeta do século anterior.

Quando a porta se abriu e a noiva apareceu, tudo ficou claro. O vestido da srta. Owen era uma celebração das cores: violeta para combinar com a jaqueta do noivo, com debrum amarelo-claro e entretela carmesim. Em vez de um chapéu, ela usava uma coroa de flores de cores vibrantes. Seu livro de orações era o único elemento moderado. Ah, mas ela brilhava. Parecia iluminada por dentro, com um sorriso largo e alegre. Tudo nela empalidecia à luz daquele sorriso.

Quando a noiva iniciou sua caminhada solitária pelo corredor, o noivo deixou seu lugar para encontrá-la no meio do caminho. O vigário sorriu. Aquele seria um casamento interessante.

MEGAN FRAMPTON

O amor
NÃO TEM
Explicação

Tradução:
Marcel Novaes

Capítulo um

— Será que é uma boa hora para entrar? Não desejo que ele pense que eu o esperava.

Katherine tentou não revirar os olhos.

— Mas foi exatamente o que fez — pontuou, ao olhar para o relógio que a mãe de Effie lhe dera e que estava preso ao vestido. — Esperamos por quase duas horas. — Tentou manter o tom o mais neutro possível, o que não foi fácil depois de ter passado tanto tempo presa na carruagem. — Pode não querer que pareça que estive esperando, mas deve reconhecer que foi o que aconteceu.

Katherine ouvira a pupila por duas horas enquanto ela discutia cada faceta do sr. Henry Dawkins, quem ela começava a desejar que nunca tivesse nascido. Não que lamentasse a habilidade do homem de existir, não era tão cruel, mas preferia que ele não fosse o foco da atenção geralmente volúvel de lady Euphemia Hammond.

Ao que parecia, ele não era só bonito e articulado, mas, mais importante, pelo menos para Effie, era um dos poucos que não se deixara levar pelos seus encantos, que eram muitos, Katherine tinha de admitir. Isso o tornava muito mais incomum do que apenas ter sido abençoado com boa aparência e inteligência.

Effie era pequena, quase tão baixa quanto Katherine, mas sem sua estrutura corpulenta. O cabelo era de um dourado lustroso, que reluzia como o sol, como muitos pretendentes lhe disseram, geralmente cantando louvores aos seus olhos azul-celeste, pele de porcelana e nariz perfeito.

Por vezes, Katherine se perguntava se havia um dicionário comum a todos os admiradores de Effie, já que tendiam a usar as mesmas palavras para descrevê-la: anjo, deusa, fada delicada.

Qualquer coisa menos mulher, o que Katherine definitivamente era. Uma mulher curvilínea, cuja aparência parecia causar certa

reação no sexo oposto, o que a fazia querer simplesmente se embrulhar como uma múmia egípcia para que ninguém pudesse vê-la.

Mesmo que quisesse se cobrir por inteiro, simplesmente não seria possível pois, além de curvilínea, também era pobre. Mesmo sendo filha de um visconde, tivera que se esforçar para sobreviver. E como era dama, não podia trabalhar, a não ser que assumisse uma função não deixasse transparecer que estava trabalhando.

Mas ser dama de companhia de Euphemia em sua primeira temporada social era bem trabalhoso. Effie era muito doce quando queria, mas também costumava ter acessos de raiva, ficar emburrada e se perder no tipo de egocentrismo que Katherine notava nos muito ricos e nos muito bonitos. Effie era as duas coisas.

O que significava que seus pais, os muito mais sensatos conde e condessa de Kilchester, queriam garantir que sua filha encantadora não se apaixonasse por um ou mais dos homens elegíveis que estavam em busca de fortuna, não de esposa. Por isso contrataram Katherine, embora fingissem que ela era só uma amiga da família que estava de visita. Assim, mantinham-se as aparências, e a honra de Effie permaneceria intacta até que o homem certo surgisse. Se concordasse, Katherine continuaria trabalhando para ajudar a iniciar a jornada matrimonial das irmãs mais novas de Effie.

Quanto à honra da própria Katherine, estava grata por não ter tido que renunciar a ela para sobreviver. Tinha vinte e três anos, e, até então, recebera seis propostas desonrosas, nenhuma de casamento. Estava à beira do desespero quando os pais de Effie lhe fizeram aquela oferta, que aceitara com gratidão. Tudo o que precisava fazer, explicaram, era acompanhar Effie durante sua primeira temporada social, já que reconheciam que era demais para eles cuidarem sozinhos da filha jovem e vivaz.

Como as irmãs eram, na opinião de todos menos de Effie, muito menos determinadas, embora igualmente bonitas, a apresentação social da primogênita seria a prova de fogo de Katherine. Estava ansiosa para trabalhar com as outras meninas, que eram muito menos enérgicas. *É só por uma Temporada*, repetia para si mesma. E então teria uma carreira que não era uma carreira de verdade, já que damas

não trabalhavam, mas que a manteria alimentada, vestida e com um teto sobre a cabeça, e, portanto, era quase tão boa quanto – ainda que muito mais discreta – um trabalho de verdade.

Cuidaria para que Effie recebesse apenas propostas honrosas e ajudaria a orientá-la a escolher o homem mais adequado para adorá-la pelo resto de seus dias.

O sr. Henry Dawkins não era, como Katherine bem sabia, nada adequado nem digno de ser considerado por Effie, mesmo que estivesse disposto a adorar a moça, o que, de qualquer modo, não estava. Não era nem sequer da pequena nobreza; o pai fora o advogado do avô de Effie, e foi assim que os dois se conheceram. A irmã do sr. Dawkins era uma mulher de negócios, que ganhava a vida como proprietária de uma loja de roupas, enquanto o sr. Dawkins era contador.

Effie ficara sabendo que o sr. Dawkins fazia a contabilidade da loja da irmã, e era por isso que estavam ali. Não era o bastante para ela ter capturado o interesse da maioria dos jovens do seu mundo, parecia sentir necessidade de ver o sr. Dawkins reconhecer que cometera um enorme erro ao rejeitá-la três anos atrás, quando Effie tinha quinze e começava a assumir sua compleição feérica e divina, ou algo parecido.

Agora que parava para refletir, Katherine tinha de dizer que admirava o desconhecido sr. Dawkins, pois a maioria dos jovens teria aproveitado a oportunidade de comprometer uma herdeira. Mesmo que fosse imune à aparência dela. Ele não apenas não tirara vantagem, mas também dissera a Effie, em termos inequívocos, que ela precisava ter cuidado com rapazes no futuro, que poderiam não ter tantos escrúpulos, caso ela os abordasse daquela maneira. Então, em vez de mandar o sr. Dawkins para os diabos, especialmente depois de duas horas de espera do lado de fora da loja, talvez devesse agradecer a ele por não se aproveitar da jovem.

— Vou entrar — Effie declarou, num tom que não deixava margem para discussão. Ou seja, com seu tom de voz comum. Ela bateu na porta para chamar o lacaios, desceu da carruagem e mal parou para esperar a descida de Katherine antes de seguir até a porta.

— Espere um momento — Katherine disse, puxando as pontas da capa que usava. As roupas tendiam a ficar desarrumadas quando se precisava lidar com coisas estranhas como seios e quadris.

— O que foi? — Effie se virou para encará-la, com o lindo rosto contorcido em um beicinho mal-humorado. — Não pode me convencer a não entrar, é perfeitamente apropriado que eu seja cliente da loja da srta. Felicity Dawkins, dada a nossa ligação familiar.

Katherine terminou de ajeitar a capa, respirando fundo antes de responder.

— Eu não ia tentar dissuadi-la — sabia que a tarefa seria impossível —, mas não queria que entrasse sozinha, não seria adequado.

A expressão de Effie se suavizou e Katherine suprimiu um sorriso de triunfo. Desde que se tornara dama de companhia da jovem, aprendera a reprimir muitas coisas, mas pelo menos estava sobrevivendo. Só por isso já valia a pena suportar uma debutante mimada que, no fim das contas, tinha um bom coração, mesmo que estivesse escondido sob gloriosas tranças douradas.

— Faz sentido — Effie concordou.

— Ótimo — Katherine respondeu, então segurou a maçaneta e abriu a porta, permitindo que Effie entrasse, e a seguiu para dentro da loja.



A primeira impressão de Katherine foi de um ambiente muito feminino, com uma profusão de tecidos lindos por toda a parte, com fitas, botões e penas coloridas, de cores que nunca haviam aparecido em um pássaro. Três bonecas impecavelmente vestidas estavam dispostas nas prateleiras. Havia várias mulheres lá dentro, todas com roupas muito mais elegantes do que a sua capa surrada e o vestido menos surrado, mas não menos insípido, que usava por baixo. Nunca tivera um vestido em nenhuma das cores expostas ali e desejou, não pela primeira vez, ser menos pobre, menos curvilínea e mais capaz de usar o que quisesse.

— Posso ajudá-las, senhoritas? — uma moça, falando com um suave sotaque galês, veio até elas com um sorriso agradável no rosto, usando um vestido com uma grande variedade de cores.

— Sou conhecida da srta. Dawkins — Effie usou sua voz sorridente, de que lançava mão quando queria alguma coisa. O que também era frequente. — Ela está?

Katherine e Effie sabiam perfeitamente que a srta. Dawkins não estava, pois a viram sair meia hora antes.

A moça balançou a cabeça, com pesar sincero.

— Não, ela saiu. Uma conhecida, a senhorita disse?

Effie assentiu.

— O irmão da srta. Dawkins está, a senhorita o conhece? Posso ver se ele lhe concede alguns momentos.

O sorriso de Effie se alargou.

— Eu o conheço, sim. Seria maravilhoso, obrigada.

Era difícil de acreditar que as pessoas não percebessem as maquinacões de Euphemia, mas Katherine se surpreendia com o quanto podiam ficar alheias. Talvez fosse um dos melhores efeitos colaterais de ter riqueza e posição, ou, no caso presente, um traje que impedia de pensar com clareza, de modo que raramente notavam indivíduos que eram menos favorecidos em ambos os aspectos. Katherine, sem riqueza e com uma posição precária, encontrava-se na infeliz circunstância de ser forçada a prestar atenção a todos na maior parte do tempo. O fato de achar divertido tentar discernir a motivação das ações alheias talvez fosse seu próprio efeito colateral. Algo bem-vindo, mas terrivelmente solitário.

— Vou perguntar a ele — a moça respondeu, girando nos calcanhares e caminhando rapidamente em direção aos fundos da loja.

— Viu como ela foi rápida? Só posso imaginar o que pensam aqui do sr. Dawkins — Euphemia disse, com o tom indicando o que pensava das chances das outras mulheres.

Katherine não notara nenhuma mudança na expressão da moça, mas talvez o sr. Dawkins a tivesse impressionado, como fizera com Effie. Teria que ficar em guarda quando estivesse perto dele. Não queria ser surpreendida admirando alguém que não a admiraria

também. Aprendera, a duras penas, que o macho da espécie não queria sua admiração. Geralmente desejavam outra coisa, algo que tinha tudo a ver com sua aparência e nada a ver com quem ela era.

— Ele virá em um minuto — Effie sussurrou, soando menos experiente do que o normal. — Não acredito que ele está aqui! — ela disse, quase pulando de animação.

— Claro que está, nos certificamos de que estaria — Katherine sussurrou em resposta.

Os pulos de Effie pararam quando ela fez careta. Não gostou de ser lembrada por Katherine dos próprios subterfúgios. Mas como geralmente mudava de assunto em poucos minutos, sua ira não durou muito.

— Bem, ele ficará surpreso ao me ver — Effie usou um tom de voz mais contido enquanto afofava o cabelo perfeitamente arrumado.

Isso lembrou a Katherine que o próprio cabelo era menos que perfeito. Na verdade, tinha certeza de que era muito chamativo, muito indisciplinado e definitivamente muito vermelho. Mas como previam que o sr. Dawkins ficaria mudo com a beleza de Effie, ela não teria de se preocupar com a própria aparência. Ele não a notaria.

— Lady Euphemia?

A voz era baixa e rouca, o timbre de um homem, não de um menino. Katherine olhou na direção de onde vinha a voz e sentiu o coração bater forte no peito.

Aquele era um homem de verdade. Enorme, viril, enorme e... mas ela já tinha dito isso, não tinha? ...e muito atraente. A única coisa errada com ele, até onde Katherine podia ver, era que seus olhos estavam atrás de óculos, o que talvez explicasse por que ele não tinha visto a beleza de Effie direito.

Não admirava que a moça estivesse tão determinada a conquistá-lo. Katherine já queria pelo menos abordá-lo, e nem fora apresentada ao cavalheiro em questão.

Ele caminhou em direção a elas, com uma expressão confusa. À medida que ele se aproximava, Katherine pôde ver que seu físico grande... grande? Ele era *enorme*, o homem testava os limites da roupa. O casaco, embora modesto o suficiente para o contador que ele

aparentemente era, estava ajustado à perfeição, a calça envolvia pernas que deviam ser duas vezes mais grossas que as dela, e ela não era uma mulher pequena. Em altura, sim, mas não em largura.

Nunca tivera uma reação tão visceral a um homem. Aquilo a abalou, embora de uma forma muito agradável. Não estava acostumada a se sentir agradavelmente abalada, então se concentrou em manter a respiração estável enquanto ele se aproximava.

— Sr. Dawkins — Effie estendeu a mão para a frente, e para cima, já que ele era muito mais alto que ela. E como Effie tinha alguns centímetros a mais que Katherine, esta se sentia como se estivesse parada ao pé de uma árvore olhando para as folhas. Uma árvore em que gostaria muito de subir.

— Lady Euphemia, é claro que é um prazer vê-la, mas... — As sobrancelhas dele se franziram acima dos óculos, e Katherine teve vontade de rir, pois como ele poderia perguntar a Effie o que ela estava fazendo ali sem ser rude?

Ele mesmo percebeu o fato, pois balançou a cabeça.

— Não importa. É um prazer vê-la.

Katherine tocou Effie com o cotovelo. Já que ia encarar o sr. Dawkins, pelo menos queria dar-lhe o privilégio de saber o nome da mulher que estava aturdida pela enormidade da sua presença.

Pois embora ele fosse grande, estava claro que quase todo aquele tamanho era composto por músculos. Ele parecia capaz de arrastar árvores. Talvez fosse literalmente um guarda-livros, no sentido de que punha dezenas deles em uma caixa e os levava para quem os queria ler.

Ou então ele só era naturalmente alto e musculoso.

— Esta é minha dama de companhia, a srta. Katherine Grant.

Katherine estendeu a mão, pela primeira vez sem se sentir grande demais. Ele provavelmente poderia carregá-la e a todos os volumes da obra histórica de Gibbon, *Declínio e queda do Império Romano*, sem nem ficar ofegante.

— É um prazer conhecê-la, srta. Grant — ele a fitou enquanto falava, e ela sentiu as pernas tremerem. Se não estivesse com um espartilho extremamente apertado, teria caído, deveras. Os olhos dele

eram de um azul muito escuro, tão escuro que quase pareciam pretos, e a testa estava franzida como se ele estivesse se concentrando muito, e era quase como se estivesse se concentrando nela.

Minha nossa. Não admirava que Effie estivesse tão ansiosa. E não admirava que a impetuosa Effie, de quinze anos, se atirasse sobre este homem, este belo gigante. Graças a Deus ele não retribuía. O escândalo que se seguiria teria sido o de menos, ele poderia tê-la esmagado sob seu peso.

— O prazer é meu, sr. Dawkins — Katherine respondeu, com toda a sinceridade.

Ele pareceu segurar a mão dela um pouco mais do que o necessário, e Katherine sentiu o efeito daquele toque por todo o corpo. Queria se mexer, aliviar um pouco do desconforto agradável – mais um oxímoro que analisaria em momento oportuno, quando não estivesse tão confusa – , manter a mão dele na sua, descobrir a sensação dos músculos dele sob seus dedos.

Ou seja, ela o desejava. E nunca desejara nada tanto assim em toda a sua vida. Agradavelmente abalada, de fato.

Capítulo dois

Henry tentou evitar que sua expressão revelasse o que sentia, principalmente porque se lady Euphemia soubesse o quanto ele ficou consternado ao vê-la ali, na loja da irmã, redobraria esforços para captar seu interesse. E ele sabia muito bem que era por isso que ela tinha ido ali; a dama não aceitara bem a rejeição de três anos antes, quando estava começando a se tornar a beleza que viria a ser, e Henry a conhecia bem o suficiente para reconhecer o olhar determinado em seus olhos quando o fitou.

Se Effie não estivesse tão irritada, ele não estaria se sentindo um intruso muito grande e muito masculino naquele bastião de feminilidade. Preocupado em esbarrar em uma ou outra das mulheres da loja e fazê-las desmaiar, gritar ou algo assim, ele havia preferido ficar nos fundos, com os livros. Tendo uma mesa firme e uma porta entre ele e as clientes.

Desejou que a mãe e a irmã tivessem encontrado uma afinidade com algo menos... cheio de babados. Como livros, piano, ou... pensando bem, havia muito poucas coisas com as quais uma mulher respeitável podia ganhar a vida. E a irmã precisava ganhar a vida, pois seus próprios rendimentos, embora estivesse conseguindo mais clientes, não eram suficientes para sustentá-la. Não que ela fosse aceitar ajuda. Ele só queria que a forma como ela decidira ganhar dinheiro fosse menos cheia de mulheres, que o deixavam autoconsciente do próprio tamanho. Embora as chances de que Henry encontrasse outra coisa para fazer fossem improváveis, já que crescera, e como crescera, na loja.

Lançou um olhar para a acompanhante de Effie, uma mulher que parecia quase tão deslocada quanto ele. Não que não fosse feminina, ela definitivamente era, mas suas roupas eram tão escuras e simples

quanto as dele, e ela mordida o lábio inferior enquanto olhava ao redor, remexendo inconscientemente as saias com as mãos trêmulas.

Ele entendia pessoas desconfortáveis, a maioria ficava quando confrontada com seu tamanho. Mas ela não parecia se incomodar com ele, e sim com o lugar em que se encontrava, o que significava que ele poderia tentar deixá-la à vontade, da melhor maneira que pudesse. Melhor ainda, significava que ele não prestaria tanta atenção em Effie e então talvez ela entendesse o sinal.

— É sua primeira vez em Londres, srta. Grant? — Tentou manter a voz baixa e comedida, mas o timbre ainda fez algumas mulheres da loja se assustarem. Ele reprimiu uma careta. Ficava à vontade entre os números, como nunca ficava em meio às pessoas. Os números não o faziam sentir-se muito alto, muito musculoso nem muito bruto. Eles o aceitavam como era. Por que o resto do mundo não podia fazer o mesmo?

A dama estava respondendo.

— Na verdade — ela começou em tom seco —, vivi aqui minha vida inteira. Então, se considerarmos que nunca fui embora, sim, esta é minha primeira vez em Londres.

Esplêndido. Ele fez uma pergunta a ela, *uma!*, e foi a coisa mais estúpida do mundo a se dizer.

— Mas posso entender por que o senhor pensa que acabei de chegar — ela apontou para o vestido e abriu um sorriso envergonhado.

Ele quis se fundir com o chão. Não apenas fizera uma pergunta tola, mas ela presumira que fora porque suas roupas não eram como as que a maioria das mulheres elegantes da cidade usava. E ela não estava errada, mas não cabia a ele afirmar isso.

Não foi a primeira vez que Henry desejou ter nascido menor. Ou mudo.

— Ah, sim. Muito bem. — Essa foi a resposta mais inteligente em que conseguiu pensar. Desejou poder golpear a própria cabeça.

— Sr. Dawkins — lady Euphemia começou, depois parou para rir, colocando a mãozinha na frente da boca delicada. — É estranho ser tão formal, mas na cidade o senhor não é Henry, e eu não sou Effie. —

Ela deu outra risadinha.

— Não seria correto o sr. Dawkins se dirigir à senhorita de modo tão familiar, lady Euphemia — a srta. Grant disse, olhando para Henry. Ele poderia jurar que ela tinha uma expressão de irritação reprimida, e não se sentiu tão mal por ser idiota. Porque se ela se sentia à vontade para compartilhar com ele esse tipo de comiseração por Effie, talvez Henry não a tivesse insultado de forma irreparável.

A boca delicada de Effie ficou um pouco... deformada, quando ela a torceu em um beicinho. Um beicinho adorável, deveras, mas ainda assim um beicinho.

— Bem, sr. *Dawkins* — ela disse, de modo pausado, enquanto olhava para a dama de companhia —, passei por aqui porque já faz muito tempo que não vejo sua irmã, e o senhor, é claro, e esperava poder comprar alguns vestidos, mas já que ela não está, talvez possa informar a ela que estive aqui, e se pudesse fazer a gentileza de acompanhar a mim e a srta. Grant até a carruagem...

Ela inclinou o rosto para ele e quase o esmagou com o brilho de seu sorriso. Era deveras ofuscante, e se alguma vez tivesse dúvidas de que sentia um pingo de atração por essa amiga de sua família, poderia responder agora: definitivamente não.

Lançou um olhar desesperado para a dama de companhia, esperando que ela fosse capaz de desviar um pouco o foco da conversa.

— Effie, antes de irmos, deveríamos ver se a loja da srta. Dawkins tem alguma fita azul que possa ser usada em seu chapéu novo. — A srta. Grant pegou o braço de Effie e a conduziu em direção a uma mesa coberta com fitas. Fitas azuis.

Ela olhou para trás, com um sorriso irônico nos lábios, e Henry soltou um profundo suspiro de alívio. Talvez Effie ficasse tão distraída com as fitas que se esquecesse completamente dele.

Mas isso significaria que ela tinha percebido que não precisava da atenção de todas as pessoas do recinto. O que jamais aconteceria.

Katherine reprimiu uma risada ao ver o rosto do sr. Dawkins. Não fazia sentido, mas vê-lo tão desconcertado só o tornava mais atraente, embora achasse que Effie não compartilharia de sua opinião. Havia algo tão calorosamente atraente nele, além de sua boa aparência e físico impressionante. Até os óculos o deixavam vistoso. Como se houvesse uma pessoa tímida escondida dentro do gigante, um homem que só Katherine conseguia ver.

— E vamos comprar uma ou duas fitas para você também — Effie disse, agora liderando o caminho até a mesa. Katherine ainda sentia a presença dele atrás de si, sua gratidão era quase palpável na loja pequena.

— Não é necessário — Katherine murmurou, embora soubesse que era inútil discutir. Já tinha uma coleção de coisas que Effie insistira em lhe comprar, embora protestasse que não precisava de nada. Se a moça decidisse por algum motivo comprar-lhe uma pequena casa em algum lugar, seria útil, mas, por ora, o quarto de Katherine estava cheio de estatuetas de porcelana, joias que não eram do seu gosto e muitas, muitas fitas de diversas cores, nenhuma das quais combinava com suas roupas simples.

Não que não apreciasse a generosidade de Effie; apreciava, e sabia que a moça era motivada por gentileza. Era só que havia um número limitado de cavalinhos de cerâmica que uma mulher poderia possuir sem sentir que se esperava que ela mesma se transformasse em um cavalinho, nem que fosse só para combinar.

Santo Deus, e se as irmãs mais novas de Effie também a enchessem de presentes? Acabaria coberta por lenços bordados a mão, samambaias em vasos de vidro ou talvez apenas numerosos retratos delas mesmas pintados pelos pretendentes.

Por favor, que elas não sejam pintadas por muitos pretendentes, Katherine pensou.

— Oh! — Effie exclamou, virando-se para encarar o sr. Dawkins. Katherine fez o mesmo, repetindo para si que era apenas para acompanhar o que Effie estava dizendo, não porque quisesse olhar para ele novamente. — Acabei de ter a mais maravilhosa ideia — ela bateu palmas e piscou, enquanto Katherine se preparava para o que

emergiria da boca de sua incumbência.

O sr. Dawkins, pobrezinho, cerrou os dentes com tanta força que ela viu os músculos de sua mandíbula se contraírem.

— Henry, quero dizer, o sr. Dawkins — Effie se corrigiu com um pestanejar —, devia ser meu parceiro nas aulas de dança.

— Lady Euphemia — Katherine começou, enquanto ao mesmo tempo o sr. Dawkins dizia “senhorita”, cada um dos seus respectivos tons expressando ceticismo em relação ao plano.

— Seria perfeitamente respeitável e, como é um velho amigo da família, não haverá nada de reprovável. Além disso, Katherine estará lá, então seria tudo muito apropriado.

Esse era exatamente o tipo de problema que Katherine se esforçava para contornar, mas ali estava ela, incapaz de pensar com rapidez suficiente para interromper o rumo daquele plano ridículo.

— Eu não sei dançar. — O tom do sr. Dawkins foi abrupto e desajeitado.

Graças a Deus, pensou Katherine.

— Excelente! Podemos aprender juntos — Effie disse, alegre.

— Mas... — o sr. Dawkins começou, apenas para ver Effie acenar um dedo delicado em sua direção.

— Estou pensando em quem fará o vestido que usarei na coroação do rei. Gostaria muitíssimo de dar essa honra à sua irmã, mas se não puder me fazer esse favor... — Ela deixou as palavras pairarem no ar, mas Katherine sentiu como se pudesse vê-las se enrolando na garganta do pobre homem.

— Eu aceito — ele disse por fim, em voz baixa.

— Eu sabia que aceitaria. — Effie se entusiasmou. — Vá à casa dos meus pais amanhã, às três. Foi tão bom vê-lo — ela disse, pegando o braço de Katherine e indo em direção à porta.



Henry ficou boquiaberto muito depois de a porta da loja ter se fechado atrás das duas. Como havia se envolvido nos ardis de Effie... de novo? Pensou que quando se tornasse uma dama, ela mudaria, mas

aparentemente não era o caso. E achava que, quando fosse mais velho, seria capaz de resistir a qualquer maquinação feminina lançada em seu caminho, mas, de novo, aparentemente não.

Dançar. Para que a irmã conseguisse vestir a reconhecidamente encantadora lady Euphemia, ele teria que dançar com ela. E no ritmo dela. Sorriu sem humor com a imagem.

A acompanhante de Effie tentara falar, mas a moça simplesmente passara por cima de ambas as objeções, como ele deveria ter previsto que faria.

Não pela primeira vez, amaldiçoou sua aparência. Sabia muito bem que atraía mais do que o seu justo quinhão de atenção feminina, e lady Euphemia não era a mais óbvia nem a mais inadequada dama na lista de suas admiradoras, mas era a mais persistente. Levara uma hora para convencê-la de que não, ela não estava apaixonada por ele, e não, ele não arriscaria tudo para estar com ela. E isso foi quando ela tinha quinze anos.

Ela tinha dezoito agora, e seu interesse egocêntrico por ele não parecia ter diminuído.

Ele gemeu enquanto tirava os óculos, esfregando a palma da mão no rosto, desejando poder ficar sozinho para fazer seu trabalho e ajudar a irmã. Mas era isso que estava fazendo, não era? Ajudando a irmã? Se ela fosse conhecida por vestir lady Euphemia, que provavelmente era a beldade reinante da alta sociedade, os clientes encheriam sua loja para que fizesse o mesmo por eles. Então Henry talvez não precisasse ficar tão preocupado com o futuro dela e com o de sua mãe.

Originalmente, a loja era de sua mãe, mas a irmã assumiu o controle depois que Henry compartilhou algumas duras verdades sobre as finanças da loja com a mãe, que protestou veementemente, mas por fim percebeu que faria sentido ceder o comando para Felicity. Seria necessário um tremendo sucesso, algo como vestir a desejável lady Euphemia, para que ele se preocupasse menos.

Não que achasse Effie desejável. Bonita, sim, mas não o tipo de mulher com quem poderia se imaginar. A dama de companhia, por outro lado... algo nela o intrigava. Talvez fosse o ruivo intenso do

cabelo, a pele pálida ou os olhos castanho-escuros. Ou, muito provavelmente, era o fato de ela ter uma constituição de mulher, não de criança nem de estátua. Tinha curvas que o faziam querer tocá-la, e imaginou como ela ficaria se Felicity também a vestisse. Todas aquelas curvas envoltas em algo diferente da capa e do vestido insípidos que usava.

Ele não compartilhava o conhecimento e a habilidade da irmã com roupas, mas tinha bom senso suficiente para saber quando algo, ou alguém, seria notável dada a oportunidade. Como seria a srta. Grant se tivesse a chance de brilhar? Provavelmente não deveria estar pensando nisso, já que se encontrava em uma loja cheia até o teto com mulheres, e elas perceberiam se ele... bem, ele simplesmente não deveria.

Sentiu o rosto arder, como sempre acontecia quando ficava envergonhado. Maldição. Na verdade, não tinha feito nada, apenas imaginara. E o rosto ficara vermelho, e outras partes dele também reagiram.

Teria de conviver com a dama de companhia de Effie enquanto tentava dissuadir a menina de seu interesse por ele?

O arranjo parecia uma traquinagem saída de uma peça de Shakespeare. Se o Bardo tivesse escrito sobre uma adorável ruiva que não poderia ser confundida com outra coisa senão uma mulher.

Maldição.

Capítulo três

Katherine esperava que os pais de Euphemia fossem relutar a que o sr. Dawkins voltasse a entrar na vida da filha, mas aparentemente não. Effie chamou a mãe de lado e sussurrou algo que a fez se animar e acenar com a cabeça, e foi isso.

Ele deveria ajudar Effie a dançar, embora ele mesmo não dançasse, e as habilidades de dança da própria Effie já estivessem bem aprimoradas, pois a menina frequentava os bailes da região desde os dezesseis anos.

Era um subterfúgio tão claro que chegava a ser ridículo.

— São quase três da tarde — Effie observou, como se não estivesse informando a hora desde o meio-dia. — Eu disse a Hen... ao sr. Dawkins, que viesse às três em ponto, e ele ainda não está aqui.

— São quase três horas — lembrou-lhe Katherine. — Mas não são três ainda. Ele deve estar... — ela começou, mas parou quando ouviu a batida na porta.

Graças a Deus o sr. Dawkins era pontual. Não desejava ouvir Euphemia relatar a hora a cada minuto.

— Lady Euphemia, seu convidado está aqui. — O mordomo dos Kilchester não pareceu satisfeito com a chegada do sr. Dawkins. Ao contrário de Effie, que abriu um sorriso resplandecente.

— Leve-o ao salão de baile, Jenkins, e, por favor, certifique-se de que não sejamos incomodados. — Euphemia gesticulou para que Katherine a acompanhasse, e as duas seguiram para o cômodo onde o cavalheiro aguardava.

Cada vez que entrava lá, sentia uma pontada de... de perda, de anseio, de arrependimento. O salão era enorme, sem mobília, exceto por algumas cadeiras encostadas na parede e um piano em um canto. As janelas também eram imensas, indo do chão ao teto, com pesadas

cortinas de veludo verde a cobri-las, as quais Effie pediu que fossem abertas, para que a luz, por mais escassa que fosse, visto que era Londres, afinal de contas, entrasse pelas janelas, lançando um brilho dourado no assoalho polido.

Era uma sala pensada apenas para proporcionar espaço adequado e um ambiente encantador para festas. Eventos nos quais cada dama teria um parceiro de dança, e as bebidas seriam efervescentes, assim como a conversa. Onde até mesmo alguém como Katherine poderia encontrar um momento de prazer, um alívio das preocupações cotidianas.

Isso jamais aconteceria, nem ali, nem em qualquer lugar, e foi provavelmente por isso que o cômodo a encheu de tristeza. Já havia passado da idade dessas fantasias e, mesmo assim, nunca as tinha experimentado, então a imaginação insistia em sonhar com cenários em que ela seria a bela do baile, o que era risível enquanto existissem moças como Effie. Sem contar que a própria Katherine era velha, pobre e pouco atraente para os homens casadouros.

— Katherine, importa-se de tocar o piano? — Effie apontou para o canto onde o instrumento ficava. — Henry, quer dizer, sr. Dawkins — ela disse, com uma de suas deliciosas risadas —, fique aí de pé e podemos começar. Oh, eu adoro dançar — ela comentou, batendo palmas com entusiasmo.

Katherine suspeitava que o que ela realmente adorava era a oportunidade de captar o interesse do sr. Dawkins, mas, obediente, foi até o piano e se sentou, flexionando os dedos.

— Toque aquela valsa cujo nome nunca consigo lembrar — Effie disse, enquanto sorria para o sr. Dawkins.

O cavalheiro, Katherine percebeu, não sorria para ela, mas fazia careta. Talvez não fosse porque não tivesse aprendido a dançar, mas porque simplesmente não conseguia? Nesse caso, os pés de Effie ficariam doloridos, já que o homem era muitíssimo grande.

E isso levou a alguns pensamentos um tanto inapropriados. Ela se perguntou se havia exagerado sua altura e boa aparência geral, mas, não, não exagerara. Na verdade, na sala quase vazia, ele parecia ainda maior, como uma estátua grega que havia ganhado vida.

Ganhado vida para dançar com Euphemia. Katherine suspirou e voltou a atenção para a música.

Não tivera muitos motivos para tocar desde que passara a residir na casa dos Kilchester. Antes, quando tinha a idade de Effie, tocava piano, pintava aquarelas e fazia todas as coisas que as jovens bem-criadas fazem para mostrar sua nobreza.

Ainda não conhecera um cavalheiro que fosse apaixonado pela habilidade de uma dama em bordar com perfeição, mas se tal cavalheiro existisse, talvez ela pudesse deslumbrá-lo com seu talento.

E enquanto sonhava, talvez conseguisse encontrar um cavalheiro que não presumisse que o corpo e a cor do cabelo faziam dela uma devassa.

— Mais rápido! — a voz de Euphemia interrompeu seus pensamentos, felizmente, já que a última coisa de que precisava era continuar lamentando sua sorte na vida. Tinha um lar, suas obrigações não eram um fardo, mesmo que pudessem ser desagradáveis, e podia aproveitar os benefícios de admirar o sr. Dawkins.

— Sim, claro — Katherine respondeu, dando uma rápida olhada para trás.

Os dois estavam dançando, por assim dizer, mas Effie havia assumido a liderança, enquanto o sr. Dawkins tentava ficar na ponta dos pés, o que parecia quase ridículo, especialmente para alguém tão alto como ele.

Mas não chegava a ser ridículo, porque, sendo sincera, o homem tinha uma aparência tão impressionante que poderia estar saltando como um sapo e ainda assim pareceria bonito. O rosto dele estava contorcido pela concentração e pelo que parecia ser vergonha. Não era à toa que estava acanhado, já que obviamente não sabia dançar.

— Assim, Henry — Effie disse, em seu tom de voz impaciente. Katherine sufocou um sorriso ao ver como Euphemia tinha necessidade de que as coisas acontecessem conforme ela queria, a ponto de ofuscar seu desejo de parecer... desejável.

— Não consigo — o sr. Dawkins respondeu, parecendo igualmente irritado.

Era óbvio que os dois se conheciam há algum tempo. Na

verdade, eles se comportavam mais como irmãos do que com qualquer romantismo.

Katherine encolheu os ombros, voltando a atenção para a música. Não cabia a ela categorizar os relacionamentos de Euphemia. Embora na verdade coubesse, já que era sua responsabilidade impedi-la de embarcar em algo impróprio.

Porém, dada a forma como o sr. Dawkins parecia considerar Effie, não achava que tivesse muito com o que se preocupar.

— Aqui, tente dançar com ele. — O tom carrancudo de Euphemia assumiu um significado muito mais sinistro quando Katherine entendeu o que ela estava dizendo.

Balançou a cabeça sem nem pensar, tocando um acorde muito estridente no processo.

— Tenho que tocar, pois sei que não gosta de fazer isso, lady Euphemia. — Talvez se lembrasse a Effie que cabia a ela assumir as tarefas menos agradáveis, não fosse obrigada a dançar com o sr. Dawkins.

Quem, aliás, parecia tão desconcertado quanto ela, o que a fez se sentir pior. A perspectiva de dançar com ela era tão terrível? *Não, sua idiota, ele simplesmente não gosta de dançar. Não está preocupado com você.*

O que também a fez se sentir pior.

— Não, não precisa tocar — Euphemia veio ficar ao lado dela, com os braços cruzados sobre o peito. — Pode apenas cantarolar enquanto dança. Eu insisto.

A julgar pelo tom, e pelo fato de que a moça era a pessoa mais teimosa que já conhecera, Katherine sabia que era obedecer agora ou meia hora depois de ouvir uma ladainha de razões pelas quais deveria fazer o que ela disse. E como não sabia se o sr. Dawkins tinha algum outro compromisso naquele dia, escolheu o caminho de menor resistência, levantou-se da cadeira e olhou para o cavalheiro em questão.

— Effie. — Ele fez uma pausa e olhou para o teto, respirando tão fundo que fez seu peito e ombros parecerem ainda mais largos —, lady Euphemia, quero dizer, isso não vai surtir efeito. Eu não consigo

dançar, já lhe disse.

— Não pode desistir agora. — Euphemia parecia decidida. Provavelmente a última vez que lhe disseram não foi quando ele a recusou, três anos atrás.

Talvez fosse melhor Katherine não ser uma beldade impressionante. Imagine ser tão mimada a ponto de presumir que todos fariam o que ela pedia.

Oh, que dificuldade seria, Katherine pensou consigo mesma, e um sorriso irônico curvou seus lábios. Pobre Euphemia. Bela demais para ser desobedecida.

— Certo. — O sr. Dawkins olhou para Katherine, como se acabasse de perceber que ela estava ali. Suas bochechas começaram a ficar rosadas, e Katherine resistiu a sorrir ainda mais ao ver como aquilo parecia adoravelmente estranho em um espécime tão masculino. Corando, ainda por cima. Tudo porque não queria dançar com ela. Ou com qualquer uma, ao que parecia.

— Srta. Grant, garanto que não é que eu não queira... — ele acenou com as mãos, como se as palavras estivessem em algum lugar por ali. — É só que... — continuou ele, apenas para se deter e balançar a cabeça. — Já verá. Lady Euphemia decerto também verá, e então deixará de lado essa ideia tola.



Henry não achava que as coisas pudessem piorar, mas então Effie enfiou na cabeça que ele deveria dançar com a srta. Grant, e ele sentiu o rosto ficar quente, enquanto imaginava tudo: abraçá-la, estar perto dela, pisar nos seus pés. Queria fazer duas das três coisas, mas não o bastante para causar-lhe dor ou constrangimento, e ambas as coisas ocorreriam se dançassem. Além disso, eles tinham se conhecido apenas no dia anterior, e tudo o que sabia sobre ela era que parecia ter uma sagacidade discreta e dissimulada, e sua aparência o atraía como nunca antes.

Não estava mentindo para Effie quando disse que não sabia dançar. Tentaram lhe ensinar muitas vezes, mas não conseguia acertar

os passos. Nunca. Felicity acabara por afastá-lo da prática, pois estava cansada de ter os dedos dos pés moídos.

— Bem, sr. Dawkins — a srta. Grant disse, enquanto o observava com outro daqueles meio sorrisos nos lábios —, acho que precisamos tentar, já que lady Euphemia não aceitará não como resposta. Garanto que tenho dedos muito resistentes — ela comentou ao se aproximar dele, mantendo os braços afastados do corpo.

Henry engoliu em seco, preparando-se enquanto ela se aproximava. Manteve os olhos focados nos dela, não querendo deslizá-los pelo corpo da dama, já sabendo o efeito que aquilo lhe causava.

Não que olhar para aquele rosto fosse uma dificuldade; a boca era tão exuberante e curva quanto o resto dela, e os olhos castanhos pareciam conter uma centelha de humor, um vislumbre de algo que prometia diversão, se ele descobrisse como liberar tudo aquilo.

Não devia estar imaginando como liberar nada. Nem mesmo cogitar a ideia.

Estendeu os braços e ela foi até eles, as saias do vestido, de outra cor pavorosa, não pôde deixar de notar, roçaram suas pernas.

Colocou a mão na cintura da dama enquanto a srta. Grant pousava a dela em seu ombro. Depois uniram a outra e ficaram ali parados.

— Acredito que seja hora de cantarolar, srta. Grant — Henry disse por fim, sentindo-se o idiota mais estúpido do mundo.

— Isso mesmo, precisa cantarolar, Katherine — Effie ordenou de onde estava, a cerca de três metros de distância. Henry quase tinha esquecido que ela permanecia lá, tão absorto estava em não encarar certas partes da srta. Grant. Ele se perguntou se aquela era a primeira vez que alguém ignorava a presença de Effie.

Henry estava se perguntando o que Effie faria se ele admitisse ter se esquecido dela quando a srta. Grant falou:

— Decerto. Cantarolar é uma das habilidades que as jovens aprendem na sala de aula. Eu consigo fazer isso.

— É mesmo? — Henry perguntou, tão surpreso que chegou a falar em voz alta.

Ela riu, balançando a cabeça.

— Não, embora tenhamos aprendido muitas outras habilidades inúteis. Sabia que posso pedir mais açúcar tanto em francês quanto em italiano?

— Impressionante — Henry respondeu, gostando de como os olhos dela brilhavam ainda mais quando falava.

— Podem começar. — A voz impaciente de Effie interrompeu o momento, e Henry quase deu um pulo. Felizmente não o fez, já que teria aterrissado no pé da srta. Grant, e não queria que ela também não pudesse dançar.

Se bem que o pé dela melhoraria, mas ele não tinha esperança de que seria o caso com a sua dança, não importava o que Effie dissesse.

Esqueceu-se disso quando a srta. Grant seguiu a orientação de Effie e começou a cantarolar a mesma música que havia tocado ao piano. Ele respirou fundo e começou a se mover, desejando novamente ser menor, mais ágil e, na verdade, não estar naquele salão fazendo nada daquilo.

Mas isso significaria que não estaria segurando a mão da srta. Grant, o que gostou muito de fazer.

Mas não podia falar com a dama agora. Não só porque ela estava cantarolando, e, portanto, não poderia responder, mas também porque ele estava se concentrando em contar os passos e, se parasse de fazer isso, certamente acabaria pisando no pé dela.

Era uma agonia deliciosa, se é que se poderia dizer que tal coisa existia. A parte deliciosa? Estar segurando a mão dela, possivelmente compartilhar um senso de humor. Ele ainda não exibira o seu, mas demonstrara apreço pelo dela. Dançar com Euphemia, enquanto tentava revelar como admirava muito mais sua dama de companhia do que ela própria, era a parte da agonia.

— Oh, maldição — Effie disse, interrompendo o cantarolar e também os pensamentos perigosamente conflitantes de Henry. — Esqueci que prometi dar um passeio com meu pai esta tarde. Preciso me preparar, se me derem licença.

Ela acenou em direção a eles.

— Podem continuar. E Katherine — ela prosseguiu —, poderia ir com Henry até a loja e comprar mais daquelas fitas azuis que

escolhemos? Acho que ficarão lindas no segundo melhor chapéu de minha mãe.

A expressão da srta. Grant ficou confusa e sua boca se abriu como se fosse falar, mas então ela estreitou os olhos e a fechou novamente.

Henry ficou grato por não precisar mais dançar.

— Claro, lady Euphemia — a srta. Grant disse. — Divirta-se com seu pai.

Euphemia sorriu, e Henry se perguntou se ela realmente passearia com o pai, ou talvez tivesse combinado de se encontrar com algum outro cavalheiro e estava usando o compromisso como disfarce para seu subterfúgio. Mas por que envolvê-lo? E fazer parecer que continuava interessada nele?

Henry poderia viver mil anos e, ainda assim, jamais entenderia as mulheres.

Effie acenou para eles novamente e saiu, deixando-os juntos no meio do amplo salão vazio, ainda de mãos dadas, prontos como se fossem dançar de novo.

A srta. Grant afastou as mãos, colocou-as atrás das costas e olhou para o chão, mas não tão rápido para que Henry não percebesse a mudança de cor em seu rosto.

Foi bom saber que eles também tinham o rubor em comum.

— O que o senhor... — a srta. Grant começou, apenas para balançar a cabeça e parar de falar.

— Eu poderia responder a isso de tantas maneiras, srta. Grant.

Agora que não precisava mais dançar, ou mesmo se mover, sentia-se muito mais confortável. E também um tanto espantado e inadequadamente encantado por eles dois estarem sozinhos.

Será que Effie considerava sua dama de companhia tão velha que não via necessidade de acompanhante? Ou como ela era já era uma, não precisava de vigilância?

Henry não só não compreendia as mulheres, como também não compreendia as cuidadosas restrições sociais sob as quais elas agiam. Mas se isso significava que ele poderia ficar sozinho com alguém que não o fazia sentir falta de ar ou totalmente estranho, então não se

importava.

— Pensei que talvez estivesse querendo saber “O que fazer agora?”, e eu teria que responder: “Não dançar”. Ou talvez fosse “O que acha do tempo hoje?”, e eu diria que está agradável e surpreendentemente ensolarado. Ou “O que pensa ser mais desconfortável: estar sozinho em uma sala com uma completa estranha ou ser forçado a dançar com uma completa estranha enquanto alguém observa?”.

A expressão dela ficou congelada, e ele prosseguiu.

— É isso, não é? — ele balançou a cabeça fingindo consternação.
— E eu pensando que queria saber o que fazer e se o tempo estava propício.

Ela sorriu, e ele sorriu também, surpreso por ter conseguido juntar algumas frases que não eram idiotas e que também não a ofendiam. Talvez ainda houvesse esperança para ele.

— Não tenho certeza de qual a melhor resposta para essa última pergunta — ela disse, com uma risada —, mas o senhor e eu, por mais estranhos que sejamos, estamos totalmente de acordo.

Ele apontou para a porta.

— Vamos até a loja da minha irmã, já que parece que é o que lady Euphemia deseja? Isso nos tiraria daqui, o que eliminaria um dos problemas.

A srta. Grant fez que sim com a cabeça, e ele sentiu o peito relaxar enquanto respirava fundo. Não que estivesse sem fôlego por estar na companhia dela. Mas era o que parecia.

Capítulo quatro

Como se já não o tivesse achado atraente antes, quando ele era apenas um homem bonito e desajeitado, agora o achava irresistível. Ele ainda era desajeitado, mas de uma forma tão enternecedora que deixou seu coração meio vacilante.

Assim como suas pernas, e outras partes também.

Mas uma dama, mesmo que uma reles dama de companhia empobrecida, não admitia sentir algo em *outras partes*. *Otras partes* eram para *outras mulheres*. Mulheres que podiam ser damas, sim, mas que tinham esperança de encontrar o amor com cavalheiros que causassem tais sentimentos.

Não abrigava tais esperanças. O sr. Dawkins era um homem bom e definitivamente causava tais sensações, por mais inapropriadas que fossem, mas ela sabia muito bem que não era o tipo de mulher com quem ele gostaria de estar. Estava acostumada com os homens olhando para ela, avaliando, examinando e fazendo-a se sentir como se estivesse sendo examinada, e na maioria das vezes concluindo que lhe faltava algo... ou sobrava, se fosse sincera.

Muito antes disso, quando tinha mais recursos e menos curvas, entretivera alguns pensamentos sobre como seria ser esposa e mãe. Mas deixou todos esses sonhos de lado quando ficou claro que não havia dinheiro suficiente para viver, pelo menos se quisesse manter as curvas e não morrer de fome. E ela podia desejar ser menor, às vezes, mas não tanto a ponto de definhar por falta de comida.

E por causa de suas escolhas, ainda recebia olhares de homens, olhares que iam de seu cabelo irrefreável para seu corpo mais irrefreável ainda.

Mas ele manteve os olhos focados nos dela, sem desviá-los.

Desejou que ele os desviasse. Mesmo que para deixá-la saber que

a tinha visto, não que a via apenas como a dama de companhia de sua persistente e teimosa amiga de infância.

Era errado, sem dúvida, que quisesse dele o que havia conseguido de tantos outros, e não aceitara na época.

Talvez fosse prova do quanto era perversa. Suspirou, então percebeu que não havia respondido. O homem estava ali parado, esperando por ela?

— Oh, minha nossa, sinto muito. Sim, vamos até a loja de sua irmã pegar aquelas fitas muito importantes. — Ela agitou as mãos enquanto falava, mas ele ainda manteve os olhos fixos nos dela, apesar do quanto Katherine se movia.

Talvez ele fosse muito, muito atento?

E por que esse pensamento a fez ficar toda arrepiada e com *sensações em outras partes*?

Engoliu em seco e assentiu, afinal é claro que precisava enfatizar sua posição com acenos de mão e de cabeça. Era melhor sair da sala antes de começar a distrair o sr. Dawkins com piruetas.

Só porque dançava melhor que ele não significava que devesse fazer piruetas.

— Bem, então vamos? — Ela estampou um sorriso no rosto, tentando não permitir que o olhar percorresse o corpo dele. Mas era muito, muito difícil, porque ele estava bem ali, e era lindo, e havia muito dele.

Até mesmo os pensamentos não faziam sentido.

Ela foi na frente, desejando poder simplesmente explodir em chamas de vergonha e acabar com tudo.



Henry saiu do salão logo atrás da srta. Grant, enfim relaxando a vigilância e permitindo-se olhar para ela por inteiro.

O vestido era simples, mas caía relativamente bem. O corpo era exuberante e atraente, pelo menos para ele, e sua mão ainda formigava pelo contato com a dela. Nenhum dos dois usava luvas, o que seria escandaloso se não fossem um mero contador e uma dama

de companhia, mas estava grato pela falta de tecido entre os dois.

E parecia que ela, às vezes, era tão desajeitada quanto ele, apesar de sua habilidade para conversar. O que o fez sentir outro tipo de afinidade com a dama, que desencadeou uma sensação quente dentro dele. E não apenas *lá*, embora *lá* certamente também fosse uma parte interessada.

Não que a mulher fosse particularmente exuberante, mas era bonita, deveras. E parecia acessível, palpável... e ele suspeitava de que não a esmagaria com seu tamanho, caso acidentalmente caísse sobre ela ou a pressionasse de alguma forma com seu corpo.

Havia algo de louvável em uma mulher com tal atributo. O de “não ser esmagada quando acidentalmente caíssem em cima dela”.

Ele riu sozinho enquanto entravam na sala principal, onde o imperioso mordomo já esperava com a mão na porta. Sem dúvida, Euphemia lhe informara de que partiriam em breve.

Um dos lacaios chegou com o casaco da srta. Grant, e Henry o pegou do homem antes que ele pudesse colocá-lo nela, e a ajudou a vesti-lo. Ela sorriu, e ele sentiu o gesto até os dedos dos pés. O que o fez lembrar de não pisara nos pés dela, não é mesmo? Talvez ainda houvesse esperança para ele.

Ou talvez tivesse encontrado a parceira perfeita.

O que era perigoso demais, além de ser uma linha de pensamento traiçoeira.

A ideia ficou gravada em seu cérebro, mesmo depois de começarem a caminhada de cerca de vinte minutos até a loja da irmã. Pensava que ela era perfeita para ele, embora a ideia o aterrorizasse. Não podia se envolver com ninguém, não agora, quando a família precisava dele. Estava acostumado a ser o tolo gigante que as mulheres admiravam, mas com quem não queriam falar. Nem conhecer. E, ainda assim, parecia que ela queria.

— Quando chegou a Londres, sr. Dawkins? — A dama o olhou por baixo da aba do chapéu, e ele ficou grato pela oportunidade de olhar para ela novamente. A mulher era realmente bonita. — Ou também está aqui desde sempre, como eu? — Ela sorriu de forma provocadora, mas não como se estivesse ofendida por sua idiotice do

dia anterior. Mais como se compartilhassem uma piada.

Ah, como esperava que estivessem compartilhando uma piada só dos dois, e que aquele sorriso não fosse apenas um disfarce para “Não suporto estar na companhia deste cavalheiro, mas tenho que tolerá-lo por ora e não posso ser rude.”

Talvez fosse por isso que ela estava andando tão rápido? Não mais rápido que ele, claro, isso ninguém conseguia, suas longas pernas devoravam os metros como uma criança faminta devorava doces, mas não teve que diminuir o passo para permitir que ela o acompanhasse.

— Eu... bem, minha mãe veio da França e se estabeleceu em Londres. — Isso não respondia à pergunta, e temeu que ela o achasse um completo idiota. — Ela abriu a loja, a que minha irmã administra agora. Nasci aqui e moramos em Londres durante todo esse tempo.

Agora sim. Isso respondia à pergunta.

Só que era hora de ele perguntar algo, e não sabia o que escolher: “Está tão desconfortável quanto eu?”, algo a que dificilmente uma dama gostaria de responder. E ela o faria sem deixar os dois ainda mais embaraçados?

— Há quanto tempo conhece lady Euphemia? — Pronto, parecia bastante seguro.

— Há cerca de três meses. — Ela fez uma pausa e apertou a manga dele. — Os pais dela me pediram para ajudá-la em sua apresentação à sociedade. É minha responsabilidade mantê-la afastada de qualquer situação inadequada. — Ela parou de andar e se virou para encará-lo. — Espero que a proximidade dela com o senhor não cause tal situação.

Henry demorou para processar as palavras dela, absorto demais em observá-la, e, quando o fez, sentiu todo o corpo esquentar. Soube que o rosto assumira tons mais vivos do que qualquer um dos tecidos da loja da irmã.

Os olhos dela se arregalaram, e ela também corou, mas o rosa em suas bochechas apenas a deixou mais bonita.

— Oh, minha nossa, sr. Dawkins, deve me considerar a pessoa mais rude do mundo! — Ela deslizou os dedos pelo braço dele para apertar sua mão. — Sei que não tem tais intenções com lady

Euphemia, é só que ela é tão impetuosa e persuasiva, e eu queria avisar ao senhor. — Ela balançou a cabeça, seu rosto exibia uma expressão que ele via muitas vezes no próprio espelho: aquela com partes iguais de vergonha e aborrecimento. Ela respirou fundo, e Henry se esforçou para não olhar para onde estavam seus pulmões, e outras partes. — Acho que lady Euphemia provavelmente vai envolvê-lo em algo que não deseja fazer...

— Como dançar? — ele interrompeu, depois desejou ter ficado de boca fechada. Porque agora o rosado das bochechas dela ficou rubro, e ele percebeu o que suas palavras poderiam significar, especialmente se ela fosse tão desajeitada por dentro quanto ele.

— Não que dançar com a senhorita seja algo que eu não queira fazer... — ele começou, depois largou a mão dela e jogou os braços para cima. — Desculpe, não consigo dizer nada sem me atrapalhar.

— Temos isso em comum — ela murmurou.

— Sim! — ele disse, recuperando a mão dela. — Temos isso em comum. Já é tão diferente das minhas conversas com a maioria das mulheres. E acabamos de nos conhecer. Imagine quantas outras coisas erradas posso lhe dizer à medida que nos conhecemos melhor?

Os lábios dela se curvaram em um sorriso hesitante.

— Quer dizer que deseja me conhecer melhor?

Isso ele podia responder sem errar.

— Sim.



Pela primeira vez na vida, ela desejou poder simplesmente beijar alguém. E se perguntou por que isso nunca havia passado por sua cabeça. Porque se estivesse beijando alguém, não teria que se preocupar com o que dizer... a boca estaria ocupada.

Mas provavelmente a razão para isso nunca ter lhe ocorrido era que jamais conhecera um homem a quem quisesse beijar, não antes de Henry. Ele era tão cativante, bonito e grande. Não que ele parecesse querer beijá-la. O homem era encantador, mesmo que desajeitado, mas seus olhos não se demoravam em lugar nenhum além do rosto

dela, e ela desejou que isso não a incomodasse, embora também não gostasse quando os homens deixavam o olhar vagar.

Talvez nunca ficasse satisfeita, não importa o que acontecesse.

E pensar sobre satisfação a fizeram pensar naquelas *outras partes* e, pior ainda, em *outras coisas*, coisas de que nem deveria saber, mas sabia, pois não era uma completa ignorante. Ainda que fosse uma completa ignorante no sentido físico, pois nunca tinha sequer pensado em beijar alguém, que dirá naquelas *outras coisas*.

Mas ele havia dito que sim, não foi? Que queria conhecê-la melhor? Já era alguma coisa. E não era como se Katherine quisesse algo mais, ainda que fosse o caso; ela tinha um dever para com Euphemia, o conde e a condessa, e esse dever não incluía distrair um conhecido de Effie muito grande e muito bonito.

Mas... e se incluísse? E se pudesse deixar claro para Euphemia que seu velho amigo simplesmente não estava interessado na moça, por que estava interessado *nela*? Por muitas elas. Se conseguisse atrair o interesse do sr. Dawkins, pelo menos o suficiente para mostrar a Euphemia que ele não se juntaria ao seu quadro de admiradores, estaria resgatando-o da atenção da moça e garantindo que ela não agisse de forma imprópria.

Poderia até dizer que sua tentativa de atrair a atenção dele havia sido totalmente altruísta.

Se não estivesse mentindo para si mesma.

Mas poderia ser uma coisa muito boa de se fazer, não apenas pelo quanto ele parecia intrigá-la.

Segurou o braço do homem novamente e começou a andar. Gostava de poder dar passos tão longos e rápidos quanto desejasse, e ele poder acompanhá-la. Tão poucas pessoas podiam.

— Com base no interesse de conhecê-lo melhor, sr. Dawkins, que tal fazermos algumas perguntas um ao outro? — Ela não esperou que ele respondesse, o que a fez ignorar a própria sugestão. — Já sei que não gosta de dançar. Do que gosta?

Ela o sentiu encolher os ombros e estremeceu um pouco com a força que sentiu sob as pontas dos dedos.

— Suponho que sou mais feliz quando estou com minha família.

Minha irmã trabalha com afinco e se dedica à loja, e minha mãe é uma mulher forte. Como poderia não ser? Sobreviveu ao Terror da Revolução fugindo da França e construiu uma vida aqui. Devo muito a ela. — O tom dele era intenso. — Mas isso não responde à sua pergunta. — Ele deu uma bufada de menosprezo, só que agora ela sabia que era dirigida a si mesmo. — Sei que parece estranho, mas gosto muito de trabalhar com números, contas e coisas assim. Há algo muito gratificante em colocar tudo em seu devido lugar e fazer funcionar em conjunto. Poucos aspectos da vida real são assim.

Essa última parte despertou o interesse dela.

— Já se decepcionou muitas vezes na vida real, sr. Dawkins?

Outra pausa.

— Suponho que não seja exatamente decepção, mas o fato de que muitas vezes sinto falta de ter esperança, srta. Grant. — Ele balançou a cabeça. — Não consigo explicar direito, provavelmente porque não tenho certeza do que quero dizer.

— Parece tão triste. — As palavras simplesmente saíram, e ela torceu para que ele não pensasse que estava sendo presunçosa.

Felizmente, ele não pareceu levar para o lado ruim.

— Não é bem isso, é só... não ter esperança é diferente de ter tido esperanças apenas para vê-las frustradas. — Ela o sentiu encolher os ombros mais uma vez, como se aquilo não importasse. *Mas importa*, queria gritar, mais pelos próprios sentimentos do que pelos dele. Mais até. *É importante. Para nós dois*.

Mas não podia dizer isso a ele.

— E a senhorita?

— Quer saber de minhas decepções?

Ele fez uma pausa. Parecia um hábito do cavalheiro refletir antes de falar, e ainda assim conseguia soar desajeitado e confuso. O que diria se não pensasse bem nas coisas? Ela nem podia imaginar.

— Quero. Se estiver disposta a compartilhá-las, claro.

Era uma conversa profunda para se ter com um cavalheiro que acabara de conhecer. Ou mesmo com qualquer cavalheiro. Ou com qualquer pessoa, na verdade.

O mais próximo que chegou desse tipo de conversa foi quando

estava sozinha, tarde da noite, e exausta. Não era a mesma coisa.

— Acho que estou decepcionada por ser a primeira vez que penso em decepções — ela disse, tentando manter o tom neutro. — Creio que deveríamos pensar nessas coisas no decorrer da vida.

— Talvez não tenha ficado decepcionada com tanta frequência — ele respondeu.

Ela sufocou um suspiro.

— Não, definitivamente não é isso.

Lembrou-se de tudo. De como tivera algumas Temporadas, mas sem receber propostas. Propostas honradas, claro. Dos pais que não tinham dinheiro suficiente para sustentá-la, então tivera que arranjar emprego, apesar de ser um respeitável. De como desejava usar vestidos como os vendidos na loja da irmã do sr. Dawkins, só que isso exigia dinheiro, alguém para quem usá-los e um corpo que não fosse feminino demais para caber em tais trajes.

Mas definitivamente não podia admitir nada disso. Nem para si mesma.

— Acho que estou decepcionada por não... — e ela se conteve, imitando o próprio Henry Dawkins, antes de dizer algo estranho e desconfortável.

— Por nunca ter sido beijada? — ele completou em voz baixa.

Capítulo cinco

Pela expressão dela, Henry soube que não era aquilo que ela queria dizer. Que dama pensaria em dizer uma coisa daquelas? Mas, depois de um momento, ela mordeu o lábio e assentiu.

E ele ficou sem fôlego.

Porque ele também não estava pensando em dizer aquilo, mas as palavras saíram de sua boca, e ele não podia, e mais ainda, não queria, retirá-las.

— Mas não podemos fazer isso aqui no meio da rua, é claro — ela disse em um tom baixo, adequado à intimidade, à troca de pensamentos a sós. E então ela paralisou, enquanto ele calculava aonde poderiam ir, que fosse próximo e discreto.

— A menos que não tenha se referido a um beijo real, mas tenha falado em termos gerais. — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Oh, meu Deus, por favor, não me diga... — ela o espiou por entre os dedos —, por favor, não me diga que está horrorizado com meu comportamento, ou que eu...

Ela parou de falar quando ele estendeu a mão para liberar seu rosto, esfregando o polegar nas costas de sua mão. Ela deslizou a outra pelo braço dele e lhe agarrou o pulso.

— Eu quis dizer comigo. Só comigo — ele explicou, e enquanto falava, sentiu algo queimar forte dentro dele, um sentimento que nunca tivera antes: orgulho e posse. Sabia que outros homens muitas vezes tinham tais sentimentos, aqueles que os faziam estufar o peito e deixar claro que a mulher em sua companhia lhes pertencia. Henry nunca vira sentido em estufar o peito — já era grande o suficiente — nem de reivindicar uma mulher como sua.

Mas agora que a conhecera, queria reivindicá-la. E era recíproco: ele não se importaria se ela colocasse sua marca nele de alguma forma

indelével.

E tinha acabado de conhecê-la. Nunca sentira tal conexão com ninguém. Era parecida com a que tinha com números e contas, mas números e contas não conversavam com ele, e não existia um número que o fizesse querer tocá-lo por inteiro. O que seria incalculavelmente estranho, por assim dizer.

— Bem — ela disse, num tom de voz mais normal —, então parece que estamos de acordo. Eu gostaria muito de ser beijada pelo senhor, sr. Dawkins. — Ela riu, apertando-lhe o pulso. — Mas suponho que deveria chamá-lo de Henry, e o senhor deveria me chamar de Katherine, já que vamos ficar tão íntimos.

Íntimos. A palavra pairou entre eles, quase cintilando em sua intensidade, e a garganta de Henry se apertou, a vontade e o desejo aumentaram como nunca antes.

Não era de se admirar que tantos outros homens fizessem tudo a seu alcance para satisfazer seus instintos selvagens. Só que os próprios instintos não lhe pareciam selvagens. Não para ele. Pareciam ser uma substância celestial, algo tão superior que ele não era digno de possuir.

Até aquele momento.

E não é que ele estava ficando fantasioso à medida que se tornava lascivo? Quem diria que as duas coisas andariam de mãos dadas?

— Isso explica muita coisa sobre poesia — ele murmurou. — Sempre pensei que Byron e Blake estavam sendo hiperbólicos.

— Perdão? — ela perguntou, com as sobrancelhas se juntando em confusão.

Ele tomou o braço dela e começou a andar, mais rápido agora, confiante de que ela poderia e iria acompanhá-lo.

— Nada. Sei para onde podemos ir.



Ao ouvir aquelas palavras, todo o corpo de Katherine pareceu se iluminar por dentro. Não importava que ele parecia não ter notado,

percebia pela urgência dele e pelo tom de voz que ele queria beijá-la. Talvez quisesse algo mais, mas uma dama, mesmo que tivesse *outras partes*, jamais permitiria que tais pensamentos passassem pela sua cabeça.

Caminharam rápida e silenciosamente, a mão dela agarrando o braço dele, que ela descobriu, sem surpresa, ser firme e musculoso.

— Se é contador — ela começou, percebendo como estava ofegante, mas sem se importar nem um pouco —, como mantém seu...? — ela fez uma pausa, porque sabia muito bem que não era educado perguntar a um cavalheiro sobre seu corpo, embora, é claro, também não fosse educado que o referido cavalheiro estivesse correndo pelas ruas a caminho de um lugar privado para um beijo...

— Meu físico? — ele completou, sem parecer nem um pouco sem fôlego. Ele riu. — Ao final do dia vou a um clube, onde tenho o prazer de bater em um saco cheio de areia. Alivia as preocupações e permite que eu me delicie com quantos doces quiser. Eu adoro doces — ele confidenciou, como se fosse algo que normalmente mantinha escondido das pessoas.

Ela achou adorável, além de excitante. Gostou de imaginá-lo praticando toda aquela atividade física.

— Eu gostaria de assistir algum dia — ela murmurou, enfatizando as palavras ao apertar o braço dele.

Quando ele falou, depois de alguns momentos de silêncio, a voz estava rouca.

— Eu também gostaria disso — ele respondeu, e de alguma forma isso deixou o... estado de atenção dela para com ele, para com toda a sua pessoa, ainda mais acentuado.

Enfim chegaram a um edifício de tamanho médio e estilo indefinido. O sr. Dawkins, isto é, Henry, retirou um molho de chaves do bolso do colete e escolheu uma, inserindo-a na porta.

— Onde estamos? — Katherine perguntou, quase em um sussurro, embora não parecesse haver ninguém ao alcance da voz.

— É aqui que eu moro — ele respondeu, também em voz baixa. — A menos que você não queira... — E sua voz sumiu, e a expressão em seu rosto revelou incerteza.

Adorável. E excitante.

— Eu quero, sim — disse Katherine, dando um passo à frente dele para abrir a porta e entrar.

Henry a seguiu com a garganta apertada de desejo. Já havia beijado algumas mulheres antes, mulheres que pareciam querer descobrir quem ele era, para além de seu tamanho e aparência. Só tivera decepções, mas daquela vez sentia que ela seria diferente, que ela poderia simpatizar com sua dificuldade com as pessoas e o fato de se sentir deslocado aonde quer que fosse.

Ela se virou e olhou para ele, com uma expressão curiosa.

— Mora aqui sozinho? Sem sua mãe e irmã?

Henry balançou a cabeça.

— Felicity e eu achamos melhor que eu tivesse minha própria casa. Não tenho certeza se notou — e então ele se ouviu bufar, ora essa, mas ela simplesmente sorriu em resposta —, mas não sou muito boa companhia.

Ela olhou para ele por alguns momentos, aquele sorriso caloroso em seu rosto aquecendo-o por dentro também.

— Talvez não seja, mas, a meus olhos, você parece uma ótima companhia. Para mim.

E então ela pegou a mão dele, colocou-a na cintura e colocou as próprias nos ombros dele, puxando-o para a sua boca.

Oh. Oh, isso. A boca de Katherine era macia e quente, e Henry permitiu que os lábios descansassem nos dela por alguns segundos gloriosos, e a outra mão pousou no outro lado da cintura da dama.

Ambos ficaram parados, quase imóveis, bocas se moviam, e o rugido em seus ouvidos era o único som que ele escutava, exceto pelo tecido do vestido, que farfalhava enquanto ela se mexia. Era como se ele pudesse ouvir cada movimento que ela fazia, embora a mulher estivesse quase imóvel.

Ela estendeu os dedos para puxar o cabelo dele, e Henry abaixou a cabeça para que ela não tivesse que se esticar tanto. Seus óculos se moveram, e ele se afastou por um momento para retirá-los, colocando-

os sobre a mesa. E logo voltaram ao que estavam fazendo.

E então, quando os lábios dele conheceram o formato dos dela, e ele sentia como se cada parte do corpo estivesse intensamente viva, a boca de Katherine suavizou-se e os lábios se abriram, e ele sentiu a ponta da língua dela em sua boca, e Henry gemeu e a abriu, dando-lhe entrada.

Foi delicioso. Ela mordiscou sua boca, e ele pôde sentir que ela estava na ponta dos pés, tentando alcançá-lo. Apertou-a ainda mais pela cintura, para que ela conseguisse mais apoio, e sentiu como ela se esticava, a boca ainda na dele, as duas mãos agora em seus cabelos.

Ele a deixou assumir a liderança, saboreando a sensação dela enredar a língua na sua. O corpo de Katherine pressionado no dele o deixava...

— Oh, Pitágoras! — ele disse enquanto recuava, ouvindo como estava alta a sua respiração na sala silenciosa.

Ela olhou para ele, surpresa, a boca vermelha e úmida do beijo, o peito... não, ele não podia olhar para lá, não deveria olhar para lá, mas não podia evitar, os seios dela eram tão exuberantes e belos, e...

— Está rindo? — ele perguntou por fim, quando ficou claro que ela estava, deveras.

Ela assentiu, com uma bufada pouco feminina.

— É só que... Pitágoras? — perguntou, incrédula.

E, mais uma vez, Henry se sentiu estranho. Tinha se sentido quase normal por alguns minutos enquanto se beijavam. Mas naquele momento? Naquele momento ele era mais uma vez o idiota que não conseguia abrir a boca sem se envergonhar.

Mas não era justo. Eles tinham conversado, durante algum tempo, sem ele desejar que a terra se abrisse e o engolisse inteiro. Pegou os óculos e os colocou de volta no rosto, com a sensação de que tinha acabado de fechar uma cortina.

Ela balançou a cabeça, seus olhos cintilavam, divertidos.

— Nunca ouvi uma expressão tão original, sr. Dawkins — ela disse, e então ruborizou, sem dúvida porque era estranho se dirigir a ele tão formalmente quando seus lábios acabaram de se tocar. Tinha concordado em usar os nomes de batismo, afinal. Mas ela devia ter

esquecido.

E então não pareceu mais tão estranho, não com ela toda corada, rosada e sorrindo.

— Sei que não é educado xingar quando se está acompanhado, ou em qualquer lugar, na verdade. E tenho o temperamento da minha mãe, ela é francesa, você sabe, e...

— E os franceses são mais propensos a serem explosivos? — ela arqueou uma sobrancelha. — Essa é uma generalização.

Henry passou o indicador por dentro do colarinho, sentindo de repente que estava mais apertado do que antes. Não tinha nada a ver com o fato de querer tirar a roupa, e a dela também, em nome da igualdade, tinha?

— Prefiro isso a dizer que minha mãe tem um temperamento explosivo. — Ele encolheu os ombros, imitando o gesto francês da mãe. — Se todo um povo tem um determinado atributo, fica menos perceptível quando uma pessoa específica o tem.

Ela riu, como ele pretendia. Não havia pensado que tais generalizações pudessem macular erroneamente a reputação de alguém. Gostou do fato de ela ser inteligente o suficiente para questioná-lo, inteligente o suficiente para perceber o exagero, e ainda assim não desafiá-lo de forma antagônica. Era uma arte, uma habilidade que ele sabia que lhe faltava.

Não que já tivesse tido motivo para desafiar alguém antes; normalmente, as pessoas davam uma olhada em seu tamanho e aceitavam tudo o que ele tinha a dizer. Exceto a mãe e a irmã, é claro, mas elas o conheciam. Então isso significava que Katherine já o conhecia melhor do que a maioria das pessoas?

Tinha que admitir que era verdade, e não só por terem tocado a boca um do outro. Ele gostou de saber disso.

— Mas por que invocou o nome de Pitágoras? — Ela se aproximou, com a mão apoiada nas costas de uma das duas cadeiras da sala de jantar.

O que ele poderia dizer que não parecesse um insulto?

Nada, e era por isso que deveria se limitar à verdade.

— Gostaria de se sentar? — Não era uma resposta à pergunta,

nem mesmo a verdade. Talvez um prelúdio para a verdade. Um aperitivo para a verdade.

— Sim, obrigada — Ela olhou ao redor da sala, e ele quase se desculpou pela decoração escassa. Mas Katherine não estava ali para avaliar seus aposentos. E ele pensou que sabia o que ela foi avaliar ali, e que ficara satisfeita.

Se fosse sincero consigo mesmo, teria de admitir que estava sendo hipócrita. Por muito tempo, mulheres de todos os tipos deixaram claro que apreciavam sua aparência, e ele sentia que elas não o valorizavam de verdade. Mas com ela, Henry se sentia verdadeira e inteiramente valorizado, pelo seu exterior, sim, mas também pelo seu interior. Talvez ela sentisse o mesmo.

Katherine puxou uma cadeira e se sentou, apontando para o assento do outro lado da mesa. Ele engoliu em seco e sentou-se também.

Nunca recebera ninguém além de sua família ali. Parecia estranho, mas estranhamente certo.

Como ela.

Capítulo seis

— Bem, devo dizer que nunca me vi neste tipo de situação.

O sr. Dawkins emitiu um som inarticulado e envergonhado e tirou os óculos, embora tivesse acabado de recolocá-los, olhando carrancudo para as lentes. Tirou um lenço do bolso e começou a limpá-los furiosamente, como se fosse culpa deles ele ser tão desajeitado.

— Quer dizer a situação de estar desacompanhada na casa de um cavalheiro, e ser beijada pelo dito cavalheiro, ou simplesmente não está acostumada a se sentar no tipo de cadeiras que eu tenho? — Ele colocou os óculos e olhou para ela, com aquela mancha rosa reveladora em suas bochechas.

Ela tentou não rir. Mas mesmo assim soltou uma risadinha de prazer.

— Todas essas coisas? — Ela se mexeu na cadeira. — Quer dizer, não tenho nenhum problema com suas cadeiras. Mas as duas primeiras coisas, certamente.

O rosto dele ficou ainda mais brilhante e seus olhos se arregalaram por trás dos óculos.

— Eu não quis sugerir que está acostumada com esse tipo de coisa, é só... — ele parou rápido, incapaz de encontrar palavras aceitáveis.

Ela teve que rir.

— É claro que não queria perguntar se tenho o hábito de estar na casa dos cavalheiros sendo beijada. Fui eu quem disse que nunca estive nesse tipo de situação, e você estava apenas exercendo seu direito de ser curioso. — Ela respirou fundo. — Eu gosto disso. Da sua curiosidade. Poucas pessoas são genuinamente curiosas quanto aos outros.

Ele perdeu um pouco do rubor. Talvez não entrasse em

combustão espontânea. Pelo menos não no momento.

— Eu estou... muito curioso a seu respeito — ele disse por fim. Com a voz tão baixa que ela mal conseguiu ouvir.

Mas conseguiu sentir. As palavras dele ressoaram por todo o seu corpo, e era como se sentisse cada palavra. “Eu” tocava sua boca, “estou” ia até seu peito, “muito” fazia seus seios parecerem pesados, “curioso a seu respeito”... ela não conseguia nem dizer para si mesma aonde aquelas palavras haviam ido, mas tinha uma boa ideia.

E não foram para os dedos dos pés.

Ele engoliu em seco, e ela viu como sua garganta funcionava, a força até mesmo daqueles músculos era evidente sob o tecido do plastrão.

Ah, minha nossa. Tudo aquilo estava interessado, ao que parecia, nela inteira.

O que por sua vez a deixou obviamente interessada.

Katherine se levantou tão de repente que o quadril bateu na mesa, e ela cambaleou para trás.

— Eu... eu preciso ir — ela disse, desejando parecer mais decidida e menos ofegante.

Mas ele a deixara sem fôlego.

Ele também se levantou, por educação, é claro.

— Vou acompanhá-la até em casa. — Daquela vez, o tom de sua voz não fez nada além de fazê-la se sentir péssima. Como se ela tivesse deixado passar uma oportunidade, o que claramente havia acontecido.

Mas se tivesse aproveitado o momento, se tivesse continuado com a curiosidade e se tivessem conhecido melhor um ao outro, ela poderia fazer algo de que se arrependeria para sempre.

Ou pelo menos sabia que era algo que não deveria estar fazendo.

E tinha a suspeita de que ele também se arrependeria, já que tinha um forte senso de honra. Bastava ver como poderia ter aproveitado o afeto de Effie para garantir seu futuro. Não queria que ele sentisse qualquer obrigação para com ela.

Não importava o quanto era maravilhoso ser beijada por ele, andar na rua ao lado dele, sabendo que estava segura e protegida, e que ele estava interessado. E logo nela. E, embora soubesse que o

homem a queria daquela forma, o beijo provara isso, ela também sentiu que ele estava interessado nela. Somente nela. Sem pensar no que ela poderia fazer por ele, ou com ele, ou qualquer dessas coisas.

— Supõe que lady Euphemia insistirá com a dança?

Ele soou como se tivesse acabado de perguntar: “Supõe que terei de continuar a colocar pregos debaixo das unhas?”

— Por que detesta tanto dançar? — ela perguntou.

— Além do fato de que não consigo? — ele bufou. — Provavelmente é só isso, para ser sincero. Há poucas coisas que me propus a fazer e que não consegui, mas dançar, ao que parece, é uma delas. E ainda assim, quando vejo pessoas dançando e ouço música, me parece uma atividade encantadora. Eu gostaria de conseguir.

— Podemos tentar de novo, se quiser — ela disse, e as palavras saíram antes mesmo que pudesse registrar o que havia falado. — Talvez se sinta mais confortável comigo, já que... — ela parou. Como poderia dizer aquilo?

— Já que nos beijamos — ele disse, com a voz menos alterada.

Ao que parecia, ele não tinha problema em dizer.

— Agradeço a oferta, Katherine — e a maneira como ele disse o nome dela soou tão íntimo —, mas não creio que haja esperança para mim.

— Não diga isso — ela respondeu, instintivamente apertando o braço dele com mais força. — Há esperança para todos. Inclusive para você, Henry.



— O que fez hoje, Henry? — Ele estava lavando a louça do jantar, algo simples, cálido e recompensador, como sempre, embora não conseguisse dizer o que havia comido.

E por que a demora para responder, se estava falando sozinho?

— Beije uma mulher, a mulher mais atraente que já conheci. E isso me apavora.

Ele se acomodou na cadeira, naquela em que se sentara tão brevemente diante de Katherine, e tirou os óculos, colocando-os sobre

a mesa e esfregando o ponto entre os olhos.

— Por que isso o assusta, Henry? — Descobriu, ao longo dos anos, que, como não tinha ninguém em quem confiar, já que definitivamente não compartilharia nada disso com a irmã, só podia confiar em si mesmo.

Esse era o problema, não era? Passara tanto tempo confiando em si mesmo, e sendo aquele em quem confiava, que não sabia o que fazer quando confrontado com algo que desejava, e não com algo que precisava fazer.

E o que, exatamente, ele queria?

— O que você quer, Henry? — ele murmurou a pergunta em voz baixa, levantando-se para pegar uma garrafa de uísque e um copo.

Serviu uma boa dose e sentou-se novamente, olhando para o líquido no copo, em vez de engoli-lo de vez. Era bom nisso, em ver as coisas que queria, que desejava, e, depois, privar-se delas. Por essa razão tinha uma caixa de doces quase cheia no armário, embora tivesse sido sincero sobre seu amor por aquelas delícias. Ele os racionava, um a cada poucos dias, em uma espécie de teste de resistência.

Mas não sabia se conseguiria passar no teste de resistir a ela, não depois de provar o doce de sua boca; nem como se sentiria se não estivesse total e indescritivelmente sozinho.

Não havia percebido, até ela entrar em sua casa, que se sentia tão só. Ficara grato, a princípio, por não ter a falação constante da mãe e da irmã ao seu redor. Mas naquele momento não era a ausência de conversa que ele ouvia, mas o silêncio. O silêncio que significava que só ele estava lá, e só ele estaria na sala, e só ele falaria e ouviria as conversas.

— Por que isso o assusta? — ele perguntou mais uma vez, levando o copo de uísque à boca e tomando um gole.

Ainda não sabia responder.

Ficou sentado por mais um momento, e um suspiro de frustração escapou de sua boca. Ele se levantou e foi até a escrivaninha onde guardava papéis e lápis. Voltou à cadeira e os colocou sobre a mesa.

Outro gole.

— Isso deveria ser tão fácil quanto a contabilidade — ele murmurou. — Vou listar todas as coisas que são relevantes e ver que conclusão posso tirar.

Parecia tão simples.

— Na primeira coluna, podemos listar a srta. Grant.

Escreveu o nome dela e sublinhou-o nitidamente.

— Na próxima coluna, temos a minha família.

Escreveu “Obrigações Familiares” na coluna seguinte.

— E é isso — disse ele, largando o lápis e depois pegando-o para sublinhar “familiares”.

Henry era um homem consistente. Talvez não fosse nada sem a sua consistência, pensou, com amargura. Um grande cumpridor de obrigações, pelo menos era como se via. Sabia que a família insistiria para que fizesse o que quisesse, mas eis o problema: não sabia o que queria. Embora soubesse com quem gostaria de fazer o que quer que fosse.

Olhou para o que havia escrito, todas as quatro palavras, depois pegou o papel e o amassou, jogou-o no chão e levantou o copo em seguida.

Engoliu o resto do uísque, encolheu os ombros e serviu-se de mais um pouco. Talvez lógica, listas e contabilidade não fossem do que precisava agora. Talvez só precisasse sentir. Para descobrir o que o faria ser menos sozinho, mais cheio de esperança e menos... acomodado.

Capítulo sete

— Oh, você está de volta!

Katherine sentiu-se culpada ao ouvir a voz de Euphemia. *Sim, voltei. E fui intensamente beijada. Pelo homem que você deseja para si.*

Graças aos céus, não deu voz a nada disso.

— Sim, estou de volta, mas acho que esqueci as fitas. — Ela vasculhou a bolsa, desejando que o calor em suas bochechas diminuísse. Não que Effie fosse notar; Katherine poderia estar pegando fogo, e tudo o que a menina diria seria que não sentia mais frio, e se a dama de companhia poderia guardar seu xale.

— Não importa. — Effie olhou ao redor de maneira teatral, o que lembrou Katherine, como se pudesse esquecer, que a jovem tinha apenas dezoito anos. Katherine nunca havia sido dramática, mesmo na idade de Effie, mas supunha que o drama viesse junto de tanta beleza. — Vamos até ali para podermos conversar. — Effie a arrastou pelo braço até a biblioteca pouco usada pelo conde. Era um ambiente escuro e aconchegante, e Katherine devia ser sua visitante mais frequente, pois costumava ir até lá para ler quando não conseguia dormir.

— Sobre o que precisamos conversar? — Será que ela sabia sobre o beijo? Não poderia, a menos que lesse mentes, caso em que o beijo seria o mínimo que Effie poderia ter extraído do cérebro de Katherine.

— Henry — disse Effie, pronunciando o nome com um suspiro sincero.

— O sr. Dawkins — Katherine corrigiu, sabendo muito bem que seria mais apropriado, senão de todo correto, chamá-lo de Henry, já que o beijara, o que costumava deixar as pessoas muito íntimas.

— Ele não é tudo o que eu disse que era? — Effie continuou, colocando as mãos no peito em um gesto muito mais adequado para os palcos.

Pelo menos era reconfortante saber que, se Effie de repente deixasse de ser herdeira, poderia ganhar a vida atuando.

Mas Katherine também era boa em subterfúgios. Gostaria de poder confiar tudo à pessoa mais próxima que tinha de uma amiga, pelo menos ali por perto. Todas as suas amigas de escola tinham se casado e ido para o campo ou algum outro lugar.

E o que isso dizia dela? Embora não fosse nada comparado a beijar um homem no dia seguinte ao que o conheceu. Provavelmente ter uma debutante vaidosa como amiga era um pouco menos horrível do que isso.

— Ele é. — Ela se virou para olhar para Euphemia, sentindo as sobrancelhas se juntarem. — Mas por que foi embora, se queria retomar seu relacionamento com o cavalheiro?

— Oh, isso! — Euphemia disse, sacudindo a mão no ar. — Eu disse à mamãe que tinha esperanças de despertar o interesse do sr. Dawkins por você, e foi por isso que ela concordou tão prontamente com a vinda dele para cá. Ela teme que você continue solteira, embora deseje que fique no encargo das meninas.

Então somos duas, lady Kilchester, pensou Katherine.

— E eu sei que quando conhecer o sr. Dawkins como eu o conheço, será capaz de convencê-lo de que ele é adequado para que eu me case com ele.

Oh, céus. Esse era o exato tipo de enredo tortuoso que uma jovem tramaria, e o que Katherine havia sido contratada para contornar. Só que...

— Ele disse que queria se casar com a senhorita?

Katherine não conseguiu afastar o ceticismo da voz. Porque um homem que estivesse determinado a perseguir uma mulher e ao mesmo tempo convencesse outra a beijá-lo... bem, esse homem teria de ser um ator muito melhor do que o sr. Dawkins.

Àquela altura, era melhor comprar ingressos para o Teatro Real Drury Lane, já que estava tão desesperada para ver uma produção teatral.

Effie encolheu os ombros daquele jeito deliciosamente simples que parecia fazer parte de ser uma beleza rara. Katherine sabia que se

tentasse imitá-la, pareceria mais confusa do que delicada.

— Ele ainda não disse, mas vai. Sou muito mais velha hoje do que era há três anos — sim, três anos mais velha, Katherine quis salientar —, e ele deve me ver como uma mulher agora.

— E então seu plano é fingir que ele pode se interessar por mim, enquanto desperta o interesse dele na senhorita? — Effie assentiu satisfeita. — E então, quando ele lhe propuser casamento, dirá aos seus pais que o homem estava interessado na senhorita o tempo todo? — Effie assentiu novamente, radiante.

— Mas não pense que meus pais vão achar que não fez seu trabalho direito — disse Effie com seriedade. Mas era exatamente o que pensariam. — Eles entenderão que mesmo que o sr. Dawkins estivesse interessado na sua pessoa no início, ele não pôde evitar se apaixonar perdidamente por mim. — Ela suspirou, como se estivesse imaginando tudo.

Katherine fechou os olhos, resistindo à vontade de gritar. Consigo, com sua pupila, ou mesmo, talvez, com o adoravelmente parrudo sr. Dawkins. Henry.

Se pudesse manter Effie longe dele até que perdesse o interesse... *ah, muito altruísta da sua parte, Katherine*, uma voz maliciosa disse, *tratando você mesma de manter o cavalheiro ocupado*. Mas conhecia Effie bem o bastante para saber que no fim das contas ela acharia um de seus admiradores muito mais atraente do que o sr. Dawkins.

Cabia apenas a Katherine mantê-lo afastado até tal desfecho.

E se conseguisse, poderia lidar com um sem-fim de jovens irresponsáveis. Contanto que não acabasse partindo o próprio coração.



— São quase três horas. Ele entendeu que seria às três da tarde de hoje, não foi? — Effie olhou carrancuda para Katherine, como se fosse sua responsabilidade garantir que o sr. Dawkins, que Henry, soubesse onde e quando deveria chegar.

Já se passaram quatro dias desde aquele. O dia do beijo, que tinha alcançado tal importância em sua mente que ela agora o

considerava como O Dia do Beijo, tão importante quanto o Natal, o Ano Novo e o Aniversário da Rainha.

Não sabia o que pensar de si mesma, muito menos dele, por ter se envolvido naquela atividade. E mesmo que pudesse voltar atrás, o que sabia muito bem que não podia, afinal, viajar no tempo não era uma de suas habilidades, e já tinha problemas suficientes com seus bordados, não achava que conseguiria.

E se aquele fosse o único beijo carinhoso que receberia? Teria que homenagear o Dia do Beijo pelo resto da vida, se assim fosse. Para recordar do dia em que um homem, um homem muito bonito, desajeitado e totalmente encantador, quis beijá-la. A ela, Katherine, do cabelo ruivo, do corpo curvilíneo e do ocasional humor irônico.

Tinha sido maravilhoso. Recordar o momento, mesmo ele ficando no passado, manter em sua mente as poucas lembranças do dia e saber que naquele instante, naquela noite, ela foi desejável e desejada, e não apenas para propósitos lascivos. Embora isso decerto tivesse sido um dos fatores.

— Katherine? — o tom incisivo de Effie a afastou dos devaneios. A menina ainda a encarava, agora menos séria e mais interrogativa. Se ela perguntasse exatamente onde estavam seus pensamentos, bem, Katherine teria de pensar em uma mentira bastante convincente, já que Effie era uma observadora muito atenta quando queria. Embora ela e a moça tivessem, para sua grande consternação, a mesma coisa em mente.

Effie continuou a explicar seu plano de atrair o sr. Dawkins sob o pretexto de fazer com que ele se interessasse por Katherine. Ela já se sentira desconfortável nas três primeiras vezes em que Effie explicara tudo; as dezenas de repetições restantes foram absolutamente dolorosas. Katherine se sentiria mal pela jovem se não soubesse que os dois fariam um péssimo casal, que os pais de Effie jamais permitiriam tal enlace, e tinha quase certeza de que o sr. Dawkins nunca seria coagido a amar alguém.

Apenas coagido a beijar.

— Katherine! — Effie repetiu, com mais estridência. Não estava acostumada a ser ignorada.

Katherine se endireitou.

— Oh, sinto muito. — Ela olhou para o relógio, faltavam cinco minutos para as três horas. — Enviamos o bilhete ao sr. Dawkins, e ele disse que havia entendido. — Katherine esperava que o sr. Dawkins fosse tão pontual quanto da primeira vez, ou teria de falar, por muito mais tempo, dele, e do que ele sabia, e do que ele entendia.

Por favor, que ele seja pontual. Se não para me ver novamente, pelo menos para que Effie pare de falar a seu respeito.

Depois de um minuto, as duas ouviram uma batida forte na porta. Katherine não pôde deixar de olhar para o relógio; quatro minutos para as três. Suspirou, sem perceber que estivera prendendo a respiração. Ele tinha chegado. Será que se arrependera de suas ações? Será que passara a considerar aquele dia como digno de nota?

Será que ele tinha pensado no acontecido?

E se estivesse tão acostumado a beijar mulheres que aquele foi apenas mais um momento em sua vida? E se o que aconteceu não importasse em nada para ele?

Mas ela sabia, pela reação do cavalheiro, que o beijo também não tinha sido uma circunstância comum para Henry. A menos que ele ficasse estranho a cada vez que beijava uma mulher, e ela duvidava que alguém, mesmo alguém tão desajeitado quanto ele, não tivesse aprendido pelo menos um pouco de sutileza ao longo da vida.

Suspirou novamente, aliviada por saber que havia se convencido a não acreditar que aquele era um hábito para Henry. E se perguntava se o beijo se repetiria, caso em que poderia de fato se tornar um hábito.

— O sr. Dawkins chegou — disse o mordomo.

Henry apareceu, balançando a cabeça em saudação.

— Boa tarde, lady Euphemia, srta. Grant. — Ele a fitou por um momento a mais do que a Effie, e Katherine sentiu o calor de um rubor tomar conta de seu rosto.

— Estamos tão felizes por estar aqui, não estamos, Katherine? — O sorriso de Effie era um dos mais ofuscantes, um que ela usava com os admiradores, só que agora estava direcionado a Katherine.

Como a moça era óbvia. Katherine se conteve para não

estremecer.

— Bem, a senhorita deixou muito claro — o sr. Dawkins respondeu, com ironia.

— Eu deixei, não foi? — A julgar pelo tom, Effie parecia incapaz de reconhecer quando alguém não estava menos do que satisfeito com sua persistência. — Vamos para o salão de baile. Vou a uma festa daqui a alguns dias e não quero ser ofuscada por nenhuma das outras damas.

— Duvido que isso aconteça — o sr. Dawkins disse, enquanto esperava Effie passar por ele.

Katherine a seguiu, sentindo uma pontada de ciúme ao ouvir aquelas palavras. Mas era a verdade; não havia possibilidade de qualquer outra mulher ser tão bonita ou encantadora – quando ela se propunha a isso – quanto lady Euphemia.

— Ela não percebe ninguém além de si mesma, não é? — o sr. Dawkins murmurou enquanto caminhava ao seu lado. Katherine sentiu o breve toque dos dedos dele em seu cotovelo, aquilo foi suficiente para fazer um ardor lhe percorrer o corpo. — Não é a beleza exterior que atrai, mas algo que brilha desde dentro — continuou ele, e se virou para ela, com uma expressão horrorizada no rosto. — Não que você não seja bonita, é só...

Ela passou os dedos pelo antebraço dele e sorriu.

— Eu sei o que quer dizer.

E ela sabia. Sabia exatamente o que ele queria dizer, o que ele queria mesmo dizer: que a achava mais atraente do que Euphemia, por mais incrível que pudesse parecer. E o fato de ela saber disso, ainda mais do que ele pensar isso, aumentou mais ainda aquele ardor. O que a fez sentir que ficar sozinha talvez não fosse seu destino.

Não que contasse com o sr. Dawkins para remediar sua solidão; eles só haviam se beijado uma vez, e ela não era dada às mesmas fantasias que as jovens. Para começar, não estavam ao seu alcance, nem em termos de sua paz de espírito, nem de fato. Fantasias, quando se tratava de romance, eram para mulheres que não precisavam se preocupar com onde iriam morar ou se teriam o suficiente para comer.

Contudo, não lhe passou despercebido que tinham sido as

fantasias de Euphemia em relação ao sr. Dawkins que permitiram que ela o conhecesse.

— Assim como antes, Katherine, você pode tocar enquanto Hen... o sr. Dawkins e eu dançamos — Effie disse em seu habitual tom peremptório.

O sr. Dawkins pareceu desanimado por um momento, e Katherine teve que reprimir um sorriso ao notar o desconforto do cavalheiro. Mas logo deixou aquilo de lado e foi até o piano, que havia sido mais usado nos últimos dias do que durante todo o tempo em que estava ali. Effie desprezava fazer qualquer coisa que não envolvesse ver e ser vista, e era função de Katherine acompanhar a ela, e não ao piano.

Tentou pensar em algo para tocar; não esperava que a música fosse uma de suas obrigações na casa dos Kilchester, então não trouxera suas partituras. Já nem as tinha, na verdade. A casa dos pais, depois que morreram, foi entregue ao herdeiro do título, um primo distante cuja juventude e exuberância tola não a impressionaram. Não teria sido apropriado morar com ele, nem fora cogitado. O homem ficou muito feliz com a perspectiva de se mudar para Londres para se preocupar com onde a prima recém-descoberta moraria.

Poderia ter morado com ele, talvez, mas teria sido estranho. E não da maneira deliciosamente adorável como o sr. Dawkins era estranho, mas estranho de verdade. Cerca de uma semana antes de ela sair de casa, o primo já havia levado para o lar duas mulheres com profissões suspeitas e meia dúzia de homens bêbados de seu clube, e alguns deles a olhavam de um jeito que fazia sua pele arrepiar-se de desgosto.

Pensar naquela semana, no entanto, lembrou a ela a canção que uma das mulheres cantou para entreter o primo e os amigos dele, uma canção simples que ela sabia tocar. Colocou os dedos no teclado e começou, lançando alguns olhares furtivos para o sr. Dawkins enquanto ele dançava com Effie.

O homem era mesmo péssimo naquilo. Talvez pudessem dar um jeito se não fosse óbvio, dolorosamente óbvio, que ele estava muitíssimo desconfortável com seu tamanho e com a possibilidade de

esmagar um transeunte ocasional caso tropeçasse.

Mas ele não a esmagaria, não é? Katherine era feita de uma substância mais forte. E a ideia de tê-lo esmagando-a, de todos aqueles músculos pressionando o seu corpo, foi o suficiente para fazê-la...

— Srta. Grant! — Effie interrompeu seus pensamentos no momento em que eles estavam tomando um rumo muito perigoso. Ela pulou, tocando um acorde desafinado.

— Sim? — Katherine se virou para olhar para o par, que havia parado de se mover, no caso dele, ela não poderia chamar de dança, e olhava para ela.

— O jeito que está tocando. É quase tão ruim quanto a dança de Henry — disse Effie, fungando com desdém para enfatizar seu ponto de vista.

— Não é tão ruim assim, deveras — Henry acrescentou, com um sorriso pesaroso.

— Faria bem aos dois praticar um pouco — Effie disse, apontando para eles. — Katherine as suas escalas, e Henry, a valsa. Devo ir ver se minha mãe precisa de alguma coisa. — Ela saiu correndo do salão, deixando-os sozinhos.

E seria naquele momento que o sr. Dawkins perceberia que Effie tramava alguma coisa, isso se ele conhecesse bem a moça. Katherine esperava que não fosse tão bem assim. Mas seria o que garantiria que ele jamais se apaixonaria por ela. Não que Katherine quisesse que ele se apaixonasse por ela... *ora, acalme-se, Katherine. Não quer mesmo que ele se apaixone por ela. E por muitas razões.*

— Crê que Effie esteja tramando alguma coisa?

Bem, ele podia ser estranho, mas ficou claro que não era desatento. E conhecia Effie bastante bem, afinal.

Katherine se levantou do banco do piano e alisou as saias. Não tinha vontade de praticar as escalas, justamente porque estava distraída pensando no sr. Dawkins. Além do mais, ele ainda estava ali, o que significava que a distrairia ainda mais.

Era melhor encarar a fonte de sua distração, até mesmo porque encará-lo era muito mais agradável do que tocar piano. Ou do que tomar sorvete em um dia quente de verão. Ou fazer qualquer coisa

que não fosse falar com ele, ou olhar para ele, ou qualquer coisa relacionada a ele.

Pitágoras, estou fazendo isso de novo!

Começou a rir com o pensamento, e os lábios dele se curvaram em um sorriso de resposta.

— Qual é a graça? — ele perguntou, naquele tom baixo. O que a fazia tremer.

Ela acenou.

— Não é nada.

— Nada mesmo? — ele falou em um tom que misturava hesitação e confiança. Como se soubesse o efeito que causava nela, mas não quisesse presumir que sabia.

Ela balançou a cabeça enquanto ia em direção a ele, entrando no círculo de seus braços.

— Não é exatamente nada — ela murmurou, colocando a mão em seu ombro. — É muito, na verdade. — Ela se sentiu começar a corar e pensou que era melhor mudar de assunto antes de deixar escapar tudo o que estava pensando. — Creio que devemos ir devagar. Talvez praticar a preparação para dançar em vez de realmente fazer isso.

Uma sobranceira se ergueu acima dos óculos.

— Como em uma espécie de posição pré-dança? Assim? — Ele colocou a mão, a mão grande e forte, na cintura dela e pegou a dela com a outra.

Estava grata por sua posição social relativamente baixa, pois isso significava que ele não era obrigado a usar luvas, e ela estava sem as dela por causa do piano. Então suas mãos se tocaram, pele nua tocando pele nua, e o contato fez com que suas *partes*, as *partes* nas quais nem deveria estar pensando, se acendessem, como se ele a estivesse tocando ali.

— Está tudo bem? — ele perguntou, preocupado. Pensar em suas *partes* fez sua expressão ficar esquisita, e seus joelhos fraquejarem.

— Tudo bem — disse, respirando fundo. — O que está achando?

Ela se referia à posição pré-dança, mas logo soube que fora ambígua o suficiente para significar outra coisa, algo que não deveria

dizer a ele.

Quem era o estranho, agora? Sentiu as bochechas corarem e torceu para não estar tão vermelha quanto se sentia.

— Maravilhoso — ele respondeu, com o olhar cheio de significado mirando o dela.

— Oh.



— Como foi? Ele falou de mim? — Euphemia saiu de onde estava escondida assim que a porta se fechou atrás de Henry.

Eles tinham ficado vinte minutos no salão, com o sr. Dawkins aperfeiçoando sua posição pré-dança, embora ambos soubessem que era apenas uma desculpa para se tocarem de uma forma quase aceitável.

Ele saiu às quinze para as quatro, porque tinha um compromisso. Caso contrário, ainda poderiam estar juntos e de mãos dadas.

Por que não estavam juntos de mãos dadas?

— Ah... bem, não, ele não falou nada. — Katherine se esforçou para não ficar vermelha de novo, já que essa era a verdade, mas a verdade adicional, se é que podia haver alguma, era que eles passaram o tempo olhando um para o outro, movendo-se ocasionalmente, ambos em silêncio, exceto quando riam.

Havia sido maravilhoso, e Katherine sabia que ele não estava em silêncio por preocupação de dizer algo estranho, mas, pelo contrário, porque os dois estavam muito confortáveis um com o outro.

Como duas pessoas podiam ficar tão confortáveis uma com a outra depois de apenas alguns dias de convivência?

— Oh. — Effie parecia desapontada, mas ainda encantadora. Sua expressão mudou rapidamente, porém, assim como seu foco. — Estava repassando os convites mais recentes com mamãe, e tem uma apresentação beneficente no teatro, não tenho ideia do que vão apresentar.

Ela não estivera pensando justamente em ir ao teatro? Talvez outro de seus sonhos também se tornasse realidade.

— Começamos a discutir o que vestiríamos — continuou Euphemia. — Não posso ser vista com o mesmo vestido mais de uma vez. — Os lábios dela se curvaram em um sorriso malicioso. — O que significa que iremos à loja de Felicity para encomendar alguns itens. — Ela olhou para Katherine, com uma sobranceira perfeita erguida em apreço. — Vai me acompanhar, é claro, e vamos encomendar um vestido para você.

Todos os pensamentos de Katherine, incluindo as lembranças do Dia do Beijo, desapareceram com aquelas palavras. *Um vestido para você*. Algo que lhe servisse, que combinasse com ela, que não fosse marrom nem áspero, algo que fizesse os olhos dele brilharem ao vê-la. Não que já não brilhassem; ela acreditava que ele a achava atraente, mas com um vestido novo, um vestido desenhado pela irmã, ele poderia achá-la de tirar o fôlego.

E então faria coisas que a deixariam sem fôlego. Uma troca justa. Algo que acertaria as contas. Quase bufou ao pensar nos termos da profissão dele, mas teve que se conter, ciente de que lady Euphemia a olhava com uma expressão interrogativa.

— Ah... sim, seria ótimo, mas não posso me dar a tal luxo — Katherine respondeu, anulando qualquer esperança de perder o fôlego, de dar fôlego ou de até mesmo tomar fôlego.

— Ora — Effie disse, acenando em reprovação. — Não posso aceitar que se vista de maneira menos que perfeita. — Ela ergueu o queixo. — Afinal, é minha dama de companhia; se você não estiver deslumbrante, eu não estarei deslumbrante.

Katherine teve vontade de rir ao ver como Euphemia parecia horrorizada com a perspectiva, por mais improvável que fosse, mas se absteve, apenas se aproximou para abraçar a mulher mais jovem, que pareceu desconfortável com o gesto.

Isso era muito, muito melhor que outra miniatura de cavalo.

— É muito generosidade de sua parte, lady Euphemia — Katherine disse, sabendo que havia uma pessoa gentil enterrada em algum lugar dentro daquela jovem narcisista.

— Sim, bem, quero estar deslumbrante — Euphemia respondeu. — O que significa que a senhorita também deve estar.

— Ah, minha nossa. — Ela tinha pensado em ficar sem fôlego com ele? Porque o homem não estava ali, e ela não tinha certeza se conseguiria voltar a recuperar o fôlego .

Estava sobre a pequena plataforma da sala de vestir da Follette's, bem em frente a espelhos estrategicamente colocados. Lady Euphemia estava sentada em uma cadeira logo atrás dela, enquanto a srta. Felicity mexia na bainha do vestido.

— Gostou? — Felicity perguntou, enquanto sacudia um pedaço do tecido vermelho escuro.

— Ah, minha nossa — Katherine repetiu.

Algun dia seria capaz de dizer outra coisa? Era lindíssimo. Um vestido de noite com pequenas mangas bufantes que mal tocavam os ombros. Tinha um decote ousado, pelo menos aos olhos de Katherine, permitindo que as curvas de seus seios aparecessem. O tecido a envolveu como uma luva; não muito justo que a fizesse parecer comprimida e desconfortável, mas não tão solto que caísse como um saco. Tinha a cintura alta da moda do momento, o que às vezes fazia Katherine perder um pouco a forma, já que seu busto e quadris eram muito acentuados. Mas, nas mãos de Felicity, sua aparência ficara deslumbrante. Havia muito para se ver, com cada curva sendo sugerida, mas não explorada.

Ela estava linda, podia admitir. Nem que fosse para si mesma.

— Está adorável. — A srta. Felicity também podia admitir aquilo.

— Graças à senhorita — Katherine disse, incapaz de tirar os olhos de seu reflexo.

— E complementa muito bem o meu vestido — Effie pontuou, num tom de voz satisfeito. Seu vestido era rosa-claro, enfeitado com fitas de um rosa mais escuro, e realmente ficava bem ao lado do de Katherine, que estava grata por Effie ser tão confiante que a ideia de sua dama de companhia superando-a nunca passaria por sua cabeça.

Havia muito a ser dito sobre o tipo de pessoa que Effie era. Ela não era mesquinha nem ciumenta. Exigia sua parcela de atenção, é

claro, mas não invejava que os outros recebessem a deles. Razão pela qual insistia tanto para que Katherine comprasse roupas novas, embora esta tivesse peças perfeitamente adequadas para qualquer evento ao que tivesse de acompanhá-la.

— Só preciso fazer alguns pequenos ajustes — a srta. Felicity disse ao cruzar os braços e examinar Katherine, que resistiu à vontade de cruzar os próprios braços.

A experiência lhe ensinara que seus braços não eram grandes o suficiente para esconder tudo e, além disso, a srta. Felicity provavelmente ficaria irritada se visse Katherine amassando o tecido.

— Entregará o vestido até sexta-feira? — Euphemia perguntou. Mas seu tom deixou claro que não era bem uma pergunta.

— Sexta-feira, sim — Felicity respondeu. — Vai comparecer à apresentação beneficente? Minha cliente, lady Marjoribanks, generosamente ofereceu o uso de seu camarote, então meu irmão e eu também estaremos presentes.

Agora parecia que o vestido estava apertado, muito apertado, já que ela não conseguia respirar. E logo depois de ter se saído tão bem.

O irmão dela. O que Henry diria, e, mais importante, o que faria quando a visse?

Ela devia ter feito algum barulho, pois a srta. Felicity a olhava com expressão preocupada.

— Eu a espetei com um alfinete?

— Não, não, é só... — *É só que a ideia de seu irmão me ver com este vestido está me deixando tonta.* — Não foi nada. Só alguma coisa na minha garganta.

Felicity franziu a testa, confusa, já que Katherine não tinha comido nada desde que chegou à loja, mas felizmente Effie tinha uma pergunta sobre penas para o cabelo ou algo assim, e a incapacidade de Katherine de respirar foi esquecida.

Capítulo oito

— Você está esplêndido. Pare de se remexer.

Henry tentou ficar quieto, mas a irmã alisava o tecido, mexendo no plastrão e avaliando-o com olhar de modista. Algo que ele geralmente evitava. Primeiro, porque ela não fazia roupas masculinas; segundo porque ele não era um cavalheiro de verdade, então não precisava se vestir como um.

Mas naquela noite, estava disfarçado de um, já que Felicity pedira que a acompanhasse a uma apresentação no teatro.

Não gostava muito de peças. Preferia fatos e números, e o teatro era basicamente uma desculpa para pessoas ficarem diante de outras, e mentindo.

— Por que eu tenho que ir? — ele perguntou, pela centésima vez.

A irmã fechou a mão e deu um soco nele. Então, com um gesto brusco, alisou as rugas que causara em seu casaco.

— Porque você prometeu que iria comigo. — Ele não podia argumentar. Prometera mesmo. — Além disso, lady Euphemia me disse que a srta. Grant estará lá esta noite — ela acrescentou, fazendo-o se assustar, e ela contorceu o rosto em um quase sorriso.

— Como? — Ele tentou soar indiferente.

— Não finja que não está impressionado com ela. — Parte do sucesso da irmã era sua capacidade de ler as pessoas, de avaliar o efeito que seus vestidos causavam nas mulheres que vestia. Infelizmente, aprendeu a ler as pessoas praticando com ele, e nunca mais parou. Então Henry não seria capaz de enganá-la nem por um momento.

— Creio que esteja. — Era melhor admitir, ela não acreditaria em suas negativas de qualquer maneira. — Mas ela é uma dama, e eu, não.

— Claro que você não é uma dama — ela bufou.

Ele olhou furioso para ela.

— Não foi o que eu quis dizer, e você sabe.

Ela suspirou, soprando algumas mechas de cabelo em volta do rosto.

— Eu sei, mas você é de boa família. E ela é uma dama, mas empobrecida.

— O que significa que ela não é para mim, Felicity. — Não mencionaram a responsabilidade dele caso ela não conseguisse se sair bem com a loja. Sem mencionar que um cliente havia recentemente apontado alguns danos causados por água no teto do salão da frente, outra despesa que precisariam contabilizar. Felicity poderia argumentar, mas Henry nem queria imaginar o que aconteceria com a mãe se nenhum dos dois pudesse sustentá-la.

— As coisas podem mudar, Henry — ela disse, mas ele apenas balançou a cabeça, sabendo que não poderia nem cogitar a ideia. A lista que fizera ainda zombava dele; estava em sua mesa, as poucas palavras escritas ali eram um lembrete de tudo que queria, e de tudo que poderia perder.

— Você deveria se divertir esta noite, é só o que estou dizendo. — Felicity deu um último tapinha em seu casaco e depois assentiu, satisfeita. — Obrigada por ir comigo.

Ele empurrou os óculos para cima do nariz e sorriu para ela.

— Não acho que eu tivesse muita escolha. Mas farei o que puder para ajudá-la — acrescentou.

Porque se Felicity tivesse sucesso com a loja, e ele não precisasse mais se preocupar com ela nem com a mãe... bem, então talvez pudesse se preocupar consigo mesmo. Fazer algo por si que não fosse listas infrutíferas ou imaginar como seria se não tivesse responsabilidades.

— Eu sei, Henry. — O tom da irmã tinha uma ressonância sincera que o fez saber que ela estava bem ciente do que passava por sua cabeça.

Não demorou muito para que o cabriolé parasse na rua do teatro. Felicity estava esplêndida, como sempre, e Henry esperava que a aparência dela trouxesse mais clientes. A loja estava recuperando seu prestígio, mas ainda não tinham certeza se estavam fora de perigo financeiro. Henry sabia, por causa de seus outros clientes, a rapidez com que as coisas poderiam virar de cabeça para baixo, e também tinha noção de que a reputação de uma modista podia ser conquistada ou perdida em um instante. Apareceram algumas menções aos modelos da loja nas colunas de moda, nem todas eram favoráveis, e isso lhe causava grande preocupação.

Mas a reputação de uma empresa também podia ser construída, e por isso era indispensável que os modelos de Felicity fossem exibidos da forma mais favorável possível. O que significava, Henry pensou com uma sensação ruim, que ele precisava embarcar no que quer que Euphemia estivesse planejando.

— Lá está ela — Felicity sussurrou, cutucando suas costelas. Ele olhou para a porta dos camarotes e sentiu ter levado um soco no peito.

Porque, sim, Effie estava lá, e essa era a “ela” a quem Felicity se referia, mas a “ela” dele também estava lá: Katherine. Gloriosa, tão linda como jamais a tinha visto, e ele já a achava belíssima.

Usava um vestido brilhante de cetim escarlata, uma cor viva em um mar de tons pastel. Seu cabelo poderia ter destoado da cor do vestido, mas apenas o realçava, fazendo com que toda a sua aparência formasse uma sinfonia em vermelho.

Ele quase revirou os olhos para si mesmo. *Uma sinfonia em vermelho?* Mas estava muito ocupado mantendo os olhos na cabeça enquanto a fitava.

— Pare com isso — Felicity murmurou. — Você está encarando. Maldita irmã observadora.

— Srta. Felicity, sr. Dawkins — Euphemia deslizou em direção a eles, perfeitamente adorável como sempre. Ele notou, embora não tivesse nenhuma reação a ela. Não do jeito que sentia cada parte sua reagindo a *ela*, querendo estender a mão e tocar toda aquela beleza.

Ele sentiu o membro se remexer na calça, e o forçou

mentalmente a relaxar. Não poderia chamar atenção em um evento público, com o sustento da irmã em jogo.

Abaixou as mãos para cobrir a região, tentando parecer tão casual e polido como sempre, ainda que aquela fosse a situação mais embaraçosa em que já estivera, inclusive quando estava dançando, o que já era muita coisa.

— Boa noite, lady Euphemia. — Ele pigarreou. — Srta. Grant — uma pausa. — É um prazer vê-las esta noite.

Os olhos dela encontraram os dele, e Henry se perdeu lá, sem se preocupar com sua aparência, com onde estava, nem com qualquer coisa além dela.

A expressão calorosa em seus olhos castanhos parecia destinada a ele, somente a ele, e Henry queria se afogar neles. Queria caminhar até ela e tomá-la nos braços, como cada parte de seu corpo clamava para que fizesse.

— Igualmente, sr. Dawkins — ela respondeu, com a voz baixa e rouca. Como se estivesse pensando a mesma coisa a respeito dele.

Aquele era... era o paraíso proibido, aquele momento em que olhava para ela e a desejava tanto que parecia que explodiria. Mesmo sabendo que não podia tê-la, não assim, não sem alguma garantia de que poderia sustentá-la. Porque se a tivesse e depois precisasse deixá-la ir... acabaria em frangalhos.

— Sr. Dawkins, não disse se gostou do vestido que sua irmã fez para mim. — A voz de Effie foi uma intrusão quase bem-vinda em seus pensamentos. Era para isso que estava ali. Por Felicity, pela loja. Não por si mesmo.

— Está esplêndida, lady Euphemia. Minha irmã fez um trabalho maravilhoso. — Não pôde deixar de olhar para Katherine novamente depois de fazer o elogio a Effie. Sabia que Felicity estava fazendo algo para ela também, mas só então percebeu a genialidade da irmã. — E a srta. Grant também está adorável. — A voz saiu rouca, e ele se perguntou se ela conseguia perceber a sinceridade implacável em sua voz.

— Obrigada. — Ela olhou para si mesma, arregalando os olhos no que poderia ter sido espanto. — Nunca usei nada assim.

— Eu disse a Katherine que ela não deve usar nada além dos modelos da srta. Felicity de agora em diante — Effie anunciou. Ela sorriu, um sorriso genuíno, para sua dama de companhia, que começou a adquirir aquele adorável tom rosado que Henry não havia percebido que admirava tanto. — Ela pode estar me acompanhando, mas não há razão para que pareça uma daquelas acompanhantes mofadas. — O narizinho de Effie enrugou-se de desdém. — Eu disse à minha mãe que se ela não pudesse me levar a todos os eventos desta Temporada, que eu não ficaria com uma desmazelada que não quisesse fazer nada. — Ela acenou com a cabeça em direção a Katherine. — Mesmo que ela seja mais velha que eu.

Henry sentiu a mão de Felicity em seu cotovelo enquanto ele abria a boca para defender sua Katherine.

Espere. Sua Katherine? Meu Deus, ela era dele. Na sua lista, nos seus braços, no seu beijo. Não, não era bem assim. Mas era. Era dele.

Não costumava ser um homem agressivo. Ter o tamanho de uma árvore fazia alguém parecer agressivo quando não era. Mas no momento desejou poder simplesmente avançar no meio da multidão e levá-la embora para onde poderia despi-la de seu lindo vestido e adorar seu corpo ainda mais lindo.

Felicity falou antes que ele pudesse considerar que caminho tomaria.

— Lady Euphemia, gostaria de se juntar a nós em nosso camarote? Uma cliente me ofereceu para usá-lo, e ele ficará vazio só com nós dois — ela disse, apontando para ele. — Ou talvez me permita prestar meus respeitos à sua mãe. — Ela se virou para Henry. — Não se importa de acompanhar a srta. Grant até o camarote de lady Marjoribanks, não é? — Ela se dirigiu a Euphemia novamente. — Isto é, se estiver tudo bem para a senhorita.

— Claro — Euphemia concordou.

A irmã pegou o braço de Euphemia, lançando um olhar triunfante para Henry enquanto se afastavam. Deixando-os sozinhos.

Ah, Felicity era uma mulher inteligente e também, naquele momento, a melhor irmã que poderia ter. A única que ele tinha, é verdade, mas ainda assim a melhor.

Sozinhos. E ele cheio de pensamentos sobre Katherine, sobre a aparência dela e o que ela estava fazendo com ele, e o fato de que não podia fazer nada a respeito. Nem ali, nem nunca. A menos que as coisas mudassem em sua vida.

— Está se sentindo bem, sr. Dawkins? — Ela olhou para ele por baixo dos cílios, um olhar que o deixou abalado. — Parece muito nervoso. — As palavras foram acompanhadas por um sorriso leve e compreensivo, como se soubesse por que a expressão dele está tão feroz.

Ela sabia. Ela o conhecia, fora capaz de entendê-lo desde que se conheceram. Assim como ele a havia entendido.

— Estou dividido — ele respondeu, mantendo a voz baixa. — Não gosto da ideia de ter outro homem, outros homens, admirando você, mesmo que... — ele fez uma pausa, tentando expressar suas palavras da maneira certa pela primeira vez — que você esteja espetacular e mereça toda a atenção. Não importa o que eu sinta. — Ele balançou a cabeça e voltou o olhar para o chão, onde podia ver os pés dela enfiados em sapatilhas frívolas que combinavam com o vestido.

— Obrigada — ela disse, em uma voz tão baixa que ele mal conseguiu ouvir.

Capítulo nove

A maneira como ele olhava para ela... se olhares pudessem matar, provavelmente poderiam fazer outras coisas também, e o homem parecia estar fazendo essas coisas com ela naquele momento.

O corpo formigava por toda parte, especialmente *naquelas partes*, e ela estava intensa, orgulhosamente feliz por ter saído naquela noite. Quase disse a Effie que estava com dor de cabeça; não era nada agradável a perspectiva de ficar sentada em um teatro escuro enquanto as pessoas no palco se apaixonavam e conseguiam o que queriam. E qualquer atenção que ela recebesse não seria a que queria.

Mas, naquele momento, recebia atenção dele. O que parecia certo era que o homem a observava do mesmo modo como antes de ela usar aquele vestido. E tudo estava mais *intenso*: a cor do vestido, o olhar dele, como ela se sentia quando ele olhava para ela, toda ela. O calor daquele olhar parecia marcá-la.

Estremeceu e aparentemente isso foi o suficiente para ele agir.

— Se estiver com frio, vamos lá para fora. — E então ele balançou a cabeça, com um sorriso triste nos lábios. — Se bem que, é claro, está mais frio lá fora, então vai ficar com mais frio, e eu não quero isso. — Ela notou como o plastrão dele se mexia enquanto ele engolia. — Foi uma tolice de se dizer, eu só...

— Eu quero ir lá fora com você. — Ela não esperou pela resposta, apenas pegou o braço dele e começou a conduzi-lo em direção a uma porta pequena que provavelmente levava para uma sacada.

O homem era uma força palpável às suas costas. E se estivesse sentindo frio antes, o que não era o caso, pois seu tremor era resultado direto dele e de como ele a olhava, estava em chamas naquele momento, todo o corpo parecia esquentar a partir de dentro.

A partir daquelas *partes*. Que ela estava começando a perceber que não eram coisas que podia ignorar, mesmo que uma dama não devesse pensar nelas.

Mas ela pensava, e não conseguia parar. Não queria parar.

A sacada era pequena, e havia outras que saíam de janelas grandes, mas não tinha ninguém por ali. Provavelmente porque a peça estava prestes a começar, e quem ia querer perder a peça? Ninguém, felizmente. Exceto eles.

— Venha se sentar — ela disse, pegando a mão dele e guiando-o até o pequeno banco de pedra na outra extremidade. Uma árvore grande e frondosa bloqueava o pouco de luar que havia, então estavam quase na escuridão. Ela se sentou, a frieza da pedra foi um choque nas suas costas. Ele fez o mesmo, e o calor de sua coxa próxima à dela era um contraste marcante. Todo o corpo dela, todo o seu ser, estava em contradição; ela sentia calor, sentia frio; desejava, mas não queria saltar para conclusões; ela sabia o que deveria estar fazendo e, ainda assim, ali estava ela.

Nada disso importava. Sabia o que mais queria naquele momento: estar ali, com ele, estivesse quente ou frio, ou algo entre os dois, o que soava muito mais intrigante em sua mente do que apenas dizer “morno”.

Não conseguiu reprimir um sorriso diante do pensamento ridículo e tapou a boca quando começou a rir. Ele sorriu, deslizando a mão pelas costas dela, pousando na cintura do lado oposto.

Oh, meu Deus. Era tão bom estar ali ao lado dele, com os dedos em sua cintura, todo o corpo dele parecia reivindicar posse. Dela.

Seus seios, mais apertados naquele vestido do que normalmente ficavam, estavam formigando, mas de uma forma intrigante. Como se desejassem um toque.

Quem estou tentando enganar? Quero que ele me toque, nos meus seios, na minha pele e em qualquer lugar que suas mãos grandes alcancem.

Meu Deus. Esse foi um pensamento que fez todo o corpo reagir.

— Você está com frio. Foi uma ideia tola — disse ele, começando a se levantar. — Devíamos voltar para a peça.

Ela apertou a coxa dele.

— Não.

Ele paralisou, e fitou o lugar em que ela o tocava.

— Eu... — ele começou, e sua voz soou trêmula. Ela sentiu uma pontada momentânea por tê-lo deixado trêmulo. Mas não era nada. Deveria estar orgulhosa por fazer aquele homem poderoso, sincero e maravilhoso ficar com os joelhos tão fracos quanto ela.

— Gostaria que pudéssemos sair daqui e voltar para a sua casa — ela disse, mantendo a mão na perna dele. — Mas lady Euphemia é responsabilidade minha, e... — e Effie ficaria aborrecida se soubesse que Katherine estava interessada no sr. Dawkins, ainda mais que o beijara e que queria fazer coisas envolvendo *outras partes* com ele. Isso quase perturbou a própria Katherine. Só que ela teria de confessar que estava mais intrigada do que perturbada.

— E o que faríamos lá? — ele perguntou, com a voz voltando ao tom baixo de sempre. Isso enviou outro arrepio em espiral através de seu corpo. — Quer dizer, eu sei o que eu faria — ele continuou, colocando a mão em cima da dela sobre sua perna. *Minha nossa*.

— E... e o que você faria? — ela sussurrou.

Era a voz dela? Soando como se tivesse corrido uma longa distância? Não, não era isso. Era como se estivesse correndo em direção a alguma coisa, sendo catapultada em direção a ela, cada fibra de seu corpo desejando agarrá-la, tomá-la, torná-la sua.

Era assim que se sentia.

— Eu tiraria o vestido do seu corpo — ele disse em voz baixa —, mas devagar, pois não ia querer amassá-lo. É um trabalho espetacular, minha irmã é realmente genial — disse ele, quase em um aparte. — E então, quando estivesse apenas de sapatos e meias, eu beijaria seus pés e subiria até chegar à sua boca.

— Oh.

Ela só fora capaz de dizer “Oh, meu Deus” quando se vira pela primeira vez com o vestido; o que era o triplo da quantidade de palavras que aparentemente era capaz de dizer no momento.

— Oh — repetiu.

— Nunca me senti assim antes — ele disse, e ela soube que era verdade.

— Eu também não. — Três palavras! Talvez não tivesse ficado totalmente incoerente.

Abriu a boca para falar, mas descobriu que não tinha nada a dizer. Nada que pudesse dizer, pelo menos. Eles simplesmente não poderiam sair, nem agir de acordo com seus desejos, não sem sérias consequências. Teria que ser suficiente que estivessem sentados ali, na sacada de um teatro, com a mão dela na perna dele, as palavras dele ressoando em sua cabeça, o calor dele tão próximo... mas, não.

Tinha que ser o suficiente.

Mas e se não fosse?



— Katherine! Sr. Dawkins! Aí estão. — Euphemia espiou pela porta no momento em que Henry se perguntava se chamaria muita atenção caso jogasse Katherine por cima do ombro e fosse embora.

— Sim, estamos aqui — ele ergueu a mão que estava sobre a dela e acenou.

Ela retirou a mão, deixando uma dor fria na perna dele. Bem, uma dor em outra área também, mas ele não conseguia pensar nisso. Especialmente porque teve que ficar de pé depois que Effie os avistou. Ficou grato pela relativa escuridão.

Um cavalheiro seguia Euphemia, e Henry apertou os olhos para distinguir as feições do homem, que estavam sombreadas pela luz forte que vinha do corredor do teatro.

— Sr. Dawkins, devolvi sua irmã ao camarote de lady Marjoribanks. E, Katherine, minha mãe me enviou para encontrá-la para que possa conhecer lorde Waddell. — Effie se virou e lançou um sorriso brilhante para o cavalheiro, que cambaleou um pouco com o impacto. — Lorde Waddell estava perguntando o que eu achava da peça, e eu disse a ele, com toda a sinceridade, que não poderia lhe dizer nada a respeito.

Henry e Katherine também não poderiam.

— É um prazer conhecê-lo, milorde — Katherine fez uma reverência e pegou o braço de Henry. — Este é o sr. Dawkins.

— É um prazer, milorde — disse Henry, curvando-se para o homem mais baixo.

Lorde Waddell acenou com a cabeça e sorriu mais uma vez, como para se assegurar de ter sido plenamente agradável antes de se virar para Effie, com aquela expressão um tanto atordoada ainda em seu rosto.

— Aceita um ponche? Acredito que temos tempo antes que toquem a campainha para a peça recomeçar.

Effie pegou o braço dele e abriu outro sorriso.

— Seria maravilhoso, milorde — ela respondeu. Deu um aceno presunçoso de cabeça para Henry e lançou um olhar astuto na direção de Katherine, então voltou para o salão de braço dado com lorde Waddell.

Henry soltou um suspiro ruidoso.

— Ficou aliviado? — Katherine disse com um murmúrio divertido.

— É tão óbvio? — ele perguntou, virando-se para olhá-la. O rosto dela estava inclinado para o dele, como uma flor se abrindo para o sol.

Maldição, Henry, primeiro uma sinfonia em vermelho e agora isso. Ele balançou a cabeça com desgosto.

— Sim. Mas só para mim, creio eu. Sei que Effie pode ser bastante persistente.

— E você sabe que eu não a quero, não dessa maneira. — Ele notou como as palavras saíram estranguladas de sua garganta.

— Eu sei. Também sei que sou a dama de companhia dela e devo garantir que não esteja fazendo com lorde Waddell o que ela tentou fazer com você, por mais que pareça que o cavalheiro possa apreciar. Eu tenho um dever — ela disse, decidida, permanecendo em pé enquanto falava.

Um problema tinha se resolvido agora que Effie parecia ter se desviado do curso, mas ele tinha um problema muito maior, um que não sabia como resolver.

Como poderia fazer a si mesmo e a sua família felizes ao mesmo tempo?

— Lorde Waddell é tão elegante, não é, Katherine?

Katherine sorriu para o livro que lia. Era só a décima vez que Effie dizia quase a mesma coisa.

— É um cavalheiro muito bonito — respondeu. *Mesmo que não seja alto o bastante para o meu gosto, nem tão forte.* Não podia mentir para si mesma. Ele não poderia ser tão impressionante quanto Henry simplesmente porque não era Henry.

— E foi bom eu não ter encorajado o sr. Dawkins — Effie prosseguiu com alegria, como se não estivesse mentindo. Ela *tinha* tentado encorajá-lo; só que o homem era imune aos seus encantos. — Porque se ele tivesse feito uma proposta, e eu tivesse aceitado, seria muito chocante. Isto é, uma dama da minha posição, e até mesmo alguém da sua posição, acharia bastante humilhante casar-se com um homem que não é um cavalheiro, mesmo que venha de boa linhagem.

— Verdade. — Ela havia pensado nisso, mas não nesses termos. Imaginara alguns aspectos de como seria se casar com Henry, principalmente aspectos relacionados às *outras partes*, mas não achava que a sociedade consideraria uma vergonha se ela se casasse com alguém como ele. Não que isso importasse para ela, mas importaria se a loja da irmã dele fosse prejudicada. E poderia ser, já que a sociedade era mesmo crítica e injusta. Ele nunca permitiria que algo assim acontecesse, o que significava que nem sonharia em se casar com ela, mesmo que ela estivesse disposta.

Oh, não.

Mas e se fosse ela a se aproximar dele e fazer o pedido? Mal conseguia articular tal pensamento em sua mente, o que mostrava o quanto era chocante.

Mas se fizesse isso, teria sua resposta. E então partiria de vez para a vida de solteirona, acompanhando todas as irmãs de Effie e talvez outras mais, e não se arrependeria de nada.

— Eu prometi a lorde Waddell que passearia com ele no parque esta tarde. Em sua carruagem. Só há espaço para dois, então estará livre para fazer o que quiser — Effie disse. — Mamãe disse que seria

perfeitamente adequado, já que estaremos no parque, e ele é um cavalheiro muito cobiçado — ela continuou, desviando habilmente as preocupações de Katherine de seus deveres.

O que significava que se algo tinha que acontecer, aconteceria naquele dia. Naquela tarde.

Sem acompanhante.

Esperava que ele não tivesse nenhum compromisso. Ou sua vida não seria irrevogavelmente alterada, e ela ficaria muito desapontada.



Ele ouviu uma batida na porta quando acabara de chegar da última reunião. Levantou-se abruptamente, derrubando no chão a cadeira em que estava sentado, o que causou um grande estrondo.

Olhou irritado para o móvel antes de abrir a porta. E sentiu o queixo cair ao vê-la. Ela, parada na sua porta, com uma expressão estranha no rosto.

— Posso... posso entrar? — ela perguntou, depois de um momento em que os dois ficaram parados ali.

— Oh, claro — ele disse, afastando-se para deixá-la entrar, e fechou a porta. — Algum problema?

Ela balançou a cabeça enquanto tirava o chapéu e o colocava sobre a mesa. Bem em cima da lista que tinha o nome dela. Aquele papel ficara ali por dias, e ele não conseguiu jogá-lo fora, como deveria ter feito.

— Não, nenhum problema, ou muitos, dependendo de como se encara as coisas. — Ela se virou e ele viu algo selvagem, quase frenético, em seus olhos. Henry trancou a porta.

— E qual é a sua opinião quanto a isso? — ele perguntou, aproximando-se dela.

Ela levantou o rosto para ele e sorriu. Não o sorriso brilhante e incandescente de Euphemia, mas algo mais caloroso. Algo mais suave. Algo só para ele.

— Vim aqui para perguntar uma coisa.

— Oh? — ele disse, sentindo todo o corpo ganhar vida. Ele não

seria dissimulado, não consigo mesmo, nem fingiria que não sabia o que ela estava prestes a perguntar. A questão era: o que responderia quando ela o fizesse?

Katherine respirou fundo e deu um passo à frente, os dois quase se tocaram. E então ela se encostou nele, estendendo a mão para colocá-la em seu peito.

— Quero que faça aquilo — ela disse, em uma voz tão baixa que ele mal conseguiu ouvir. Mas ele ouviu alto e bom som, como um sino disparando alarmes por todo o seu corpo. Especialmente lá.

Mas essa era uma imagem estranha, e não se alongaria nela.

— Fazer aquilo? — ele repetiu, com voz rouca.

Ela sorriu, como se entendesse. E ele sabia que ela sabia. Ela ficava tão desconfortável em certas situações quanto ele, e, no momento, ele presumia ser uma situação daquelas, nenhum dos dois tinha qualquer experiência, então pelo menos estavam em pé de igualdade.

— Quer dizer... o vestido e as meias e tudo? — ele perguntou, em voz baixa.

Ela assentiu.

— Sim. Por favor.

Ele sentiu um aperto no peito ao ver a determinação e a vulnerabilidade dela. Engolindo em seco, Henry estendeu os dedos para desfazer o nó da capa dela, depois tirou-a dos seus ombros e colocou-a sobre uma das cadeiras.

Em vez de começar pelo vestido, porém, ele se ajoelhou a seus pés, deslizando a palma da mão por seu tornozelo, sentindo os ossos delicados sob as meias grossas que ela usava. As botas eram feitas de um material macio, calçados de uma dama. Ela era uma dama.

Ele fez uma pausa, pensando, pensando no que poderia significar se, quando, ele fizesse o que ela estava pedindo. Não que quisesse interromper aquilo. Ele a queria mais do que tudo, mas pensou que aquele momento o mudaria para sempre. Que ela o arruinaria para qualquer outra pessoa. Mesmo que ele também estivesse prestes a arruiná-la.

— O que está fazendo? — ela parecia hesitante, e ele olhou para

cima.

— Nada. Só pensando.

Ela mordeu o lábio, e ele viu o rubor rosado passar por suas bochechas. Ela era tão linda que ele quase não se manteve em pé.

Ainda bem que estava ajoelhado.

— Pensando que não deveríamos?

— Não — ele falou com a firmeza de sempre, inclusive quando a irmã tentava usá-lo como manequim quando começou a se interessar por moda. — Eu quero, mais do que jamais quis qualquer coisa. — E era verdade, só que ele estava preocupado com a possibilidade de continuar querendo, mais do que jamais quis antes, e depois também. E para sempre, na verdade. Ela era uma dama, damas não se casavam com contadores, e ele não podia ousar comprometer o sustento da irmã.

Uma coisa de cada vez. Ele não conseguiria pensar em nada daquilo no momento. Ela estava ali, ela o queria, e para os diabos com o seu futuro, ele a queria também.

Capítulo dez

Era tão estranho olhá-lo de cima, vê-lo ajoelhado diante dela. Segurando seu pé e seu tornozelo como se fossem preciosos. O corpo do homem era tão grande que obscurecia sua visão, então tudo que ela via era ele. Suas costas largas e fortes, o cabelo enrolado perto do colarinho. Ela teve o impulso repentino de se inclinar sobre ele, abraçá-lo e pressionar o rosto em suas costas. Inalar o cheiro dele, todo quente e masculino, enterrar o nariz em um dos numerosos músculos de seu corpo.

Mas não o fez.

Em vez disso, ficou parada enquanto ele desamarrava suas botas, colocando-as cuidadosamente no chão ao lado dela, depois deslizou os dedos grandes e fortes por suas pernas, fazendo-a estremecer.

Os polegares dele estavam do lado de dentro, e as palmas das mãos cobriam inteiramente as pernas dela. A barra do vestido descansava sobre seus ombros enquanto ele se movia inexoravelmente para cima.

O que ele tinha dito? *Eu tiraria o vestido do seu corpo e, quando estivesse apenas de sapatos e meias, eu beijaria seus pés e subiria até chegar à sua boca.*

— Não está fazendo ao contrário? — ela perguntou, com uma voz que mal reconheceu como a sua.

Ele olhou para cima, uma sobancelha levantada, o peito subindo e descendo rapidamente.

— Ao contrário?

— Sim, você disse que queria — e ela mesma respirou fundo, perguntando-se como ousava dizer tais coisas, mesmo sabendo que se arrependeria para sempre se não o fizesse — tirar meu vestido primeiro e me deixar de sapatos e meias. Você já tirou meus sapatos

— ela continuou, apontando para onde eles estavam no chão —, e eu queria saber se decidi fazer diferente?

Ele se inclinou para trás, apoiando as mãos nas coxas enquanto continuava a olhar para ela. O coração de Katherine congelou enquanto esperava por ele.

E então se derreteu ao ver a boca do homem se curvar em um sorriso, um sorriso de quem tinha entendido tudo, o que lhe provocou arrepios de desejo que espiralaram por seu corpo.

— Eu disse isso, não é mesmo? — Ele se levantou, gracioso para um homem tão grande, dando a volta até ficar atrás dela, com as mãos em sua nuca.

— Sabe, as pessoas na minha profissão precisam ser metódicas. Cuidadasas. — Ele desfez um botão e colocou a palma grande e quente no ombro dela. — Também temos que estar muito conscientes de não desperdiçar nada. O desperdício leva a gastos excessivos, e é para evitar isso que os contadores são contratados. Então, se vou fazer algo assim — e a mão dele desceu e parou no seio dela, segurando-o —, enquanto também faço isto — ele desfez mais botões com a outra mão, no que pareceu a Katherine uma chocante demonstração de destreza —, então estou fazendo um bom trabalho, deveras.

— Oh, sim, está mesmo — ela respondeu, profundamente consciente de cada toque dele em seu corpo, contando os botões enquanto ele os desabotoava com rapidez e eficiência.

— E agora — ele continuou, com a voz mais rouca do que antes — vamos tirá-la deste vestido, e eu poderei vê-la. Inteira. — E a maneira como ele disse isso, embora fosse reverente, desejoso e apaixonado, fez Katherine sentir o ardor se espalhar por todo o seu corpo, sem o constrangimento que sempre imaginou que sentiria em tal situação.

Porque não era nada parecida com Effie, nem com qualquer outra mulher tradicionalmente bonita que conhecera; era mais baixa e mais corpulenta, o cabelo era de um ruivo fora de moda, e os olhos, castanhos. Mas naquele momento sentia como se pudesse eclipsar qualquer uma daquelas mulheres. Aos olhos dele, pelo menos.

Henry deslizou o vestido pelo ombro com a mão esquerda, a

direita seguia em seu seio até chegar ao decote, puxando o vestido para baixo até que ele se amontoou aos seus pés. Então ele fez a coisa mais surpreendente de todas: passou os braços em volta dela e a pegou no colo, como se ela não pesasse nada. Ele a virou nos braços e embalou seu corpo junto ao peito largo, olhando para ela com uma intensidade que a fez perder o fôlego.

— E agora acho que vou levá-la para minha cama — ele disse, com uma voz suave, movendo-se enquanto falava. Ela passou os braços em volta do pescoço dele e deleitou-se com a sensação de ser carregada, algo que não sentia desde pequena. Mas o maravilhoso é que, comparada a ele, ainda era pequena. Era quase delicada quando justaposta à forma sólida e grande dele, e queria jogar a cabeça para trás e rir de alegria, mas dificilmente conseguia explicar a reação... *Estou rindo porque sou uma mulher até que grande, mas você está me carregando como se eu fosse feita de plumas.* Mas não queria tocar naquele assunto. Então apenas sorriu e respirou o cheiro de Henry enquanto ele a deitava suavemente na cama.

Ele franziu a testa enquanto olhava para ela, e Katherine sentiu um momento de pânico, mas sabia que ele não estava se arrependendo. Provavelmente estava percebendo que não havia tirado a combinação, o que foi um descuido.

Ela se sentou e se ajoelhou na cama, levantando a barra da combinação com uma mão enquanto se equilibrava com a outra apoiada no peito dele.

— Devo dizer que não estou tão impressionada com seu plano quanto estava. Não estou total e completamente nua, sr. Dawkins. Isto é, ainda não. — Então ela tirou a peça e a deixou cair no chão, resistindo à vontade de cobrir os seios do olhar dele.

E ficou felicíssima por não ter feito isso, já que os olhos dele se estreitaram, e o olhar se tornou ainda mais intenso quando a fitou. Com paixão. Com desejo. Com necessidade.

— Você deveria estar total e completamente nu também, pensando bem. — Ela se deitou e fez um gesto imperioso. —Vá em frente. Dispa-se. Eu vou assistir.

As mãos dele foram imediatamente para os botões do colete, que

foi retirado em menos de um minuto. Ele arrancou a camisa de dentro da calça, tirou-a e também deixou-a cair no chão.

Katherine desejou pedir a ele que diminuísse a velocidade para que pudesse apreciar o espetáculo, mas sua boca estava tão seca que ela pensou que não conseguiria falar. O peito do homem era mais magnífico do que ela havia sonhado, uma ampla extensão de músculos e pelos escuros em forma de T e sulcos mais abaixo, onde estavam seus quadris. Mergulhando na calça como se fossem uma flecha apontando na direção certa.

Ele tirou os sapatos, depois a calça, seguido pelo que quer que usasse por baixo da peça, e então estava gloriosa e completamente nu. Ela se perguntou se uma mulher poderia morrer por ter visto beleza demais ao mesmo tempo.

Porque ele não era apenas alto; ele era grande, *em todos os lugares*, e parecia que seus músculos tinham músculos.

— Venha aqui — ela disse, aproximando-se.

Henry pareceu tímido por um momento, e ela quis rir da graça daquilo. Ele sendo tímido, quando tinha um corpo que deveria ser visto, avaliado e valorizado. Não havia nada para deixá-lo constrangido. Não quando ele estava em toda a sua glória nua, cada parte pura perfeição. Aos olhos dela, pelo menos.

Henry colocou um joelho na cama e hesitou, e ela revirou os olhos e pegou o braço dele, puxando-o para que caísse em cima dela.

— Eu não quero... — ele começou, e ela o contornou e agarrou sua bunda, obviamente firme, e apertou.

— Você não quer me esmagar, e não está esmagando, Henry. Não está. É incrível. Pare de se preocupar. — Ela fez uma pausa e apertou novamente. Era notável que as mesmas partes do corpo de duas pessoas pudessem ser tão diferentes. — Neste momento, é uma excelente vantagem que eu seja... robusta — ela disse, após certa hesitação.

— Você é linda — ele disse, sem hesitação alguma. Ele a acariciou, permanecendo perto de seu seio. — Uma mulher deliciosa como essa na minha cama, e eu... eu simplesmente não sei o que fazer.

Ela arregalou os olhos, fingindo indignação.

— Não sabe? Bem, eu certamente também não, então o que faremos? Quero dizer — e então ela ergueu as mãos do corpo glorioso dele e as movimentou no ar sobre suas costas —, eu tenho uma ideia geral, mas você também nunca fez isso antes?

Ele sorriu, um sorriso tímido que lembrava seu jeito estranho.

— Não. Nunca fiz. Embora, como você disse, eu tenha uma ideia geral.

— Bem, vamos tentar juntos. Assim como nosso treino de dança, só que...

— Só que muito mais agradável.



Ele podia não ter feito aquilo antes, mas ela não sabia a diferença; cada uma de suas carícias parecia perfeita, e ele não conseguia parar de murmurar o quanto gostava de olhar para ela, “você é linda” intercalados com a boca movendo-se em sua pele.

— Eu quero fazer isso para sempre, e o melhor de tudo, não posso acreditar que estamos aqui fazendo isso juntos, nunca pensei que encontraria alguém...

Nesse momento ele parou, e isso fez o coração dela doer.

Porque ela também nunca pensou que encontraria alguém, mas ali estavam eles, só que era temporário. Só poderia ser temporário devido às suas respectivas obrigações. Ela não podia comprometer o sustento da família dele, e sabia que Henry estava ciente da disparidade entre os dois; ele tinha deixado claro em sua atitude em relação ao interesse de Euphemia. Tanta coisa era diferente entre eles e, ainda assim, eram muito parecidos.

— Toque-me. — Suas palavras saíram ásperas e carentes, e a arrancaram de seus devaneios, graças a Deus. Sua parte masculina estava grossa e dura contra sua coxa, e ela o tocou com hesitação.

Ele suspirou e ela fez menção de retirar a mão, mas ele prendeu os dedos em volta do pulso dela.

— Não pare — ele disse. — Assim — ele continuou, e puxou os dedos dela para cima e para baixo em seu membro, apertando com

tanta força que Katherine estava preocupada que pudesse machucá-lo.

Mas aparentemente estava fazendo o oposto, já que sua expressão era intensa e cheia de desejo, os olhos carregados de intenção enquanto a miravam, a boca ligeiramente aberta permitindo que a respiração ofegante escapasse.

— Eu preciso — disse ele, e ela assentiu, entendendo exatamente o que ele queria.

— Eu preciso de você, também — disse ela, guiando a parte masculina dele em direção à sua *outra parte*, ansiando o momento com uma intensidade quase febril.

Ele investiu, e ela sentiu um pouco de dor, mas foi uma dor deliciosa, se tal coisa fosse possível. Todo o seu corpo parecia tenso, e ela agarrou seus ombros e puxou-o para mais perto, o que o fez entrar por inteiro.

— Ahhh — ele disse, parecendo sentir agonia. Uma agonia gostosa.

Ela deslizou as mãos de volta para seu traseiro firme e agarrou-o quando ele se retirou, mas não por completo. E investiu de volta.

E foi ainda mais maravilhoso; estava esmagada sob ele, sim, mas parecia certo, como se ele a estivesse possuindo, marcando, tornando impossível para ela estar em qualquer lugar que não ali.

Como se pudesse haver outro lugar onde ela gostaria de estar.

— Beije-me — ela disse, e ele o fez, devorando sua boca enquanto se movimentava dentro dela. Parecia que a parte dele fazia certas coisas acontecerem lá embaixo, e ela interrompeu o beijo, incapaz de se concentrar em nada além do que ele estava fazendo, em como ele estava se movendo, em todo o seu corpo enorme e naquele momento, e...

— Ahh — ela gemeu, uma intensidade crescente de sentimento se acumulava dentro dela, um movimento que parecia caminhar inexoravelmente para seu fim, mesmo que ela não tivesse ideia de como seria o fim, apenas... — Ahh — repetiu, só que dessa vez em voz alta, em um grito enquanto ela chegava aonde deveria ir, e ela estava tão, tão grata por ter chegado. Por ele tê-la levado até lá.

Os movimentos dele ficaram mais rápidos, o corpo entrava e saía

dela, os olhos de Henry estavam fechados; a mandíbula, cerrada, até que ele investiu e ficou lá, gritando seu próprio prazer.

E então desabou em cima dela sem dizer uma palavra sobre esmagá-la, e ela sorriu por ele ter se permitido aquele prazer, por ter dado aquele prazer a ele, tanto que pela primeira vez ele não estava preocupado com nada... nem com o seu tamanho, nem com a sua estranheza, com nada além daquele momento e deles.

— Minha nossa — ele disse por fim, e as palavras foram abafadas por seu ombro.

— É isso mesmo — ela disse, beijando seu queixo.

— Isso foi... isso foi... — ele parou de falar, e apenas balançou a cabeça.

— Foi, sim — ela concordou.

Capítulo onze

Ela saíra de lá havia mais de uma hora, e Henry ainda estava sentado à mesa, olhando a lista que fizera. Aquilo não importava mais; agora que a possuía, que sabia como era estar com ela, que compartilhara algo tão poderoso, tão maravilhoso, aquilo não importava. Não, não era bem assim; importava, *sim*, mas não deveria importar, não se ele tivesse alguma chance de encontrar a felicidade em sua vida.

Sabia que a irmã lhe daria um soco e diria para ir em frente. Que a loja sobreviveria a qualquer escândalo, se é que haveria escândalo. Ele só não tinha certeza se Katherine, e tinha que pensar nela como Katherine agora, não como a srta. Grant, não depois de ter estado dentro dela, sentido seu clímax, beijado todas as partes de sua pele que conseguiu, não quando a tinha segurado por inteiro, os seios redondos e bastos, e sentido como ela era macia, curvilínea e deliciosa, se casaria com ele. Ela era uma dama, não pertencia ao seu mundo, e ele estaria pedindo que ela desistisse de muito para estar com ele.

A menos que ela engravidasse, o que seria um motivo e tanto. Idiota que era, nem tinha pensado nisso. Principalmente porque tinha sido incapaz de pensar.

Mas ela já havia provado ser uma jovem ousada, cheia de iniciativa e ambiciosa, indo ali naquela tarde com um desejo específico em mente e agindo de acordo com esse desejo. Se não o quisesse, ela diria. Não se sentiria obrigada só por causa disso.

Ele assentiu enquanto se levantava, decidido a pedi-la em casamento. E seria um pedido, não uma exigência de que ela fizesse a coisa certa e se casasse com ele. Riu do quanto estava sendo ridículo ao colocar o chapéu na cabeça.

Iria até lá e faria o pedido, e desejava com todas as suas forças que ela estivesse disposta a renunciar ao que era sensato para fazer o que era certo.



— Henry não ficará muito chateado, não é? — Effie perguntou.
— Não tínhamos nenhum compromisso nem nada. Ele sabe muito bem que meus pais jamais permitiriam, de todo modo. Tenho certeza de que esse é o motivo de ele não ter tocado no assunto.

Lady Euphemia havia retornado de seu passeio com lorde Waddell, momento em que o jovem falou com o pai dela, e o resultado foi que Effie agora estava noiva. Katherine não pôde conter o alívio ao ouvir a notícia. Parecia que não havia mais impedimento aos sentimentos dela por Henry. *Chame as coisas pelo nome, Katherine, o amor que sentia por Henry.* Mas restava saber se ele queria o mesmo que ela. Ela achava que sim, pois parecia que estavam em harmonia. Mas se ele se mantivesse fiel ao seu rumo, se continuasse sem saber quem era e o que lhe era permitido fazer... bem, nesse caso, ela guardaria aquela tarde como uma doce lembrança e tentaria não pensar no que poderia ter acontecido se ele tivesse sido menos ele. Se bem que ela não queria mudar nada nele, então não era justo.

Ela apenas tinha esperança, nada mais.

— Srta. Grant? — O mordomo dos Kilchester interrompeu seus pensamentos.

— Sim?

— O sr. Dawkins está aqui. Eu o levei para o salão de baile.

— Oh! — exclamou Katherine.

Effie franziu a testa.

— Por que ele está aqui hoje? Não tínhamos combinado de praticar dança. Vá ver o que ele quer e, se puder, conte a ele... — O rosto de Euphemia mudou para sua expressão adorável, e Katherine sorriu. Ela era uma jovem totalmente egocêntrica e muitas vezes egoísta, mas tinha um bom coração.

— Contarei — Katherine prometeu.

Henry esperou no salão de baile, passando os dedos pela faixa do chapéu, girando-o nas mãos. Se ela disser não...

— Boa tarde, sr. Dawkins. — Ela se virou e fechou a porta ao passar, apoiando-se lá enquanto olhava para ele.

Ela era tão linda, e ele não a merecia, mas, pela primeira vez em sua vida, seria egoísta, querendo algo que não deveria, pedindo algo que mal podia sugerir.

— Katherine. — Ele caminhou até ela e espalmou a porta logo acima de sua cabeça. Ela o segurou pela cintura e sorriu para ele.

— Katherine, sei que a conheço há pouco tempo e que não deveria se casar comigo, mas quero lhe dizer que... — Ele fez uma pausa, a boca estava seca, e o coração, disparado. — Acho que não consigo imaginar a vida sem você e quero que aceite ser minha esposa, porque só me sinto totalmente confortável quando estou em sua companhia. Embora, como já concordamos, nós dois sejamos estranhos às vezes.

O sorriso dela se alargou, e ele sentiu um pouco de esperança.

— Deseja que nos casemos porque isso nos deixa confortáveis? — ela perguntou, em um tom de voz provocador.

— Por Pitágoras, não é isso... quer dizer, talvez eu tenha me esquecido de mencionar que a amo. Porque eu amo. Eu a amo, Katherine, e quero que se case comigo.

Os olhos dela ficaram marejados, mas ele sabia, embora não conseguisse acreditar, que eram lágrimas de alegria, pois todo o rosto dela parecia brilhar de felicidade.

— Sim, Henry. Eu também o amo. Sim, me casarei com você.

— Oh, graças a Deus — ele disse, antes de aproximar a boca da dela para o beijo menos estranho da história.

CAROLINE LINDEN

*Um caso
Elegante*

Tradução:
Andrcia Barboza

Capítulo um

Maio de 1821

A Vine Street era uma rua muito comum em Londres, já não estava mais na moda nem era imponente. Os edifícios de tijolos se encurvavam juntos em uma decadência confortável, relíquias da exaltação para erguer qualquer coisa para sustentar a cidade em rápida expansão. Uma mistura de lojas ocupava o térreo, e cortinas tremulavam em diversas janelas estreitas nos andares superiores. A Vine Street oferecia hospedagem barata e locais de compras razoáveis, um bolso escondido na nobreza esfarrapada a apenas duas ruas do bulício próspero da Piccadilly e da nova e reluzente avenida em construção que iniciava na Carlton House, seguindo em direção ao elegante bairro que surgia no Regent's Park.

E tudo estava desmoronando.

Evan Hewes, conde de Carmarthen, examinou-a desapassionadamente enquanto percorria toda a sua extensão. Dentro de um ano, a Vine Street teria uma aparência muito diferente, com calçadas mais largas e drenagem melhorada, esgotos modernos, tubulações de gás instaladas e prédios de pedra branca e limpa. Ainda haveria lojas com habitações no andar de cima, mas seriam modernas e novas, de mesma aparência, e não mais uma mistura escura de tijolos Stuart e enxaimel Tudor. Era um novo século, e a Vine Street logo seria igualmente nova.

A perspectiva o encheu de animação. A reconstrução sempre fazia isso com ele, desde que sua mansão ancestral foi totalmente destruída apenas um mês depois da morte de seu pai, e Evan se deparou com a tarefa monumental de reconstruí-la. Logo percebeu que era uma belíssima oportunidade. O invólucro de pedra seguiu de pé, mas tudo dentro da casa, que datava da época dos Plantagenetas,

era de madeira e, portanto, fora reduzido a cinzas. Evan transferiu a mãe chorosa e a irmã mais nova para a casa da viúva, e contratou um jovem arquiteto ousado que o ajudou a reconstruir uma casa que não apresentava nenhum dos cantos estranhos, quartos de formato esquisitos, chaminés enfumaçadas ou escadas tão apertadas e estreitas que os lacaios não conseguiam subir sem se abaixar. Agora a mansão tinha linhas retas e graciosas, uma estética moderna e todas as conveniências.

Pretendia fazer o mesmo com aquele cantinho sujo de Londres. Ficava perto das lojas da moda e, uma vez reconstruída, toda a área seria revitalizada.

O chapeleiro da esquina, a papelaria ao lado e a casa de chá no final do quarteirão tinham aceitado recentemente sua oferta de compra. Ele já possuía quase todo o resto. Havia alguns inquilinos que precisariam sair, mas seu advogado conseguiu acordos com a maioria deles, e Evan esperava que o restante fosse resolvido em breve. Ele estava dando incentivos generosos para desenraizar e mudar as pessoas para outro lugar.

Havia, no entanto, uma que recusou todas as ofertas. Ele lançou um olhar soturno e impaciente para as instalações de Madame Follette's, a modista. Ficava perto do meio da rua, a janela em arco estava ligeiramente empenada devido à disposição do edifício. A porta havia sido pintada de um tom de azul reluzente, e os degraus estavam bem varridos, mas nada conseguia disfarçar a sensação desgastada do lugar.

Apeou em frente à loja. Durante vários meses, seu advogado tentou obter a cooperação da proprietária, sem sucesso; quando Evan por fim declarou que prestaria uma visita à mulher, Grantham expressou dúvidas.

— Ela é uma senhora mais velha, uma francesa — o advogado explicou quando Evan expressou frustração com o atraso. — Teimosa como uma mula.

— Ofereça mais dinheiro.

— Tentei duas vezes. — Thomas Grantham recostou-se na cadeira. — Em resposta, ela enviou uma carta de três páginas, quase

toda em francês, e insultou minha inteligência, meus modos e a caligrafia de meu escriturário. No final, recusou sua oferta generosa e, por precaução, acrescentou que recusaria uma oferta cinco vezes maior.

Evan fez careta. Se Grantham, que era conhecido por ser suave e persuasivo, tinha falhado, a velha senhora devia ser uma megera.

— Você disse a ela que todo mundo em Vine Street aceitou e que as melhorias acontecerão de qualquer maneira?

— Sim — Grantham respondeu em tom agradável. — A resposta dela foi uma única página de papel contendo uma única palavra em letras garrafais: *Não*. Espero que você tenha um plano alternativo ou que possa demolir e construir em torno dela.

Por algum grande feito no que dizia respeito à sua contenção, ele não praguejou em voz alta. Não poderia demolir ao redor da loja da modista sem comprometer fatalmente sua integridade estrutural, já que ela compartilhava pelo menos uma parede com a vizinha. Isso foi parte do que tornou a Vine Street uma proposta tão atraente: tudo precisava ser derrubado. Ele poderia demolir os prédios do outro lado da rua, mas o plano aprovado previa a reconstrução de *ambos os lados da rua*. Deixar uma metade no lugar acrescentaria obstáculos intransponíveis em termos de tempo, dificuldade de engenharia e despesas, para não falar de estragar a elegante uniformidade de design que imaginara. A costureira tinha que sair.

Então ali estava ele, determinado a expulsar pessoalmente a obstinada modista através de alguma combinação de persuasão encantadora e intimidação sutil. Ele amarrou o cavalo e entrou.

Uma sineta tocou quando a porta abriu e se encontrou em um salão que se estendia por toda a largura do edifício. Supôs que alguns diriam que era iluminado, e o era para aquela rua, mas ele não pôde deixar de pensar em como seus novos edifícios seriam muito mais bonitos quando o sol pudesse atingir as janelas do térreo e iluminar todo o cômodo, em vez de apenas uma parte da pequena área na frente.

Mas fora isso, era um cômodo agradável. O chão estava impecavelmente limpo, as paredes eram de um tom suave de azul e

atrás do amplo balcão havia prateleiras de seda e renda. Uma seleção de periódicos estava espalhada sobre o balcão, e três manequins lindamente vestidos estavam em prateleiras próximas aos tecidos.

À sua entrada, uma mulher emergiu da porta com cortinas que dava para os fundos da loja.

— Bom dia, senhor — ela disse, com a voz levemente tingida de francês. — Em que posso ajudá-lo?

A resposta que ocorreu a Evan naquele momento foi um tanto quanto picante. Se soubesse que modistas eram tão atraentes, teria acompanhado pessoalmente a mãe e a irmã em todas as provas. A mulher diante dele era adorável, com cabelos de um tom escuro de dourado e olhos azuis vívidos. Não pôde deixar de fazer um exame rápido, mas completo, do topo da cabeça loira até a barra da saia. Quadris arredondados, figura esbelta, seios esplêndidos e um rosto que ele gostaria muito de ver corado de paixão.

— Senhor?

Ele desviou o olhar de sua boca bonita. *Negócios, depois prazer*, disse a si mesmo. Compre o prédio e depois flerte com a modista.

— Vim ver madame Follette.

Os suaves lábios rosados se entreabriram em surpresa.

— O senhor tem um horário agendado?

Por Deus, ela era linda. Ele se encostou no balcão e sorriu.

— Não, mas espero que ela me atenda mesmo assim. — Ele pegou um de seus cartões e deslizou-o pela superfície de madeira polida.

Uma linha fina de confusão apareceu entre suas sobrancelhas quando ela pegou o cartão. Desapareceu assim que ela o leu. Os olhos voaram de volta para os dele e, dessa vez, brilharam com uma luz mais cordial.

— Milorde.

— Madame vai me ver? — ele perguntou, baixando a voz para um tom mais íntimo.

— Mas é claro! — Ela sorriu, e o estômago dele deu um nó. Havia uma covinha em sua bochecha, e Evan tinha certeza de que aquele sorriso era tímido, quase convidativo, como se ela sentisse a

mesma atração que ele... — Eu sou madame Follette.

Foi tão diferente do que ele esperava que Evan ficou sem palavras.

— A senhora? — ele disse estupidamente.

Os olhos da mulher brilharam, mas o sorriso não vacilou.

— Sim. Sobre o que deseja falar?

Dentro de sua cabeça, Evan amaldiçoou seu advogado. Uma francesa mais velha, teimosa como uma mula, não é? Ele estava preparado para esse tipo de mulher. Essa mulher jovem e atraente, perigosamente atraente, o abalou.

Mas apenas por um momento. Ele endireitou os ombros e assumiu uma expressão contrita.

— Perdão. Eu estava esperando uma mulher mais velha. Disseram-me que madame Follette era uma francesa mais ou menos da idade da minha mãe.

— Ah. — A compreensão suavizou seu comportamento. — Essa é a minha mãe, que fundou a Madame Follette's e administrou a loja até um ano atrás. Ela tirou férias prolongadas à beira-mar. Mas ficarei feliz em ajudá-lo. Deseja um vestido para lady Carmarthen?

— Hum... não. — Às suas costas, a sineta tocou novamente.

O rosto da mulher se iluminou imediatamente.

— Um momento, milorde — ela murmurou para ele. — Lady Marjoribanks! Entre, a srta. Owen estava esperando pela senhora. Posso lhe oferecer uma xícara de chá?

— Esta manhã, não — lady Marjoribanks respondeu enquanto se abaixava para pousar a bola de pelo cinza que carregava. — Midas não está bem hoje, ele não queria ficar sozinho. Espero que não se importe.

Evan não viu o mais mínimo cintilar no rosto da madame quando um par de olhos amarelos malévolos se abriu em meio ao pelo cinza e a mirou.

Claro que não me importo. Venha, vou lhe levar a uma sala privada e avisar à srta. Owen que a senhora chegou.

Ao atravessarem a loja, a mulher mais velha o avistou.

— Carmarthen! O que faz aqui?

— Deleitando-me com nosso encontro casual — ele disse baixinho, fazendo uma reverência. — É um grande prazer vê-la novamente, lady Marjoribanks.

Ela pareceu achar graça.

— E você, meu garoto! Espero que não tenha vindo negociar com a srta. Dawkins. Ela é uma moça maravilhosa, muito hábil com agulha e linha, e se a fizer chorar, terá que se ver comigo. — Ela balançou o dedo em advertência.

— Eu nem sonharia com isso — Evan respondeu, notando secretamente o modo como madame... srta. Dawkins?, corou e evitou olhar em sua direção.

— Muito bem. Fique de olho em Midas, por favor, enquanto eu falo com as damas sobre meu vestido. — Ela voltou a atenção para a proprietária, ainda ao seu lado. — Vi o estilo mais original outro dia. Quatro tons de franja! Acha que a srta. Owen poderia criar algo semelhante?

Ele não conseguiu entender a resposta de madame enquanto ela guiava a cliente por outra porta. Com um suspiro, apoiou o cotovelo no balcão e olhou para o gato ainda encolhido no chão, onde lady Marjoribanks o colocara. Ele sabia que a viscondessa era excêntrica, mas carregar o animal consigo? Pela expressão sinistra em seu rosto, Midas não parecia satisfeito por estar ali e, assim que sua senhora saiu, ele se arrastou para debaixo da cadeira mais próxima.

Evan tentou aproveitar o momento a sós para reavaliar a abordagem. Irritava-o ter cometido tal erro em relação à proprietária, independentemente do que Grantham tivesse dito. Ainda assim, poderia funcionar em seu benefício. Uma mulher mais velha poderia relutar em se mudar, mas decerto uma jovem veria o valor do que ele desejava fazer. Decerto ela não gostava da inclinação do piso ou do fato de as janelas receberem apenas uma hora de luz solar direta todos os dias. Decerto uma jovem deveria querer encanamento moderno e iluminação a gás. Evan havia feito pesquisas e descobrira que aquela era uma das partes mais antigas da Vine Street. Não havia registro de melhorias significativas nas últimas décadas, e ele certamente não via sinais de nenhuma agora que estava ali.

Por outro lado, não podia permitir-se distrair-se com um rosto bonito e um busto esplêndido. Lamentavelmente, ponderou sobre esse ponto por um momento. Deveria haver outra pessoa com quem pudesse falar, nem que fosse apenas para persuadi-la a interceder junto ao verdadeiro proprietário.

Madame... srta. Dawkins?, apareceu.

— Peço desculpas, milorde — ela disse enquanto voltava para trás do balcão. — O senhor veio perguntar sobre uma encomenda? Estamos bastante ocupados, mas tenho certeza de que poderíamos atendê-lo. — Ela deslizou a mão em direção aos periódicos de moda.

— Não. — Ele fez uma pausa quando outra mulher saiu pela mesma porta por onde lady Marjoribanks havia desaparecido. Com um pedido de desculpas murmurado, ela pegou alguns periódicos e voltou para o lugar de onde tinha vindo.

— Essa é a srta. Owen, uma das minhas costureiras-chefe — madame falou. — Ela tem um olhar dramático para cores e caimento, e cria roupas diferentes de tudo o que vemos por Londres. Lady Marjoribanks a adora.

— Vim por causa de um assunto financeiro, madame. — Ele fez uma pausa. — Ou é srta. Dawkins?

Devagar, suas mãos se fecharam em punhos antes de colocá-las embaixo do balcão.

— Dawkins é o nome da nossa família. Follette era o nome da minha mãe antes de ela se casar com meu falecido pai. Que tipo de questão financeira?

— Algo que devo discutir com o proprietário. Acredito que meu advogado vem se correspondendo com sua mãe, que ele entendeu ser a pessoa que possui a escritura deste prédio. — Ele esperou um momento, mas ela apenas olhou para ele, com os olhos escurecendo. Tarde demais, Evan pensou que deveria ter dado ouvidos ao conselho de Grantham e ficado fora daquele assunto. Não queria fazer aquela mulher odiá-lo, mas tinha planos, investidores, promessas que precisava cumprir. — Onde posso encontrá-la?

— Sim, minha mãe é a dona. Mas agora estou administrando a loja. — Seu queixo se ergueu. — Pode falar comigo, milorde.

— Talvez eu possa falar com seu administrador — Evan sugeriu, esperançoso. Decerto o administrador ou advogado, teriam bom-senso e o ajudariam a defender o caso.

Foi a coisa errada a dizer. A mulher cerrou a boca e recuou os ombros com uma pequena contração.

— Pode falar *comigo* — ela repetiu, com muita ênfase na palavra final.

Não havia escolha, ao que parecia. Ele assentiu e tentou parecer pesaroso.

— Não me entenda mal, seria um prazer falar com a senhorita. Está ciente da correspondência de sua mãe com meu advogado, o sr. Grantham?

— Não.

— Isso explica tudo. — Ele abriu um sorriso envergonhado. — Eu temia isso, e foi o que me trouxe aqui. Tenho uma proposta comercial a fazer, mas sua mãe não está disposta a ouvir.

A expressão dela nem se alterou.

— Como eu disse, agora sou a gerente da Follette's; minha mãe se aposentou do comércio. Qual é a sua proposta?

Ele duvidava que ela tivesse autoridade para aceitar, mas poderia ajudar a persuadir a mãe recalcitrante. Evan voltou a apoiar o cotovelo no balcão e se inclinou na direção dela. Senhor, ela tinha os olhos mais magníficos, e a maneira como seu rosto se inclinava para o dele...

— Não pude deixar de notar que o chão é inclinado e as janelas estão empenadas. Este edifício deve ter quase duzentos e cinquenta anos. — Ele sabia que tinha; registros de construção mostraram que ele foi construído antes do Grande Incêndio, um dos pequenos bolsões de Londres que sobreviveu ileso. E, pelo que parecia, não mudou muito desde então.

— Sim — ela respondeu —, mas é o nosso lar. Decerto o senhor tem um lar, milorde, ainda mais cativante por suas peculiaridades e esquisitices.

Ele não mencionou que mandou reconstruir completamente sua casa, em parte por causa de suas estranhezas.

— Claro! Mas existem peculiaridades e também... falhas. Os esgotos nesta rua são terríveis; deve inundar a cada chuva forte. E não há gás, notei. Todas as lojas na Piccadilly agora têm iluminação a gás.

Uma mistura de desconforto e anseio passou por seu rosto.

— Isso é verdade. Mas há grandes melhorias acontecendo a apenas algumas ruas de distância, e espero que a maré acabe chegando à Vine Street.

— A senhorita está certa. — Ele sorriu. — Muito em breve, na verdade. É isso que vim discutir. Apresentei um plano para melhorar a Vine Street, assim como o sr. Nash está fazendo na Regent Street.

— Oh! — Seus olhos brilharam e um sorriso satisfeito curvou seus lábios. — Que deleite de notícia! E o senhor veio avisar os inquilinos? Que gentileza sua.

— Será absolutamente esplêndido — ele continuou, cada vez mais entusiasmado como sempre ficava ao falar de seus planos. — Esgotos modernos, gás em todos os edifícios, calçadas mais largas. As lojas serão mais iluminadas, os quartos acima serão equipados com sanitários e tubulações para bombas, sem falar nos tetos mais altos e nos quartos de proporções perfeitas.

— Parece maravilhoso — ela disse, confusa —, mas como o senhor mudará as proporções dos quartos? — A voz sumiu enquanto ela falava.

Evan optou pelo ataque ousado.

— Eu gostaria de comprar este prédio, srta. Dawkins. Tudo na Vine Street será demolido e reconstruído, exatamente como eu disse... e a senhorita está certa, será encantador e muito melhor do que isto. — Ele abrangeu toda a loja com um gesto.

— O quê?

Ele ignorou o horror em seu questionamento.

— O próprio sr. Nash aprovou os planos, e o trabalho será realizado conforme os conselhos dele. Esta rua fica muito perto da Piccadilly, mas, francamente, encontra-se muito degradada para estar na moda. Dentro de dois anos, rivalizará com a Bond Street. — Ele fez uma pausa, mas ela apenas ficou boquiaberta, com o rosto pálido. — Estou preparado para fazer uma oferta muito boa, srta. Dawkins.

— Não — ela disse fracamente.

— Uma oferta que a senhorita nunca receberia de mais ninguém — ele falou com suavidade. — Este é um prédio antigo. As obras na Regent Street vão atrapalhar o trânsito durante anos e isolar a loja da parte elegante da cidade quando estiverem concluídas.

— Não! — Sua expressão ficou tempestuosa. — O senhor não pode entrar aqui e fazer ofertas para a minha loja! Presumo que veio porque minha mãe recusou todos os pedidos anteriores de seu advogado — ele não disse nada, e ela balançou a cabeça —, e o senhor deve saber que concordo com minha mãe. Não venderemos a Follette's!

Evan suspirou. Por mais bonita que ela fosse furiosa, não tinha tempo para isso.

— Isso seria tolice.

— Tolicie? — Ela ergueu uma sobrancelha com desdém. — Que arrogante de sua parte presumir que sabe uma coisa que seja sobre minha loja ou minhas preocupações. Passar bem, senhor. — Ela deu a volta no balcão e foi até a porta. A sineta tocou fortemente quando ela a abriu, e Midas sibilou debaixo da cadeira.

Ele puxou as luvas, estudando-a com olhos estreitados. Por Deus, ela o estava expulsando.

— Seria tolice ficar — ele falou com frieza —, porque já comprei todos os outros edifícios ao seu redor. — Os olhos dela se arregalaram, e ele deu de ombros. — A Vine Street será nada mais que escombros, srta. Dawkins. Se ficar, isso recairá sobre sua cabeça e, quando o trabalho estiver concluído, o seu será o único lugar antigo no meio de uma rua nova e reluzente, desprovido de todas as armadilhas modernas que acabei de descrever. Quanto valerá então? Se, no entanto, aceitar minha oferta agora, obterá um bom... não, *excepcional* valor por ela. Eu poderia até adoçar a oferta estendendo-lhe o aluguel das novas instalações em condições favoráveis — acrescentou.

Ela engoliu em seco.

— Quando o senhor espera que a demolição comece?

— O último inquilino sairá no final do mês. — Ele colocou o chapéu. — Espero começar a demolir no dia seguinte.

— No final do mês — ela ofegou. — Por que tão cedo?

Evan balançou-se sobre os calcanhares.

— Tão cedo? Estou adquirindo imóveis há quase um ano. Sua mãe não mencionou as diversas cartas que meu advogado enviou? — Ela empalideceu. — Não? Porque eu lhe garanto que isso levou vários meses para ser planejado. — Ele pegou outro cartão e colocou-o no balcão. — Pode perguntar ao meu advogado, Thomas Grantham, se não acredita em mim.

Por um longo momento ela apenas olhou para ele, os olhos azuis arregalados e desfocados.

— Bom dia, milorde — ela disse por fim.

Mulher frustrante. Irritado, Evan passou por ela, apenas para parar na calçada ao lado de seu cavalo.

— Olhe ao redor, srta. Dawkins — ele avisou, acenando para a loja do outro lado da rua. O alfaiate já tinha ido embora, e as janelas da loja passavam a impressão de estarem vazias e mortas. — Em breve, todas as janelas desta rua estarão escuras, exceto a sua. Em breve, a própria rua será destruída. Seus clientes não poderão se dirigir até sua porta, e a poeira da demolição vazará pelas frestas de suas janelas e estragará cada peça de seda que a senhorita possui. Quer realmente administrar a loja nessas condições?

Como resposta, ela bateu a porta e permaneceu atrás dela encarando-o, com os braços cruzados. Dessa vez, Evan nem olhou para seus seios esplêndidos.

— Pense no assunto — ele repetiu. — E quando chegar à conclusão óbvia, a senhorita tem o meu cartão. — Um tanto sarcasticamente, ele se curvou para ela, depois montou em seu cavalo e partiu.

Capítulo dois

Felicity encarou o homem odioso até que ele desapareceu no tráfego do final da rua. Por mais satisfatório que tenha sido bater com a porta na face dele, não conseguia calar as palavras dele com a mesma facilidade.

A jovem bufou, desesperada. A primeira visão que teve dele foi deslumbrante: alto e bonito, exalando confiança e riqueza. A imaginação de Felicity correu solta por um momento, imaginando todas as encomendas que um homem assim poderia ter ido fazer, e ela sentiu um frio na barriga com a perspectiva de equipar sua mãe, sua irmã, sua esposa, sua filha, até mesmo seu cavalo, se fosse o que ele desejava. Depois de lidar com lady Marjoribanks, nenhum pedido a faria pestanejar.

Em vez disso, ele veio para arruiná-la. Vender a Follette's! De jeito nenhum! A única coisa que jurou jamais fazer. E só para que ele pudesse demolir tudo e construir algo novo, provavelmente com aluguéis que ela nunca poderia pagar. Felicity tinha visto a construção na Regent Street. Embora tivesse eliminado alguns edifícios em ruínas e melhorado o aspecto geral da área, não pôde deixar de notar que aquelas novas lojas imaculadas contribuíram para o declínio do seu próprio negócio. Por que se aventurar na Vine Street quando havia muitas opções de compras a apenas duas ruas de distância, situadas ao longo de uma avenida ampla, bem iluminada e perfeitamente pavimentada?

E sua mãe sabia, havia meses, que aquele... aquele *predador* os estava atacando, mas não disse uma palavra. Felicity pressionou as mãos na testa, tentando acalmar o nervosismo. Parecia que a mãe havia recusado veementemente Sua Senhoria Deslumbrante, o que lhe dava um deleite vingativo, mas como a mãe poderia ter escondido tal

assunto tanto dela quanto de Henry?

Baixou as mãos. Será que a mãe guardou segredo de Henry?

— Ela deve ter feito isso — Felicity sussurrou. Certamente o irmão teria lhe contado, mesmo que a mãe tivesse tentado fazê-lo jurar segredo por algum motivo...

Atravessou a loja e entrou no pequeno escritório nos fundos. Pegou uma capa curta pendurada em um gancho e jogou-a sobre os ombros, depois amarrou o chapéu. Não deveria sair da loja, mas era uma emergência. Parou apenas para pedir a Selina Fontaine, a outra costureira-chefe que não tinha clientes no momento, que cuidasse do salão por um tempo, e saiu para ver o irmão.

Segurando a capa com o punho e com os lábios pressionados em uma linha irada, ela caminhou em direção aos alojamentos de Henry. Embora não ficassem longe da Vine Street, a viagem exigia que ela atravessasse a Regent Street, trazendo à tona a verdade das palavras de lorde Carmarthen. A construção fez uma bagunça. A loja ficaria imunda, mesmo que a varresse duas vezes por dia. E as construções familiares que ela contemplava todos os dias desapareceriam, demolidas só porque eram velhas.

Tentou não pensar na explosão de alegria que sentiu naquele breve momento em que imaginou a visão que lorde Carmarthen compartilhou dos novos esgotos e da iluminação a gás beneficiando todos os que já viviam lá, não apenas a si mesmo.

Bateu com firmeza na porta de Henry, sem saber se o irmão estava acordado. Ele atenderia em breve, declarou com seriedade, e bateu de novo.

— Parece que minha querida irmã bate à porta — Henry disse ao abrir. Ele estava em mangas de camisa e claramente tomando o desjejum. — Bom dia, Fee.

Felicity passou por ele.

— Henry, a mamãe alguma vez lhe contou que alguém se ofereceu para comprar a Follette's?

Suas sobranceiras se ergueram quando ele fechou a porta.

— Não.

Ela suspirou, embora não tivesse certeza se era alívio ou

consternação, e tirou o chapéu.

— Um cavalheiro veio à loja hoje e afirmou que há meses faz ofertas à mamãe para comprar a loja. Obviamente ela recusou.

— E você pensou que eu não teria contado se soubesse?

— Não — ela murmurou, envergonhada pelo modo como ele a olhou. — Mas eu tinha que ter certeza. Se a mamãe tivesse feito você jurar segredo...

Ele lhe lançou um olhar profundamente desapontado, mas a carranca desapareceu. Henry era muitíssimo bem-humorado. Às vezes, Felicity pensava que era ela quem tinha todo o temperamento da família, e Henry toda a tolerância.

— Que cavalheiro quer comprar uma loja de costura?

— O conde de Carmarthen. — Felicity estendeu o cartão elegante que o homem deixara em seu balcão. — Sabe alguma coisa sobre ele?

— Não — o irmão falou, parecendo bastante confuso. — Felicity, por que diabos um *conde* iria querer a Follette's?

— Para derrubá-la. Ele disse que comprou todos os outros prédios da Vine Street e vai demoli-los bem perto de nós. Ele tem planos para melhorias, como na Regent Street — ela explicou, tentando não cuspir a palavra *melhorias*. Esses planos melhorariam as coisas para os proprietários e lojistas ricos que procuram instalações novas e reluzentes. Felicity, porém, estava com muito medo de que esses planos tivessem como objetivo forçar a saída dela e de outros lojistas comuns. *Afastando a ralé*, ela pensou sombriamente.

Henry franziu a testa mais uma vez.

— Ele comprou todos os outros prédios? Notei que a alfaiataria do sr. White havia fechado, mas nunca imaginei... você perguntou aos vizinhos se é verdade?

Ela mudou o peso de um pé para o outro.

— Não. Ainda não. Quando tenho tempo para visitar os vizinhos e perguntar se alguém se ofereceu para comprá-los? Além disso, somos um dos poucos proprietários. — Isso foi graças à visão de Sophie-Louise décadas atrás, quando ela estava determinada a nunca mais ser pobre ou sem-teto. A mãe fugiu da França revolucionária durante os

dias do Terror, e isso deixou marcas profundas nela.

— Seria bom saber — Henry ressaltou. — Se mamãe recusou, talvez outros também o tenham feito. Ele pode estar tentando enganá-la.

— Pensa que ele mentiu? — O coração disparou com esperança. Como adoraria desmascarar o blefe de lorde Carmarthen e ver seu belo rosto desmoronar ao perceber que havia sido derrotado por uma mulher...

Henry deu de ombros.

— Ele não seria o primeiro. Deve ser fácil de verificar, no entanto. A paróquia deve ter registros dos titulares das escrituras.

— Você poderia verificar? — Felícia viu o rosto dele; o irmão não estava entusiasmado com a perspectiva, mas o faria. Ela lhe abriu um sorriso de adoração. — Você cuida muito bem de nós, Henry, e da Follette's. Mamãe ficaria orgulhosa...

— Mamãe — ele repetiu. — O que diremos à mamãe, presumindo que a afirmação desse sujeito seja verdadeira? Se ele destruir a rua inteira, não será bom para a Follette's. E para ser claro, Fee, duvido que ele diria que é dono de tudo se não fosse substancialmente verdade.

O humor dela ficou sombrio mais uma vez.

— Não podemos nos mudar, não agora. — A coroação do rei aproximava-se rapidamente. Nenhuma dama digna que planejasse comparecer iria querer seu vestido de uma modista em Bloomsbury ou Islington. Esses lugares, embora muito mais acessíveis do que a Piccadilly ou a Bond Street, tinham cheiro de classe média, e não de vanguarda da moda. No último ano e meio, Felicity lutou ferozmente para levar Follette's a esse limite. Contratou Delyth Owen, uma nova modista com um olhar aguçado e ousado, e promoveu Selina, e as três estavam criando interpretações ousadas dos estilos mais recentes. Elas estancaram o declínio da clientela e até atraíram algumas novas clientes importantes que fizeram pedidos caros... e nada poderia interferir na entrega dessas encomendas, porque todo o futuro da Follette's dependia delas.

Não bastava que uma modista produzisse roupas bonitas e de

boa qualidade. Para ser considerada líder da moda, uma modista deveria produzir roupas requintadas e de qualidade superior *para as mulheres certas*. Equipar a família de um comerciante, por mais rica que fosse, ou a esposa de um proprietário rural, por mais bonita que fosse, não colocaria o nome de uma modista na boca de todos. Isso exigia clientes de certo prestígio, embora a notoriedade pudesse ser igualmente boa.

Desde o momento em que o antigo rei morreu, Felicity estava de olho na coroação do novo. Como príncipe, George IV provou ser um homem de gostos luxuosos, extremamente apaixonado por espetáculos, e as histórias publicadas nos jornais prometiam que aquele momento coroar os seus feitos em todos os sentidos da palavra. Com dias, até mesmo semanas, de festividades deslumbrantes planejadas em comemoração, toda a nobreza e dama digna de tal título iria querer um ou cinco vestidos novos, que usariam diante da sociedade mais refinada de toda a Grã-Bretanha. Felicity estava determinada a que pelo menos alguns daqueles esplêndidos vestidos novos fossem da Follette's. Mas para que isso acontecesse, precisaria evitar qualquer coisa que pudesse atrapalhar o trabalho na loja.

— Quanto ele ofereceu? — A pergunta de Henry invadiu seus pensamentos.

Felicity corou.

— Ele não disse. O cavalheiro falou que daria um valor excepcional e se ofereceu para nos conceder um arrendamento em condições favoráveis após a conclusão da obra. — Ela fez uma careta, arrumando distraidamente alguns pratos na mesa do desjejum de Henry. — O que não acontecerá por um ano ou mais.

— Valor excepcional — o irmão repetiu. — Gostaria de saber o que ele pensa disso. — Ela lançou um olhar furioso para ele. Henry ergueu as mãos na defensiva. — Eu não disse que deveríamos aceitar. É difícil saber quanto vale a propriedade. E... bem... talvez precisemos de uma hipoteca.

— O quê? — ela questionou. — Você nunca mencionou isso! — Sophie-Louise ficaria chocada. A dívida era má, em sua mente. Afinal, foi a ameaça de não poder pagar as contas que a convenceu a deixá-

los assumir a administração da Follette's.

— Nigel Martin está restringindo nosso crédito — ele disse, nomeando o proprietário de seu armazém de seda favorito. — Ele quer ser pago integralmente. Eu me pergunto agora se ele sabia desse plano para a Vine Street e previu problemas para nós.

Felicity ferveu. *Amaldiçoado seja o sr. Martin*, ela pensou, *e lorde Carmarthen também*. Não ia vender a loja. Veria aqueles vestidos produzidos, de uma forma ou de outra, mesmo que tivesse que hipotecar o estabelecimento três vezes só para conseguir um único cômodo no meio de Mayfair...

E aí seus pensamentos pararam. O meio de Mayfair não seria um retrocesso. Se tivesse uma loja lá, mostraria que a Follette's estava se mudando *para* a Londres elegante, à luz da destruição da Vine Street, e não para longe dela.

Lorde Carmarthen queria muito a loja. Isso ficou claro pela forma como ele veio pessoalmente e tentou convencê-la do quanto seus planos beneficiariam a todos na Vine Street. Ele também sabia que ela queria ficar, assim como sabia que ela poderia se tornar uma grande pedra em seu sapato. Apesar de toda a bravata sobre destruir tudo ao seu redor, Felicity sabia que a loja dividia uma parede com o prédio ao lado. Ele não poderia derrubar aquele muro sem destruir a propriedade dela. Mas isso significava que ele provavelmente aceitaria quase todos os termos remotamente razoáveis que ela propusesse como custo para sair da loja...

— Tenho uma ideia — ela disse baixinho, ainda pensando muito. O irmão ficou tenso.

— Qual?

Ela lhe lançou um olhar penetrante. Henry era muito amigável para ser enviado à batalha contra lorde Carmarthen. Além disso, queria vencer o conde sozinha. Ainda a irritava o fato de ele ter pedido para falar com o administrador dela e só ter revelado seu verdadeiro propósito quando ela insistiu que estava encarregada da Follette's.

— Não importa agora. Vou lidar com isso. — Ela ficou na ponta dos pés para dar um beijo rápido na bochecha do irmão. — Obrigada,

Henry.

Ele ainda parecia cauteloso.

— Por favor, me prometa que não terei de resgatá-la de Newgate. Atacar um conde é crime capital.

Ela riu enquanto colocava o chapéu.

— Não. não. Será perfeitamente legal e adequado. Decidi que o conde malvado pode muito bem nos ajudar.

Capítulo três

Evan entrou no escritório de seu advogado, ainda indignado com o encontro do dia anterior com a srta. Dawkins, madame Follette ou qualquer que fosse seu nome verdadeiro.

— Quanto posso derrubar na Vine Street sem danificar a loja da modista? — ele exigiu, sem preâmbulos.

Thomas Grantham olhou por cima dos óculos e largou a pena.

— Não foi bem, não é?

— Não. — Ele jogou o chapéu e as luvas nos braços do funcionário de Grantham. — Ainda tem os relatórios de engenharia em mãos?

Talvez houvesse uma maneira de destruir tudo, exceto a loja da costureira. Evan disse a si mesmo que precisava ser lógico sobre o assunto e não deixar que um deslumbrante par de olhos azuis abalasse sua determinação. A srta. Dawkins teve sua chance e a recusou. Estava convencido de que ela mudaria de ideia assim que o trabalho começasse e ela fosse forçada a lidar com a sujeira, o barulho e a agitação. Ela estaria na porta dele implorando por outra chance de aceitar sua oferta, que não seria mais tão generosa.

Grantham olhou para seu funcionário.

— Busque os relatórios, Watson. — O homem assentiu e saiu. — Foi tão ruim assim? — o advogado perguntou, e, assim que o funcionário saiu, recostou-se na cadeira e sorriu.

Evan olhou feio para ele. Thomas Grantham não era apenas seu advogado, mas também seu amigo, um colega de Cambridge que lhe ensinara a ter um desempenho surpreendentemente bom em matemática. Grantham tinha mente de engenheiro, precisa e lógica, mas seu pai, que era advogado, decretou que ele seguiria seus passos e

estudaria direito. Na época, Evan achava que aquilo parecia chato, mas nos últimos anos passou a apreciar o treinamento do amigo. À medida que seu interesse em melhorias aumentava, percebeu como um bom advogado era vital para o trabalho, e prontamente deu a oportunidade a Thomas, que a aceitou na hora.

Essa parceria entre eles colocou em pleno uso o melhor das habilidades de Grantham: ele era capaz de entender os relatórios e estimativas dos engenheiros e sabia como guiar uma grande reforma através da burocracia bizantina de Whitehall. Tinha sido sua tarefa comprar todas as propriedades e preparar o caminho para a construção, enquanto Evan lidava com os arquitetos e comerciantes, para não falar de usar sua posição para obter as aprovações necessárias.

Mas, no momento, Thomas estava gostando um pouco demais do fracasso de Evan em adquirir a loja da modista.

— Horrível — ele murmurou de má vontade, antes de devolver a farpa. — Em parte porque você se esqueceu de me dizer quem eu enfrentaria.

As sobrancelhas de Grantham se ergueram.

— Quem? A única proprietária é Sophie-Louise Dawkins, viúva, embora use seu nome de solteira, Follette, nos negócios. Ela é ainda mais astuta pessoalmente?

— Não. — Evan apoiou o quadril no parapeito da janela e cruzou os braços. — Eu não *a vi*, a francesa mais velha que lhe disse não de forma tão beligerante. Em vez disso, fiz papel de bobó, é a filha dela que agora dirige a loja, e a mãe deixou Londres. — Ele levantou uma sobrancelha. — Parece algo que deveríamos saber, não acha?

Grantham franziu a testa diante da pergunta incisiva.

— Sim. Mandeí um homem visitar a loja há vários meses e ele falou com ela. Ela deve ter saído da cidade desde então. — Ele se inclinou para a frente e tocou a sineta. — Como é a filha? Presumo que não seja mais receptiva do que a mãe.

— Não muito, embora tenha evitado me xingar em francês.

Com isso, Grantham sorriu.

— Deve contar como progresso, Carmarthen. A mãe insultou

tudo, menos minha ascendência.

— A filha me expulsou da loja — ele retrucou.

O amigo riu.

— Ora, eu gostaria de ter ido! Deve ter sido algo digno de se ver.

— Ainda mais divertidas serão as contorções necessárias para prosseguir sem tocar em um tijolo de sua loja — Evan retrucou. — Espero que minha memória esteja falhando e que aquela loja não compartilhe, de fato, um suporte estrutural significativo com o prédio ao lado.

A diversão desapareceu do rosto do advogado. Antes que ele pudesse responder, houve uma batida na porta e um funcionário enfiou a cabeça para dentro.

— Enviamos alguém recentemente à Vine Street para consultar os inquilinos? — Grantham perguntou. — Especificamente a Madame Follette's, a loja de moda.

O funcionário pareceu surpreso.

— Bem... não tenho certeza, senhor. Mas o senhor tem visita...

— Estou ocupado no momento — Grantham falou, inclinando a cabeça na direção de Evan.

— Acredito que desejará receber a dama, sr. Grantham — o funcionário falou.

Evan trocou um olhar com o advogado. Uma dama?

— Quem é?

— Ela se identificou como srta. Felicity Dawkins, da loja Madame Follette's. — Havia um toque de presunção na voz do assistente. — Devo mandá-la entrar? Isso economizará tempo, embora eu possa ir até a loja dela, se preferir.

— Eu deveria despedi-lo por preguiça, Watson — Grantham resmungou. — Em vez disso, sou forçado a elogiar sua interrupção oportuna. Mande-a entrar. — O funcionário sorriu por uma fração de segundo e depois fechou a porta. — Felicity. Um nome tão alegre para uma megera.

— Eu nunca a chamei de megera. — Evan endireitou a postura, sem se afastar do parapeito da janela. Disse a si mesmo para não demonstrar qualquer sinal de interesse ou prazer com a aparência

dela. *São negócios*, disse a si mesmo, e Grantham perceberia qualquer sinal de fraqueza de sua parte. Deveria manter a mente focada na forma obstinada com que ela fechou a porta em sua cara, e como ela olhou para ele através da janela, com os braços cruzados sob aqueles lindos seios...

A porta se abriu novamente e ela entrou. Se o primeiro vislumbre que Evan teve dela despertou seu interesse, o segundo ameaçou levá-lo à inconsciência. Naquele dia, ela usava um vestido azul brilhante, que cintilava tanto quanto o céu crepuscular sobre a baía de Carmarthen, e o modo como a saia balançava enquanto ela andava fez a boca de Evan ficar seca. A moça já havia tirado a peliça e o chapéu, expondo a tez fresca, e os seios esplêndidos, ao olhar fascinado dele. O cabelo loiro-escuro estava preso em um penteado com cachos que pareciam macios e tentadores, e o sorriso que ela abriu para Thomas Grantham quase fez Evan perder o equilíbrio.

— Bom dia, sr. Grantham — ela disse, o sotaque francês acrescentando um ronronar às suas palavras enquanto fazia uma reverência graciosa. — Obrigada por me receber sem hora marcada.

Se Grantham tinha sequer pestanejado, Evan não notara.

— Claro — o advogado falou. E pigarreu. — Por favor, sente-se, srta. Dawkins.

Com um redemoinho de saias, ela se sentou.

— Soube que o senhor tem se correspondido com minha mãe, Sophie-Louise Dawkins.

Grantham percebeu o olhar fulminante de Evan e sentou-se na cadeira. Ele sabia o que Evan estava pensando: se a srta. Dawkins tinha ido até eles, ela deveria ter reconsiderado sua recusa do dia anterior. Devia ter ido lá para aceitar a oferta, ou talvez negociar.

Mas a irritante mulher não olhou em sua direção nem uma única vez, e Evan só pôde olhar impotente para Grantham e tentar sinalizar que o advogado deveria levar a venda a um acordo rápido e imediato. Quanto mais cedo a mulher saísse da Vine Street, mais feliz ele seria.

— Sim, já faz vários meses — Grantham respondeu.

Mais uma vez ela sorriu, com certa tristeza, como se estivessem contando uma piada particular.

— Soube que ela não foi muito receptiva às suas propostas.

Um canto da boca de Grantham se inclinou.

— Infelizmente não. — Como um bom advogado, ele a deixava falar, esperando para ver por onde ela começava.

— Devo dizer que nem meu irmão nem eu sabíamos nada sobre isso — ela continuou. — Há pouco mais de um ano, mamãe decidiu renunciar e entregar a loja para nós. Ela partiu para Brighton e tem pouco a ver com Madame Follette's.

— Mas ela ainda detém a escritura da propriedade.

Um leve rubor coloriu as bochechas da srta. Dawkins. Evan disse a si mesmo que a estava observando atentamente para detectar sinais de que ela estava cedendo, e não porque estava fascinado por sua pele.

— Sim, mas também depositou grande confiança em meu julgamento. Se eu interceder junto a ela em seu nome, acredito que ela aceitaria sua oferta.

— Seria muito gentil da sua parte, senhorita. — Grantham fez uma pausa. — O que a inspiraria a interceder? Lorde Carmarthen voltou decepcionado da visita à sua loja ontem.

O rubor se aprofundou. Agora Evan sabia que ela evitava olhar em sua direção apenas para irritá-lo. O brinco de pérola pendurado em sua orelha tremeu.

— Eu não o esperava, e ele me pegou desprevenida com sua declaração de que tudo na rua seria destruído em poucos dias.

Evan mudou de posição e fez careta. Não foi assim que aconteceu. Ele não dissera nada parecido.

— No entanto, agora que tive tempo para pensar no assunto, creio que poderemos chegar a um acordo equitativo. — Ela sorriu novamente.

— Fico muito satisfeito em ouvir isso. — Novamente Grantham parou, deixando o próximo passo para ela.

A srta. Dawkins não parecia abalada.

— Seria um terrível inconveniente mudar minha loja. A Vine Street não só tem a localização ideal para minhas clientes e funcionárias, como também uma mudança perturbaria o nosso

trabalho de forma imperdoável. Além disso, tenho um extenso estoque de tecidos e outros materiais, e me custaria muito remover tudo, sem falar nas despesas para mandar tudo para as novas instalações.

— Sim — Grantham admitiu —, mas foi por isso que lorde Carmarthen fez uma oferta tão generosa.

— Ele ofereceu dinheiro — ela respondeu com bastante desdém —, o que resolve apenas uma das minhas preocupações. As outras duas são igualmente importantes. Se, no entanto, elas puderem ser resolvidas de forma satisfatória para mim... — Ela ergueu o queixo. — Então eu estaria preparada para aconselhar minha mãe, veementemente, a aceitar sua oferta para o número vinte da Vine Street, para que lorde Carmarthen possa prosseguir com suas melhorias.

Por um momento, houve silêncio. Grantham lançou um olhar para Evan, que pensava furiosamente. Suas outras preocupações eram a inconveniência da mudança, que ele não sabia como eliminar, e a “situação ideal” da Vine Street, que era, por definição, confinada àquele local.

— O que seria suficiente para sua satisfação? — ele perguntou.

A srta. Dawkins hesitou, depois virou ligeiramente a cabeça na direção dele.

— Para administrar meu negócio, necessito de um conjunto adequado de ambientes, incluindo espaço para receber de clientes, fazer provas, sala de trabalho e armazenagem de suprimentos. Como também moro na parte de cima, qualquer nova instalação deverá incluir alojamento respeitável. Não desejo pagar um aluguel superior a trinta libras por ano. E, o mais importante, deve estar localizado aonde for mais conveniente, e não menos, para minhas clientes e funcionárias. Essas são as únicas circunstâncias sob as quais deixarei a Vine Street.

Grantham olhou para Evan, que assentiu uma vez. Afinal, era isso que ele queria. Como esperado, a srta. Dawkins reconheceu que precisava ceder. Ela ainda tinha uma lista bastante razoável de requisitos para sua nova situação, o que significava que ela deveria ser capaz de se mudar em breve e não atrasar os planos dele. Tentou não

pensar na questão do alojamento dela; a mulher morava sozinha acima do número doze? Ela mencionou um irmão... ele afastou o pensamento vadio de sua mente.

— Compreendo, srta. Dawkins, e tudo isso é muito louvável — o advogado disse. — Mas como a senhorita pode ter certeza de que sua mãe será persuadida? Ela foi bastante firme na recusa da última oferta de lorde Carmarthen.

— Ela quer o que é melhor para a Follette's. Se meu irmão e eu garantirmos a ela que será benéfico para nós, ela aceitará. — Não havia sombra de dúvida em seu tom. Ainda era um risco, mas um que Evan achou que valia a pena correr. Decerto a sra. Dawkins não poderia prevalecer tanto contra seus filhos quanto contra os estragos da construção.

— Podemos conceder algum tempo para que localize essas novas instalações, srta. Dawkins, mas precisamos saber com certeza se e quando adquiriremos a propriedade — Grantham continuou. — Sua senhoria contratou vários comerciantes que precisarão de instrução. A senhorita pode nos dar uma resposta até o final deste mês?

— Eu? — A srta. Dawkins ergueu o queixo. — Não tenho tempo para divagar sobre propriedades de Londres, sr. Grantham. Ficamos muito ocupadas nesta época, com a Temporada em andamento e a coroação se aproximando. Usarei minha influência com minha mãe se, ou quando, os *senhores* encontrarem novas lojas e alojamentos para mim.

— Perdão? — Evan avançou indignado.

Enfim ela encontrou o olhar dele de frente. Senhor todo-poderoso, seus olhos eram azuis.

— O senhor veio pessoalmente à minha loja — ela ressaltou. — Ofereceu um valor excepcional por ela. Planeja arrasar a rua inteira e depois destruir a própria rua. O senhor mesmo, milorde, disse que a Vine Street será totalmente destruída porque comprou tudo o mais que há nela e já fez contratos com comerciantes. Deve ter sido um investimento enorme. Depois de tudo isso, o senhor se sentiria dissuadido de encontrar uma loja para uma costureira?

Evan a encarou, incrédulo. Até Grantham parecia sem palavras.

A srta. Dawkins ficou satisfeita por tê-los colocado no próprio lugar.

— Eu sei que não podem destruir tudo se eu ficar. Minha loja compartilha uma parede com o número onze; há apenas uma única fileira de tijolos dividindo um lado do outro, e devo dizer que não está em perfeitas condições. O senhor pode ser dono do número onze, mas se tentar derrubá-lo, causará danos consideráveis à minha propriedade, e garanto que minha mãe abriria um processo e o perseguiria para sempre. — Ela inclinou a cabeça diante do silêncio prolongado. — Se quiser que eu saia da Vine Street, o senhor deverá ser capaz e estar disposto a encontrar um lugar para que eu me mude.

— Não somos corretores imobiliários — Evan começou, seu choque diante da ousada exigência dela passou.

Em resposta, a srta. Dawkins lançou um olhar penetrante em direção à porta. A agitação dos funcionários no escritório externo era audível.

— O senhor tem muitas pessoas para ajudá-lo a encontrar um, milorde.

Sua boca se estreitou. Ela poderia ter entendido que ele acabaria por vencer a batalha, mas pretendia fazê-lo lutar até lá. Infelizmente para ele, não tinha escolha a não ser fazer o que ela pedia. Valeria a pena enfrentar a indignidade e a inconveniência para evitar os atrasos ruinosos que ele sofreria de outra forma.

— Muito bem — ele soltou. — Encontraremos suas novas instalações.

— Muito bom. Obrigada, lorde Carmarthen. — Ela sorriu para ele, com uma expressão alegre, mas de alguma forma tímida, que fez coisas terríveis com os instintos mais básicos de Evan. Quando a Fortuna se voltou contra ele de forma tão cruel, lançando uma sereia encantadora como obstáculo às suas ambições? Se Felicity Dawkins alguma vez voltasse aquele sorriso para ele com propósitos mais sedutores, Evan tinha um mau pressentimento de que faria papel de bobo por causa dela.

Com algum desconforto, ele afastou esses pensamentos.

— A senhorita exigirá que encontremos homens para fazer a

mudança também?

Ele disse, mordaz, tentando afastar a presunção, mas ela apenas assentiu, com os olhos azuis bem abertos e sombrios.

— Seria muito gentil da sua parte. Obrigado, milorde; sr. Grantham. O senhor pode me avisar quando tiver localizado uma propriedade adequada para minha inspeção. — Ela fez uma reverência e saiu em um redemoinho de saias azuis.

O silêncio era ensurdecedor.

— Bem — Grantham disse um minuto depois. — Suponho que isso conte como sucesso.

— Por muito pouco. — Evan atravessou a sala e fechou a porta. — Ela quer que façamos a nossa parte antes mesmo de começar a dela, o que pode ou não dar certo.

— Teremos que nos certificar disso, então. — O advogado voltou a pegar a sineta e tocou para o seu escritório. — Watson — disse ao homem, que apareceu quase no mesmo instante —, localize um corretor de imóveis imediatamente. Precisamos encontrar uma loja adequada para uma modista no próximo mês.

— Sim, senhor. Onde?

Grantham olhou para Evan, que deu de ombros.

— Em qualquer lugar. — Ele listou os requisitos da srta. Dawkins. — E então vá consultar pessoalmente todos os que ficaram na Vine Street para ter certeza de que cada inquilino tomou providências para estar em outro lugar no próximo mês. Quero saber tudo sobre todos na rua, para evitar outras surpresas desagradáveis.

— Sim, senhor.

— Diga ao corretor de imóveis para me enviar sua lista de propriedades para alugar — Evans disse ao rapaz. — Eu mesmo cuidarei do assunto.

Grantham pareceu surpreso.

— Tenho certeza de que não é necessário.

— Não. — Ele flexionou as mãos, lembrando-se da expressão satisfeita no rosto da srta. Dawkins. Ela fez isso para irritá-lo, mas agora tinham um acordo. De forma alguma a deixaria se desvencilhar dele. — Quero que aquela loja feche o mais rápido possível. Se ela

demorar ou atrasar meses, isso causará enormes dores de cabeça. Ela está certa sobre a parede estrutural, não está?

Grantham hesitou, depois assentiu uma vez.

— Vou fazê-la cumprir com sua palavra — Evan garantiu. — Se eu tiver que mostrar a ela todas as propriedades disponíveis em Londres, ela estará fora da Vine Street dentro de duas semanas.

Capítulo quatro

Durante dois dias, Felicity prendeu a respiração, esperando para ver como o conde de Carmarthen reagiria às suas exigências.

Cada vez que pensava na expressão atordoada dele, uma bolha quente de satisfação brotava em seu peito. Tinha certeza de que o homem estava acostumado a fazer tudo do seu jeito. Irritava-a profundamente que ele também conseguisse o que queria daquela vez. A mãe podia ser proprietária do número doze, mas Felicity passou tempo suficiente com clientes ricos para entender que o mundo estava organizado para ajudar a eles. Mais cedo ou mais tarde, ele encontraria uma maneira de retirá-los dali, o que significava que as chances de ela de conseguir algo em troca eram melhores agora.

Sentiu-se bastante orgulhosa de si mesma por ter elaborado esse plano. Em vez de ficar consternada com a revolta iminente, pensou que seria perfeitamente possível que fosse uma dádiva de Deus. Se lorde Carmarthen conseguisse encontrar um local pelo preço abaixo do valor que ela mencionara, ainda mais perto do coração da elegante Londres, Felicity sairia da Vine Street sem nem olhar para trás. O lugar foi a sua casa durante toda a vida, mas lorde Carmarthen a destruiria mais cedo ou mais tarde, e ela poderia muito bem extrair todas as vantagens possíveis da situação.

Mas tudo não passava de suposições e esperança. Se lorde Carmarthen não conseguisse encontrar uma alternativa adequada, ou simplesmente decidisse que era indigno dele tentar, ela teria poucos recursos ou ajuda. Henry verificara e era verdade que Carmarthen comprara, ou estava em vias de comprar, todo o restante da rua. Todos os proprietários receberam uma compensação com o entendimento explícito de que deveriam partir até o fim do mês. Felicity reconheceu que havia perdido a mão meses atrás, antes

mesmo de saber que algo estava em jogo, e agora só podia esperar que seu oponente quisesse vencer de maneira graciosa.

Estava trabalhando em um esboço para uma de suas clientes, lady Euphemia Hammond, quando a campainha tocou. Relutante em parar o trabalho, já que a referida dama era esperada mais tarde naquele dia e Felicity queria ter o esboço pronto para ela, lançou um olhar esperançoso para as costas do irmão. Ele estava sentado do outro lado do escritório, trabalhando nos livros. Como se pudesse sentir o peso do olhar dela, seus ombros se curvaram ligeiramente. Ele não queria ir.

Talvez tenha sido culpa dela. Henry só ia à loja alguns dias por semana para fazer a manutenção dos livros contábeis, e hoje ela dedicou a primeira hora do dia contando sua visita ao escritório do sr. Grantham. Quando terminou de contar todos os detalhes, o irmão parecia um pouco atordoado. Embora ele tivesse expressado esperança de que a tática dela funcionasse, Felicia sabia que ele achava que não. Henry vinha examinando os livros desde então, como se tentasse encontrar outra saída para o dilema. Com um suspiro, ela largou o lápis, alisou as saias e passou pela cadeira do irmão.

O conde de Carmarthen estava na loja, com as mãos cruzadas atrás das costas e a cabeça inclinada para cima enquanto estudava o teto. Felicity parou com a visão. A irritação com ele havia obscurecido sua lembrança do quanto o cavalheiro era atraente, mas quando a clara luz do sol da manhã o iluminou, ela se lembrou daquilo com muita intensidade. Seu cabelo escuro era longo o suficiente para roçar a gola da casaca cinza de corte perfeito, e quando ele se virou para encará-la, a luz atrás dele fez seus ombros parecerem muito largos e fortes.

— Srta. Dawkins. — Ele se curvou.

Esmagando o inexplicável frio na barriga, ela foi até o balcão.

— Bom dia, milorde. Em que posso ajudar?

Um canto de sua boca se curvou, mas seu penetrante olhar azul não vacilou.

— A senhorita não quer que seja o contrário, que eu tenha vindo ajudá-la?

— O que, por sua vez, ajudaria o senhor — ela ressaltou.

— De fato. — Ele atravessou o salão e apoiou as mãos no balcão.

— A senhorita é sempre tão direta ao lidar com os outros?

Seu coração disparou e ela sentiu o rosto esquentar.

— Gosto de evitar mal-entendidos.

— Mesmo? — Ele sorriu. Ela já vira o sorriso dele antes, mas daquela vez o *senti*, bem no fundo... o que a horrorizou. — Muito bom; eu também. A senhorita pode dar uma volta comigo?

Desconcertada pelo calor da expressão dele e pela pergunta inesperada, ela paralisou. Um passeio? Por que ele pediria para levá-la a um passeio?

— Localizei uma propriedade que deve atender às suas necessidades — acrescentou. — Presumo que queira ver antes de tomar posse dela.

— Oh — ela disse, então se repetiu quando o que ele quis dizer foi compreendido. — Oh! Sim, eu gostaria, naturalmente. — Que tola ela se tornou por um minuto; como se um conde fosse lhe pedir para levá-la a algum lugar por qualquer outro motivo! Aturdida, virou-se para pegar o chapéu e quase esbarrou no irmão, saindo do escritório. — Vou sair um pouco, Henry. Peça à srta. Owen para cuidar do salão, por favor. Ela não tem clientes até mais tarde.

Henry olhou para o conde além dela. Por mais amável que Henry fosse, também era um sujeito bastante corpulento e podia parecer intimidador quando desejava.

— Aonde você está indo?

Ela respirou fundo.

— Milorde, meu irmão Henry. Henry, este é lorde Carmarthen, que deseja comprar a loja. Ele encontrou um novo local em potencial para nós e vou inspecioná-lo.

O irmão lhe lançou um olhar ponderado. Ele pensava que ela tinha enlouquecido, saindo da loja no meio do dia. Ou isso, ou estava em choque porque seu plano maluco poderia estar funcionando.

— Agora?

— Como vê, lorde Carmarthen está aqui e se ofereceu para me acompanhar até lá.

Henry não pareceu convencido, mas não protestou mais. Felicity balançou a cabeça e correu para pegar suas coisas. Os dedos se atrapalharam um pouco com as fitas do chapéu enquanto as amarrava. Teria sido educado da parte de lorde Carmarthen enviar um bilhete, em vez de chegar do nada e esperar que ela largasse tudo para ir com ele. Preferiu não se preocupar com o fato de ela *ter* feito isso, em vez de pensar em suas responsabilidades na Follette's. Abotoou o spencer e voltou para o salão principal, onde Henry e o conde estavam parados no meio do salão, olhando para o teto.

— Duvido que seja inseguro, mas é um sinal de decadência — o conde dizia. Ele parou quando ela voltou. Por um momento, olhou para ela como se tivesse sido pego de surpresa. Felicity calçou as luvas. A moça sabia que se vestia bem. Sua aparência, ela pensava, era uma propaganda da Follette's e, como tal, ela se orgulhava disso. O vestido daquele dia era simples, mas seu spencer era de um glorioso adamascado azul e dourado com um babado de seda engomado em um gracioso arco para a gola. Ela o fizera a partir de uma velha jaqueta polonesa, comprada de segunda mão por causa do tecido. Devia ter pertencido a uma duquesa e fazia Felicity se sentir ousada e confiante, algo de que precisava para lidar com o conde.

— Observarei isso — Henry falou. Com a cabeça ainda inclinada para trás enquanto ele olhava para o teto. — Obrigado, milorde.

— Disponha — Carmarthen murmurou, com o olhar fixo em Felicity. — Vamos, senhorita?

Ele a ajudou a entrar em seu cabriolé. Na esquina, virou para a Regent Street. O extremo sul, perto da Piccadilly, era quase inteiramente uma construção nova, desde o reluzente quadrante curvo ao norte até a Oxford Street. Algumas casas ainda estavam em fase de acabamento, e Felicity cobriu a boca com um lenço enquanto uma nuvem de poeira subia ao redor deles, levantada por uma carroça carregada de tijolos.

— Londres mal dá para morar com toda a construção em andamento — ela murmurou.

— Ouso dizer que este é um método melhor do que queimar tudo — o conde falou.

— Um belo argumento para apresentar aos deslocados — ela respondeu com ironia.

— Não é? O fogo varre tudo à sua frente, sem aviso ou recompensa. As melhorias planejadas, por outro lado, oferecem uma oportunidade a todos.

Ela lhe deu um olhar cínico.

— Tenho a oportunidade de desenraizar a mim mesma e ao meu negócio. O senhor tem a de construir lojas novas e caras, sem ter que suportar nenhum inconveniente.

Ele riu.

— Quem pensa que não há inconveniente associado à reconstrução de um quarteirão inteiro obviamente nunca o fez.

— Então esta não é a primeira vez que o senhor expulsa pessoas da própria casa?

O sorriso fácil do conde permaneceu no mesmo lugar, apesar das perguntas provocativas.

— Eu nunca expulsei ninguém de casa. No entanto, fiz ofertas justas e razoáveis de compra em áreas que estavam preparadas para melhorias.

— Tudo com um bom lucro para o senhor, é claro.

— Claro — ele concordou —, mas não só para mim. Pense nos pedreiros e agrimensores, srta. Dawkins, nos estucadores e ferreiros que conseguiram pagar o aluguel e alimentar suas famílias porque eu os empreguei.

— Quantos deles conseguiram pagar pelas casas que o senhor construiu?

— Alguns. Mas todos foram pagos em dia e o que fizeram com seus ganhos foi escolha deles. — Ele lançou um olhar curioso para ela. — Certamente a senhorita não pode desaprovar o fato de dar emprego a tantos homens.

Felicity apertou os lábios.

— Não — ela admitiu. — Mas com base nessa filosofia, devemos continuar a construir por todos os lados, a todo o momento, para que qualquer pessoa que queira trabalhar possa ter um emprego.

— Isso seria ridículo. Por que construir casas ou lojas onde

ninguém deseja morar?

— Por que demolir e reconstruir casas e lojas que já estão ocupadas?

Ele respirou fundo e depois soltou o ar: o som da paciência sendo testada.

— Porque elas são velhas, srta. Dawkins. Estão insalubres, e muitas vezes custaria mais para consertá-las do que demoli-las e começar de novo, só que desta vez com métodos e conveniências modernas incluídas.

— Com um bom lucro para o senhor — ela repetiu. Ele não estava fazendo aquilo por altruísmo, por mais digno que parecesse.

— Certamente o homem que leva esgotos funcionais para Vine Street deve merecer alguma coisinha.

— Talvez — ela admitiu, pensando nos novos edifícios reluzentes do Quadrante, agora várias ruas atrás deles. — Embora o mesmo aconteça com as pessoas que serão deslocadas.

— Eu nunca disse o contrário. — Ele fez uma pausa. — Não pude deixar de notar que sua própria loja, tão cara ao seu coração, tem goteiras no telhado. A água tem descido pelas paredes e é responsável pelas manchas no teto.

Ela lançou um olhar cauteloso para ele.

— Sim, mas foi consertado.

— Quando?

— Vários meses atrás — ela respondeu. Teria sido feito antes, se o vazamento não estivesse atrás de uma parede do quarto de sua mãe, escondido da vista. Quando Sophie-Louise partiu, os danos já haviam atingido o térreo e arruinado completamente a parede atrás de vários armários na sala de costura. Henry havia se espantado sobre as contas dos reparos.

— Sugiro que não contrate esses trabalhadores novamente — o conde falou. — Ainda está vazando. Há novos sinais de danos em seu salão principal.

Agora ela o olhava com consternação.

— Vou chamar alguém para dar uma olhada.

— Não acredita em mim? — ele perguntou, divertido. — Por que

eu diria que seu telhado está vazando se não estivesse?

— Porque é mais uma marca no prédio, um sinal de que o senhor está certo em querer derrubá-lo... e por um preço menor também, sem dúvida. — Felicity falou com ousadia, mas as palavras dele a alarmaram de verdade. Sabia que o número doze era antigo. O chão era todo inclinado, as escadas rangiam horripelantemente e a chaminé dos fundos tinha uma drenagem pavorosa. Se lord Carmarthen tivesse se oferecido para comprar o prédio no próximo inverno, uma vez concluídas todas as encomendas para a temporada e as festividades da coroa, ela teria muito mais probabilidade de aceitar. No momento, só podia fazer uma oração para evitar danos estruturais e as persuasões do conde por mais alguns meses.

Carmarthen sorriu. O olhar de Felicity permaneceu em sua boca por um momento antes de ela desviá-lo de forma resoluta.

— Dou minha palavra de não baixar meu preço — ele disse. — Mas se o vazamento no telhado a deixar mais inclinada a concordar imediatamente, não ficarei desapontado.

Ela riu com relutância.

— Não deixará. Há outras razões pelas quais posso não aceitar, as quais deixei bem claras para o senhor e o sr. Grantham.

— É verdade. — Ele parou os cavalos. — Confio que a senhorita cumprirá sua parte nesse acordo tão rapidamente quanto eu cumpri a minha.

Felicity olhou em volta para se orientar; estava tão envolvida na conversa que não prestou muita atenção para onde ele os levou. Era uma rua pequena, tranquila e pitoresca, mas agora que pensava nisso, não se lembrava de ter virado para oeste.

— Onde estamos?

— Frith Street, perto da Soho Square. — O conde saltou e estendeu a mão.

Ela só conseguia olhar para ele, consternada enquanto seu coração afundava.

— Não... — Soho Square não era o lugar certo da cidade. Soho era praticamente Bloomsbury, ainda mais distante dos clientes elegantes que Felicity precisava desesperadamente atrair.

— Não? — Um aborrecimento surpreso brilhou em seu rosto por um momento, e foi logo mascarado. — É um excelente imóvel. A luz é boa, os cômodos são bastante grandes e o valor é razoável. E o telhado está firme. — Ele acenou com a mão, indicando uma ampla janela de tijolos vermelhos atrás dele.

Felicity balançou a cabeça.

— Sinto muito, milorde. Não é aceitável. — Ela ignorou a mão que ele ainda estendia para ajudá-la a descer.

Carmarthen olhou para ela.

— Perdão. Ele se encaixa em todos os detalhes que a senhorita listou...

— Não, não se encaixa — ela respondeu, mantendo a calma. Sentar-se em seu cabriolé preto brilhante no meio da rua a deixou constrangida. Parecia que os transeuntes estavam observando tudo. — Por favor, leve-me de volta para a Vine Street, milorde.

O conde parecia confuso. Ele se aproximou da carruagem e colocou as mãos nos quadris. Uma fina carranca apareceu em sua testa.

— Diga-me por que se opõe a esta loja manifestamente adequada — ele pediu em voz baixa.

Contra sua vontade, ela o olhou de novo. Um cavalheiro esperava no degrau, de costas para eles; sem dúvida o agente imobiliário com um acordo no bolso. Lorde Carmarthen estava ansioso para tirá-la da Vine Street. E parecia mesmo uma loja bonita, com janelas altas e gradeadas que exibiriam habilmente os produtos... às esposas dos prósperos comerciantes que viviam nas proximidades.

Ela se virou.

— Sinto muito, milorde — ela repetiu, mas com firmeza. — Não é aceitável.

— Essa é toda a explicação que vai dar? — ele questionou.

— Se me levar para casa, eu explicarei. — Ao contrário dele, ela estava tentando manter a voz baixa. Embora não pudesse trazer a Follette's para aquela rua, era um bairro limpo e bem cuidado, e não tinha vontade de ofender ninguém que morasse ali.

Por um momento, pensou que o conde perderia a paciência. Ele

apertou os lábios e seus olhos brilharam, e Felicity sentiu o próprio temperamento se agitar. Se ele a repreendesse em público...

— Muito bem — ele disse, seco. — Um momento por favor. — E se afastou para falar com o cavaleiro. Em seguida, voltou e entrou no cabriolé. Com um estalar do chicote, incitou os cavalos. — Explique o que era tão deficiente que a senhorita nem conseguiu colocar os pés no local.

— A loja em si parecia grande e agradável — ela começou. — Por favor, não pense que faltou isso, principalmente o teto sólido. O problema está na localização.

— Como?

Ela percebeu o cinismo na voz dele, o que a irritou novamente.

— O senhor não entende de moda, se precisa perguntar.

Carmarthen franziu a testa.

— Obviamente não. O que a moda tem a ver com as lojas? A sua capacidade de costurar seda e renda está comprometida pelo caráter geral do bairro? Confesso que não imaginava que costureiras fossem tão suscetíveis a tamanha vaidade, ainda mais com o aluguel insignificante que a senhorita deseja pagar.

— Não pago nenhum aluguel no momento. Mesmo trinta libras por ano já representarão um aumento.

— Sim — ele disse, entre dentes pelo que parecia —, mas a senhorita receberá o dinheiro da venda de sua loja atual.

— Que também deve ser gasto na preparação das novas instalações, na mudança da minha casa, na substituição de qualquer tecido danificado na mudança e muitas outras despesas! E uma vez que acabar, a soma desaparecerá para sempre. Minha mãe pode querer reservar algo para sua velhice; o trabalho e as economias de sua vida estão investidos na Follette's. — Ela olhou para ele. Somente um homem rico seria tão descuidado com a questão do dinheiro.

Os planos de Felicity, caso se concretizassem, levariam a renda da família de volta a níveis confortáveis, mas ela tinha plena consciência de que os Dawkins ainda estavam longe de estar seguros. Até que ela, a mãe e o irmão tivessem somas saudáveis poupadas e investidas, com uma loja próspera para os sustentar sem tocar no

capital, a moça não deixaria de monitorar cada xelim. Ela não podia. Se perdessem a Follette's, suas opções seriam terríveis demais para serem contempladas.

O conde ficou quieto. Felicity sentiu-se corada e irritada, o que a fez sentir-se estranha também. Desejou que já estivessem de volta à Vine Street. Carmarthen simplesmente não entendia. Ele a chamou de vaidosa, e de mera costureira, enquanto deixava de lado a menção de trinta libras, que era um valor bastante representativo para todas as modistas que Felicity conhecia.

— Que tipo de bairro a senhorita esperava?

A voz dele a fez estremecer. Ela se atreveu a olhar para ele, mas o lorde estava falando sério. Ele encontrou o olhar dela, e Felicity sentiu que ele estava tão decepcionado com o passeio daquela manhã quanto ela. Por razões diferentes, sem dúvida, mas de alguma forma sua irritação diminuiu ao saber que ele estava tentando satisfazer suas condições.

— Uma modista na Soho Square atrai um tipo de cliente muito diferente de uma perto da Bond Street — ela explicou. — O senhor pode franzir a testa e declarar que não faz diferença o tipo de roupa que se pode costurar, mas examine seus próprios hábitos. O senhor frequenta um fabricante de botas em Whitechapel? Se aventura em Holborn para comprar suas camisas? — Ele não disse nada, mas sua mandíbula tensionou. Encorajada, Felicity continuou: — Não tenho nenhuma objeção a vestir as esposas de comerciantes e banqueiros. Na verdade, muitas vezes são clientes maravilhosas! Mas o sucesso de uma modista pode ser avaliado com justiça pela elegância e status das mulheres que ela veste. Usarem um vestido seu na corte é um triunfo; ser falada nos salões de baile de Mayfair coloca seu nome e seu trabalho diante de mulheres que, caso se tornem suas clientes, podem definir o estilo e garantir um fluxo constante de mais clientes.

— Então a senhorita deseja estar perto da Bond Street.

— Sim — ela disse, incapaz de esconder o desejo na voz. A Bond Street era uma abundância de necessidades da moda, desde modistas e luvas até armarinhos e costureiros, mas também de livrarias, comerciantes de vinho, cabeleireiros e joalheiros. Estar na Bond Street

significava que um comerciante havia atingido o auge do bom gosto e da desejabilidade.

Infelizmente, os aluguéis cobrados pela fachada das lojas refletiam o fato. A segunda melhor opção seria ficar nos arredores da Bond Street, e Felicity tinha um consolo ao saber que a Vine Street ficava a uma curta distância, a poucos minutos de caminhada pela Piccadilly. Mas agora o Quadrante do sr. Nash e a Regent Street cortavam o bairro, agindo como uma parede brilhante entre a elegância de Mayfair, a oeste, e a área que desaparecia lentamente a leste.

Carmarthen não voltou a falar até chegarem à Vine Street. Quando parou o cabriolé em frente a Follette's, virou-se para ela antes de descer.

— A senhorita não disse que queria estar na Bond Street quando foi ao escritório do sr. Grantham.

Felicity entreabriu os lábios. Ele estava tentando culpá-la por isso?

— Não preciso de instalações *na* Bond Street — ela declarou. — Eu nunca disse isso. No entanto, fui bastante clara de que necessito de uma situação que seja *mais* conveniente para minhas clientes e funcionárias, e não menos. A Soho Square seria muito menos conveniente, pois todos seriam obrigados a atravessar a grande faixa de caos que é a Regent Street. O senhor pode ver que até mesmo esta curta viagem trouxe muita sujeira. — Ela limpou intencionalmente um pouco da poeira que havia se acumulado em sua saia. — Se o senhor não tinha certeza do que constituía conveniência para mim, poderia ter perguntado.

A porta da loja se abriu, e Henry saiu. Ele devia estar esperando o retorno dela. Felicity acenou para ele, que saltou para ajudá-la a descer da elegante, mas alta carruagem do conde.

— Bom dia, milorde — ela disse, fazendo-lhe uma reverência. — Obrigada por me trazer para casa. — Carmarthen assentiu uma vez, mas não disse nada. Sentindo-se inesperadamente decepcionada, ela entrou na loja.

Henry a seguiu.

— Não correu bem, presumo.

Felicity pendurou o chapéu e o spencer.

— Ele encontrou uma loja em Soho Square e não pareceu entender por que estava tudo errado.

O irmão pigarreou.

— Por que *estava* tudo errado?

Ela suspirou. Era por isso que ela estava no comando, e não Henry. Ela amava o irmão e sabia que ele era inteligente e atencioso, mas os detalhes do negócio de moda não eram importantes para ele. Henry era meticuloso na manutenção da contabilidade e excelente no trato com vendedores e banqueiros, mas compartilhava da opinião de lorde Carmarthen: um vestido era um vestido, e o local onde a costura era feita não tinha impacto no produto final.

— Porque isso marcaria um declínio no status da loja. As damas gostam de aspirar à sua moda e à sua modista. Talvez seja suficiente estar na Soho Square para começar, antes de subir... o que significa ir para oeste. Mudarmos para o leste... — Ela deu de ombros, impotente. — Desfaria tudo o que temos trabalhado para alcançar.

— Realmente faz uma grande diferença onde estamos localizados?

— Infelizmente, faz.

— Você entende o comportamento das mulheres melhor do que eu — ele disse depois de um momento. — Sua senhoria ficou desapontado.

Felicity tentou não pensar que o conde poderia decidir que o acordo era muito problemático e não voltar. Talvez devesse se preparar para mais exigências do advogado.

— Assim como eu.

Capítulo cinco

Evan voltou para casa pensando no passeio matinal. *Não é aceitável*, ecoou a voz dela em sua memória. *E por que não?*, ele quis discutir. Quem era ela, na decrepita Vine Street, para dispensar uma loja perfeitamente boa na Soho Square?

Ele atravessou a Regent Street, onde o tráfego estava lento. Fez careta e acenou para dispersar uma nuvem de poeira que subia de um bloco onde uma nova fundação estava sendo escavada. A construção começou perto da Carlton House e avançava lentamente em direção ao norte enquanto o sr. Nash demolia, endireitava e reconstruía a rua. E, como a srta. Dawkins dissera, estava imundo.

Talvez ela tivesse razão. Evan não conseguia imaginar a mãe se aventurando naquela bagunça em busca de uma nova costureira, principalmente quando era muito mais fácil e confortável ir à Bond Street. E se a mãe dele, que era uma mulher muito razoável, não iria, era certo que outras damas, mais volúveis, também não.

Por outro lado, os aluguéis da Bond Street eram bastante elevados. Como parte da diligência na Vine Street, Grantham elaborou uma lista dos aluguéis que as propriedades em Londres cobravam, para ver o que seria razoável na nova Vine Street. As propriedades da Bond Street estavam no topo da lista, o que não surpreendeu Evan. Ele pagava as contas que a mãe e a irmã acumularam enquanto faziam compras lá. Se a srta. Dawkins quisesse estar na Bond Street, teria de pagar consideravelmente mais de trinta libras por ano.

Entrou no estábulo e entregou a carruagem a um cavaleiro. Talvez devesse ter feito perguntas mais específicas sobre o que ela queria antes de aceitar o acordo. Pensou nisso enquanto entrava em casa e subia as escadas até o escritório. O que teria feito diferente?

Não muito, concluiu. A única possibilidade real, pela qual ainda

poderia optar, era deixar Grantham cuidar do negócio. Ele já havia passado muito tempo pensando em Felicity Dawkins, muitas vezes por razões que não queria examinar mais de perto, e se dissesse a Grantham para lidar diretamente com ela, ficaria livre da obrigação de vê-la de novo.

E ainda assim, inexplicavelmente, não fez isso.

Preferiu enviar um bilhete ao sr. Abbott, o corretor de imóveis que ele teve de deixar parado na escadaria da Soho Square, detalhando o tipo de propriedade que a srta. Dawkins queria. Antecipando a primeira objeção do homem, acrescentou que daquela vez seriam aceitáveis aluguéis de até cem libras por ano. O valor poderia ser negociado com o proprietário, uma vez encontrado um lugar.

Para seu alívio, o agente foi muito rápido. Na manhã seguinte, ele chegou com uma lista de propriedades perto da Bond Street que poderiam ser adequadas. Evan disse-lhe para marcar as visitas e depois enviou um bilhete à Follette's informando à srta. Dawkins. A melhor e mais rápida maneira de tirar aquela mulher de seus pensamentos era tirá-la da Vine Street. Depois que ela se fosse, seu fascínio injustificado desapareceria. Ela estaria ocupada administrando a loja, e ele com o projeto de construção. Não haveria mais distração em sua vida, como deveria ser.



Felicity recebeu o bilhete do conde enquanto descia para o salão. As costureiras muitas vezes chegavam às nove e começavam a trabalhar, mas ela só abria o salão para clientes mais tarde. As damas de Londres não faziam compras cedo. A presença de um laçao de libré espiando pela janela a sobressaltou, e ela atravessou a sala correndo para abrir a porta.

— Com os cumprimentos de lorde Carmarthen — o sujeito disse enquanto estendia um bilhete.

— Obrigada. — Ela tocou o papel grosso. Preparando-se, quebrou o selo. Mas em vez da rejeição brusca que temia, ele escreveu

que havia localizado mais propriedades e perguntou se ela estaria disposta a visitá-las, à tarde. Dessa vez, ele listou as ruas, todas a oeste da Regent Street, e algumas muito perto da Bond Street.

Ela se sentiu ao mesmo tempo encorajada e castigada, e decidiu ser mais diplomática na próxima vez. Deveria parar de pensar no conde como um oponente e, em vez disso, considerá-lo um parceiro. Quando vissem essas propriedades, ela deveria ser clara e objetiva quanto a elas e comunicar claramente ao conde o que estava certo e o que estava errado. *Uma pequena explicação ajuda muito*, lembrou a si mesma, pensando em como abordaria um cliente.

— Haverá uma resposta? — o laçao perguntou. — Sua senhoria me pediu para perguntar e levar de volta qualquer resposta que a senhorita desejar.

— Oh! Claro. Diga-lhe que será perfeitamente aceitável, por favor.

O criado fez uma reverência e saiu, e Felicity voltou para a loja.

Ela subiu para a oficina, onde as funcionárias estavam ocupadas costurando os vestidos que deveriam – *iriam* – colocar a Follette's no caminho do sucesso e da segurança. Felicity pediu a todas que estivessem lá hoje, porque estava na hora de contar-lhes os planos de lorde Carmarthen. O bilhete dele só a deixou mais segura do que diria. Quando ela entrou, todas olharam para cima.

— Bom dia — ela falou. — Quero apenas alguns minutos do seu tempo. Tenho notícias.

Ela percebeu os olhares preocupados trocados entre Alice e Sally, as duas aprendizes de costureira.

— São notícias muito ruins? — Sally perguntou, hesitante. Ela estava lá há quatro anos, desde que tinha doze. Viu Felicity dispensar a sra. Cartwright, o que não foi uma despedida totalmente cordial.

— Pelo contrário — falou com firmeza — acho que são notícias muito boas. Mas primeiro... vocês devem ter notado as mudanças na Vine Street. A alfaiataria do sr. White está fechando, por exemplo.

— E a cafeteria no fim da rua — Selina Fontaine murmurou. Ela estava na Follette's há mais tempo e devia estar bem consciente do recente declínio.

Felicity assentiu.

— Todas as lojas estão fechando, infelizmente. — A ansiedade pareceu percorrer a sala. — A razão para isso é uma grande melhoria planejada para a Vine Street. Alguém comprou todos os outros edifícios e planeja construir novos esgotos e instalar gás. Para fazer tudo isso, porém, os prédios devem ser demolidos e reconstruídos.

Delyth Owen ofegou. O rosto de Selina ficou perfeitamente imóvel. Apenas Alice pareceu destemida.

— Mas, senhora, isso fará uma bagunça terrível. Veja a Regent Street!

— Precisamente — Felicity concordou. — O cavalheiro espera que Vine Street seja tão boa quanto Regent Street e, para isso, deseja comprar este edifício também. — Ela fez uma pausa, subitamente incerta sobre o que estava prestes a prometer às funcionárias, aquelas mulheres talentosas e trabalhadoras que dependiam dela.

Delyth deixou a carreira desenhando figurinos no teatro para trabalhar para ela; Selina se manteve com ela nos momentos mais difíceis. Alice e Sally estavam aprendendo um ofício, mas o salário as ajudava a sustentar a família. Não só a família de Felicity dependia da Madame Follette's, e isso significava que todas dependiam da sua sabedoria para tomar as decisões certas.

Mas... ela acreditava que lorde Carmarthen era um cavalheiro que manteria sua palavra.

— O cavalheiro que comprou tudo fez uma bela oferta para minha mãe por este prédio — ela continuou, reprimindo as dúvidas.

Seu primeiro dever era ser sincera, mas também otimista. Se Delyth e Selina a deixassem antes que as encomendas da coroação estivessem concluídas, Felicity não sabia o que faria. Elas já haviam atraído vários clientes excelentes. Delyth tinha conseguido uma grande encomenda da família Merrithew, cuja matriarca fora uma das líderes da moda londrina nos últimos anos, e Selina estava trabalhando em vários vestidos para a cunhada do duque de Barrowmore. Esse era o tipo de clientes de que a Follette's precisava desesperadamente.

— Só aceitaremos quando tivermos garantido um local

comparável, se não superior, para a loja. O emprego de ninguém está em perigo, nem qualquer encomenda que suas clientes tenham feito. Seremos capazes de completar a tempo todos os vestidos encomendados para a coroação. Mas em algum momento, a Follette's se mudará da Vine Street.

— Para onde? — Sally perguntou timidamente.

— Ainda não sei — Felicity confessou. — Espero que não seja longe daqui. Vou sair hoje mais tarde para ver mais propriedades com lorde Carmarthen, que está melhorando a rua. Ele concordou em nos ajudar a localizar instalações apropriadas.

Delyth e Selina trocaram um olhar.

— Tem certeza de que tudo vai dar certo? — Delyth perguntou.

— Sim — ela respondeu imediatamente. De uma forma ou de outra, faria com quem desse. — Eu queria que vocês soubessem que não fecharemos. Ninguém perderá o emprego por causa disso e, de fato, espero que isso conduza a ainda mais encomendas de damas da sociedade, o que beneficiará a todas nós. Se tiverem alguma dúvida e preocupação, falem comigo. Eu valorizo cada uma de vocês e seus talentos. — Olhou em volta, mas ninguém falou nada. Ela reuniu um sorriso. — Então suponho que deveríamos voltar ao trabalho.

Capítulo seis

Evan entrou na Vine Street decidido a continuar focado nos negócios. No dia anterior, ele tratara a questão com muita leviandade, tão confiante que estava de que a loja em Soho Square resolveria o problema. Ele não tinha entendido a posição da srta. Dawkins e fez uma escolha errada. Ela devia ter temido isso; durante o trajeto até Soho Square, ele tentou provocá-la, e suas respostas foram um pouco azedas.

Então, naquele dia, ele prestaria muita atenção ao que ela dissesse. Afinal, tinham um acordo, e Evan estava ansioso para cumprir sua parte. Ele parou a carruagem e entrou na loja.

Dessa vez, ela estava esperando por ele, deslumbrante em um vestido framboesa. Ela trocou palavras sussurradas com a jovem atrás do balcão enquanto amarrava o chapéu, e então se virou para ele.

— Estou pronta, milorde.

Evan percebeu que a moça no balcão o observava atentamente. Ele deu o braço à srta. Dawkins e conduziu-a até o cabriolé.

— Sou odiado por toda a loja agora? — ele perguntou, adivinhando o que motivou o olhar da jovem.

Um leve rubor coloriu as bochechas dela.

— Claro que não. Por que o senhor pensaria tal coisa?

— Sua assistente está me olhando feio. — Ele tirou o chapéu para a moça, que os observava pela vitrina. Ela logo virou as costas e Evan incitou nos cavalos.

— Falei com todas essa manhã para informá-las do que está acontecendo na Vine Street. Tenho certeza de que algumas começaram a fazer conjecturas; raramente saio da loja durante o dia, mas já o fiz várias vezes essa semana por causa do... — Ela fez uma pausa, claramente procurando as palavras certas para descrever a situação. —

Senhor.

Ele deu uma breve risada.

— Não é à toa que ela me olhou daquele jeito! A senhorita me faz parecer ameaçador.

— Oh, não! — ela exclamou, colocando a mão em seu braço. — Eu não quis dizer isso.

A mão dela pareceu queimar seu pulso. Evan se autodenominou de idiota por estar tão atento a essa mulher.

— Excelente — ele respondeu em tom leve. — Seria muito angustiante ser considerado monstruoso.

Ela soltou o braço dele.

— Não o chamaria de monstruoso, milorde, mas de desordeiro. Não pode negar que virou as coisas de cabeça para baixo na Vine Street.

Ele pensou em contar a ela como alguns dos outros inquilinos e proprietários aceitaram suas ofertas de compra. Eles reconheceram que a Vine Street tinha dois futuros: poderia permanecer como estava, ficando cada vez mais degradada e negligenciada, até se tornar um pequeno beco esquecido, ofuscado pela Regent Street; ou poderia ser transformada em uma extensão da Regent Street, igualmente moderna, mas protegida do tráfego da via pública. Mais cedo ou mais tarde, teriam de deixar a Vine Street, e Evan ofereceu-lhes um bom valor para partirem mais cedo.

Mais uma vez, lembrou a si mesmo de que Felicity Dawkins tinha uma visão diferente e que discutir o seu lado da história só causaria mais discórdia.

— Só que com boas intenções — contentou-se em dizer.

— Sim — ela respondeu depois de um momento. — Acredito que sim.

Evan olhou para ela pelo canto do olho, sem saber se tinha ouvido direito. As bochechas dela ainda estavam coradas, de um jeito lindo, não pôde deixar de notar, mas ela o estava estudando.

— Sim — ela repetiu com certa força, como se ele a tivesse questionado. — Mas espero que entenda que eu, e minha mãe, estamos relutantes em nos mudar por razões igualmente boas.

— Conveniência — ele disse. — Segurança.

— Tenho quatro funcionárias. Quatro mulheres cujo sustento depende da Follette's, e sou responsável por elas e também pela minha própria família. Sua oferta para comprar nossa loja é generosa — admitiu —, mas minha maior preocupação é manter o negócio com estabilidade, o que exige clientes. Em Soho Square estaríamos ainda mais longe de Mayfair, e seria menos conveniente para as damas nos visitarem. Sim, podemos costurar os vestidos em qualquer lugar; mas para receber encomendas para esses vestidos, precisamos ter clientes, e minhas costureiras devem poder chegar à loja em segurança. Muitas vezes trabalhamos até tarde, milorde, e não posso pedir que atravessem Londres a pé no escuro.

— Entendo — ele falou, um pouco envergonhado por não ter pensado em jovens costureiras voltando para casa à noite. — Eu deveria ter perguntado mais detalhadamente sobre seus requisitos para uma loja e peço desculpas por isso.

Ela sorriu, o mesmo sorriso caloroso e com covinhas que atraiu sua atenção quando a conheceu.

— Desculpado. — Seu sorriso se ampliou e ela deu uma risadinha triste. — Quando contei ao meu irmão sobre sua primeira visita, ele perguntou o que um conde poderia querer com uma loja de roupas. Ele estava certo, é claro; o que o senhor poderia saber sobre ser modista? Eu deveria ter explicado melhor minha posição desde o início.

— Não tenho a menor ideia sobre ser modista — Evan admitiu. — Mas pesquisei minuciosamente os valores das propriedades e quais melhorias trariam mais benefícios por mais tempo.

— Isso é bom senso — ela respondeu. — E bom senso de costura também. Não faço vestidos que atendam apenas à moda do momento. Um vestido pode estar na moda e ao mesmo tempo ser atemporal, então uma mulher pode usá-lo por pelo menos alguns anos, com alterações e acessórios diferenciados.

— Talvez não sejamos tão diferentes — ele disse, parando em frente à primeira loja para alugar. — Queremos fazer coisas que durem.

Seus lábios se entreabriram de surpresa quando ele desceu e estendeu a mão para ajudá-la.

— Talvez não — ela disse, parecendo agradavelmente surpresa.

Evan sorriu.

— Esperemos que esta loja seja adequada, então, para que possamos continuar.

Felicity Dawkins riu, então pegou o braço dele, e Evan sentiu a estranha sensação de algo se encaixando dentro dele. O que havia de errado com ele? Ele se sentia atraído por ela, o que era compreensível, por motivos puramente físicos, mas mesmo quando tentava reprimir isso e se concentra nas suas ambições arquitetônicas, falar de negócios com ela o fazia desejá-la ainda mais. Que dama em Londres falaria sobre criar coisas... e ainda mais, falaria abertamente sobre estar no mundo dos negócios? Não alguém em quem ele pudesse pensar.

Ela inclinou a cabeça para trás para examinar o prédio e, tardiamente, Evan também o fez. Ficou satisfeito ao ver que Abbott tinha se saído melhor dessa vez, encontrando uma loja que parecia tão limpa e firme quanto a da Soho Square, mas localizada a poucos passos da Bond Street.

A porta se abriu e um homem saiu.

— Lorde Carmarthen?

— Sim. E a srta. Dawkins.

O sujeito já estava olhando para ela com muito interesse.

— É um prazer, senhorita. Joseph Ferrars, ao seu serviço. Desejam entrar?

— Obrigada, sr. Ferrars. — Ela lhe abriu um sorriso brilhante quando entraram na loja. Ao passar pelo homem, o olhar dele a percorreu em uma avaliação óbvia. Evan apertou a mandíbula e fez questão de ficar entre ele e a srta. Dawkins.

— O salão é grande — ela falou, alheia ao modo como Ferrars a olhava.

— Quatro metros e meio de parede a parede — o homem disse.

— Posso chamar sua atenção para as janelas? Recentemente envidraçadas e ideais para exibição. Acredito que esteja procurando

um local adequado para uma costureira?

— Uma modista. — Ela se inclinou para inspecionar a janela, e Ferrars deu uma olhada em seu traseiro.

— É um pouco escuro — Evans disse. — As lojas voltadas para o norte sempre são.

— Tem iluminação a gás. — Imperturbável, Ferrars demonstrou a válvula nas arandelas.

A srta. Dawkins caminhou pela sala, examinando as prateleiras atrás do balcão e o escritório nos fundos.

— Não há salas que possam ser usadas para acessórios.

Ferrars saltou para a frente.

— Lá em cima. Deixe-me lhe mostrar. — Ele liderou o caminho subindo as escadas.

— O senhor é o proprietário? — ela perguntou enquanto caminhavam por três cômodos no primeiro andar. Evan alternava entre observar o rosto dela em busca de qualquer indicação de aprovação e ficar de olho em Ferrars.

— Acontece que sou. — Ferrars a observava e agora sorria, uma expressão um tanto predatória para o gosto de Evan. — Posso perguntar se a senhorita é a proprietária da loja em questão?

— Minha mãe a fundou e agora estou no comando. — Ela passou os dedos pela vidraça do salão da frente. — É pequena para uma sala de trabalho, mas pode ser suficiente. Os provadores são bastante generosos.

— Sim, de fato são. — Ferrars olhou para Evan, que estava parado com os braços cruzados. — O senhor é sócio no negócio, milorde?

— Ah, não — a srta. Dawkins respondeu antes que ele pudesse falar. — Sua senhoria está apenas me ajudando a encontrar um novo imóvel. Ele não tem nada a ver com a loja. Ele é... — Ela hesitou, lançando um rápido olhar para Evan. — Um amigo — ela concluiu.

A alegria de Evan com aquela denominação foi instantaneamente esmagada pela expressão satisfeita no rosto de Ferrars.

— E acredito que esteja interessada em alugar o alojamento no andar de cima também? — o proprietário perguntou enquanto

voltavam para o corredor. Evan sabia que a loja era adequada, embora pequena, mas de alguma forma queria encontrar defeitos nela. Não gostou do modo como Ferrars olhou para a srta. Dawkins, nem da ideia de o proprietário aparecer o tempo todo. O homem tinha as chaves do local e podia entrar quando quisesse. Evan disse a si mesmo que estava preocupado com o bem-estar de todas as mulheres que trabalhavam na Madame Follette's, mas a verdade é que não queria que Ferrars rondasse Felicity Dawkins. Ele só podia imaginar o quanto seria difícil para uma mulher, vivendo sozinha, defender-se dos avanços do senhorio...

— Sim, se estiverem disponíveis.

— Estão — Ferrars afirmou —, mas não são grandes. Se está procurando hospedagem para uma família...

— Não — ela disse a ele. — Apenas eu.

— Muito bem — Ferrars murmurou com satisfação. — Deixe-me lhe mostrar. — Ele pegou um molho de chaves e destrancou uma porta no fundo do corredor, em frente à escada que dava para o salão abaixo. — Uma escada privada, como vê, senhorita. — Ele a abriu e fez uma reverência. A srta. Dawkins lançou a Evan um olhar satisfeito e começou a subir as escadas. Ferrars virou-se para vê-la partir, com uma expressão concentrada e faminta no rosto, e o humor amargo de Evan condensou-se em um pensamento: *o problema da loja era Ferrars*. Ele esperava que alguma outra deficiência afastasse totalmente a senhorita Dawkins do lugar, porque se viu pensando que teria que dar um corretivo em Ferrars e talvez colocar um de seus lacaios como guarda, se ela transferisse sua loja para cá.

Ele passou pelo homem para seguir a srta. Dawkins escada acima, estendendo o braço para bloqueá-lo quando ele começou a subir também.

— Permita-nos alguns minutos para conversarmos — ele disse em um tom que não admitia discussões. Com apenas um leve lampejo de aborrecimento, Ferrars assentiu. Evan fechou a porta atrás de si e subiu as escadas depressa.

Felicity Dawkins estava parada no meio de uma modesta sala de estar. Ela havia tirado o chapéu e o sol da tarde iluminou seu cabelo

em um halo dourado brilhante. Ela virou-se para encará-lo.

— É um local maravilhoso.

Não era o que ele queria ouvir.

— Mesmo? — ele disse sem muita ênfase, andando pela sala e olhando pelas janelas.

— Oh, sim. — Ela apareceu ao lado dele. — Acho que pode ser adequado.

— A senhorita disse que a sala de trabalho era muito pequena. Parece uma grande falha.

— É menor do que eu gostaria — ela admitiu. — Mas por estar tão perto da Bond Street, posso fazer concessões.

Evan semicerrou os olhos para alguma coisa na rua abaixo.

— O que achou de Ferrars?

Ela fez uma pausa.

— O que o senhor quer dizer?

Ele podia ver o reflexo deles no vidro, a figura dele sombria e a dela brilhante. O queixo dela não chegava ao ombro dele, e ela era mais magra. Ferrars tinha quase a altura de Evan e provavelmente o mesmo peso. Talvez seu irmão estivesse por perto o suficiente para manter o lascivo proprietário afastado. Talvez ela estivesse acostumada a afastar os homens e não tivesse problemas com Ferrars. Talvez não fosse função dele dizer absolutamente nada, e ainda assim...

— Ele parece excessivamente interessado na senhorita — disse abruptamente. — Suponho que não percebeu que ele estava olhando para o seu... — Ele tossiu. — Olhando-a com bastante ousadia.

— Não — ela disse, assustada. — Estava mesmo?

Evan deu um breve aceno de cabeça.

— Ele tem chaves de todas as portas do lugar. Suponho que seu irmão more em outro lugar e não vá à loja todos os dias.

— Não — ela repetiu. — Henry só vai alguns dias por semana, a menos que eu peça... tem certeza de que o interesse do sr. Ferrars era lascivo?

Sua mandíbula se apertou, imaginando novamente a expressão no rosto do homem enquanto observava o balanço de suas saias.

— Se um homem olhasse para minha irmã daquele jeito, eu o espancaria até deixá-lo em uma poça de sangue.

Ela não disse nada. Evan esperou que ela expressasse choque, indignação, desaprovação... qualquer coisa.

— Milorde — ela disse por fim —, está realmente tentando me convencer de que esta loja é inaceitável?

— Creio que sim.

— Por causa do sr. Ferrars. — Ela parecia incrédula.

— Porque a senhorita é mulher, mora sozinha, com outras jovens entrando na loja. Talvez seu irmão consiga mantê-lo na linha, mas é um risco que eu não correria se estivesse no seu lugar.

O reflexo dela se voltou para o dele. Evan a encarou. Ela o fitava com preocupação.

— Realmente acha que ele é tão ruim assim?

Um sorriso cáustico tocou sua boca. Ferrars sequer foi discreto ao cobiçá-la.

— A senhorita gostaria de receber as atenções dele?

— Não! — ela exclamou com algum horror. — De jeito nenhum.

— Ela pigarreou. — Bem. Afinal, não acho que esta loja seja adequada para mim.

A tensão em seus músculos diminuiu tão rapidamente quanto o estouro de uma bolha. Sentindo-se mais leve e feliz, Evan sorriu.

— Vamos visitar a outra propriedade?

O sorriso que iluminou seu rosto foi verdadeiro.

— Sim.

Desceram para o salão, onde Ferrars os esperava.

— Obrigada, senhor — a srta. Dawkins disse educadamente. — Muito bonito, mas menor do que eu preciso.

A decepção de Ferrars era óbvia.

— Terá dificuldade em encontrar um lugar maior perto de Bond Street nestes termos, senhora.

— Vou arriscar — ela disse a ele.

Sua boca se apertou.

— Como quiser. Bom dia. — Ele os seguiu de volta ao salão e fechou a porta com um estrondo atrás deles.

— Ele não aceitou muito bem, não é? — a srta. Dawkins murmurou.

Evan olhou por cima do ombro. Ferrars observava pela janela, e o conde fez questão de lançar-lhe um olhar gelado.

— Nunca é um bom sinal. — Dispensando o proprietário, ele se virou para a mulher ao seu lado, que o olhava com muito mais carinho do que antes. — Vamos caminhar para a próxima possibilidade? É perto, e está um dia tão bonito.

Seus olhos se arregalaram de surpresa e satisfação.

— Sim. — Evan fez um gesto para um garoto que estava por perto, entregando-lhe uma moeda para cuidar da carruagem e dos cavalos, depois ofereceu o braço à srta. Dawkins e conduziu-a em direção à Bond Street.

— Ele estava realmente olhando para mim? — ela perguntou enquanto caminhavam.

— Está me chamando de mentiroso? — Suas sobrancelhas se contraíram.

Ela riu.

— De jeito nenhum! Só quis dizer que não o peguei me olhando.

Ele a encarou.

— A senhorita costuma pegar homens a observando?

— Ah, meu Deus, faz soar como se fosse vaidade. — Ela tinha um jeito de torcer o nariz com uma diversão irônica que Evan achava hipnotizante. — É frequente. Muitos dos chamados cavalheiros têm pouco respeito por uma mulher no comércio. Mais de um presumiu que, como eu ganho a vida trabalhando, ficaria feliz em aceitar qualquer proposta indecente.

— Idiotas — Evan disse com a voz entrecortada. — Espero que seu irmão chame a atenção deles.

— Às vezes. Henry é imponente, mas tem um coração muito bondoso e não tem estômago para bater no marido de uma cliente apenas por ter olhos errantes.

Ele fez careta.

— Os maridos das suas clientes fazem isso?

— Em algumas ocasiões — ela admitiu, antes de continuar em

um tom mais confiante. — Mas minha mãe passou por isso primeiro e me ensinou a me defender. Nunca contrarie uma mulher armada com alfinetes e tesouras.

Evan não achava que alfinetes ou tesouras deteriam um homem verdadeiramente determinado, ainda mais se esse homem a encontrasse sozinha em uma loja de sua propriedade.

— A senhorita não deveria ter que se defender do seu senhorio. Nem de ninguém, aliás. Se o marido de alguma cliente se tornar um incômodo, mande me chamar.

Dessa vez, o olhar que ela lhe lançou foi abertamente chocado.

— Não é necessário, milorde.

— Carmarthen — ele disse. — Se o seu irmão hesitar em espancar alguém que está assediando-a porque isso pode afetar sua clientela, eu farei isso.

— Por quê? — Ela pareceu se arrepender da pergunta no momento em que a fez; um lindo rubor manchou seu rosto e ela colocou uma mão sobre a boca. — Quero dizer...

— A senhorita me chamou de amigo lá atrás — ele disse quando ela parou. — Falou com sinceridade ou foi apenas para o benefício do sr. Ferrars?

— Ao que tudo indica, isso não o impediu de olhar — ela murmurou, sem olhar para ele. — Eu não deveria ter presumido me referir ao senhor como...

— Não. — Sem pensar, ele colocou a mão livre na dela. — Foi uma surpresa agradável. Podemos ser amigos?

Ela levantou a cabeça, lançando-lhe um olhar cauteloso.

— O senhor quer comprar a minha loja.

— E derrubar tudo — ele concordou. — Mas não sem recompensá-la de forma justa e vê-la instalada em outra loja igualmente respeitável.

Um vislumbre de um sorriso brincou nos lábios da dama.

— E o senhor não se importa que eu tenha insistido para que ajudasse com o último?

Evan sorriu.

— É o que eu teria feito, no seu lugar, então dificilmente posso

usar o fato contra a senhorita.

Os olhos dela se arregalaram, os lábios se separaram, e Felicity Dawkins caiu na gargalhada.

— Mesmo?

— Algo parecido — ele respondeu, extremamente satisfeito por tê-la feito rir. — Nunca desperdice uma posição de negociação forte.

— Bem! — Ainda sorrindo, ela balançou a cabeça. — Confesso, nunca pensei que o senhor veria dessa forma.

— Sempre respeitei a confiança e a honestidade. A senhorita me tratou de maneira justa, e tentei fazer o mesmo.

O sorriso dela ficou mais caloroso.

— Estou impressionada. Muitíssimo... — Ela parou e mordeu o lábio. — Nem todo homem agiria assim.

— Estou condenado a ser igual a qualquer outro homem? — Evan fez careta. — Duvido que tenha muito em comum com o sr. Ferrars, por exemplo.

— Não — ela disse imediatamente, ainda sorrindo. — Eu não quis insinuar isso. — Felicity olhou para ele. — Essa foi uma conversa muito esclarecedora, milorde.

— Carmarthen — ele repetiu, sem nem saber por que queria que ela o chamasse assim. Cada vez que ela dizia *milorde*, era como se fosse uma cutucada forte em sua consciência, lembrando-o de que eram de mundos diferentes. Evan preferia insistir no título mais agradável de *amigo*, o que poderia levar a algo mais íntimo.

Viraram a esquina para a Bond Street, e a srta. Dawkins respirou fundo de puro prazer. Evan lançou um olhar para ela e quase tropeçou nos próprios pés. Seu rosto brilhava de animação, sem reservas nem hesitação.

— Eu adoro a Bond Street — ela disse com entusiasmo.

— Por quê?

Ela sorriu, mostrando a covinha.

— Tudo o que é lindo, elegante e bem-feito pode ser encontrado aqui. — Ela acenou com a cabeça para a loja ao lado deles. — O melhor luveiro de Londres. E ali, duas excelentes modistas. Joalheiros, chapeleiros, fabricantes de botas, porcelanas e rendas, livros e tecidos!

Evan olhou em volta e viu lojas cheias de damas, cavalheiros e criados carregando caixas e pacotes. A visão de tanto comércio era gratificante, mas ele também notou os prédios mais antigos e o quanto poderiam ser melhorados.

— E é por isso que a senhorita quer estar aqui?

— Sim. Estar na Bond Street significa que o seu trabalho é um dos melhores de Londres. — Ela parou em frente a uma grande vitraça. — Simplesmente passear pela rua é uma alegria. Veja como são lindos os mostruários!

— Pedacos de pano.

Ela ofegou com a declaração seca.

— Oh, mas veja como a apresentação é linda! Pode se ver as cores gloriosas deste adamascado e a estampa daquele algodão. O veludo é organizado para captar a luz e exibir o rico brilho.

— De fato. — Evan fez um exame mais detalhado. — Quem teria notado?

A srta. Dawkins riu.

— Apenas todas as mulheres em Londres. Várias vezes as clientes vieram até mim com um corte de seda, proclamando-o como a coisa mais linda que já viram e querendo transformá-lo em algo.

— E a senhorita consegue?

— Quando possível. É um desafio extra, claro, mas nunca gosto de decepcionar uma cliente.

— Sinto-me muito grato por meu próprio alfaiate agora — Evan falou. — Ele só pergunta se ganhei ou perdi peso e depois manda as roupas prontas.

Seus olhos se arregalaram.

— Sem escolha de tecido ou corte?

— Não. Que diferença faz? — Evan deu de ombro. — Espero que meu valete preste mais atenção às minhas roupas do que eu.

— Nisso, eu acredito — ela murmurou, estudando seu casaco e colete com um olhar crítico.

Uma emoção inusitada passou por ele.

— Que falha encontra? — ele conseguiu perguntar, a boca ficou seca enquanto o olhar dela se movia por ele. Imaginou-se tirando cada

camada de tecido enquanto ela observava, talvez até ajudasse. A ideia das mãos dela deslizando em sua pele tomou conta de sua mente como uma febre.

Ela ergueu os olhos para ele.

— Cor — ela disse, com a voz rouca. — O senhor não tem cor. Mas seus olhos... — Ela parou, prendendo a respiração por um momento. — Seus olhos são de uma cor incomum, milorde.

Evan mal ouviu as últimas palavras. Ela estava atraída por ele. O rubor em suas bochechas a delatou; seus olhos estavam arregalados e escuros e sua respiração acelerou. O triunfo corria nas veias dele, tão potente quanto o melhor uísque.

— Obrigado — ele murmurou.

A srta. Dawkins, Felicity, umedeceu os lábios e algo dentro de Evan pareceu rosnar de fome. Se não estivessem parados, imóveis, no meio da rua mais movimentada de Londres, ele a teria beijado, e que se danassem as consequências.

— Vamos entrar.

Evan piscou.

— Onde?

— Dentro da... — Ela apontou em direção à porta, um rubor coloria seu rosto. — Dentro da loja de tecidos.

— Sim. Sim claro. — Ele teria ido a qualquer lugar para o qual ela o convidasse naquele momento. Evan abriu a porta e a acompanhou.

Capítulo sete

Felicity respirou fundo quando entraram na loja de tecidos Percival & Condell, grata pela oportunidade de recuperar o equilíbrio. Ela devia ter enlouquecido ao dizer ao conde de Carmarthen que faltava alguma coisa em seu guarda-roupa. Tudo o que ele usava era de tecido elegante, bem cortado e confeccionado com habilidade. O que ele usava naquele dia havia custado uma quantia muito boa, embora fosse tudo em tons escuros e sombrios.

E ainda que ela não se importasse em provocar o irmão por causa de uma escolha infeliz de colete, era uma coisa muito diferente olhar com ousadia e de forma descarada para o corpo do conde. Não conseguia encontrar nenhum defeito, desde os ombros largos até a cintura elegante e as pernas fortes. A mãe bateria nela se visse como Felicity estudara a calça de Carmarthen... que servia muito, muito bem, de fato.

Mas quando olhou para o rosto dele, tentando se poupar, ela só se sentiu mais consciente do quanto ele era bonito, desde as mechas soltas de cabelo escuro que regularmente a tentavam a penteá-lo com os dedos, até o azul brilhante de seus olhos. Felicity também tinha olhos azuis; nunca achou que o azul fosse uma cor de olhos particularmente atraente. Mas os do conde eram diferentes, quase cor de água, como o mar em um dia bonito. E quando ele perguntou se poderiam ser amigos, e se ofereceu para bater em qualquer homem que a incomodasse, Felicity temeu perder completamente o juízo e sucumbir ao feitiço de sua voz e à tentação que espreitava em seu olhar...

Respirou fundo mais uma vez. A relação deles era comercial; amigável, mas que terminaria assim que o acordo fosse cumprido. Precisava se lembrar disso enquanto Sua Senhoria a acompanhava

pela cidade, oferecendo o braço e rindo quando ela era impertinente.

— Posso ajudar? — Um funcionário aproximou-se, com a cabeça inclinada em questionamento.

— Precisamos de um pouco de cor — o conde disse. — Ou melhor, eu preciso.

Felicity ficou vermelha.

— Lã fina — ela disse rapidamente. — Tons de azul e verde. Também adamascado e cetim, nada elaborado ou extravagante, mas elegante.

— Sim, senhorita. — O balconista dirigiu-se para trás do balcão e começou a examinar os rolos de tecido nas prateleiras que cobriam as paredes.

— Elegante — o conde murmurou enquanto seguiam. — Obrigado por adicionar isso. Por um momento, tive a visão mais terrível de um colete bordado com galinhas ou rosas de cem folhas.

Ela sorriu.

— Eu jamais sugeriria algo assim. Tudo na moda deve ser escolhido pensando na imagem de quem veste a peça: a pessoa é severa? Majestosa? Amante da diversão e um pouco rebelde? — O balconista colocou três rolos de lã sobre o balcão. — Esse, não — Felicity disse a ele, descartando um imediatamente. — E aquela lã cerúleo? — O balconista pegou-a da prateleira e acrescentou-a à pilha. Ela tirou uma luva e passou a mão no tecido. — Não, a trama é muito grossa. O senhor tem algo com tom semelhante, mas mais fino?

Durante os minutos seguintes, ela manteve o balconista ocupado, correndo pela loja procurando tecidos diferentes enquanto os rolos se amontoavam à sua frente. Carmarthen encostou-se no balcão e observou em silêncio divertido, com os braços cruzados. Felicity não tinha dúvidas de que era a presença dele que mantinha a atenção do balconista focada exclusivamente neles, a ponto de afastar outros clientes que imploravam por sua ajuda. Mas ela tinha se esquecido de como era *divertido fazer compras*. Nos armazéns de seda, precisava ter em mente vários interesses conflitantes: não apenas a cor e a qualidade do tecido, mas o custo e o que poderia fazer com ele, e para qual cliente. Hoje, só conseguia pensar no homem ao seu lado e no

que seria adequado para ele.

— Que imagem deseja reforçar para mim? — o conde perguntou, quando o balcão estava cheio de rolos. — Rebelde ou majestoso?

Ela riu.

— Nenhum dos dois. — Felicity já havia tirado as duas luvas, para melhor avaliar a sensação do tecido. — Algo vibrante e ousado, digno de um homem que compraria uma rua inteira para demolir. — Ela ergueu um pedaço de lã azul royal na frente do colete dele. Combinava bem com a calça carvão e o casaco cinza. Ela o soltou e estudou a seleção. — Algo elegante e moderno, já que o senhor deseja reconstruir a Vine Street nesse estilo. — Ela ergueu o pano verde-sálvia, tecido com faixinhas cinza. Ela inclinou a cabeça, considerando. — Eu gosto deste.

— A senhorita gosta muito de cores. — Evan baixou os olhos para observar a peliça dela, que era de um rosa tão brilhante quanto framboesas maduras.

Felicity sorriu.

— Gosto. Mas apenas aquelas que me agradam. Quando eu era criança, minha mãe fazia minhas roupas com retalhos. — Ela fez uma careta. — Tanta musselina branca! Era tudo lindo, mas levava bronca quando me sujava.

— Foi criada na loja da Vine Street? — ele perguntou, surpreso.

— Sim. — Ela ergueu um cetim verde-floresta com um padrão de folhas em fio dourado. — Impressionante, não acha?

— Ousado e vibrante — ele disse, repetindo suas palavras anteriores. — O que mais me convém?

Felicity pegou um dos damascos. Era tecido em tons de azul, do índigo profundo até tons mais claros.

— Rico — ela disse, segurando-o contra o peito dele. — Adequado para um lorde.

— Entendo. Mas combina com meus olhos?

Ela cometeu o erro de olhar para cima. Não havia nada de majestoso na maneira como o conde olhava para ela. Desejo, puro e simples, queimava em seu olhar, e acendeu uma faísca recíproca dentro de seu peito.

Não, não acendeu. Esse fusível estava aceso há algum tempo. Felicity já havia se sentido atraída por homens antes, e tinha sido capaz de apagar a faísca. Mas toda vez que pensava que havia superado a atração por *esse* homem, ela voltava à vida quando o via, mais brilhante e mais quente. Se não mantivesse distância disso, dele, ela se veria queimada em pouco tempo.

Ela pigarreou e se ocupou em enrolar o damasco de volta no rolo.

— Não, não é compatível. Mas complementar.

— Excelente — o conde murmurou. — Mande o lote para Cavendish Square, número dezoito — ele disse ao balconista, entregando ao homem um de seus cartões.

Os olhos de Felicity se arregalaram.

— Tudo isso? — ela perguntou como uma tola.

O conde pegou o chapéu e ofereceu-lhe novamente o braço.

— A senhorita falou tão bem de cada um que não consegui escolher.

Ele tinha acabado de comprar vinte libras em tecido sem nem pestanejar. Só o adamascado de seda devia custar dez libras. Forçosamente lembrada de que eles eram de mundos diferentes, segurou o braço dele em silêncio e deixou que o conde a conduzisse para o sol.

— Aqui estamos. — Ele parou no próximo quarteirão de lojas e fez um floreio com o braço. O mesmo sujeito que esteve em Soho Square esperava na porta, embora tenha recuado sem dizer uma palavra enquanto o conde levantava uma mão.

Era óbvio que a loja era superior à anterior. Por exemplo, era mais bem conservada e ocupava uma esquina, com o tráfego da Bond Street de um lado e uma rua mais protegida adjacente. Excepcionalmente, tinha grandes vidraças voltadas para ambas as ruas, o que significava mais luz na maioria dos cômodos.

— Quantas janelas — Felicity disse, surpresa.

— Vamos entrar? — Ele a conduziu até a escada, apresentando o sujeito que esperava com as chaves como sr. Abbott, agente de aluguel.

O salão era menor que o de Ferrars, mas Felicity não conseguia tirar os olhos das janelas. Havia até uma em arco no canto, onde era possível colocar um manequim em tamanho real com um vestido. Já conseguia imaginar as exposições que montaria para atrair os transeuntes.

— Um pouco pequena, mas muito bonita — disse, vagando para inspecionar o balcão. — Que tipo de loja era essa?

— Uma chapelaria, senhora — o sr. Abbott falou. — Deve exigir muito pouco trabalho para torná-la adequada para uma modista.

— Assim parece. — Ela virou no corredor estreito, cheio de prateleiras e gavetas, perfeitas para guardar aviamentos. — Há apenas uma pequena sala. Há mais lá em cima adequada para acessórios?

— De fato. — Abbott se apressou para mostrar o caminho. A sala de trabalho era adequada, com muitos armários e duas lareiras para aquecimento, e três salas menores que serviriam de escritório ou provadores. Quando o sr. Abbot perguntou se ela gostaria de ver os alojamentos acima, Felicity assentiu. Mesmo que dissesse a si mesma para não ficar satisfeita facilmente, não conseguia ver nada de errado com a loja.

Os cômodos no andar de cima eram pequenos, mas incluíam dois quartos e uma sala de estar. Caminhou por eles, inspecionando cada centímetro. Quando voltou à sala de estar com vista para Bond Street, o conde estava sozinho; o sr. Abbott devia ter voltado para baixo.

— O que acha? — ele perguntou. Ele parecia muito à vontade, apoiando um cotovelo na cornija da lareira como se posasse para um retrato formal, exceto pelo sorriso afetuoso no rosto.

Ela girou devagar.

— Acho que pode ser perfeito.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Perfeito?

Ela ergueu as mãos e as deixou cair.

— Fica bem na Bond Street. É menor que minhas instalações atuais, mas não muito. O ateliê é ideal, há três salas que poderiam ser utilizadas como provador, em vez de duas, como tenho agora, e o alojamento é adequado. — Ela sorriu com espanto. — Retiro toda a

crueldade que disse sobre o seu desejo de destruir a Vine Street. O senhor é uma dádiva de Deus! Será que o lugar realmente custa apenas trinta libras por ano? Eu nunca teria descoberto isso sozinha.

Algo surgiu no rosto dele.

— Com o aumento do prestígio e a capacidade de exibição diretamente na Bond Street, sua receita certamente aumentará.

O sorriso radiante de Felicity diminuiu.

— Espero que sim, é claro — ela falou. — São mais de trinta libras, não é?

Ele sacudiu uma mão.

— Não muito.

O calor e a boa vontade que sentia se esvaíram. Simplesmente olhou para ele, consternada, sem saber o que dizer.

Ele atravessou a sala até a janela.

— A senhorita terá uma bela vista daqui. E este é outro armário?

— Ele abriu uma porta, revelando um pequeno depósito.

— Carmarthen.

Cautelosamente ele se virou.

— Quanto é o aluguel?

Por um momento, ela não achou que ele fosse responder. Então ele levantou uma mão como se reprimisse qualquer protesto.

— O proprietário está pedindo noventa libras, mas tudo é negociável...

— Noventa libras! — Felicity ficou horrorizada. Não admirava que a loja fosse tão perfeita; era muito cara para ela. — Você tem ideia de quanto ganha uma costureira por ano? Vinte libras... vinte e cinco, se for talentosa e trabalhadora. As aprendizes podem não chegar a treze. Noventa libras! Eu não queria pagar mais de trinta!

— Eu sei — ele disse com a mesma voz suave. — Mas me ouça: deixe-me falar com o proprietário em seu nome. Lidarei com ele inteiramente. Esta loja não lhe rende nada por ficar vazia, e ele pode considerar um valor menor.

Felicity sentiu-se esmagada pela decepção, não só por não poder alugar aquela loja adorável e ideal, mas porque Carmarthen mentira para ela. Ele a levou a uma loja na Bond Street que era tudo o que ela

queria, sabendo que custava três vezes mais do que ela podia pagar.

— E quando ele disser não, que uma loja tão linda vale noventa libras?

Ele soltou a respiração, como se estivesse contendo seu temperamento.

— Você não sabe o que ele dirá.

No entanto, ela sabia. Felicity não tinha o status ou a riqueza do conde para intimidar a todos com quem lidava. O dono da loja riria se ela oferecesse um terço do aluguel pedido.

— Ele teria que ser um grande idiota — ela falou baixinho. — Ainda maior do que eu fui, ao pensar que poderia arcar com um lugar assim. — Ela olhou com tristeza ao redor dos cômodos aconchegantes e cheios de luz. — Preciso voltar para minha loja, milorde.

O conde não se mexeu.

— Trinta libras não a levariam nem perto da Bond Street. Tive que ampliar a busca.

Ela se dirigiu para a porta, para as escadas e para a rua. Ele a seguiu, sem dizer nada até chegarem à calçada.

— Agradeço seus esforços, milorde — ela disse, dirigindo-se ao meio do peito dele em vez de encontrar seus olhos azul-mar. — Gostaria de poder alugar essa loja, mas não posso. Tentei ser clara sobre o que poderia pagar, para não desperdiçar o meu tempo e o seu.

Ele passou a mão pelos cabelos, bagunçando ainda mais as ondas escuras.

— A senhorita se desespera com facilidade.

De repente, ela quis ficar longe dele, de seu ar de riqueza e de sua confiança e, acima de tudo, da sensação de que o frustrara mais uma vez. A conversa fácil e a atração potente que fervilhara entre eles apenas meia hora atrás pareciam uma lembrança distante. Talvez ele não tivesse a intenção de deixá-la desapontada, mas o tempo todo sabia o alto valor do aluguel da loja, e ainda assim ele a deixou explorar e exclamar sobre cada característica e se imaginar trabalhando e morando lá. Como ele foi capaz de fazer isso a ela?

Felicity teve que cerrar a mandíbula para esconder o que sentia. Não tinha motivos para se sentir traída nem desolada; o conde de

Carmarthen estava tão ao seu alcance quanto aquela loja da Bond Street.

— Bom dia, milorde.

— Aonde está indo? — ele questionou enquanto ela se virava para voltar para casa.

— É apenas uma curta caminhada até a Vine Street. — Uma curta caminhada, através de um abismo cada vez maior entre o mundo dele e o dela.

— Deixe-me levá-la — ele pediu.

Felicity balançou a cabeça, incapaz de deixar de olhar com pesar para o braço oferecido. Parte dela queria desesperadamente aceitá-lo e ouvir suas promessas. Outra parte, porém, sussurrou que aquilo só daria margem para um sofrimento maior mais adiante.

— Prefiro caminhar.

Ele a olhou. Seu braço caiu para o lado.

— Como quiser. — Ele fez uma mesura rígida. — Bom dia. Peça desculpas por desperdiçar seu tempo hoje.

Não foi um desperdício, ela quis chorar. Foi maravilhoso... até o fim. Ela engoliu as palavras.

— Bom dia.

Voltou para casa sentindo como se uma nuvem escura pairasse acima dela. A elegância da Bond Street deu lugar à agitação de Piccadilly, e ela atravessou a nova e reluzente Regent Street, momento em que quase pôde ver a nuvem se aproximar dela e envolver tudo. Duas semanas atrás, achava que a Vine Street estava um pouco cansada, decididamente velha, mas também pitoresca. Agora, via tudo como era: tinta descascando nas portas, bueiros entupidos deixando a água acumular na rua, janelas ameaçadoramente escuras e vazias em comparação com as lojas nas ruas que acabara de deixar. Ela entrou na Madame Follette's e ficou impressionada ao ver como era escura depois da loja da Bond Street. Que delícia seria receber clientes naquele salão iluminado e arejado...

Alice saiu do corredor que levava aos provadores.

— Oh, está de volta, senhorita! Tem estado quieto desde que a senhorita saiu. Somente lady Giles Woodville veio fazer uma prova.

Lady Giles Woodville era cliente de Selina e cunhada do duque de Barrowmore, que era amante de Selina. Felicity percebeu o modo como Barrowmore olhava para a modista e pensou que era apenas questão de tempo até que ele se casasse com ela. Então Selina sairia da loja e não havia certeza de que lady Giles continuaria a ser cliente da Follette's. Talvez Selina a tratasse com altivez quando fosse duquesa... presumindo que Felicity ainda tivesse costureiras para confeccionar os vestidos, para não falar de uma loja onde pudessem trabalhar. Delyth tinha um fluxo de trabalho estável com a família Merrithew, tão firme que eles solicitaram que ela se mudasse para a casa deles em Portman Square durante a Temporada. Se ficasse apenas com Alice e Sally para ajudá-la...

Felicity respirou fundo e olhou ao redor do salão. Não era grande nem brilhante, mas ela ainda desenhava os melhores vestidos de Londres. De uma forma ou de outra, com a ajuda de lorde Carmarthen ou apesar dele, com ou sem suas costureiras, conseguiria superar aquela diversidade, entregaria todos os vestidos de coroação no prazo e salvaria a Follette's.

Ela tinha que conseguir. Ninguém mais faria isso por ela.



Evan a observou partir e disse uma dúzia de imprecações em sua cabeça. Ficou tão absorto vendo o rosto dela se iluminar que não se preparou melhor para a questão do aluguel, e agora parecia ter perdido todo o terreno conquistado no início do dia. A descoberta de que ela estava atraída por ele, talvez tão atraída quanto ele por ela, subiu à sua cabeça, como uma garrafa de vinho bebida muito rapidamente.

Mas ele teve que fazer isso. Suas exigências não eram realistas.

— É tudo por hoje, milorde? — disse uma voz às suas costas.

Ele se virou e viu o sr. Abbott parado nos degraus.

— Sim. Informarei se precisar de mais alguma coisa.

— Claro. — O homem mais velho inclinou ligeiramente a cabeça na direção em que a srta. Dawkins havia ido. — Pensei que a dama

tivesse achado estas instalações altamente satisfatórias.

A mandíbula de Evan tensionou.

— O senhor está certo. Foi o aluguel que ela achou ruim.

— Ah. — O sr. Abbott trancou a porta e colocou o chapéu. — Conheço o cavalheiro dono desta propriedade. Ouso dizer que ele estaria disposto a negociar se o senhor, milorde, fornecesse uma garantia.

— Que tipo de garantia? — Evan franziu a testa.

— O proprietário é um homem aposentado do comércio de tecidos; acredito que esta foi sua alfaaiataria por muitos anos, e ele ainda gosta de lojas dedicadas à moda. — O sr. Abbott lançou um olhar educado para a srta. Dawkins. Seu vestido framboesa se destacava na multidão. — Ele provavelmente preferiria uma jovem modista talentosa a outros inquilinos.

— Então por que ele iria querer uma garantia? — Evan perguntou, irritado. Talvez esse sujeito fosse igual a Ferrars, com intenções pouco nobres em relação a jovens modistas bonitas.

— Ele tem consciência da existência tênue que a moda oferece. Uma loja pode atingir o ápice do desejo em um ano, depois cair em desgraça no ano seguinte e levar o proprietário à falência. Já vi isso muitas vezes — acrescentou, vendo a carranca de Evan. — Chapeleiros, luveiros, modistas, alfaiates... deixe um dândi ou uma duquesa alterar o rumo da moda, e as pessoas abandonarão qualquer comerciante que não consiga se ajustar imediatamente. Uma modista pode ser arruinada pelo inventário. — O sr. Abbott abriu as mãos. — Não falo pelo proprietário, claro, mas se lhe garantissem que a loja teria capital para sobreviver por pelo menos alguns anos...

Ele poderia pagar o aluguel excedente. Poderia ser chamado de empréstimo, ou investimento, ou até mesmo uma compensação extra para a loja atual. Poderia marcar aquilo como despesa do projeto da Vine Street... sessenta libras, mesmo cento e vinte, ao longo de dois anos, dificilmente valiam a pena anotar no livro-razão. O humor de Evan melhorou quando pensou no assunto.

Mas será que Felicity aceitaria? Tentou não pensar na implicação mais óbvia: que teria uma desculpa duradoura para visitá-la nos

próximos meses. Teria que formular aquilo com cuidado, assim como teria que pedir desculpas por não ter contado o valor real do aluguel antes que ela visse o imóvel na Bond Street.

Se Evan tivesse se permitido certa ponderação, teria ficado perturbado com o quanto era importante para ele que Felicity estivesse satisfeita. Ele queria ver aquele deleite atônito no rosto dela novamente e queria ser a causa dele. Em vez disso, concentrou-se no fato de que aquilo a tiraria da Vine Street e permitiria que seus outros planos prosseguissem. Ela gostou muito do lugar e, portanto, deveria aceitar qualquer plano que terminasse com ela fixando residência ali, por apenas trinta libras por ano.

— Obrigado, sr. Abbott — disse. — Seu conselho foi muito útil. O senhor poderia fazer a gentileza de informar ao proprietário que pretendo ficar com a propriedade, para que ele não a ofereça a terceiros?

— Claro, milorde. — Com uma expressão satisfeita, Abbott fez uma reverência. — Bom dia.

Capítulo oito

N o alvoroço por causa da loja na Vine Street, Evan esqueceu-se que havia prometido acompanhar a mãe e a irmã a um espetáculo beneficente. Quando ele hesitou, a irmã logo de dedicou a impedi-lo de escapar.

— Nós nunca vemos você — ela choramingou. — Alguém poderia pensar que edifícios antigos são mais importantes para você do que nós.

Ele teve que rir disso.

— Mais importantes? Nunca, mas eles não exigem que eu dance com eles e seus amigos.

Emily fez careta para o irmão.

— Não haverá dança esta noite, então você tem que vir.

Verdade seja dita, ele não se importava. Evan estava satisfeito por elas estarem em Londres de novo. Com todos os seus projetos na cidade, não tinha voltado muito ao País de Gales no ano anterior, mas a mãe e a irmã preferiam passar o inverno lá. Ele *estava* ocupado ultimamente, e uma noite no teatro distrairia sua mente da irritante modista de cabelos dourados.

— Meu Deus — Emily disse admirada enquanto caminhavam pelo lotado salão do teatro. — Mãe, estou vendo um vestido maravilhoso.

— Oh? Em quem? — A mãe começou a remexer na bolsa em busca dos óculos. Evan não sabia por que ela não os usava o tempo todo, a condessa era míope, mas reagia com horror sempre que ele sugeria isso. Vaidade, supôs com carinho. A mãe ainda era uma mulher bonita.

— A dama de verde, perto da escada. Não a conheço. — Emily ficou na ponta dos pés, tentando enxergar por cima da multidão. — Devíamos passar por ela para que mamãe possa ver o vestido, Evan.

— Como quiser. — Ele ofereceu um braço para cada uma e seguiram em direção à escada. Lady Carmarthen manteve os óculos e comentou com admiração sobre o vestido de mais de uma dama enquanto caminhavam por entre a multidão.

— Pronto, mãe — Emily sussurrou, apertando seu braço, cheia de animação. — Olha, já viu um corpete tão impressionante?

Lady Carmarthen virou a cabeça e Evan inclinou um pouco o corpo para que ela pudesse ver a dona do vestido incrível sem encarar e, para seu espanto, viu Felicity Dawkins, parada com o irmão ao pé da escada.

Por um momento, ele a encarou. Ela estava deslumbrante naquela noite, e não apenas pela vibrante seda verde-pavão que se agarrava a cada curva do seu corpo. O cabelo loiro-escuro era uma pilha de cachos arrumados de maneira simples no topo da cabeça, expondo seu pescoço pálido. O busto esplêndido estava à mostra, com uma borda de renda que fez sua mente pensar em roupas íntimas. Nas roupas íntimas *dela*. Delicada e rendada, cedendo às suas mãos enquanto ele a beijava...

— Maravilhoso — a mãe falou, encantada. — Devemos perguntar a modista que ela frequenta. A cor é perfeita para a dama, e é preciso ser uma profissional talentosa para cortar um vestido que caia tão bem. Deve haver alguém que possa nos apresentar...

Evan pigarreou, e teve que repetir o gesto. Felicity virou-se para olhar para o irmão, que era um homem alto e corpulento, e o sorriso que ela lhe deu iluminou seu rosto com bom humor travesso e alegria. O que ele não daria para ver aquele sorriso dirigido a si, e ter a mão dela em seu braço...

— Eu sei quem fez o vestido dela — ele falou com rispidez. Afastou a família, não querendo que a mãe percebesse sua reação à srta. Dawkins. — Tentarei levá-la ao nosso camarote no intervalo, se a senhora desejar conversar com ela.

Emily ofegou.

— Você a conhece, Evan? Ah, quem é ela?

— Sim, quem? — lady Carmarthen interveio.

— Vamos nos apressar — ele insistiu, apertando o passo até que a

irmã parou de olhar para ele boquiaberta. — Perderemos a apresentação de abertura se ficarmos a noite toda nas escadas.

Quando chegaram ao camarote, Evan se sentia um pouco mais calmo. Era perturbador que o coração acelerasse toda vez que via Felicity, e gostaria de parar de pensar em suas roupas íntimas, muito menos em beijá-la enquanto ela usava ainda menos que isso. Tinha certeza de que Emily não notaria, mas se ficasse cara a cara com Felicity, sem tempo para se preparar, a mãe reconheceria imediatamente que havia algo entre eles...

O pensamento o fez estancar. Não havia *nada* entre eles. Eles fizeram as pazes, mas na melhor das hipóteses, havia amizade entre eles, não um envolvimento romântico. Afinal, um pouco de luxúria dissimulada não era nada; não poderia agir sem comprometer o plano da Vine Street e estava convencido de que nada poderia fazer isso.

— Quem é ela? — Emily exigiu assim que a porta foi fechada atrás deles. — Como você a conhece, Evan?

— Sim, querido, quem é ela?

Ele decidiu que era melhor responder de uma vez.

— Srta. Felicity Dawkins, da Madame Follette's. Eu a conheci porque a loja dela fica na Vine Street, meu último empreendimento.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— *Ela é a costureira?* Deus do céu.

Esse era o problema dos eventos beneficentes, Evan pensou; nunca se sabia quem poderia comparecer.

— Não tenho ideia se ela mesma criou o vestido, mas a mãe dela é dona da loja e ela a administra atualmente.

— Follette's — Lady Carmarthen murmurou. — Não sabia que ainda estavam abertos.

— A senhora conhece, mamãe? — Emily perguntou, surpresa. — Por que nunca fomos lá? Tenho certeza de que me lembraria de um vestido como aquele. Oh, Evan, pode convencê-la a fazer um para mim? Eu adoraria um vestido daquela cor!

— Certamente que não — a mãe refutou a ideia. — Não até que você seja mais velha. E para responder à sua pergunta, pensei que tivessem falido há anos. No passado, um vestido do Madame Follette's era o

auge da moda. Ela trabalhava muito bem com tafetá e musselina... inigualável, eu lhe digo. Mas a julgar por essa... srta. Dawkins, foi como você a chamou? O vestido da srta. Dawkins sugere que eles refinaram seu estilo.

— Você deve trazê-la para ser apresentada, Evan! — Emily declarou.
— Por favor?

Evan, que estava digerindo as surpreendentes revelações da mãe sobre a loja, sobressaltou-se.

— O quê? Por quê?

— Seria maravilhoso descobrir a Follette's antes de qualquer outra pessoa na cidade — lady Carmarthen entusiasmou-se. — Ou redescobrir, conforme o caso, mas eles estão fora de moda há tanto tempo que poderia muito bem ser uma nova loja. Devo confessar que os vestidos que encomendamos à Madame de Louvier são perfeitamente aceitáveis, mas falta alguma coisa... — Ela fez uma pausa, com a testa franzida. — Imaginação — ela disse, parecendo um pouco surpresa.

— Mal posso esperar para ver se o vestido da srta. Dawkins é tão lindo visto de perto quanto de longe — Emily falou, desejosa. — Onde ela está sentada?

Evan murmurou algo indistinto para esconder o fato de que seus olhos estavam procurando por ela no teatro desde que entraram no camarote. Deveria ser fácil de localizar a mulher... o irmão dela era grande demais para passar despercebido, mas Evan não conseguiu. Quase freneticamente, seus olhos percorreram cada camarote à vista. Ela tinha que estar em algum lugar...

Ele se inclinou para a frente, com o pretexto de ajustar a cadeira, examinando o teatro o tempo todo, e enfim a encontrou no meio da multidão. Ali, em um dos camarotes inferiores. Seu vestido cintilava sob a luz da lamparina e o rosto brilhava de interesse enquanto estudava o resto da multidão.

Soltou um suspiro de alívio ao reconhecer o perigo que corria. Que Deus o ajudasse. Ela era do comércio. A mãe queria *contratá-la*. Mas, comerciante ou não, ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto. Ela o fez rir, desafiou-o e o venceu, e o fez pensar, enquanto o brilho

das lâmpadas a gás era reduzido e a apresentação começava, que se ele não fizesse nada e ela desaparecesse de seu mundo, poderia passar o resto da vida procurando por outro vislumbre dela.



— Obrigada por me trazer, Henry. — Felicity sorriu para o irmão enquanto eles entravam no teatro. Sentiu uma pontada de culpa por coagi-lo a ir com ela para esse evento beneficente, mas apenas uma pontada muito pequena. Sem a escolta dele, teria de recusar quando lady Marjoribanks lhe ofereceu o uso do seu camarote para passar a noite, e Felicity queria muito sair.

Durante dias, pouco fez além de se preocupar com o futuro da Follette's, incluindo muitas horas gastas ansiando pela loja na Bond Street e imaginando se talvez, de alguma forma, conseguiria pagar o aluguel. Naquela noite ela queria pensar em qualquer coisa além dos aluguéis da loja ou em quais de suas costureiras poderiam deixá-la primeiro ou, o mais importante, no que o conde de Carmarthen poderia fazer. Ela não tinha visto nem ouvido falar dele desde o dia desastroso em Bond Street. Por mais que Felicity repetisse a si mesma que não deveria esperar mais nada dele, era perturbador o quanto desejava que o homem aparecesse, só mais uma vez, para que pudessem se separar de um jeito mais pacífico.

— Tenho certeza de que sair da loja é bom para você — Henry declarou.

— E para você — ela respondeu com atrevimento. Henry devia estar tão preocupado quanto ela com a Follette's, embora à sua maneira. Além disso, o irmão estava tão bonito naquela noite, e a família Kilchester estaria presente.

As ladies de Kilchester foram clientes da Follette's durante anos devido a algum serviço que o avô de Felicity prestou ao antigo lorde Kilchester. Lady Euphemia, a filha mais velha da família e uma verdadeira beldade, encomendou vários vestidos para si e também um para sua dama de companhia, uma jovem chamada Katherine Grant.

A srta. Grant era o tipo de cliente que Felicity adorava: tinha uma

coloração maravilhosa e uma figura exuberante, e custo não era problema para ela, porque lorde Kilchester estava pagando pelos vestidos. Ela também não tinha noção de seus atrativos físicos, a julgar pelo vestido feio e insípido que usava na primeira prova. Felicity a vestiu de vermelho, com um corte para exibir seus seios magníficos, e a srta. Grant parecia atordoada quando se viu na frente dos espelhos.

Mas quando Felicity mencionou a bela conta que esperava receber de lorde Kilchester pelo vestido da srta. Grant, o rosto de Henry ficou rosado. Normalmente, quando ela falava dos Kilchester, ele apenas assentia, já que lorde Kilchester era um dos poucos aristocratas que pagava as contas em dia. Ela não ficou surpresa ao ver o irmão ficar boquiaberto com a srta. Grant quando eles encontraram os Kilchester no salão principal do teatro. E era tão raro ver Henry parecer hipnotizado por uma mulher, como acontecia agora, que Felicity deu o braço a lady Euphemia e se afastou do irmão, para deixar todo o impacto do vestido carmesim da srta. Grant penetrar em seu obstinado cérebro masculino.

— Obrigada — lady Euphemia sussurrou enquanto caminhavam. — Katherine não está linda esta noite?

Felicity sorriu. Ela conhecia lady Euphemia há anos.

— Está.

— E Hen... o sr. Dawkins fica muito bonito em seu traje de noite.

— É verdade — ela concordou.

Lady Euphemia suspirou feliz.

— Exatamente como eu pretendia!

Instalaram-se no camarote de lady Marjoribanks. Lady Euphemia tendia a atrair admiradores, e logo se ocupou com eles, conversando e rindo. Felicity se ocupou em examinar a multidão, analisando cada vestido que chamasse sua atenção. Era uma pena quando modistas se aproveitavam do desejo de seus clientes pela última moda, pensou, sentindo uma pontada de pena por uma mulher pequena em um camarote próximo. A pobre dama acabou apagada com a decoração de seu vestido, desde as mangas bufantes e gola de renda até as fileiras de babados que cobriam sua saia, tudo em um tom forte de rosa que

fazia sua coloração clara desbotar. Felicity passou um momento imaginando um vestido azul-claro com detalhes sutis, cortado para enfatizar os graciosos braços e pescoço da dama. Ah, o que ela poderia fazer por aquela mulher...

Com um piscar de olhos, seguiu em frente. Para ter a chance de vestir mais mulheres assim, precisava estabelecer a Follette's como um lugar para estilo pessoal, em vez de uma loja comum que produzia cópias sem imaginação de gravuras de moda. Seu próprio vestido naquela noite fazia parte desse esforço, cortado a partir de um pedaço luxuoso de seda verde-pavão depois que uma cliente cancelou o vestido para o qual foi comprado. Fora uma extravagância, sem dúvida, e ela escondera a conta de Henry para pagá-la com seus próprios fundos, mas já notara várias mulheres a admirando. Tudo o que precisava era de uma pessoa que perguntasse onde ela o encomendara.

As luzes diminuíram, e a peça começou. Como agora era impossível ver o vestido de alguém, deixou-se perder na farsa sobre duas jovens determinadas a conquistar o coração de dois belos irmãos por qualquer meio possível. Era bobo, mas engraçado, e teve um final feliz, então havia um sorriso em seu rosto quando as luzes se acenderam no intervalo.

Lady Euphemia foi reunir-se com a família, escoltada por lorde Waddell, que parecia atordoado por tê-la nos braços. Felicity estava começando a se perguntar para onde o irmão tinha ido quando uma batida firme soou na porta do camarote.

— Boa noite, srta. Dawkins. — Era o conde de Carmarthen. Ele entrou, parecendo preencher o pequeno camarote. Seu olhar azul penetrante fixou-se nela.

O coração de Felicity quase parou; por que ele estava ali e por que a estava procurando? Com o coração batendo forte, o rosto corado, ela fez uma reverência. *O que há de errado com você?*, repreendeu-se. Era uma apresentação beneficente, aberta a todos; deveria ter esperado que teria a chance de vê-lo. Quanto ao motivo de procurá-la...

Ela convocou um sorriso.

— Que prazer vê-lo, milorde. Está gostando da peça?

— Sim. A sra. Burton é soberba.

— Ela é.

E se fez silêncio. Felicity esperou que o conde explicasse por que tinha ido lá, mas ele simplesmente a olhou. Não era ousado ou rude, mas investigativo, como se estivesse tentando decifrar algo sobre ela. Isso a deixou inexplicavelmente ansiosa e, com um pequeno sobressalto, ela percebeu que queria que ele a visse de maneira favorável mais uma vez, como mulher. Uma que passava muito tempo pensando nele e cuja respiração se tornava alarmantemente irregular sempre que ele estava por perto. É claro que ele era atraente, sabia disso desde o momento em que ele entrou em sua loja, mas ainda mais, Felicity gostava dele. Ele era inteligente, divertido e a ouvia. E na loja de tecidos, quando ela ergueu um pedaço de damasco azul e olhou nos olhos dele...

Felicity sabia o que o desejo poderia fazer com uma mulher quando a pegasse de jeito e, como resultado, passou a maior parte de sua vida evitando-o. O que não queria dizer que ela não tivesse tido flertes, até mesmo um caso amoroso; um belo soldado havia conquistado seu coração anos atrás, mas o romance só durou enquanto seu regimento estava em Londres. Certa vez, um comerciante de rendas lhe propôs casamento, e um dos alfaiates que trabalhava para o sr. White, cuja alfaiataria ficava em frente à Follette's, tentou beijá-la várias vezes antes de Henry dar um soco no homem. A mãe lhe ensinara a manter os homens afastados, fossem maridos lascivos ou irmãos, ou, em uma ocasião, o pai, de uma cliente da Follette's.

Tinha uma boa ideia do que um homem como lorde Carmarthen lhe ofereceria: um caso, talvez até algo formal, com uma casa e uma carruagem. As clientes da Follette's incluíam mais de uma mulher mantida, e Sophie-Louise ensinara a filha a não julgar com muita severidade a escolha de ninguém. Depois dos últimos anos de dificuldades, perguntando-se se perderia a loja e a casa, Felicity entendia muito bem por que uma mulher aceitava a segurança e as riquezas que lhe eram oferecidas. No entanto, nunca pensou que seria adequado para ela.

Mas se lorde Carmarthen lhe pedisse para ser sua amante...

— Tenho um favor a pedir — o conde disse de forma abrupta, pondo

fim aos seus pensamentos perigosamente emaranhados. — Posso apresentá-la à minha mãe e à minha irmã?

Os olhos de Felicity se arregalaram de espanto.

— Eu ficaria honrada, milorde.

Ele curvou a cabeça e lhe ofereceu o braço, que ela aceitou. O que ele poderia querer dizer com aquilo? Felicity não entendeu, mas, ao sair do camarote de braço dado com ele, sentiu uma onda de excitação quase vertiginosa.

— Obrigado — ele disse enquanto caminhavam pela multidão. — Elas admiraram seu vestido a noite toda e estão loucas para examiná-lo de perto.

Ela forçou uma risada. Então foi por isso que ele a procurou. A pequena bolha de esperanças infundadas estourou em seu peito, o que ela logo tentou desconsiderar. Deveria estar satisfeita por ele estar disposto a apresentá-la à sua família por qualquer motivo que fosse, ainda mais por um que beneficiasse a Follette's.

— Que lisonjeiro! É um dos meus favoritos.

O olhar dele mergulhou em seu decote.

— E com razão.

Um arrepio percorreu sua pele. Por que ele a olhava daquele jeito se apenas queria que ela mostrasse o vestido para a mãe? Lady Carmarthen poderia ir à loja qualquer dia e vê-lo à luz do dia, sem perder um detalhe da peça.

— Eu também queria me desculpar — ele disse baixinho enquanto caminhavam. — Não deveria ter escondido o custo da loja da Bond Street.

— Não — ela murmurou. — Obrigada.

— Eu não desisti — acrescentou. — Mas conseguir o que deseja pode exigir um pouco de criatividade.

Ela lançou um olhar para ele.

— De que tipo?

— Ainda estou decidindo — ele disse, sem entrar em detalhes.

Quando chegaram ao melhor círculo de camarotes, ele abriu uma porta e a conduziu para dentro. Havia duas damas lá, e Felicity as reconheceria em qualquer lugar como a família dele. Evan tinha os

olhos da mãe, e o sorriso brilhante da irmã era muito parecido com o dele.

— Mãe — o conde falou —, Emily, gostaria de apresentar a srta. Felicity Dawkins. Srta. Dawkins, minha mãe, a condessa de Carmarthen, e minha irmã, lady Emily Hewes.

— Obrigada por interromper sua noite para vir até aqui — a condessa a cumprimentou em tom caloroso. — Minha filha e eu fomos atingidas, como se por um raio, por seu vestido. É uma maravilha.

— Obrigado, milady. — Felicity fez uma reverência. — É de minha própria criação.

— Assim disse o Evan — sua irmã afirmou, lançando ao conde um olhar afetuoso. — Nós imploramos a ele que garantisse uma apresentação.

Felicity olhou para o conde, que já a observava. Seus olhares se conectaram por um momento, a intenção dele e a dela incerta.

— Foi muito gentil da parte dele — ela murmurou.

— Gentil conosco! — Lady Carmarthen sorriu. — Tenho ficado menos encantada com minha costureira a cada temporada, e a ideia de encontrar uma nova e talentosa me enche de alegria.

Felicity desviou os olhos do conde. O que ele pensava, e o que ele queria, teria que confundi-la em outra ocasião. Fixou a atenção em sua nova cliente em potencial.

— Entendo. Qual modista frequenta agora, milady?

— Madame de Louvier. — A condessa passou uma mão pelo vestido.

— Ela é muito habilidosa com as últimas gravuras de moda, mas, juro, nunca tive um vestido que combinasse comigo tão bem quanto o seu combina com a senhorita.

Aquilo Felicity entendia. Ela reconheceu a cobiça com que a outra mulher reparou em seu vestido. Com um olhar atento e implacável, catalogou as falhas do vestido da própria condessa e sabia que tinha a oportunidade perfeita para conquistá-la.

— Obrigada, milady. Nenhum dos meus vestidos vem de ilustrações de moda; cada item que criamos na Madame Follette's é projetado exclusivamente para a cliente que o encomenda. Não há como um desenho em uma gravura levar em conta a coloração de uma mulher

em particular, nem ser projetado para realçar suas melhores características. A Follette's acredita que um vestido deve fazer as duas coisas. — Ela sorriu. — Naturalmente, incluímos as últimas novidades, mas apenas na criação de um vestido exclusivamente adequado à dama que o usa.

— Foi o que notei. — Lady Carmarthen estudou o vestido de Felicity com admiração. De maneira graciosa, ela fez uma revolução lenta ali mesmo.

— Adorável — lady Emily suspirou. — Mamãe, podemos visitar a Madame Follette's?

— Claro, iremos, muito em breve. — Lady Carmarthen baixou a cabeça. — Srta. Dawkins, foi um prazer. Até a próxima.

— Obrigada, milady. Srta. Emily. — Felicity fez uma nova reverência, e o conde lhe ofereceu o braço. No corredor, ela não resistiu. — Obrigada, milorde — sussurrou, incapaz de conter o sorriso radiante em seu rosto. — Foi uma honra conhecer sua mãe e sua irmã. — Seria uma honra ainda maior vê-las usar seus vestidos em sociedade.

— Uma que pode se repetir em breve — ele disse com um leve sorriso.

— Ouso dizer que elas visitarão a Vine Street dentro de alguns dias.

— Que sorte o senhor ainda não ter começado a demolir.

Ele riu com relutância.

— Nunca serei perdoado por isso?

— Perdoado! Está admitindo que essa talvez não seja a melhor coisa que poderia acontecer em qualquer rua de Londres? — Ela se sentia leve e feliz, o que devia explicar por que estava brincando com ele novamente.

— Ainda acredito, de maneira inequívoca, que é a melhor coisa que aconteceu na Vine Street em anos — ele respondeu. — E espero que algum dia concorde comigo.

Ela o observou pelo canto do olho. Seu perfil era calmo e seguro, mas, como se pudesse sentir que ela o avaliava, o cavalheiro a mirou com um olhar cauteloso, questionador, curioso... esperançoso.

E de repente o espartilho dela ficou muito apertado e os sapatos muito grandes. Errou um passo e tropeçou nele, e, em um piscar de olhos, o conde passou o braço por sua cintura. Felicity respirou fundo quando

ele a abraçou por um momento, e quando ela ergueu o rosto corado para agradecer, todas as palavras lhe fugiram. A expressão de Carmarthen estava tensa, seus olhos ardiam de fome.

Felicity sabia que não deveria se envolver com o conde, mas aquele olhar incinerou todos os seus pensamentos sensatos, deixando apenas o desejo por ele.

— Carmarthen — ela murmurou, sem saber se era um aviso ou um apelo.

Ele abaixou a cabeça até que os lábios quase roçaram a orelha dela.

— Meu nome é Evan.

O calor do rosto dele, tão perto da pele dela, quase fez o coração de Felicity explodir. Usar seu nome de batismo era inconfundivelmente íntimo. Ela fechou a mente de maneira deliberada para os sinais e questões mais contraditórios.

Chegaram ao camarote de lady Marjoribanks e encontraram-no vazio. Onde estava Henry?

— Meu irmão parece ter me abandonado — ela disse com um sorriso nervoso.

— Eu ficaria encantado em levá-la em casa — Carmarthen disse, observando-a com atenção.

Felicity imaginou o irmão compartilhando um interlúdio terno com a srta. Grant e assentiu.

— Seria muito gentil da sua parte, milorde.

Eles entraram no camarote e o conde fechou a porta. Na parte de trás estava silencioso e escuro, embora o palco iluminado estivesse bem diante deles e o barulho alto das conversas durante o intervalo enchesse o teatro. Sem dizer uma palavra, o conde estendeu a mão e desamarrou a corda que prendia a cortina que poderia ser fechada para proporcionar certa privacidade. Com um leve silêncio, ela se fechou, cortando ainda mais a luz e o som.

Ele se virou para ela, com os olhos brilhando.

— Quer que eu saia?

Seu coração batia tão forte que suas mãos tremiam.

— O que acontecerá se você ficar? — ela sussurrou.

Devagar, sua boca se curvou.

— Sempre direta. Admiro isso em você. — Ele levantou uma mão e tocou sua face. Os olhos de Felicity se fecharam, e ela engoliu em seco. O toque dele era muito gostoso em sua pele. — Quero beijá-la — ele disse, sua voz era um murmúrio sombrio.

Com esforço, ela abriu os olhos.

— Às vezes... às vezes suspeito que você não gosta muito de mim...

Ele deu uma risada curta e baixa.

— Pelo contrário, srta. Dawkins... *Felicity*. Gosto demais para minha própria paz de espírito.

Um arrepio a percorreu ao ouvir o nome na voz dele. Ela inclinou ligeiramente a cabeça, aninhando-se na palma da mão dele.

— E depois do beijo?

Ele acariciou a bochecha dela com o polegar.

— O que você quer dizer?

— Isso é tudo que quer? — Sua garganta estava apertada, deixando a voz rouca. — Um beijo esta noite, e amanhã voltaremos a discutir sobre o destino da Follette's?

Ele deu um passo mais perto. Felicity percebeu que havia se pressionado inconscientemente na parede, na sombra mais profunda atrás da cortina. Quando o conde passou os dedos pela curva de sua cintura, ela arqueou as costas, convidando-o a deslizar o braço ao redor dela, o que ele fez sem um segundo de hesitação.

— Minha querida — ele murmurou, atraindo-a para si. — Não percebe que ganhou todas as partidas? Não desejo continuar discutindo com você sobre nada. Depois desse beijo... — Os lábios dele roçaram os dela, tão leves, que ela ofegou. — Você me dirá o que você quer que aconteça.

— E... você vai fazer? — Ela olhou para ele sem acreditar.

O conde, *Evan*, sorriu.

— Sim — ele disse, e então a beijou.

Sua boca era suave, tentadora, sedutora. Os lábios de Felicity se entreabriram e ele a provou, sua língua fez amor com a dela. Cada pequena preocupação em sua mente sobre se envolver com ele desapareceram de repente, como velas apagadas por um balde de água. Ele segurou sua bochecha e inclinou a cabeça para aprofundar o

beijo. Oh, o homem sabia beijar. Felicity apoiou-se na parede e agarrou o casaco dele para dedicar toda sua energia e atenção para retribuir o beijo.

Os aplausos da multidão a fizeram pular; o segundo ato estava começando.

— Ninguém pode nos ver — o conde murmurou, o hálito dele estava quente em sua pele enquanto beijava seu pescoço.

Ela olhou para a cortina, que os obscurecia apenas parcialmente, mas as luzes estavam diminuindo e ficou um pouco mais escuro em seu canto isolado.

— O que planeja fazer que ninguém deveria ver? — ela sussurrou.

— Isso. — Ele pressionou os lábios no volume do seio acima do vestido. Rápido e ágil, seus dedos soltaram os fechos que prendiam o corpete fechado nas costas, e então ele o puxou para frente. — Só uma provinha — murmurou. — Você é tão linda...

De maneira febril, ela tirou as luvas para passar os dedos nus pelos cabelos dele. Os pulmões pararam quando a língua dele traçou círculos em sua pele, cada vez mais perto da borda do espartilho. Arrepios atormentaram seu corpo, e os mamilos ficaram intumescidos, doendo para que ele desamarrasse tudo e colocasse a boca *em todos os lugares*.

— Carmarthen — ela disse baixinho. — Evan...

Ele passou a mão em volta da nuca dela e puxou-a para perto, até que sua testa descansou contra a dele.

— Diga meu nome novamente — ele sussurrou, com os lábios quase tocando os dela.

— Evan — ela disse com um suspiro.

Ele lhe deu um beijo forte e breve.

— E agora, Felicity?

Ela fez um leve ruído de indecisão. Sabia o que ele estava perguntando. O coração batia forte, tanto pelo prazer incandescente das mãos e da boca de Evan em sua pele quanto pelo nervosismo com a perspectiva de levá-lo para casa.

— Quer que eu vá embora? — Seus dedos massageavam pequenos arcos ao longo da nuca dela. — Se quiser, juro pela minha vida que

irei e deixarei você em paz.

— Não! — Ela colocou os dedos nos lábios dele. — Isso não.

Seus olhos encontraram os dela.

— Prometi que a levaria em casa.

O desejo a fez estremecer.

— Mudou de ideia?

— De jeito nenhum. — Seu olhar caiu por um momento, para o seio exposto. — Posso fazer uma de três coisas. A primeira é voltar para minha mãe e minha irmã e permitir que você assista ao restante da apresentação, antes de chamar uma carruagem de aluguel para levá-la para casa em segurança.

Ela não seria capaz de prestar atenção a uma palavra da peça, não com a lembrança do toque dele ainda queimando sua pele. Felicity balançou levemente a cabeça.

Um sorriso, mais feroz do que divertido, brilhou em seu rosto.

— A segunda opção é que eu a acompanhe até em casa agora, como prometi, e depois volte para pegar minha mãe e minha irmã.

Essa também não era atraente. Alguns beijos frenéticos na carruagem não a satisfariam.

— E a terceira? — ela perguntou, com a voz rouca e hesitante.

Ele inalou devagar.

— Terceira... vou providenciar agora uma escolta adequada para minha mãe e minha irmã, e então a levarei para a Vine Street e fazer amor com você pelo resto da noite.

— Sim — ela sussurrou, quase antes de ele terminar de falar. — A terceira.

Com um grunhido abafado, ele a beijou mais uma vez, de maneira tão profunda e tão boa, que ela cambaleou quando ele a soltou. Com um sorriso diabólico brincando em seus lábios, ele a virou de frente para a parede e colocou seu vestido de volta no lugar.

— Só vou sair por alguns minutos — Evan murmurou, beijando a nuca dela enquanto prendia os ganchos e as fitas. — Espere por mim aqui.

Felicity mal conseguiu assentir antes de ele sair, abrindo e fechando a porta com um clique suave atrás. Ela apoiou o rosto no papel de parede berrante, atordoada e meio descrente pelo que acabara de

acontecer. O conde de Carmarthen, Evan, desejava-a. Ele a levaria para casa e faria amor com ela. Só o pensamento fez seu coração bater forte; uma expectativa vertiginosa a envolveu, e ela sentiu a necessidade ainda mais insana de cair na gargalhada de pura alegria.

Afastou-se da parede e alisou o cabelo, embora com as mãos trêmulas. Graças a Deus, Henry não estava ali. Estava tão nervosa com a perspectiva de ter Evan em sua cama que nem conseguia se perguntar para onde o irmão tinha ido ou o que estava fazendo. Esperava que fosse algo tão divertido que ele não fosse importuná-la amanhã sobre o que tinha acontecido com o conde.

E se Henry estava fazendo amor com a srta. Grant, não havia uma palavra que Felicity diria para provocá-lo.

Capítulo nove

Quando Evan voltou, ela já havia se recomposto o suficiente para sair do teatro com dignidade. Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto desciam as escadas, no momento quase desertas devido à apresentação, paravam na chapelaria para pegar a capa e saíam para a rua, onde a carruagem de Carmarthen os esperava. Ele devia ter mandado buscá-la quando partiu do camarote de lady Marjoribanks. Em silêncio, ele a ajudou a entrar, depois subiu e sentou-se ao lado dela.

— O que disse à sua mãe? — ela perguntou baixinho, enquanto a carruagem avançava com um solavanco. Ocorreu a Felicity que se lady Carmarthen soubesse que ela era amante do conde, isso poderia acabar com qualquer chance de a condessa ser cliente da Follette's. Desejava demais aquele homem para mudar seu rumo, mas seu lado prático lamentava as consequências.

Estava muito escuro para ver o rosto dele com clareza.

— Eu disse a ela que tive um imprevisto e que precisava resolvê-lo imediatamente.

Imprevisto. Ela sorriu com ironia daquilo.

— Entendo.

— Entende? — Seus dentes brilharam brancos na carruagem escura enquanto ele sorria. — Também fiz uma jura silenciosa de que tiraria seu vestido com muito cuidado, para evitar rasgá-lo. Minha mãe pode perdoar um ataque de paixão, mas não a ruína de um vestido esplêndido.

— Gosto muito da sua mãe — ela disse com uma risada curta e surpresa.

Ele riu também, depois ficou sério.

— Felicity. Você disse algo antes sobre depois do beijo... que

amanhã voltaríamos a discutir sobre o destino da Madame Follette's. Não quero que isso aconteça.

Felicity ficou muito quieta.

— Nem eu.

Ele se virou no banco para encará-la e pegou sua mão.

— Não posso impedir os planos de demolir e reconstruir a Vine Street; existem outros investidores e a Coroa aprovou o plano. Mas eu fiz uma promessa e vou cumpri-la.

— De forma criativa — ela disse depois de um momento, lembrando-se de suas palavras anteriores.

Um canto de sua boca se curvou para cima.

— Sim.

Ela hesitou, mas quando ele olhou para ela assim, minou toda a sua justificada indignação.

— Muito bem. Serei paciente e confiarei em você.

— Graças a Deus — ele murmurou, estendendo a mão para ela.
— Pretendo satisfazê-la...

Ela passou os braços no pescoço de Evan enquanto ele mudava de posição, puxando-a para cima dele até que os dois se esparramaram no assento da carruagem.

— Pode começar hoje à noite.

— Pretendo — ele garantiu, e então sua boca pousou na dela, sedutora e preguiçosa, como se pretendesse passar a noite toda a saboreá-la. Felicity estremeceu quando o pensamento enviou um calor derretido pelo seu corpo.

O trajeto do teatro até a Vine Street era curto. Mesmo assim, ela se sentia como se tivesse passado um ano, em vez de algumas horas, desde que partiu com Henry. Evan falou com o cocheiro enquanto ela procurava a chave no bolso da capa, e então aproximou-se dela, erguendo uma das lanternas da carruagem para que ela pudesse enxergar. Agradecida, Felicity destrancou a porta e o deixou entrar. Com um barulho de cascos e rodas, a carruagem partiu enquanto o conde fechava a porta.

— Seu irmão mora em outro lugar, acredito? — ele perguntou.

— Sim. — Felicity observou, desequilibrada e um tanto

atordoadas, enquanto ele deslizava o ferrolho.

Um pequeno sorriso brincou em seus lábios.

— Mostre-me a sua loja.

Ela arregalou os olhos.

— Agora?

— Por que não? — Ele rondou em direção a ela. — Estou curioso.

— Bem. — Aturdida, ela acenou com um braço. — Este é o salão. — Ele riu. — Lá é o escritório — ela continuou, apontando-o —, e aqui são os provadores e o armário de tecidos. — Ele a seguiu enquanto ela caminhava pelo corredor estreito passando por aqueles cômodos. — Lá em cima fica a sala de trabalho — ela disse, subindo as escadas. Ele realmente queria ver tudo? A pergunta incrédula de Henry: *O que um conde poderia querer com uma loja de roupas?* ecoou em sua mente. — E meus alojamentos são acima.

— Mostre-me — ele disse baixinho, permanecendo no patamar quando ela começou a subir as escadas para seus aposentos pessoais.

— Por quê? — ela deixou escapar.

— Porque é onde você passa seus dias. Quero entender o que é importante para você.

Felicity hesitou. À luz da lanterna, seu rosto estava focado nela, os olhos mais escuros que o normal. Ela deu um passo, depois outro.

— Muito bem.

O ateliê ocupava quase todo o andar. Ela passou pelos armários cheios de aviamentos e pela longa mesa de trabalho, até as amplas janelas que davam para a rua.

— Aqui é onde a maior parte do trabalho é feita. — Ela apontou para as cadeiras perto da janela. — Alice e Sally, as aprendizes, fazem grande parte da costura básica, embora a sra. Fontaine, a srta. Owen e eu também façamos muitas coisas.

— Você ainda costura?

— Claro — ela disse surpresa. — A única maneira de fazer um lindo vestido é peça por peça. Se a pessoa não souber exatamente como cortar, armar e costurar o tecido, ele nunca se parecerá com o desenho. Presumo que você deva saber como uma casa é construída, a

fim de planejar imóveis com espaço suficiente para todos os seus encanamentos modernos e coisas assim.

Seu sorriso era branco na escuridão.

— Claro. Mas não faço o encanamento.

Ela riu.

— Suponho que um vestido é muito mais simples que uma casa.

Não estava muito escuro para ela ver a maneira como o olhar dele deslizou pelo seu corpo.

— Mais simples, talvez, mas não menos exigente.

Sua pele arrepiou quando ele a olhou daquele jeito.

— Elas não costuram à mesa? — Ele ergueu a lanterna, iluminando a longa e estreita mesa de trabalho.

— Não, essa é para cortar. Uma boa mesa é essencial para um corte adequado.

Ele passou uma mão por ela.

— E o que é isso? — Ele apontou a luz para uma alcova em frente à lareira. A sala brilhava enquanto a luz se refletia no tríptico de espelhos altos que ali estavam.

— É uma espécie de área de adaptação. — Ela atravessou a sala. — Para um vestido complexo, uma cliente fica de pé neste banco, sem roupas. — Ela subiu lá para ilustrar melhor a ideia. — Fazemos um molde inicial para o vestido em musselina, drapejando-o e prendendo-o ao corpo dela, marcando no tecido onde devem ficar os acabamentos e os enfeites. Com os espelhos, a modista consegue ver todos os lados da peça ao mesmo tempo, assim como a cliente. Dessa forma, não há mal-entendidos sobre onde ficarão os caimentos ou a altura do corpete.

— Ah. — Ele colocou a lanterna na mesinha próxima, destinada a guardar alfinetes e outros suprimentos. Seus braços a envolveram e soltaram o laço que mantinha a capa fechada. A peça escorregou de seus ombros e ele a jogou atrás de si na mesa de trabalho. — Então, se fosse minha cliente, você entraria e tiraria seu vestido.

O coração de Felicity pareceu parar, depois bateu forte em seu esterno quando ela sentiu as mãos dele nas costas de seu vestido, desamarrando-o e desenganchando-o novamente. Ao contrário do

teatro, onde havia uma pressa febril em suas ações, dessa vez ele foi lento e deliberado. *Quero fazer amor com você pelo resto da noite.*

— Sim.

Seu olhar brilhante se conectou com o dela no espelho.

— Mostre-me.

Tentando esconder o leve tremor de seus dedos, Felicity desceu as delicadas mangas pelos braços, a seda sussurrou em sua pele e deixou um rastro de arrepios. O conde, Evan, respirou fundo enquanto ela o baixava sobre os quadris, deixando-o cair sobre as anáguas. Ela quase perdeu o equilíbrio no banco quando saiu dele, mas as mãos dele estavam em sua cintura, firmando-a.

— Para um vestido de noite — ela disse —, nós trabalharíamos sobre a roupa íntima de uma dama.

— Hum. — As mãos dele percorreram sua cintura e depois subiram pela frente de suas costelas. De pé no banquinho, Felicity tinha a mesma altura que ele. — Isso me atormentou esta noite. — Ele passou um dedo pela fina renda que contornava o corpete da combinação. — Piscou para mim como um farol até que eu mal consegui desviar o olhar.

Ela estava tendo dificuldade para respirar.

— Não foi a minha intenção...

— Não? — Seu sorriso era malicioso, os olhos estavam pesados, mas intensos. Ele inclinou a cabeça e mordiscou a pele sensível da curva do pescoço dela, e Felicity soltou um gemido ofegante de prazer. — Foi o que me fez sentir — Evan sussurrou, seus lábios roçando o local. — Foi o que me fez querer fazer.

Sua respiração ofegou enquanto ela olhava no espelho, as mãos escuras dele eram um contraste com a roupa íntima branca enquanto o homem desabotoava a combinação e a tirava de seus ombros, deslizando-a pelos quadris. Ela ficou só de chemise e espartilho. Conseguia ver a si e a ele de todos os lados; ele, moreno e perigoso em suas roupas de noite; ela, pálida e exposta em suas roupas íntimas brancas.

— Devo me desculpar? — A voz dela soou rouca e convidativa, até mesmo para seus próprios ouvidos.

Evan sorriu, o sorriso lento e libertino que nunca deixava de fazer seu coração bater mais forte.

— Nunca. — A mão dele pousou sobre a barriga dela enquanto puxava a tira do espartilho. — Eu me deleitei com cada momento. Foi a noite mais... edificante que vivi no teatro. — O espartilho se soltou, ele se pressionou contra ela, e Felicity sentiu o comprimento duro dele às suas costas.

Ele jogou o espartilho no chão e cobriu seus seios com as mãos. Ela arqueou as costas e ofegou, estendendo as mãos para trás, para ele, tentando se ancorar contra a tempestade que se formava em seu corpo. A boca de Evan estava em seu pescoço novamente, beijando, sugando de leve, os dentes roçando sua pele com força suficiente para fazê-la estremecer.

— Evan — ela ofegou.

— Eu adoro a maneira como você diz meu nome. — Ele puxou o cordão do chemise e depois o empurrou para baixo para expor seus seios. Felicity inclinou a cabeça para trás enquanto as mãos dele a seguravam. Seu toque era firme, não rude, apertando e depois acariciando com as pontas dos dedos. Ele brincou com seus mamilos até ela se contorcer, arrancando dele uma risada baixa. Sua boca se abriu em beijos quentes e úmidos que percorriam ombros e pescoço, até que ela conseguiu virar a cabeça. Quando os lábios dele tomaram os seus, uma descarga a percorreu; os dedos dos pés se curvaram e os das mãos se flexionaram, enterrando-se no tecido do casaco dele para puxá-lo para si.

— Felicity. — A voz soou rouca em seu ouvido. — Diga-me que você já fez isso...

Com a cabeça girando, ela assentiu uma vez. Mal conseguia ouvir a exalação de alívio dele, e então o ar frio girou em torno de seus joelhos. Ela abriu um pouco os olhos e observou no espelho enquanto ele puxava lentamente a bainha do chemise. O ventre se contraiu de excitação, sabendo o que estava por vir, e os joelhos ficaram fracos. Quando a camisa roçou sua cintura, a respiração de Evan sibilou em seu ouvido.

— Tão linda. — Ele a beijou novamente, a palma da mão

apoiada em sua coxa, deslizando para cima, para cima, para cima...

Felicity arqueou-se quando a mão dele pousou entre suas pernas, quente e grande.

— Tão suave — Evan sussurrou, com voz gutural. Ele moveu os dedos, e ela choramingou. Fazia tempo que nenhum homem a tocava ali, mas estava mais do que preparada. Ele a acariciou, os dedos foram mais fundo, e ela quase caiu do banco ao primeiro toque ali, no centro dos nervos. — Tão molhada — Evan disse, com um tom tenso de necessidade em sua voz.

— Sim — ela quase soluçou. — Eu quero mais... eu quero você, *Evan...*

Com um movimento repentino ele a girou em seus braços, a boca reivindicando a dela impiedosamente. Felicity avançou, passando os braços em seu pescoço. As mãos foram para seu traseiro, e quando ele a levantou, ela passou as pernas em volta de sua cintura. Ainda a beijando, Evan se virou e deu alguns passos antes de colocá-la no chão; na mesa de trabalho, ela percebeu.

— Tira. — Ele balançou o chemise caído. Enquanto ela lutava para se livrar da peça, ele tirou o casaco e o colete. Felicity jogou a roupa de lado, expondo-se descaradamente ao olhar dele. Embora o lampião atrás dele fosse a única fonte de luz na sala, seus olhos pareciam brilhar com luz própria.

— Minha nossa — ele sussurrou.

— Tire a camisa — ela pediu, instável. Em mangas de camisa branca, seus ombros pareciam incrivelmente largos e fortes.

O sorriso malicioso brilhou mais uma vez quando ele puxou o plastrão, quase arrancando o tecido antes de puxar a camisa pela cabeça. Na penumbra, ele ainda era magnífico, magro e forte.

— Ao seu comando, amor. — Ele deu um passo à frente, entre os joelhos dela, colocando as mãos em volta dos quadris dela e puxando-a para frente até que estivessem juntos da coxa ao peito. Por um momento eles se agarraram um ao outro.

Vagamente, Felicity se perguntou se ele sentia a mesma sensação de unidade que ela. Até mesmo a névoa febril do desejo pareceu diminuir por um momento enquanto ela se afundava na força dos

braços dele ao seu redor, na batida constante do coração dele sob sua bochecha e na sensação de sua respiração em seu ombro. E naquele momento, Felicity pensou que nunca quis tanto alguma coisa, em toda a sua vida, como queria que isso durasse para sempre.

Ele colocou um dedo debaixo do queixo dela e levantou seu rosto. Por um momento apenas olhou para ela, algo parecido com admiração suavizando seu rosto. Felicity olhou de volta, incapaz de desviar o olhar. Por que ele não poderia ser um comerciante de rendas ou advogado, pensou com certo desespero, alguém – *qualquer um* – que pudesse ter pensado em ficar com ela para sempre?

Para reprimir esses pensamentos, ela estendeu a mão para ele. Não era tola; sabia no que estava se envolvendo.

Quando colocou as mãos atrás da cabeça dele e o puxou para beijá-la, as mãos de Evan começaram a vagar livremente pelo seu corpo. Arrepios percorreram-na enquanto as palmas das mãos deslizavam sobre seus ombros, costas, quadris. Quando cobriram seus seios, ela se endireitou, e ele a empurrou para trás para se deitar sobre a capa.

— Esta mesa — ele disse em tom rouco — tem a altura perfeita.

Era mais alta que uma mesa normal, para facilitar o corte das costureiras. Um sorriso selvagem e imprudente cruzou seu rosto.

— Para quê, milorde?

Ele tocou o dedo nos lábios dela.

— Evan. Diga.

— Evan — ela sussurrou.

A mão dele se fechou sobre o seio dela, apertando-o e acariciando o mamilo. Felicity arqueou-se.

— De novo.

— Evan — ela ofegou. Ele se inclinou sobre ela e colocou a boca os seus dedos estiveram, sugando com força o mamilo ereto. Ela abriu os braços, estremecendo enquanto se pressionava em sua boca.

— De novo — ele ordenou, percorrendo seu ventre com os dedos.

— Evan — ela gemeu, as coxas ficaram tensas enquanto ele afastava suas pernas. Ela deu um gemido estrangulado quando a

palma da mão do homem se moveu para cobrir seu sexo, agora pulsando de desejo.

— Quando estamos sozinhos, assim — seus dedos mergulharam na intimidade macia e úmida entre as pernas dela — você é minha senhora e mestre, Felicity. Você me escravizou... você me comanda...

Ela se forçou a abrir os olhos. Evan pairava sobre ela, moreno, lindo e nu, as mãos fortes levando seu corpo ao delírio, os olhos brilhantes fixos nela.

— Faça amor comigo, Evan — ela disse com um suspiro. — Por favor.

Ele sorriu antes de inclinar a cabeça novamente, para o outro seio. Felicity mal teve tempo de se maravilhar com suas palavras antes que ele a arrebatasse em uma onda de sensações, com a boca e com as mãos.

Justamente quando ela sentiu que estava chegando ao limite, ele se levantou. Deixando-a ofegante e tensa sobre a mesa, ele recuou.

— Só um momento — ele pediu, com a voz tensa.

— Depressa — ela gemeu. O coração batia tão forte que a pulsação parecia reverberar por todo o seu corpo.

Evan sorriu, aquele sorriso feroz e perigoso, e se virou para pegar o lampião. Colocou-o ao lado dela e abriu a veneziana por completo.

— Você vai me deixar louco — ele falou enquanto desabotoava as calças. Os olhos pareciam deleitar-se com a pele nua.

Ela virou a cabeça com timidez. O cabelo estava solto, espalhado sobre a mesa e sobre os ombros.

— Seria justo.

— Oh? — Ele tirou os sapatos e a calça e chutou para o lado. — Há quanto tempo você me quer?

Seu rosto esquentou.

— Desde dia em que você nos levou ao Soho Square...

— Minha querida — ele disse, passando as mãos pelas pernas dela —, eu a quis desde o momento em que coloquei os olhos em você. — Com a palma da mão na barriga dela, ele mergulhou o polegar e a penetrou por um momento, e então ela sentiu a ereção ali, grossa e dura. Estava tão molhada, tão pronta, que ele deslizou com

facilidade, mas a plenitude a fez recuperar o fôlego. Quando estava dentro dela, Evan fez uma pausa. — Tente esperar por mim, querida.

Todo o seu corpo pulsava com o clímax incipiente.

— Eu... eu não consigo...

— Tente. — Ele a agarrou pelos quadris e a puxou para a borda da mesa. Ela precisou enganchar as pernas em volta da cintura dele novamente para se equilibrar. E então Evan começou a se mover, com força e firmeza, mas não rápido o suficiente, flexionando a coluna a cada impulso, de modo que parecia tocar algo dentro dela, o que deixou a mente de Felicity enevoada. Ela agarrou os pulsos dele, lutando para respirar, tentando conter a inundação que se aproximava.

— Evan — implorou, com lágrimas escorrendo pelas têmporas. — Não consigo...

— Sim — ele disse, rouco, e Felicity se deixou levar. O prazer rugiu através dela enquanto as estocadas ficavam mais fortes e mais rápidas. A primeira onda mal começou a diminuir quando ele a tocou. Felicity gritou com a intensidade do sentimento, e Evan deu uma gargalhada rouca. — De novo — ele ordenou, acariciando-a no ritmo do movimento de seus quadris. Por mais incrível que parecesse, o prazer atingiu o pico mais uma vez, até que ela quase chorou, e então Evan foi mais fundo, inclinou a cabeça para trás e deu um grito de euforia.

Parecia ter se passado uma hora antes que ela pudesse ouvir qualquer coisa além da própria respiração irregular. Quando conseguiu focar o olhar, viu apenas Evan, inclinado sobre ela. As mãos dele ainda seguravam seus quadris, e ele ainda estava dentro dela. Um brilho de suor cobria a pele dele, e o homem exibia uma expressão de pálpebras pesadas que a lembrava das primeiras horas das manhãs.

Ele ergueu a cabeça. Gentilmente, quase com reverência, levantou o rosto dela para o dele. Esse beijo foi diferente: suave, saudoso, o tipo de beijo que um homem apaixonado poderia dar. Felicity retribuiu com fervor, perguntando-se se ele sentia a mesma coisa.

— Foi satisfatório? — ele murmurou, roçando os lábios nos dela.

— Muito. — Ela passou os dedos pelos cabelos dele.

— E foi apenas a primeira tentativa. — Ele pressionou outro beijo carinhoso em sua boca. — Leve-me para a cama, amor.

O coração de Felicity estremeceu com a última palavra. Se ao menos ela *fosse* seu amor... Sentiu que poderia ficar louca por ele, com muito pouca provocação.

Mas por aquela noite, seria o suficiente... teria de ser. Ela se envolveu com a capa amassada, pegou-o pela mão e o levou escada acima, até a sua cama.

Capítulo dez

Os dias seguintes foram os mais grandiosos da história da humanidade, na opinião de Evan.

Em parte foi pela expectativa de iniciar o projeto da Vine Street. Ele sempre sentia uma onda de energia e entusiasmo quando seus planos, há tanto tempo em elaboração, começavam a se transformar em pedra, ferro e gesso. Ele passava os dias no escritório do arquiteto, debruçado sobre alterações e ajustes de última hora.

Era verdade que a Madame Follette's ainda ficava no meio da rua, ocupada e aberta para negócios, enquanto o último dos inquilinos partia em carroças carregadas, mas Evan também tinha um plano para isso. Ele falou com o sr. Jackson, o dono da loja da Bond Street que Felicity queria. Jackson entendeu seu pedido, mas estava hesitante. E se Evan perdesse o interesse na loja depois de alguns meses e se recusasse a pagar a garantia, o homem quis saber. O conde ficou um tanto prejudicado por não usar Grantham para as negociações, mas achou que estava se dando bem sem o advogado. Mais cedo ou mais tarde, ele e Jackson encontrariam uma maneira de chegar a um acordo, e então Felicity teria a loja que desejava, ele teria rédea solta em Vine Street... e também a ela.

Todas as noites, depois que a Madame Follette's fechava, Evan ia até ela. Quando descobriu que ela estava acostumada a encomendar algo para comer no restaurante próximo, começou a levar o jantar. Comiam na aconchegante sala de estar, onde ela lhe mostrava esboços que fizera para clientes, que agora incluíam sua mãe e sua irmã, e ele contava como estava encantado com a construção. Eles conversaram sobre a própria infância, a dela em uma movimentada loja de Londres, e a dele na zona rural do País de Gales, e descobriram que faziam aniversário quase no mesmo dia, nascendo com apenas três dias de

diferença, em outubro.

Por acordo tácito, nenhum deles mencionou a mudança. Evan havia prometido que encontraria um local adequado para ela; ela disse que confiava nele. Conversavam sobre todo o resto e iam para a cama juntos, onde nenhuma palavra era necessária para construir um vínculo mais profundo entre eles do que qualquer outro que Evan já havia experimentado.

Suas visitas foram ficando cada vez mais longas, até que, certa manhã, ele acordou com Felicity nos braços e o sol no rosto. E quando ela abriu os olhos e lhe lançou um sorriso sonolento, com os cabelos dourados desgrehados sobre os ombros nus, Evan teve a impressão de que *ela* era a peça que faltava em sua vida. Desde que entrou no salão do Follette's e a viu, continuou sentindo a mesma sensação de contentamento, como se a vida estivesse completa, e finalmente admitiu que era por causa dela.

E expulsá-la às pressas da Vine Street arruinaria tudo.

Consequentemente, quando certa manhã ele voltou para casa ao amanhecer, depois de uma noite fazendo-a gritar seu nome em êxtase, e encontrou um dos funcionários de Grantham cochilando na soleira de sua porta, sua primeira reação foi franzir a testa. Ele sabia a razão de o homem estar ali, e não queria enfrentá-la. Sua assinatura era necessária para iniciar a demolição, e Evan, propositalmente, ainda não assinara nada. Ele mandou o homem embora com uma breve promessa de visitar o escritório de Grantham dentro de algumas horas, mas apesar dos intensos esforços enquanto se lavava, fazia a barba e se trocava, não pensou em nenhuma solução ideal para seu problema quando foi levado ao escritório do advogado.

Grantham foi direto como sempre.

— Como está o progresso com o modista imóvel?

Evan virou as costas para esconder a expressão. Só de pensar em Felicity, tinha vontade de sorrir, mesmo quando Grantham a chamava assim.

— Razoavelmente bem — disse, sem responder diretamente à pergunta.

— Trinta libras por ano no coração de Mayfair? Parece quase

impossível para mim.

— Dei a ela a minha palavra. — Só precisava que o sr. Jackson enxergasse a razão. Estava começando a incomodá-lo que o homem estivesse demorando tanto, e não pela primeira vez Evan desejou poder envolver Grantham no assunto.

Infelizmente, sabia o que o advogado diria: *não faça isso*. Ele adivinharia imediatamente porque Evan estava tão interessado em garantir o aluguel de Felicity e perguntaria se alguma mulher valia sessenta libras por ano. Como a resposta de Evan a essa pergunta era um sonoro *sim*, chegando até mesmo a um *vale qualquer quantia*, evitou tratar do assunto com o amigo.

— Você sabe tão bem quanto eu que sua palavra não era um contrato vinculativo — Grantham lembrou-lhe. — Ao contrário destes. — Ele bateu em uma pilha de papéis, assinados e carimbados pelo comissário da Woods and Fields, que havia aprovado o empreendimento da Vine Street. — É hora de seguir em frente, Carmarthen.

— Eu sei — Evan retrucou. A decisão não era apenas sua, agora que estava em jogo uma quantia significativa, incluindo fundos do Tesouro. Investidores e comerciantes esperavam que ele desse a ordem para prosseguir e não se importavam com o consentimento de Felicity.

Mas não poderia forçá-la a sair antes de lhe apresentar uma alternativa. Ela era extremamente dedicada à loja e a administrava bem; não era culpa dela que a elegante Londres continuasse se movendo para o oeste, ou que o desenvolvimento da Regent Street a tivesse afastado daquela parte da cidade. Madame Follette's significava tanto para ela quanto o castelo de Carmarthen significava para ele.

Parecia não haver nenhuma maneira de ele cumprir o cronograma com a Vine Street e agradar Felicity ao mesmo tempo; atrasar a demolição arruinaria sua reputação, mas quebrar a promessa que fez a Felicity...

Poderia arruinar o resto de sua vida.

— Bem. Você deveria me agradecer, então — Thomas Grantham disse com um sorriso arrogante. — Já resolvi o problema.

Evan franziu a testa.

— O quê? Você encontrou instalações?

— Não, encontrei um meio de libertá-lo do acordo com o diabo que você parece determinado a cumprir. — Grantham inclinou-se e estendeu-lhe um maço de papel. — Você me disse para enviar alguém para interrogar os moradores da Vine Street. Watson descobriu uma fofoca perdida, que ele acompanhou por capricho, o que o levou a isso.

Ele virou as páginas. Era uma declaração assinada pela sra. Mary Cartwright.

— O que é?

— Mary Cartwright foi costureira durante muitos anos na Madame Follette's. Ela foi desligada no ano passado, quando a filha assumiu. Parece que ela ficou amargurada e estava ansiosa para contar ao sr. Watson todos os boatos e reclamações envolvendo a dama.

— O que isso tem a ver com o nosso *problema*? — Evan perguntou, irritado. Era errado chamar Felicity de problema, embora ela estivesse no centro do caos da vida dele.

— Leia. — Grantham tirou os óculos e começou a limpá-los com um lenço. — Vou esperar.

Com uma estranha sensação de mau agouro, Evan sentou-se e leu. Grande parte eram reclamações menores, como a vez em que Sophie-Louise alterou um vestido que a sra. Cartwright havia feito sem avisar antes, ou da vez em que a mulher descontou do pagamento dela um pedaço de renda estragado, mas, na terceira página, Evan viu o que tanto agradou o advogado.

Sophie-Louise Follette fugiu de Paris no auge do Terror com a família que a empregava como criada, o conde e a condessa de Challe. Eles foram detidos no porto, onde o conde e a esposa foram impedidos de partir, enquanto Sophie-Louise foi autorizada a embarcar no navio com destino à Inglaterra. Aparentemente pensando que os revolucionários que guardavam o porto queriam roubar-lhes o dinheiro, a condessa de Challe deu a Sophie-Louise um notável, e muito valioso, conjunto de diamantes para guardar e instou-a a seguir para Londres e esperar por eles lá. Sophie-Louise pegou os diamantes,

chegou à Inglaterra e depois vendeu as gemas como se fossem suas. Com o dinheiro, ela comprou o número doze da Vine Street e tornou-se modista.

A sra. Cartwright alegou que Sophie-Louise confessou tudo para ela anos atrás, enquanto trabalhavam até tarde da noite. A francesa havia pedido que ela jurasse segredo na época. A sra. Cartwright manteve o segredo porque seu emprego dependia disso, mas agora que Sophie-Louise e Felicity a haviam tratado tão mal, não se sentia mais obrigada a permanecer quieta.

Evan sentou-se reto como uma estátua. A loja foi comprada com joias roubadas. Grantham sabia que poderiam usar isso para coagir Sophie-Louise a vender a loja, e por um preço muito mais baixo do que Evan esperava pagar. E se o conde de Challe, ou seus descendentes, pudessem ser localizados, poderiam mandar Sophie-Louise para a prisão.

Felicity ficaria arrasada. Ela perderia tudo o que amava... e o culparia.

— Você acredita nisso? — Evan perguntou, com os pensamentos acelerados.

Grantham deu de ombros.

— Tem um toque de vingança, mas fiz algumas perguntas. A sra. Dawkins, que se casou com Josiah Dawkins em 1795, de acordo com a paróquia de St. Martin, comprou aquele prédio em setembro de 1794. Ela pagou integralmente, e não consigo encontrar nenhum registro de hipoteca. Na verdade, a sra. Cartwright disse que a sra. Dawkins era bastante orgulhosa do fato de ser proprietária do prédio. — Ele deslizou os óculos de volta no rosto. — Outro fato interessante é que a filha dela provavelmente não é filha de Josiah. Há um registro de sua idade que sugere que ela nasceu antes do casamento da mãe.

Aquilo o atingiu como um tapa na cara. Felicity era ilegítima. A loja foi construída com fundos roubados. A mãe era ladra e mentirosa.

E, Deus o ajudasse, ele a queria de qualquer maneira. Ele a queria pela forma como seus olhos se iluminavam, pelo sorriso provocador que ela lhe dava, pela forma como ela corava quando ele murmurava palavras sedutoras em seu ouvido. Queria tê-la em seus

braços, em sua cama, em seu coração.

Ele dobrou a declaração e colocou-a no bolso do casaco.

— Encontre-os — ele disse.

— Encontrar quem? — As sobrancelhas de Grantham se ergueram. — Carmarthen, isso garantirá que os Dawkins cooperem de forma rápida e fácil. Mesmo que não haja recurso legal, qualquer indício de ilegitimidade ou roubo, vindo de um empregador aristocrático, nada menos, arruinaria seu nome e seu comércio.

— Os diamantes. — Evan se levantou. — Encontre os diamantes de Challe e compre-os.

O advogado o encarou como se ele tivesse enlouquecido.

— Fazer o quê?

— Compre os malditos diamantes! Todos eles! — Ele passou as mãos pela cabeça. Não tinha ideia do que faria com eles, mas ganharia tempo para pensar em algo.

— Carmarthen. — Thomas Grantham levantou-se da cadeira e inclinou-se sobre a mesa. Ele baixou a voz. — Em que você está pensando?

— Não sei — admitiu —, mas encontre esses diamantes. Se você conseguiu descobrir tudo isso, presumo que não será um problema.

Grantham olhou para ele de soslaio.

— Não precisamos deles para pressionar a sra. Dawkins.

— Mas eu os quero — ele disse entre dentes. Não precisava se explicar para Grantham... não que *pudesse* explicar, nem mesmo para si mesmo. — Você vai encontrá-los ou não?

— Sim — o outro homem garantiu depois de um momento. — Se você desejar.

Evan deu um breve aceno de cabeça e vestiu o casaco.

— Me avise quando os tiver. Até lá, nem uma palavra sobre isso para ninguém. E descubra o que aconteceu com o conde de Challe.

Ele saiu do escritório com a cabeça agitada pela incerteza.

Capítulo onze

Cantarolando baixinho, Felicity desceu as escadas para abrir o salão. Deveria estar cansada, já que Evan passou a noite lá e só saiu duas horas antes de Alice e Sally chegarem, mas ultimamente parecia que ela mal dormia. Corou um pouco ao pensar em como o conde a mantinha acordada. Se deixasse a mente vagar por aí por muito tempo, acabaria olhando para o nada, sorrindo como uma tola morrendo de amores.

Amor. Até a palavra levava um sorriso agriçoce ao seu rosto. Sabia que aquele homem era perigoso desde o primeiro dia em que o viu, mas não esperava se apaixonar assim. Ele era um aristocrata; ela, comerciante, mas ele a tratava como igual em inteligência e julgamento. Evan a ouvia, mesmo quando ela falava sobre os desafios de agradar lady Marjoribanks, que infalivelmente pedia vestidos feitos nas cores menos lisonjeiras, às vezes várias em um mesmo vestido. Ele a divertia contando histórias sobre coisas que encontrara dentro de prédios antigos, desde esqueletos de animais e diários até a época em que seus operários derrubaram um muro e descobriram que uma empregada maliciosa, em um passado distante, havia esvaziado penicos em um buraco na parede. Ele levava o jantar todas as noites, o que, depois de um longo dia em que mal tinha tempo para pensar, muito menos para comer, conquistou seu coração mais do que joias jamais poderiam ter conquistado.

Para si mesma, Felicity admitiu que estava apaixonada por ele. Para ele... ela não ousava dizer uma palavra. Não abrigava ilusões de que ele se apaixonaria por ela, mas se professasse seu amor em voz alta, isso levaria Evan a salientar que nunca lhe prometera amor. Se guardasse para si mesma, raciocinou, poderia fingir que ainda era possível que um dia ele pudesse retribuir o sentimento.

Passou pela loja e destrancou a porta, abrindo-a para deixar entrar um pouco de ar fresco enquanto varria os degraus. A Vine Street estava tranquila ultimamente; todos os outros inquilinos tinham ido embora. Felicity manteve os olhos em seus próprios passos enquanto passava a vassoura de um lado para o outro, sem querer pensar na bagunça que estava por vir. Evan deu sua palavra de que a ajudaria a se mudar, e ela prometeu que confiaria nele. Porém, ele não lhe mostrava uma loja nova há algum tempo, e se ela comesse a pensar demais naquilo, se perguntaria se ele havia se arrependido da promessa e acabaria forçando-a a sair, apesar de tudo, apesar de todos os prazeres maliciosos que compartilhavam em sua cama todas as noites. Portanto, tentou não pensar muito no assunto. Não queria que nada estragasse o seu brilho de felicidade, não ainda.

Uma carruagem entrou na rua deserta quando ela terminou de varrer. Por um momento, seu coração acelerou: *seria Evan?* Ainda era cedo para os clientes. Mas era uma carruagem de aluguel e, quando parou em frente a Follette's e a porta se abriu, uma pessoa conhecida desceu.

Os olhos de Felicity se arregalaram.

— Mamãe! — Ela largou a vassoura e correu para ajudá-la. — O que está fazendo aqui?

Sophie-Louise se endireitou e lhe lançou um olhar severo.

— Vim para salvar a minha loja, é isso que estou fazendo. O que você quer dizer com esta sugestão de a vendermos? — Ela puxou uma carta de sua bolsa e fez um floreio diante de Felicity.

Ela estremeceu. Depois que Evan deu sua palavra de que os ajudaria a se mudarem, ela escreveu para contar à mãe. Fazia parte da promessa que fizera a Sophie-Louise, de que escreveria quinzenalmente para informar sobre o andamento da loja. A mãe exigiu isso como parte do acordo.

— Sim, mamãe. É hora de vender, mas...

Sophie-Louise sacudiu a mão com desgosto.

— Nunca! — Ela marchou para dentro da loja, deixando Felicity mostrar ao cocheiro onde depositar a grande valise da mãe. Felicity olhou para a bagagem, alarmada. Parecia que a mãe pretendia ficar.

Isso não só causaria alvoroço na loja, mas também encerraria as visitas de Evan.

A mãe foi direto para a oficina, onde todas a cumprimentaram com gritos de surpresa. Sophie-Louise estava em seu elemento, abraçando Alice e Sally, conversando tranquilamente com Selina, cujo rosto estava vermelho de alegria. Ela queria ver o trabalho de todas, fazendo comentários e elogios, até que parou diante de um vestido no manequim de madeira.

— Para qual cliente é esse? — ela perguntou, surpresa.

Felicity pigarreou.

— A condessa de Carmarthen, mamãe. — A mãe e a irmã de Evan realmente foram a Follette's e encomendaram um bom número de vestidos. Não era de se surpreender que a condessa quisesse algo ousado e moderno, e Felicity se esforçou ao máximo para usar os toques de moda que mais lisonjeariam lady Carmarthen. Como resultado, não se parecia em nada com os vestidos produzidos por Sophie-Louise.

O olhar de Sophie-Louise se estreitou, mas ela apenas disse:

— Entendo.

O dia se passou em um torvelinho de atividades. Sophie-Louise retomou o controle da loja como se nunca tivesse saído, deixando Felicity se sentindo estranhamente em desgraça. Ela se ocupou com o próprio trabalho, concentrando-se no vestido de lady Carmarthen e tentando não pensar no filho da dama. Conseguiu enviar um bilhete para Evan por volta do meio-dia, informando que a mãe havia retornado e que ele não deveria visitá-la naquela noite.

A garganta estava apertada quando a selou, incapaz de conter o pensamento de que era provavelmente o princípio do fim, se não o fim definitivo, do caso deles. Dificilmente poderia ir até ele, e ele não poderia ir até ela enquanto a mãe estivesse morando ali novamente.

E por vários dias, ele não apareceu. A princípio, Felicity ficou aliviada, mas logo tudo se transformou em desespero sombrio. Sentia falta dele. Sentia falta de seu sorriso irônico, do timbre de sua voz, do toque de suas mãos. Sentia falta de poder fazer o que queria, sem que o olhar aguçado da mãe observasse tudo. Todas as noites, a mãe a

interrogava sobre algum aspecto do negócio até que Felicity sentir vontade de gritar.

Henry apareceu apenas brevemente, pelo tempo necessário para dizer à mãe que estava apaixonado e planejava se casar com Katherine Grant. Sophie-Louise entrou em êxtase, exigindo conhecer a jovem e insistindo em fazer as roupas da noiva, e então perdoou Henry por mandá-la embora da loja. Mais uma vez, Henry era incapaz de errar, e Felicity tinha que defender todas as decisões.

Mas o assunto que mais temia não surgiu. Sophie-Louise protestou contra o desenvolvimento da Vine Street, mas não perguntou sobre o homem responsável por ela. Felicity esperava que isso fosse por ignorância, mas por fim a mãe tocou no assunto.

— Conte-me sobre Carmarthen — ela pediu certa noite enquanto costuravam sob a luz do lampião. O dia estivera cinzento e sombrio, fazendo a Vine Street parecer ainda mais desolada do que o habitual, e agora a tempestade tinha chegado, com trovões rugindo no alto e chuva caindo. Preocupada, Felicity pensou no vazamento no telhado e fez uma rápida oração para que Evan ainda localizasse instalações adequadas. Tinha certeza de que a mãe aceitaria se mudar imediatamente se algo como aquela loja na Bond Street fosse encontrada.

Ela arrastou a mente de volta à pergunta de sua mãe.

— Ele comprou toda a rua. E também quer comprar a Follette's, para poder reconstruir tudo como está sendo feito na Regent Street.

— Não, Felicity, conte-me sobre *ele*. — Sophie-Louise lhe lançou um olhar penetrante. — Ouvi dizer que ele tem vindo muitas vezes à loja, mesmo à noite.

A agulha deslizou através do tecido, passou pelo dedal e atingiu a ponta do dedo dela. Felicity estremeceu.

— Ele é um conde. A mãe e a irmã dele encomendaram vários vestidos.

— Ele a levou para sair várias vezes. Alice me disse que ele é muito bonito.

Felicity puxou o fio com muita força e ele arrebentou.

— O que a senhora está perguntando, mamãe?

A mãe deu de ombros.

— É a Follette's que ele quer?

Ela olhou para cima e encontrou os olhos de sua mãe desafiadoramente.

— Sim.

Sophie-Louise não parecia convencida.

— Como ele reagirá quando não conseguir a loja?

Felicity hesitou, depois largou a costura.

— Mamãe, temos que vender. — Sophie-Louise reuniu fôlego para responder e Felicity levantou uma mão. — Ele está certo sobre a Vine Street. Está desmoronando, não está mais na moda nem é elegante. Temos um vazamento no telhado. Todos os outros edifícios foram vendidos e serão demolidos a qualquer momento. Em breve, nossos clientes não poderão chegar à nossa porta, e a loja ficará cheia de poeira.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Como pode defender isso? Esta loja é a minha vida!

— Mudar é a única maneira de salvá-la! — Felicity implorou. — Ele fez uma oferta generosa...

— Mas o que ele lhe ofereceu? — Sophie-Louise exigiu. — Não venderei para um homem que brinca com a minha filha, nem mesmo que ele me ofereça dez mil libras. — Chocada, Felicity caiu para trás na cadeira. A boca de sua mãe se firmou. — Esperei a semana toda para ouvir falar dele. Acha que não consigo ver a sombra que atravessa seu rosto toda vez que o homem é mencionado? Henri me contou um pouco, Alice e Sally um pouco mais, e Selina me contou o máximo: que você parecia uma mulher apaixonada. Mas ele não apareceu, nem você falou dele. Se ele partiu seu coração, nunca o perdorei, nem farei nada para ajudá-lo.

— Mamãe... — Sua voz foi sumindo, atordoada.

Sophie-Louise ergueu as sobrancelhas.

— Por que acha que voltei para Londres? É muito agradável em Brighton. Banho de mar é uma delícia.

Um minuto inteiro de silêncio reinou. Por fim, Felicity umedeceu os lábios.

— Ele não me prometeu nada — ela disse baixinho. — Eu me apaixonei por ele sabendo que isso nunca levaria a lugar nenhum. A senhora não deve culpá-lo.

A mãe fez um barulho zombeteiro.

Felicity suspirou.

— De qualquer forma, não importa. Não tenho notícias dele há dias. O que quer que tenha acontecido entre nós... acabou.



Evan caminhou pelas ruas de Londres pelo que pareceram horas antes de enfim virar na Vine Street.

O céu ameaçador deu lugar a uma tempestade violenta e ele estava completamente encharcado. Apesar de serem apenas dez horas, parecia meio da noite, de tão escuro que o dia estava. O que combinava com seu humor.

Ele ficou parado na calçada em frente à Follette's, com os olhos fixos nas luzes das janelas mais altas. Conhecia bem os quartos, depois das muitas noites que passara ali, conversando, rindo e fazendo amor com Felicity. Só de estar aqui mais uma vez, depois de tantos dias longe, sentiu seu coração doer. Deus, sentia falta dela.

O bilhete dela, avisando de que a mãe havia retornado e que ele não deveria visitá-la, foi ao mesmo tempo um alívio e uma crueldade. Cruel, porque ele pensou que nunca precisou tanto dela. Alívio, porque isso o isentava de vê-la com tanta agitação no coração e na mente.

Poderia renunciar a ela? Poderia ficar com ela?

Grantham achou que ele estava perturbado. A mãe ficou chocada. Evan sentiu que precisava contar a eles o que planejava fazer, mas nenhum deles ajudou a tranquilizá-lo. Então ali estava ele, sob uma chuva torrencial, tão infeliz quanto qualquer rapaz inexperiente.

As sombras na janela se moveram. De repente, a cortina foi aberta e lá estava ela, lutando com a janela, tentando abri-la alguns centímetros. O coração de Evan deu um grande salto ao vê-la e, antes

que percebesse, seus pés começaram a se mover, levando-o para o outro lado da rua. Não hesitando mais, ele ergueu a mão e bateu na porta para fazê-la ouvi-lo durante a tempestade.

Vários minutos depois, uma luz brilhou no salão. Segurando o lampião no alto, Felicity avançou e olhou para a escuridão. Seu rosto ficou pálido de espanto quando o viu, e ela se apressou para deslizar o ferrolho e abrir a porta.

— Sei que é tarde — ele disse antes que ela pudesse falar. — Eu tinha que ver você. Posso entrar?

Arrependimento brilhou no rosto dela.

— Evan...

— Por favor, querida — ele disse. — Ouça o que tenho a dizer.

Com o termo carinhoso, algo brilhou em seus olhos e um sorrisinho curvou seus lábios. Com um aceno, ela recuou e o deixou entrar, fechando a porta contra a chuva que caía lá fora.

— Quem está aí? É o Henri? — Outra mulher apareceu carregando um lampião.

Evan soube imediatamente que era a mãe de Felicity. Sophie-Louise tinha a mesma altura da filha, era um pouco mais curvilínea e muito mais grisalha. Os mesmos olhos azuis brilharam em seu rosto quando ela lançou um olhar imperioso para ele.

— Qual é o significado disso, senhor?

— Mamãe, este é lorde Carmarthen — Felicity falou. — Minha mãe, a sra. Dawkins, milorde.

— É um grande prazer conhecê-la, sra. Dawkins. — Ele se curvou de maneira muito formal, ignorando a chuva que escorria de seus ombros.

— Milorde. — A sra. Dawkins fez uma reverência superficial. — A loja está fechada.

— Eu sei. Peço desculpas por incomodar, mas... — Seu olhar voltou para Felicity, que tinha uma expressão de ansiedade composta. — Tinha que falar com a srta. Dawkins e não pude esperar nem até amanhã.

— Ah. O que o senhor veio dizer?

— *Mamãe* — Felicity protestou baixinho.

Evan voltou-se para a mulher mais velha.

— Sra. Dawkins, gostaria de comprar este edifício. Meu advogado, o sr. Grantham, escreveu-lhe diversas vezes para falar do assunto.

Ela fungou.

— Lembro-me das cartas dele.

— Na sua ausência, abordei sua filha, a srta. Dawkins. — Novamente ele olhou para ela. O que ela diria sobre isso? — Ela repetiu, com muita firmeza, sua oposição à venda, mas enfim chegamos a um acordo: ela a encorajaria a vender para mim se, e quando, um local adequado fosse encontrado em outro lugar para a Madame Follette's.

A sra. Dawkins olhou para a filha com furiosa consternação. Felicity corou, mas assentiu.

Evan seguiu em frente.

— Localizamos uma bela loja na Bond Street, mas o aluguel solicitado era muito alto. Acreditando que a srta. Dawkins a considerava perfeitamente adequada às suas necessidades, negocieei com o proprietário. Vim esta noite para lhe oferecer as instalações na Bond Street com a Clifford Street por trinta libras por ano.

Felicity ofegou.

— Mas como...

Ele havia comprado todo o prédio do sr. Jackson, a negociação foi concluída naquela tarde. Ele explicaria depois.

— Além disso, estou aumentando minha oferta por este prédio em duzentas libras — Evan disse, levantando uma mão para detê-la. — Podemos chegar a um acordo, sra. Dawkins?

O rosto da mulher mais velha ficou severo.

— Devo concordar com isso agora? Eu não vi a loja e, mesmo assim, não poderíamos sair daqui antes do Natal.

— Sra. Dawkins, os operários começarão a demolir a Vine Street dentro de uma semana. Todos os papéis estão assinados e arquivados. É vital que a senhora se mude o mais rápido possível.

Os olhos dela brilharam. Ela colocou o lampião no balcão e cruzou os braços.

— Minha resposta é a mesma que dei ao seu presunçoso advogado: não.

— Mamãe, a loja que ele mencionou é perfeita — Felicity falou com urgência. — Um grande avanço para a Follette's.

A mãe lhe lançou um olhar penetrante, mas Evan achou que havia uma falha em sua recusa inflexível. Ele enfiou a mão no bolso enquanto atravessava a sala em direção a ela.

— Talvez isso altere sua decisão. — Ele puxou uma pulseira de diamantes e colocou-a sobre o balcão, onde brilhava à luz da luminária.

Felicity, que o seguiu, ofegou.

— Bom Deus!

Evan encarou a sra. Dawkins. Ela franziu a testa para a pulseira. Ele puxou um colar e colocou ao lado. Os olhos da mulher brilharam em reconhecimento, mas ela não disse nada. Ele acrescentou um par de brincos e um broche antes que ela falasse.

— O diadema — foi tudo o que ela disse, em voz monótona.

— Desfeito — ele disse a ela. Essa foi a única peça que Grantham não conseguiu comprar, porque havia sido dividida há vários anos.

Felicity ergueu o lampião mais alto sobre as joias, com o rosto pálido.

— O que é isso?

— É uma ameaça. — A sra. Dawkins olhou para Evan com severidade. — Venda, ou o senhor vai me expor.

— Não. — Ele olhou para trás, mas pegou a mão de Felicity. — Não é uma ameaça. — Evan olhou para Felicity e sorriu para banir sua expressão ansiosa. — Espero que seja um presente de casamento.

Seus lábios se entreabriram e seus lindos olhos brilharam. Evan segurou a mão dela entre as dele.

— Estive perdido sem você nesses últimos dias. Eu amo você, querida. Case-se comigo, eu imploro.

Meio atordoada, ela ergueu a mão trêmula para tocar a bochecha dele.

— Você me ama?

— Loucamente — ele confessou. — Não sabia?

Um sorriso incrédulo se espalhou por seu rosto.

— Eu estava com tanto medo de ter esperança de que você pudesse...

O aperto dele em suas mãos ficou mais forte.

— Então?

— Sim — ela disse, começando a rir. — Sim!

— E? — ele perguntou, agora sorrindo como um tolo.

O sorriso de Felicity ficou mais caloroso e ela passou os braços pelo pescoço dele, apesar do casaco molhado.

— Eu amo você, Evan.

Ele teve tempo de roçar os lábios nos dela antes que Sophie-Louise Dawkins pigarreasse. A mãe de Felicity ainda estava pálida, com os olhos fixos nos diamantes no balcão.

— Onde o senhor conseguiu isso?

— Aqui e ali — Evan respondeu de forma vaga. — Tudo inteiramente legal, é claro. O conde de Challe nunca conseguiu sair da França. Já se passaram mais de vinte anos desde que as joias desapareceram, o que significa que ninguém pode ser processado. — Imaginou Felicity esparramada em sua cama, usando os diamantes e nada mais. — E agora eles são meus, para dar o destino que eu quiser.

Felicity, olhando entre eles, balançou a cabeça, confusa.

— Do que você está falando?

A mãe estendeu a mão e tocou com cuidado na pedra que pendia do colar, um diamante deslumbrante.

— Era de propriedade da condessa de Challe — ela falou em voz baixa. — Minha senhora na França. Quando o Terror chegou, ela desejou fugir. O conde demorou para reunir fundos e objetos de valor e, quando partimos para a Inglaterra, os revolucionários estavam atrás de nós. Fomos detidos em Calais. Meu mestre pensou que tudo seria roubado, então me deu as joias e um pouco de dinheiro, e me instruiu a continuar para a Inglaterra e esperar por eles lá. — Ela ergueu os olhos assombrados para eles. — Esperei meses, milorde. Meses sem nenhuma palavra, sem ajuda. O dinheiro acabou e eu... — Seu olhar se desviou para Felicity e depois para longe. — Eu tive que me sustentar.

Evan adivinhou o que ela deixou de dizer: ela estava esperando um filho, sem marido. Seus braços apertaram Felicity. Esses diamantes deram-lhe um lar seguro, uma infância feliz e, depois, um meio de subsistência. Graças a Deus, Sophie-Louise os vendeu.

— Eu não a culpo — ele comentou.

— A senhora comprou esta loja com o dinheiro das joias — Felicity sussurrou entorpecida. — Ah, mamãe...

A sra. Dawkins respirou fundo.

— *Monsieur le comte*, aceito sua oferta. Se o senhor for meu genro, não temerei que me mande para a prisão. O senhor pode comprar esta loja porque... — Ela sorriu, um pouco insegura, para Felicity. — Confio no julgamento da minha filha. Se ela disse que a outra loja é perfeita, isso é tudo de que preciso saber. Ela cuidou muito bem da Follette's na minha ausência.

— Obrigada, mamãe — Felicity falou baixinho.

A mãe ergueu uma sobrancelha, olhando dos diamantes para Evan e de volta para a filha.

— Acredito que eu é que deveria lhe agradecer — ela falou com gentileza, e virou-se em direção às escadas. — Estou indo agora. Pode beijá-lo o quanto quiser. — Ela saiu, levando um lampião.

Evan pegou o colar.

— Quando você quer se casar?

Felicity pressionou uma mão na testa, parecendo sobrecarregada.

— Tenho encomendas para terminar, sua mãe...

— Ela pode esperar. Eu, não. — Ele prendeu o colar em volta do pescoço dela e o admirou, ficando logo acima dos seios bastos. — Semana que vem?

Ela ofegou.

— Eu não tenho vestido!

— Use o azul que você usou no escritório de Grantham. Quase perdi o juízo quando você entrou. — Ele olhou para os diamantes novamente. — E isto.

Ela os tocou.

— Como você soube? E por que os comprou?

— Eu os comprei para que ninguém pudesse incomodar sua mãe

com esse assunto — ele disse, ignorando a primeira pergunta. Evan explicaria tudo mais tarde. — Então estamos de acordo: o casamento será na próxima semana.

Felicity começou a rir.

— Você precisa vencer todas as negociações que fazemos? — Ele colocou as mãos nos quadris dela e a impulsionou para que se sentasse no balcão, então apoiou o rosto no peito dela. Ao primeiro toque dos lábios dele em sua pele, a risada parou.

— Sim — ela sussurrou —, a próxima semana seria perfeita para mim.

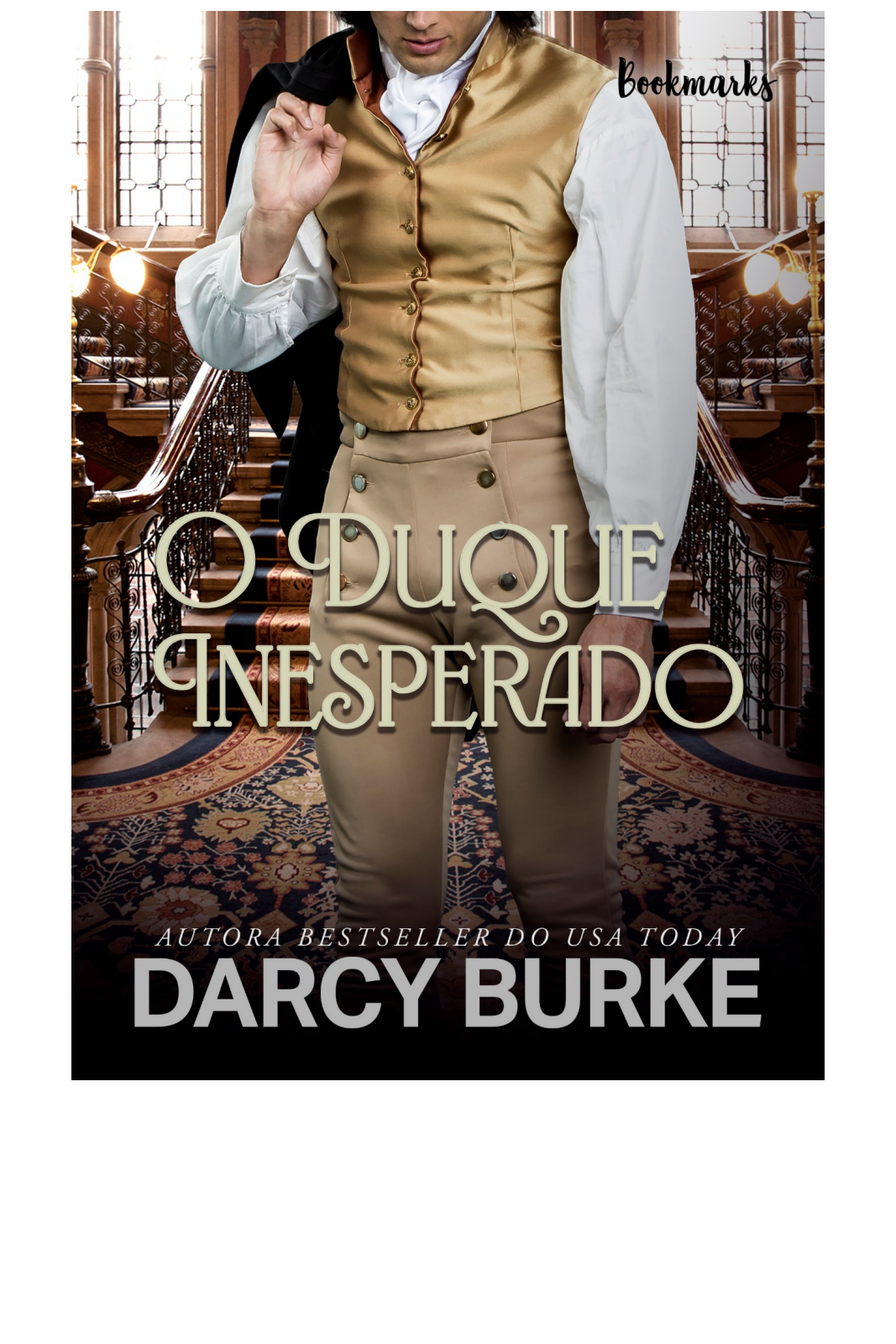
Evan sorriu e apagou o lampião.

— Excelente. Agora me beije o quanto quiser.

Na escuridão, ela sorriu, puxando-o para perto.

— Isso vai levar o resto da minha vida.

Fim.



Bookmarks

O DUQUE INESPERADO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

DARCY BURKE

O duque inesperado

Conheça mulheres inteligentes e independentes que decidiram que estão acima das regras da sociedade, das expectativas da família e, o mais importante, de um marido. Mas só porque não precisam de um homem, não significa que não possam querer um.

Graham Kinsley fica chocado ao herdar um ducado endividado e agora tem apenas um mês para pagar um empréstimo. Ele precisa de uma herdeira, ou encontrar uma maneira de recuperar as perdas do antigo duque. Quando conhece a sedutora Arabella, fica fascinado. Infelizmente, ela está tão falida quanto ele, mas se trabalharem juntos, poderão recuperar suas fortunas. Mas se continuarem dando beijos roubados, podem acabar perdendo o coração.

Arabella Stoke não pode se permitir ceder à atração que sente pelo duque empobrecido que prometeu ajudar a resgatar sua família da devastação financeira. Precisa encontrar um marido rico antes que o pai sucumba ao estresse de perder tudo. No entanto, à medida que Graham os aproxima de encontrar o vigarista que roubou o dinheiro deles, a guerra entre o que querem e o que precisam pode arruiná-los.

Capítulo um

Londres, março de 1819

— Devagar, Biscuit! — Arabella Stoke segurava com firmeza a bolinha de pelo que era a cachorrinha de sua mãe enquanto passeavam pelo parque. Era cedo, e ela estava bem agasalhada, desde a touca grande em sua cabeça até o avental limpo cobrindo a frente do seu corpo e as botas práticas que eram de um tamanho maior. Não temia que alguém a reconhecesse. Até o momento, isso não aconteceu, e ela vinha passeando com Biscuit pelo menos algumas vezes por semana desde janeiro.

Desde que o pai quase não conseguia mais sair da cama.

Respirando fundo, Arabella olhou para o céu azul. Estava frio, mas claro e bonito. No parque, pequenas flores como galanthus e narcisos brotavam da terra apagada enquanto a primavera lutava para vencer o inverno.

Biscuit puxou a coleira de novo, farejando de forma incessante em busca de algo. Arabella não podia culpá-la por sua empolgação. A cadela estava muito feliz por estar ao ar livre. Ela não fazia mais tantas caminhadas como antes, não desde que o pai ficou doente, ou, mais precisamente, desde que o número de criados deles diminuiu ao mínimo.

Com apenas cinco, incluindo o jovem cocheiro que também trabalhava em uma forja na Oxford Street, havia trabalho mais do que suficiente a ser feito. Passear com a cadela não era prioridade e, quanto mais tempo a mãe ficava à cabeceira do pai, menos Biscuit podia esticar as patas. Não que suas patas precisassem de muitos alongamentos, pois eram bastante curtas.

A mãe estava preocupada que Biscuit não estivesse fazendo exercício suficiente e insistia para que alguém a levasse para passear todas as manhãs. Como os criados nem sempre tinham tempo,

Arabella se vestia como um deles e, sem a mãe saber, levava Biscuit para passear.

Caminhar sozinha até o parque lhe parecera escandaloso, mas também emocionante. Agora, Arabella ansiava pela saída, e Millie, a criada da cozinha, normalmente era encarregada da tarefa, ficava agradecida por não ter que acrescentar mais trabalho ao seu dia.

Um pequeno animal, talvez um coelho ou esquilo, passou em disparada. Biscuit começou a latir e arrancou tão depressa que Arabella não conseguiu manter firme a coleira. A cadela saiu atrás do que quer que tivesse passado correndo.

— Biscuit! — Arabella partiu atrás da terrier, mas logo a perdeu de vista quando ela se escondeu em um denso grupo de arbustos. Resmungando uma imprecação muito pouco apropriada para uma dama, chamou a cachorrinha novamente. Os latidos cessaram, e uma gota de apreensão percorreu a espinha de Arabella. Suor frio escorreu por seu pescoço. Se algo acontecesse com aquela cadela, depois de tudo o que haviam passado, temia que o incidente esmagasse o que restava da vivacidade da mãe.

Apressando os passos, seguiu ao longo do caminho, parando para procurar em arbustos e atrás de árvores. Sua preocupação logo se transformou em pavor, estava temendo pelo pior, e logo se viu fora da trilha, em uma área arborizada que nunca visitara antes.

Parou e ficou imóvel, ouvindo, com o coração batendo em um ritmo frenético. Um sibilo vindo do outro lado das árvores a fez dar a volta. Entrou em uma pequena clareira e quase caiu quando algo arrancou a touca de sua cabeça.

Um gritinho escapou de sua garganta quando conseguiu se concentrar em uma figura grande. Ela piscou. Um homem. De camisa. Segurando uma espada.

— Maldição! — Ele avançou rapidamente, com o rosto franzido de horror e preocupação. — Você está bem?

Arabella levantou a mão e tocou a cabeça descoberta, então olhou para onde a touca emprestada jazia ao seu lado.

— Acho que sim. — Sua voz soou baixa e tranquila, nada parecida com a dela.

— De onde diabos a senhorita veio? — Ele se inclinou e pegou a touca.

Fechou os olhos por um momento para recuperar o equilíbrio, e então os abriu mais uma vez e o viu com muito mais clareza. Ele era alto e ágil, com cabelos escuros como azeviche, e olhos da mesma cor. Embora seu rosto estivesse abatido, ele era objetivamente atraente, com maçãs do rosto angulosas e um maxilar firme. Objetivamente atraente? Sim, qualquer um o acharia bonito até olhar para seus lábios. Eles poderiam ser descritos como lindos de um jeito pecaminosos. O inferior era o mais espesso dos dois, mas o superior tinha uma curva curiosa na parte superior, dando-lhe o formato de um coração. Um coração sedutor que convidava para beijar.

Beijar?

Seu olhar desceu para o triângulo de pele exposta pela abertura da camisa. Não via tanto de um homem há seis longos anos, e quando pensava nisso... bem, não era de se admirar que pensasse em beijar.

— Senhorita? — ele a instou ao estender a touca.

Arabella a pegou, e a mão nua roçou na dele. Um arrepio de anseio percorreu seu braço. Amassou a touca e deu um passo para trás.

— Obrigada. — Estava agradecendo a ele? O homem quase a matara com aquela espada. — O senhor quase me decapitou.

O homem estreitou um dos olhos ao inclinar a cabeça para o lado.

— Eu nem cheguei perto de lhe decapitar. — Ele se endireitou. — Além disso, essa lâmina é feita para perfurar, não para cortar, é por isso que sua touca está intacta.

Ela observou a arma que ele segurava na mão direita, apontada para o chão.

— É feita para duelos, não é?

— É feita para esgrima, que é o que eu estava praticando. Vou perguntar novamente, de onde diabos a senhorita veio? Esta é uma área bastante remota do parque.

De fato. Ela colocou a touca sobre os cabelos e olhou ao redor, sem reconhecer nada. Na verdade, se perguntou se conseguiria

encontrar o caminho de volta. Ou encontrar Biscuit.

Biscuit!

— Estou procurando Biscuit. Minha cachorra.

— A senhorita tem uma cachorra?

Estava vestida como uma criada, alguém que geralmente não tinha cachorros, não é mesmo?

— Da minha senhora. Ela viu um animal pequeno e saiu correndo atrás. A cachorra, quero dizer, não a minha senhora.

Um traço de sorriso brincou nos lábios dele, aqueles que pareciam tão convidativos para serem beijado.

— Entendi. Então, precisamos encontrar... como disse que era o nome dela? A cachorra, não sua senhora. Biscuit?

Ela assentiu.

— É um terrier. Mais ou menos desse tamanho. — Arabella afastou as mãos para dar uma ideia do tamanho de Biscuit.

— Parece que *ela* é o animal pequeno — ele observou. — Onde a viu pela última vez?

— Entramos pelo Cumberland Gate. Ela saiu correndo perto de lá.

— Tem certeza de que ela veio para este lado? Estamos quase no Kensington Gardens.

Os ombros de Arabella se afundaram.

— Não, não tenho certeza. Ela estava latindo e depois parou. Estou preocupada que algo terrível tenha acontecido.

Ele se aproximou dela e deu um tapinha em seu ombro.

— Calma. Pense positivo. Tenho certeza de que Biscuit está bem. A senhorita parece bastante apegada à cachorra da sua senhora, mas, bem, imagino que provavelmente passe mais tempo com ela.

Isso foi uma crítica à classe alta? Não, não podia ser, porque ele claramente era da alta classe. Quem mais praticaria esgrima no Hyde Park? Espere, por que ele não estava praticando em casa ou no Angelo's? Ela ignorou o tremor de consciência que irradiava de onde ele a tocou no ombro.

— Por que o senhor está praticando aqui?

Ele hesitou, e ela se perguntou se fizera uma pergunta que ele

não queria responder. Céus, era uma criada. Não deveria fazer perguntas a ele de jeito nenhum!

— Peço desculpas. — Fez uma mesura. — Não quis ofender. Preciso encontrar Biscuit.

— Deixe-me ajudar. Espere um momento. — Ele se dirigiu a uma pedra onde agora ela viu suas roupas abandonadas. Pegou a bainha, guardou a espada e apoiou a arma na pedra. Em seguida, vestiu o colete e logo o casaco. Passou o plastrão pelo pescoço, deixando a seda branca cair sobre as lapelas do casaco. Havia algo atrativamente desarmante em sua aparência despojada. Ela teve que dizer a si mesma para olhar para outro lugar, senão ele perceberia que ela o encarava.

Quando o homem apareceu diante dela, a espada estava presa à cintura e um chapéu elegante repousava sobre a cabeça de cabelos escuros.

— Vamos encontrar a cachorra da sua senhora — ele chamou por cima de sua cabeça: — Biscuit! — Embora ele fosse quase trinta centímetros mais alto que seus um metro e sessenta, ela ainda se assustou com o som.

O homem parecia ter percebido, pois logo se desculpou.

— Não quis assustá-la. Vamos caminhar na direção em que ela correu?

— Sim, por favor. — Ela liderou o caminho para fora da clareira e se orientou de volta, contente por não estar realmente perdida. Apenas desorientada por um cavalheiro pouco vestido que ela gostaria de ter visto praticando esgrima. Imaginou que seus músculos se destacavam de forma espetacular quando ele empunhava a espada.

Outros significados para “empunhar a espada” ricochetearam em sua mente, e ela se repreendeu mentalmente por seus pensamentos impuros. Eles a levaram à tentação uma vez, e não podia permitir que a levassem de novo. Em especial, não com um homem assim. Um cujo nome ela não sabia e não perguntaria.

Chamaram por Biscuit em revezamento enquanto caminhavam, primeiro ela, depois ele.

— A senhorita costuma trazer a cachorra aqui para passear?

— Nem sempre — ela disse. — E provavelmente nunca mais, suponho. Se eu a encontrar. — Não conseguiu evitar que a angústia se insinuasse em sua voz.

Ele parou, virando-se para ela, e segurou gentilmente seus ombros.

— Vamos encontrá-la. Não se preocupe.

— Se eu não a encontrar, minha... — ela quase disse mãe — senhora ficará muito chateada.

— Espero que não com a senhorita — ele disse. — Não foi culpa sua.

— Não, ela não ficará brava comigo. — Ela só ficaria inconsolável, e já estava aflita com os problemas que estavam enfrentando.

— Isso é bom.

O som distante de um latido os fez paralisar. Os olhares se encontraram, se prenderam e se arregalaram ao mesmo tempo.

Ele virou a cabeça na direção do latido agudo.

— Isso foi a...

— Biscuit! — ela terminou.

Eles se apressaram em direção ao Cumberland Gate, chamando o nome da cachorra ao mesmo tempo. A terrier apareceu no caminho, as patas curtas a levando muito mais rápido do que qualquer um pensaria ser possível, arrastando a coleira de couro marrom atrás dela.

Arabella pegou a cachorra com um grito aliviado.

— Aqui está você, sua apalermada!

Uma risada masculina lhe causou arrepios no pescoço enquanto o cavaleiro se aproximava.

— Apalermada? Biscuit, acho que você está em apuros. — Ele se inclinou e coçou a cabeça da cachorra. Então o olhar encontrou o dela novamente. — A senhorita não será muito dura com ela, certo? Receio que eu tenha um fraco por cachorrinhas, até mesmo pelas apalermadas.

Arabella beijou a cabeça macia de Biscuit.

— Ela será inundada com petiscos quando chegarmos em casa, então não se preocupe muito com ela.

Por um momento, ele ficou olhando Arabella, ou, mais especificamente, para a sua boca, antes de piscar. Ele limpou a garganta e desviou o foco em direção ao portão.

— Fico contente por saber que ela está segura. Por favor, aceite minhas desculpas por ter derrubado sua touca. Fico bastante concentrado quando estou praticando. Não a ouvi se aproximar. — Ele a olhou novamente, e ela notou um leve corado em sua face. O fato de ele sentir remorso e talvez até um ligeiro constrangimento a deixou curiosa.

Quem era esse homem?

Ah, Deus. Embora não soubesse quem ele era, o cavalheiro era claramente *alguém*. Presumivelmente, ela o conheceria durante a Temporada, e então o que ele diria? *Por que uma criada está em um baile?*

Arabella inclinou a cabeça para baixo, como se de alguma forma pudesse apagar seu rosto da memória dele.

— Preciso ir. — Ela se afastou dele e, em sua pressa, quase tropeçou.

Ele a segurou pelo cotovelo, mantendo-a de pé.

— Cuidado.

Ela lançou a ele um olhar rápido de agradecimento.

— Obrigada. Bem, adeus.

Retirando-se de seu alcance, segurou Biscuit com firmeza enquanto se apressava para sair do parque. A cadelinha se contorcia e latia.

— Quieta — Arabella a repreendeu. — Não causou problemas suficientes por hoje? Se eu te colocar no chão, promete se comportar?

Biscuit latiu em resposta.

— Boa garota. — Arabella a colocou no chão, mantendo um controle firme sobre a coleira. Conduziu-as até a Oxford Street e caminhou depressa em direção à Holles Street, onde viviam a um quarteirão da Cavendish Square.

Era uma casa estreita e modesta pela qual mal conseguiam pagar. Quando Arabella visitava sua vizinha, a srta. Phoebe Lennox, que morava em um imóvel grande e elegante na praça, logo ao virar

da esquina, tinha consciência do quanto a família decaíra. No ano anterior, haviam alugado uma casa maior e contratado dez criados. Além disso, tinham uma carruagem e quatro cavalos. No ano anterior a aquele, uma casa ainda maior com quatorze criados. Parecia óbvio agora para Arabella que eles viveram além de seus meios por um bom tempo. A perda, no ano passado, da pequena propriedade no campo, a casa onde ela havia nascido, foi um grande golpe. O golpe, provavelmente, que levou à rápida deterioração da saúde de seu pai.

Como desejava poder ser como Phoebe, que herdara uma fortuna no ano anterior. Phoebe se declarou solteirona e se instalou na Cavendish Square.

Se Arabella herdasse uma fortuna, poderia salvar a família, restaurar a saúde do pai e talvez até conquistar a independência de que Phoebe desfrutava. Mas era um sonho, e um impossível. Se houvesse algo a ser herdado, ela já o teria feito, e a família não estaria na situação precária em que se encontrava agora.

Arabella desceu os degraus da entrada dos criados e entrou. A cozinheira chamou da cozinha:

— Srta. Arabella, já chegou, espero?

— Sim, sra. Woodcock. — Ela soltou a coleira de Biscuit e deixou a cachorra seguir em direção à cozinha. Em seguida, retirou a touca e o casaco, pendurando-os em um gancho perto da porta.

Ela entrou justamente quando a cozinheira servia um prato de comida para Biscuit. A sra. Woodcock franziu a testa.

— A senhorita demorou muito.

— Biscuit saiu correndo. — Arabella olhou com carinho para a cachorra enquanto ela devorava seu café da manhã.

— De novo? Ela fez isso com a Millie na semana passada. — Millie era filha da sra. Woodcock. A cozinheira observou a vestimenta de Arabella. — É melhor se trocar para o café da manhã. Millie o servirá em breve.

Embora Millie fosse uma criada da cozinha, muitas vezes ajudava a única outra criada da casa, Janney, que desempenhava as tarefas de criada e dama de companhia. Na verdade, todos os empregados na casa realizavam todo tipo de trabalho. Era preciso.

Assim como Arabella ajudava na cozinha e fazia todo o trabalho de costura.

— Obrigada, sra. Woodcock. — A moça subiu as escadas dos fundos até o segundo andar, onde ficava seu quarto. O quarto dos pais era no mesmo andar, e ela tomaria o café da manhã na sala de estar deles com a mãe e o pai, se ele se sentisse bem.

Rapidamente, trocou a roupa de criada por um vestido simples de dia. O modelo tinha três anos, então o relegara a vestido de trabalho, e planejava reformar um vestido de noite depois do café da manhã, para ter algo novo para usar no baile dos Thursby no fim da semana.

Quando chegou à sala de estar dos pais, encontrou a mãe andando de um lado para o outro diante das janelas que davam para a rua lá embaixo. Isso nunca era um bom sinal. Andar de um lado para o outro geralmente significava que o pai teve uma recaída.

— O que há de errado? — Arabella perguntou sem rodeios. A mãe sempre preferia ir direto ao ponto.

Mariah Stoke parou de se mover, seu rosto estava pálido e contraído. Fios brancos haviam começado a se misturar aos loiros, e havia novas rugas ao redor de seus olhos verde-escuros.

— Ele vomitou esta manhã, e havia sangue. Quero chamar o médico, mas ele me fez prometer que não faria isso.

Porque não havia dinheiro. Ou havia muito pouco. Eles mal conseguiam manter a casa com o que ainda tinham.

— O que mais podemos vender? — Arabella perguntou, embora temesse a resposta. Já tinham vendido a carruagem e os quatro cavalos, qualquer objeto de valor, incluindo algumas pinturas, uma escultura e a prataria, e a maior parte da pequena coleção de joias da mãe.

— As pérolas da minha avó. Seu pai não vai gostar, mas é preciso. — O olhar dela ficou triste. — Sinto muito, querida. Eu realmente esperava que pelo menos isso você pudesse ter.

Um ano atrás, Arabella poderia ter ficado triste, mas o tempo de se importar com coisas materiais havia passado. Venderia qualquer coisa para salvar o pai. Eles eram uma família unida, apenas os três, já

que seus três irmãos mais velhos morreram antes dos doze anos. Eles se agarravam uns aos outros de maneira primitiva e vital, como se sua sobrevivência dependesse disso.

Arabella atravessou o quarto e segurou a mão da mãe. Ela lhe abriu um sorriso encorajador.

— Está tudo bem. Eu fico melhor com diamantes de qualquer forma.

Isso teve o efeito desejado, pois a mãe riu, e as linhas em seu rosto suavizaram. O calor, no entanto, foi efêmero, pois cedo demais a tristeza tomou conta dos traços dela.

— Cuidarei do colar mais tarde hoje, depois de chamar o médico.

— O que diremos ao papai? — Arabella perguntou. — Que nosso benfeitor está pagando por isso? — Era uma invenção flagrante. Não havia benfeitor, nenhuma família rica ou amiga bondosa que lhes emprestaria dinheiro.

A mãe suspirou.

— O que mais podemos dizer?

O fato de ele acreditar que tinham um benfeitor mostrava que não estava pensando com clareza. Como poderia quando passava a maior parte do tempo dormindo? Ou olhando desoladamente pela janela? Ele se sentia tão culpado por tê-los levado àquela situação devido a um investimento ruim e seus gostos caros.

— Arabella, a necessidade de você se casar nunca foi tão urgente. Você deve encontrar um marido. E rápido.

Não apenas qualquer marido, mas um rico. Quando os problemas financeiros deles começaram a surgir há um ano e meio, o pai anunciou que era hora de ela se casar com o filho do melhor amigo dele, o conde de St. Ives. O antigo conde, melhor amigo do pai, concordou pouco antes de morrer. No entanto, apesar de o atual conde prometer honrar os desejos do pai, o casamento não se concretizou. O conde se apaixonou e se casou com outra pessoa.

Embora Arabella tivesse se sentido aliviada por ter escapado de uma união arranjada, também estava ciente da decepção do pai. Mas, na época, não percebera o tamanho de sua desesperança. Estavam

quase falidos, e era apenas questão de tempo até que acabassem na prisão dos devedores. Ou assim dizia o pai. Ele se recusava a permitir que ela ou a mãe vissem as contas, dizendo que não era apropriado que elas tivessem que se preocupar com o assunto. Mas como poderiam não se preocupar?

Arabella reprimiu a irritação. Odiava aquela situação, mas não podia mudá-la. No entanto, poderia consertá-la, casando-se com um cavalheiro rico. Pena que nenhum deles houvesse pedido sua mão.

— Decerto haverá alguém no baile dos Thursby — disse a mãe com um sorriso radiante.

Uma imagem do cavalheiro que conhecera no parque invadiu sua mente. Ele estaria no baile? Esperava que sim. Com sorte, ele seria rico e se declararia apaixonado por ela. Ele não se importaria que ela tivesse se disfarçado de criada e insistiria que se casassem imediatamente, por meio de uma licença especial. Todos os seus problemas seriam resolvidos.

Preferiria escolher um marido avaliando fatores além da segurança financeira, mas com base em seu breve encontro naquela manhã, ele era prestativo, atencioso e bastante letal com uma espada. Além disso, era extremamente atraente.

Na verdade, preferia não escolher ninguém. Depois de esperar se casar com um homem e agora esperar se casar com quem pudesse, a ideia de se tornar membro da Sociedade das Destemidas era muito mais atraente.

— *Deve* haver alguém — a mãe disse, juntando as mãos até os nós dos dedos ficarem brancos. — Se não receber uma proposta em breve, talvez precisemos considerar forçar uma.

Arabella paralisou.

— A senhora não está sugerindo...? — Ela não conseguia nem dizer.

A mãe assentiu com firmeza e deixou as mãos caírem ao lado do corpo.

— Causa uma situação comprometedora. Obviamente, não é o ideal, mas estamos em um cenário desesperador.

Sim, estavam, mas se rebaixariam tanto?

— Não sei se consigo fazer isso — Arabella disse baixinho.

— Eu também não. — A mãe irrompeu prontamente em um dilúvio de lágrimas.

Arabella correu para abraçá-la, acariciando suas costas em círculos reconfortantes.

— Vamos encontrar uma solução. Prometo.

Depois de alguns momentos, a mãe controlou as emoções, afastou-se do abraço de Arabella e lhe deu um tapinha nas costas.

— Você não pode contar a ninguém — a mãe disse pela centésima vez. — Ninguém deve saber. Se descobrirem, você nunca receberá uma proposta.

— Sim, eu sei. — Por que mais ela trabalharia tão duro para redesenhar seu guarda-roupa ultrapassado e estudar as últimas tendências de moda e penteados? Fazia o possível para mostrar que não estavam na miséria e acreditava que estava indo bem. Mas alguém acabaria descobrindo, em especial quando percebessem que ela e a mãe iam para os bailes em uma carruagem com um criado, o jovem cocheiro, na parte de trás.

A mãe fungou.

— Estamos ficando sem tempo. Seu pai pode morrer, e onde estaremos então? Se eu não acabar na prisão, teremos que nos impor à minha prima em Hertfordshire, e eles mal têm condições de prestar ajuda. Que tipo de futuro é esse para você? Obscuridade em uma fazenda no meio do nada, provavelmente passando a vida sozinha. — Ela balançou a cabeça. — As coisas não deveriam ter acontecido assim. Você deveria ter se casado com aquele cavalheiro em sua primeira Temporada. Qual era o nome dele?

— Miles Corbett. — O pai havia recusado o pedido de Miles, insistindo que ela se casaria com o herdeiro do conde de St. Ives quando o rapaz estivesse pronto.

Miles a chamara para fugir para Gretna Green, mas ela não teve coragem de deixar a família. Não, não era bem verdade. Não tivera vontade de desapontá-los. Não se arrependia de sua decisão. Na maioria das vezes.

— O que aconteceu com ele? — a mãe perguntou.

— Deixou a Inglaterra em busca de fortuna. — Porque o pai deixara claro que ele não era digno de Arabella. Às vezes, ela se perguntava o que havia sido dele, pois o homem sempre seria seu primeiro amor.

— Ah, bem, ele não teria os fundos para nos salvar da desgraça.
— Seria mesmo uma desgraça se o pai tivesse conseguido evitá-la?

Arabella endireitou a coluna. Pensamentos assim não ajudavam. Aquela era a realidade deles. Era o que tinham que enfrentar.

— Vou me casar em breve, mãe. Eu prometo.

Simplesmente não havia outra opção.

Capítulo dois

Inferno e danação.

Raios que os partam.

Filho da puta.

Uma dúzia de imprecações martelaram o cérebro de Graham Kinsley enquanto ele se dirigia do banco até a carruagem que acabou de chamar. Depois de dar instruções ao cocheiro sobre o destino, entrou no veículo e carranqueou.

Havia três anos que a hipoteca não era paga, e o banco estava cansado de esperar. A menos que Graham conseguisse pagar as parcelas atrasadas, eles tomariam posse de Brixton Park. A quantia era astronômica, e como Halstead Manor, a propriedade vinculada, não era lucrativa e o antigo duque deixou para ele uma montanha de dívidas, simplesmente não havia como evitar a execução da hipoteca.

Maldição, maldição.

Graham passou a mão pelo rosto e jogou o chapéu no banco ao seu lado. Tinha de haver uma solução. Ele se recusava a perder Brixton Park. O terceiro duque de Halstead havia construído a impressionante casa de campo nos arredores de Londres, e o sétimo duque não a perderia por causa da estupidez do sexto.

A realidade de que ele, Graham Kinsley, filho de um secretário e ele mesmo um secretário até seis meses atrás, era agora o duque de Halstead, o envolveu novamente como algo improvável e inacreditável, assim como quando recebeu pela primeira vez a notícia de que era o herdeiro presumido.

O conselho do gerente do banco ecoou na mente de Graham:

— *Venda Brixton Park antes de tomarmos posse da propriedade.*

Vender a única coisa com que o pai mais se importava, além de sua falecida esposa e seu amado filho? Não podia fazer isso. Embora

nem ele nem o pai jamais tivessem vivido lá, a propriedade representava seu legado, a vida que lhes fora roubada. Seu vínculo com a propriedade era muito pessoal e muito real. Devia haver outra maneira.

Na verdade, existiam duas. A primeira era recuperar o dinheiro que o antigo duque investira em um esquema terrível. Ele perdeu literalmente uma fortuna, e uma fortuna que não tinha porque já estava endividado até o pescoço. Graham examinou os registros cem vezes, e ainda não tinha ideia de com quem o dinheiro foi investido, e o secretário do duque afirmava que também não sabia.

Sem recuperar o investimento, restava apenas uma opção: casar-se com uma herdeira.

Graham acabara de herdar um ducado. Sua vida inteira estava de cabeça para baixo. Encontrar uma esposa estava longe de ser uma prioridade. E preferia que assim o fosse. Sabia que um dia teria que se casar, por dever e tudo mais, mas, no momento, precisava se reerguer.

A carruagem parou em frente à residência de seu antigo empregador e melhor amigo, o conde de St. Ives. Graham pagou ao cocheiro e subiu até a casa. O mordomo, Trask, abriu a porta e o cumprimentou.

— Sua senhoria está no escritório, caso queira se juntar a ele. E a senhora está na sala de estar entretendo lady Northam e a lady Ware.

— Obrigado, Trask. — Graham entregou chapéu e luvas ao mordomo e subiu a escada até o primeiro andar.

A porta da sala de estar ficava à esquerda da escada, então ele entrou para cumprimentar as damas antes de seguir até o escritório de David.

— Ora se não é o novo duque de Halstead! — A marquesa de Northam, que era uma querida amiga da condessa de St. Ives, Fanny, exclamou com um sorriso acolhedor. — Fanny acabou de nos contar que o senhor passou a noite. Alugou uma casa para a Temporada, ou Brixton Park fica perto o suficiente para tornar desnecessário?

Ele se sentou em uma cadeira.

— Definitivamente desnecessária. Brixton Park fica a apenas oito quilômetros daqui.

— Espero que planeje fazer uma festa — a marquesa disse. — O último duque não convidava ninguém. — Provavelmente porque estava vendendo o interior da casa, peça por peça, para pagar os credores.

— Ela quer investigar as formações rochosas da propriedade — lady Ware explicou de seu lugar ao lado da marquesa.

Graham se lembrou de que lady Northam era geóloga.

— Tenho certeza de que haverá oportunidade para a senhora explorar o local. — Embora não nesta Temporada. Levaria tempo e *dinheiro* para restaurar a propriedade ao que ela merecia ser, ao que era antes, ao que seu antepassado havia construído.

— Quando planeja fazer sua estreia como duque? — lady Northam perguntou.

— Tenho tentado convencê-lo a comparecer ao baile dos Thursby — Fanny disse, olhando na direção dele antes de voltar-se para as amigas. — Seis meses é um período apropriado de luto, especialmente por um membro da família que ele não conhecia.

— O senhor não conheceu o antigo duque? — lady Ware perguntou.

Graham balançou a cabeça.

— Nunca me encontrei com ele. Éramos parentes distantes. Ninguém ficou mais chocado do que eu quando me tornei herdeiro presumido no verão passado. — Isso aconteceu quando o pai morreu repentinamente, semanas após *ele* se tornar herdeiro presumido. O duque o seguiu dentro de dois meses.

Quase dois meses em que o duque poderia *e deveria* tê-lo convidado a visitar as propriedades que ele herdaria, revisar as contas, prepará-lo para a dívida esmagadora que estava prestes a carregar. Mas o homem não o fez. Ignorou Graham tanto naquela época quanto ele e seus antecessores haviam ignorado sua linhagem por quatro gerações. Tudo por causa de uma mentira.

A expressão de Fanny ficou mais sombria.

— Sobre o baile dos Thursby... — Ela balançou a cabeça. — Não se preocupe. Deixarei o David explicar. — Ela forçou o sorriso de sempre. — Você será o solteiro mais cobiçado da Temporada. — Ela

lançou um olhar para lady Ware. — Junto com Anthony, é claro. — Anthony era o irmão de lady Ware, o visconde Colton.

— Anthony pode até ser cobiçado, mas não está buscando ninguém — lady Ware respondeu, franzindo a testa. — Ele ainda está sofrendo após a morte de nossos pais. — Ela se animou e se concentrou em Graham. Ficou claro que ela não queria se deter na memória terrível de ter tido os pais assassinados por um salteador no ano passado. — E quanto ao senhor? Vai atrás de uma esposa?

Lady Northam riu.

— Ele não precisará se esforçar muito. Tenho certeza de que as jovens o perseguirão. — Ela semicerrou os olhos. — O senhor não é um devasso terrível como o marquês de Ripley, não é?

Graham não estava completamente ciente de todos os títulos e reputações, mas de Ripley ele ouvira falar. Na verdade, viu o homem no Brooks's na noite anterior... com o visconde Colton. Decidiu não mencionar o fato.

— Não sou um devasso. Pelo menos, acho que não sou.

— Mesmo assim, o senhor será estudado e discutido, esteja avisado — lady Northam comentou.

— Obrigado? — Ele riu. — Então, se vou ser dissecado, gostaria de saber de quem devo ficar longe. Se eu estivesse interessado no Mercado Casamenteiro, o que não estou. Eu preferiria não me encontrar acorrentado tão cedo. — Infelizmente, desejar e precisar não eram a mesma coisa, e ele *precisava* de uma herdeira. Talvez elas pudessem ajudar sem perceber o que ele estava procurando.

— Definitivamente, deve manter distância de quem está em sua primeira Temporada — lady Ware avisou. — São as mais famintas. O senhor estará mais seguro com damas mais maduras.

Lady Northam assentiu em concordância.

— Como Phoebe, embora eu duvide de que ela participe de muitos eventos.

Lady Ware pegou um bolo na mesa diante do sofá.

— Não desde que fundou a Sociedade das Destemidas.

— E o que seria isso? — Graham perguntou.

— Começou como uma brincadeira, quando alguém se referiu a

Phoebe, a srta. Lennox, como solteirona, e ela disse que estava mais para um espírito destemido — Fanny explicou. — Ela herdou uma bela quantia no ano passado e comprou uma casa na Cavendish Square. Vive de forma independente.

— É maravilhoso. — O tom de lady Northam refletia profundo respeito e admiração. — Se eu não tivesse conhecido Beck, ficaria feliz em me juntar ao clube dela. E precisam de mais membros, já que é apenas ela, Jane Pemberton e a vizinha de Phoebe.

Graham ouviu o que disseram, mas sua mente estava fixada em uma parte: que Phoebe Lennox herdara uma bela quantia. A mulher parecia perfeita: madura, desinteressada em casamento e rica. Bem, ele precisava que ela estivesse ao menos vagamente interessada em casamento, mas talvez pudessem chegar a um acordo mutuamente benéfico. O dinheiro dela em troca de... o quê? Ela não parecia do tipo que se deixaria impressionar por um título, nem mesmo o de duquesa.

Oh, céus, tinha um desafio pela frente.

Mas Graham nunca recuava diante de um. No entanto, elas também disseram que a srta. Lennox não frequentava eventos sociais. Não importava, ele faria uma visita.

Sorrindo, David, conde de St. Ives, entrou na sala de estar.

— Pensei ter ouvido sua voz, *Vossa Graça*.

Claro que David não precisava usar um tratamento tão formal, mas era um jogo, e Graham o iniciara. Eram amigos desde que podiam se lembrar, e sempre se trataram pelo primeiro nome. Até David herdar o condado, o que era esperado, é claro. Graham insistia em chamá-lo de *milorde* na maioria das vezes, apesar de David dizer a ele para não fazer isso. Agora, David se deliciava em se dirigir a Graham, que nunca esperou se tornar um duque, como *Vossa Graça*.

Graham precisava simplesmente aceitar. Ele sorriu para David.

— Sim, é verdade, tenho um título superior ao seu.

— Exato — David falou, reprimindo um sorriso. — Embora eu presida um comitê na Câmara dos Lordes e você não. — Recentemente, David foi nomeado para a comissão de estradas.

Graham apoiou as palmas das mãos nos braços da cadeira.

— Graças a Deus. Se eu tivesse que cuidar de algo assim no

momento, além de tudo o mais... — Ele parou de falar antes de dizer algo que não pretendia, então se levantou depressa da cadeira. — Estamos entediando as damas

— De jeito nenhum — Fanny respondeu.

— Deixe-os ir para podermos falar das perspectivas do duque depois que eles saírem. — Lady Northam piscou para Graham, que riu em resposta.

— Por favor, diga-me como estou me saindo — ele falou antes de sair da sala de estar com David.

Seguiram para o escritório do outro lado do corredor.

— Como foi a reunião? — David perguntou.

Graham havia considerado contar sobre suas dificuldades financeiras em mais de uma ocasião, mas as palavras nunca seguiam o caminho do cérebro até a língua. Era Graham quem tirava as notas mais altas em matemática em Oxford, quem assumiu o gerenciamento dos assuntos de David, como se tivesse passado anos fazendo isso. É claro que ele havia aprendido com o pai, mas a transição tinha sido perfeita.

Agora, Graham estava em posse de uma propriedade vinculada e falida, de uma casa deslumbrante e um terreno que estava prestes a perder. Era humilhante, apesar de nada disso ser culpa sua.

— Sim, correu bem. — Tão bem quanto se poderia esperar ao descobrir que sua herança estava prestes a escorregar por entre os dedos. — Agradeço por me deixar ficar. Partirei para Brixton Park em breve.

David se sentou em uma poltrona perto da lareira.

— Você é mais do que bem-vindo para ficar... agora e a qualquer momento.

Graham sabia, mas isso não mudava nada. Não fazia nem mesmo um ano que David se casara com Fanny, e eles estavam tão apaixonados quanto duas pessoas poderiam estar. Decerto não precisavam dele rondando por ali.

— Eu nunca me intrometeria por muito tempo. — Graham se acomodou na outra poltrona próxima da lareira.

— Você não está se intrometendo.

— Diga isso a Fanny. — Ele piscou, e David revirou os olhos.

— Fanny seria a primeira a insistir para que você ficasse.

Bem, então, ele não conseguiria encontrar mais coisas para vender em Brixton Park. Era difícil tentar liquidar seus ativos ao mesmo tempo em que tentava manter a situação financeira em sigilo. Não queria que todos soubessem que o ducado estava à beira da falência. Se fosse encontrar uma herdeira, seria melhor não anunciar que precisava de uma.

— Tenho muito com que me ocupar em Brixton Park — Graham disse.

— Imagino que sim. Agradeço o tempo que você passou com meu novo secretário.

Graham havia preparado o jovem durante as festas de final de ano.

— Ele vai se sair bem.

— E quanto aos seus empregados? — David perguntou. — Conseguiu avaliar tanto os de Brixton Park quanto os de Halstead Manor?

— Ainda não por completo. — Era mentira. Sabia o suficiente para deduzir que Halstead Manor era uma pilha de pedras negligenciada e deteriorada, com arrendatários que precisavam desesperadamente de um proprietário que se importasse. Brixton Park, apesar de toda a sua glória, precisava de reparos e no momento operava com uma fração dos criados necessários. Muitos haviam partido ou se aposentado quando o antigo duque morreu. E, claro, Graham não podia pagar por outros. A situação era desesperadora.

Precisava se concentrar nas prioridades: dinheiro. O que significava uma herdeira.

David o examinou por um momento.

— Será que eu ouvi você discutir casamento com as senhoras?

— Apenas em sentido geral. Elas me aterrorizaram com previsões de jovens senhoritas clamando por mim.

Os olhos cinzentos de David cintilaram de humor.

— Você é um duque.

— Improvável, sim. Acho que devo considerar o casamento.

— Não precisa se apressar. A menos que queira.

— Não particularmente. — Mas querer e precisar não eram a mesma coisa. — Fanny e as outras mencionaram mulheres mais maduras que não estão desesperadas para se casar. Elas parecem mais atraentes do que aquelas que ouvem meu título e desmaiam.

David riu.

— Isso realmente aconteceu?

— Ainda não, mas também não fui a um evento da sociedade. Por recomendação de Fanny, aceitei o convite para o baile dos Thursby. — Graham o encarou com um olhar perspicaz. — Espero que você me oriente. *Não* me jogue aos lobos.

David inclinou a cabeça.

— Não é tão ruim quanto parece. No entanto, terei que fazer isso. Levarei Fanny de volta a Huntwell para aguardar o parto. Infelizmente tomamos a decisão hoje, partiremos na manhã do baile Thursby. — Ele fez careta enquanto aguardava a reação de Graham.

Graham gemeu e inclinou a cabeça para o encosto da poltrona.

— Você é um péssimo amigo.

— Eu sei. Fanny não ficou de todo satisfeita, já que ela o convenceu de ir ao baile. — David lhe deu um aceno encorajador. — Você ficará bem, gosta de dançar e sempre foi o cavalheiro mais popular em cada reunião de nosso distrito.

Graham deu de ombros, mas sabia que David estava certo. Ele gostava de dançar e da companhia das mulheres. Talvez tenha sido a ausência da mãe, que morreu no parto quando David tinha dois anos, que o levou a procurar a companhia feminina.

— Como está o seu guarda-roupas? — David perguntou.

Pequeno.

— Se está perguntando se tenho roupa pronta para o baile, a resposta é sim. Não sou um bárbaro. Embora, alguns vão presumir isso, não é?

— Duvido. Você tem muitos amigos influentes, tanto da escola quanto da última Temporada, quando cuidou as apostas nas corridas de Ware.

Era verdade. Graham conheceu mais membros da sociedade do

que conseguia se lembrar.

— Ware pode me ajudar se eu precisar.

David fez careta novamente.

— Receio que não. Ware e Northam também estão deixando a cidade. Pedi a Anthony para apoiá-lo.

— Maravilhoso. — Graham lhe lançou um olhar provocador e, em seguida, sorriu. — Como você disse, vou ficar bem. — Precisava se concentrar nos próprios problemas, e seria difícil escondê-los de David se ele estivesse na cidade.

Graham se mexeu na cadeira, sentindo-se um pouco desconfortável por não estar discutindo a situação com seu melhor amigo. Suspeitava que o conde lhe ofereceria dinheiro, mas não aceitaria nada além de um empréstimo. E, no momento, não podia se dar ao luxo de aceitar um.

— Estou felicíssimo por você e Fanny, e é melhor eu ser a primeira pessoa para quem você escreverá contando que a criança nasceu — Graham falou com falsa seriedade.

— Claro que será. Agora me deixe entediá-lo com os nomes que Fanny escolheu. — Seus olhos brilharam de expectativa. Como Graham poderia ficar entediado quando seu amigo mais querido estava tão entusiasmado?

Pouco tempo depois, cavalgou de Londres para Brixton Park. Quanto mais pensava no assunto, mais se convencia de que uma herdeira resolveria seus problemas. Não apenas qualquer herdeira, mas a que lady Northam mencionou: srta. Phoebe Lennox. Uma solteirona autodeclarada com uma fortuna enorme e nenhum desejo de entrar no Mercado Casamenteiro.

Ela parecia absolutamente perfeita.

Continue a leitura [clicando aqui](#).

contato@editorabookmarks.com
facebook.com/editorabookmarks
instagram.com/editorabookmarks
twitter.com/editorabookmark

Table of contents

1. Sinopse
2. Prólogo
3. Capítulo um
4. Capítulo dois
5. Capítulo três
6. Capítulo quatro
7. Capítulo cinco
8. Capítulo seis
9. Capítulo sete
10. Capítulo oito
11. Capítulo nove
12. Capítulo dez
13. Capítulo onze
14. Capítulo doze
15. Capítulo treze
16. Capítulo um
17. Capítulo dois
18. Capítulo três
19. Capítulo quatro
20. Capítulo cinco
21. Capítulo seis
22. Capítulo sete
23. Capítulo oito
24. Capítulo nove
25. Capítulo dez
26. Capítulo onze
27. Capítulo doze
28. Epílogo
29. Capítulo um
30. Capítulo dois
31. Capítulo três
32. Capítulo quatro
33. Capítulo cinco
34. Capítulo seis
35. Capítulo sete
36. Capítulo oito
37. Capítulo nove
38. Capítulo dez
39. Capítulo onze
40. Capítulo um

41. [Capítulo dois](#)
42. [Capítulo três](#)
43. [Capítulo quatro](#)
44. [Capítulo cinco](#)
45. [Capítulo seis](#)
46. [Capítulo sete](#)
47. [Capítulo oito](#)
48. [Capítulo nove](#)
49. [Capítulo dez](#)
50. [Capítulo onze](#)
51. [O duque inesperado](#)
52. [Capítulo um](#)
53. [Capítulo dois](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)

23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)

- 67. [67](#)
- 68. [68](#)
- 69. [69](#)
- 70. [70](#)
- 71. [71](#)
- 72. [72](#)
- 73. [73](#)
- 74. [74](#)
- 75. [75](#)
- 76. [76](#)
- 77. [77](#)
- 78. [78](#)
- 79. [79](#)
- 80. [80](#)
- 81. [81](#)
- 82. [82](#)
- 83. [83](#)
- 84. [84](#)
- 85. [85](#)
- 86. [86](#)
- 87. [87](#)
- 88. [88](#)
- 89. [89](#)
- 90. [90](#)
- 91. [91](#)
- 92. [92](#)
- 93. [93](#)
- 94. [94](#)
- 95. [95](#)
- 96. [96](#)
- 97. [97](#)
- 98. [98](#)
- 99. [99](#)
- 100. [100](#)
- 101. [101](#)
- 102. [102](#)
- 103. [103](#)
- 104. [104](#)
- 105. [105](#)
- 106. [106](#)
- 107. [107](#)
- 108. [108](#)
- 109. [109](#)
- 110. [110](#)

111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)

155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)

199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)

243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)
253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)

287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)
297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)

331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)
341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)

375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)
385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)

419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)
428. [428](#)
429. [429](#)
430. [430](#)
431. [431](#)
432. [432](#)
433. [433](#)
434. [434](#)
435. [435](#)
436. [436](#)
437. [437](#)
438. [438](#)
439. [439](#)
440. [440](#)
441. [441](#)
442. [442](#)
443. [443](#)
444. [444](#)
445. [445](#)
446. [446](#)
447. [447](#)
448. [448](#)
449. [449](#)
450. [450](#)
451. [451](#)
452. [452](#)
453. [453](#)
454. [454](#)
455. [455](#)
456. [456](#)
457. [457](#)
458. [458](#)
459. [459](#)
460. [460](#)
461. [461](#)
462. [462](#)

463. [463](#)
464. [464](#)
465. [465](#)
466. [466](#)
467. [467](#)
468. [468](#)
469. [469](#)
470. [470](#)
471. [471](#)
472. [472](#)
473. [473](#)
474. [474](#)
475. [475](#)
476. [476](#)
477. [477](#)
478. [478](#)
479. [479](#)
480. [480](#)
481. [481](#)
482. [482](#)
483. [483](#)
484. [484](#)
485. [485](#)
486. [486](#)
487. [487](#)
488. [488](#)
489. [489](#)
490. [490](#)
491. [491](#)
492. [492](#)
493. [493](#)
494. [494](#)
495. [495](#)
496. [496](#)
497. [497](#)
498. [498](#)
499. [499](#)
500. [500](#)
501. [501](#)
502. [502](#)
503. [503](#)
504. [504](#)
505. [505](#)
506. [506](#)

507. [507](#)
508. [508](#)
509. [509](#)
510. [510](#)
511. [511](#)
512. [512](#)
513. [513](#)
514. [514](#)
515. [515](#)
516. [516](#)
517. [517](#)
518. [518](#)
519. [519](#)
520. [520](#)
521. [521](#)
522. [522](#)
523. [523](#)
524. [524](#)
525. [525](#)
526. [526](#)
527. [527](#)
528. [528](#)
529. [529](#)
530. [530](#)
531. [531](#)
532. [532](#)
533. [533](#)
534. [534](#)
535. [535](#)
536. [536](#)
537. [537](#)
538. [538](#)
539. [539](#)
540. [540](#)
541. [541](#)
542. [542](#)
543. [543](#)
544. [544](#)
545. [545](#)
546. [546](#)
547. [547](#)
548. [548](#)
549. [549](#)
550. [550](#)

551. [551](#)
552. [552](#)
553. [553](#)
554. [554](#)
555. [555](#)
556. [556](#)
557. [557](#)
558. [558](#)
559. [559](#)
560. [560](#)
561. [561](#)
562. [562](#)
563. [563](#)
564. [564](#)